

**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
Departamento de História**

Raquel Gryszczenko Alves Gomes

**Olive Schreiner, literatura e a construção da
nação sul-africana, 1880-1902.**

Campinas, Março de 2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

G585o **Gomes, Raquel Gryszczenko Alves**
**Olive Schreiner, literatura e a construção da nação sul-
africana, 1880-1902 / Raquel Gryszczenko Alves Gomes.**
-- Campinas, SP : [s. n.], 2010.

Orientador: Robert Wayne Andrew Slenes.
**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

1. Schreiner, Olive, 1855-1920. 2. Imperialismo.
**3. Imperialismo na literatura. 4. África do Sul – História, 1880-
1902. I. Slenes, Robert Wayne Andrew. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**
III. Título.

**Título em inglês: Olive Schreiner, literature and the building of the South
African nation, 1880-1902**

**Palavras chaves em inglês (keywords) : Imperialism
Imperialism in literature
South African - History**

Área de Concentração: História Social

Titulação: Mestre em História

**Banca examinadora: Robert Wayne Andrew Slenes, Sebastião Nascimento,
Omar Ribeiro Thomaz**

Data da defesa: 12-03-2010

Programa de Pós-Graduação: História

Raquel Gryszczenko Alves Gomes ✓

C₁
R-336

Olive Schreiner, literatura e a construção da
nação sul-africana, 1880-1902. ✓

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação do
Prof^o Dr^o Robert W. A. Slenes. ✓

Este exemplar corresponde à redação final
da dissertação defendida e aprovada pela
comissão julgadora em 12/03/2010. ✓

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Robert W. A. Slenes (orientador)

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

Prof. Dr. Sebastião Nascimento

Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach (suplente)

Profa. Dra. Marta Denise da Rosa Jardim (suplente)

Campinas, Março de 2010 ✓

201004860

Resumo

Olive Emilie Albertina Schreiner (1855-1920), literata sul-africana de origem anglófona, é hoje lembrada essencialmente por sua contribuição para o campo dos estudos de gênero e sexualidade, bem como por seu romance de estréia – *The Story of an African Farm*, publicado em 1883. Centramos nossa análise no período de expansão econômico-territorial sul-africana – aqui delimitado entre os anos 1880 e 1902 – para apreender o diálogo da escrita de Schreiner com os impactos da política imperialista britânica nas relações entre ingleses e bôeres; ingleses e nativos e nativos e bôeres. É também neste período que a literata começa a articular sua idéia de nação sul-africana e assume uma política de combate à exploração do nativo pelo sistema capitalista, além de estruturar um discurso de apoio ao bôer. Para tanto, à leitura de *The Story of an African Farm* associamos também o estudo de obras que receberam até então pouco destaque: *Trooper Peter Halket of Mashonaland* (1897) e *Thoughts on South Africa* (1923*).

Abstract

Olive Emilie Albertina Schreiner (1855-1920), South African writer of anglophone origin, is nowadays remembered primarily for her contribution to the field of gender and sexuality studies, as well as for her debut novel, *The Story of an African Farm* (1883). Focusing our analysis on the economic expansion of South African territory - period delimited here between years 1880-1902 - we intend to explore the dialog of her writings with the impacts of British imperialist policy in the relations between British and the Boers, British and natives and between natives and Boers. It is also during this period that the literate begins to articulate her idea of a South African nation and engages herself in a policy to combat the exploitation of the native by the capitalist system, besides articulating a speech in support of the Boer cause. Therefore, to the reading of *The Story of an African Farm* we also associated the study of some works that received little attention so far: *Trooper Peter Halket of Mashonaland* (1897) and *Thoughts on South Africa* (1923*).

Agradecimentos

Itamar Assumpção canta que “se a obra é a soma das penas, pago – mas quero meu troco em poemas.” Bem longe de querer definir como “obra” as páginas que seguem, fica aqui a tentativa de agradecer àqueles que contribuíram, com prosa e verso, para que este texto chegasse a sua forma final.

Agradeço ao professor Robert Slenes por ter oferecido um porto seguro a este trabalho quando o naufrágio parecia certo. Pela acolhida, confiança e pelas várias questões apontadas, além de sugestões de como conduzir a pesquisa, a minha gratidão.

Os professores Omar Thomaz e Jefferson Cano também contribuíram com muito carinho e atenção – além dos importantes comentários trazidos no exame de qualificação, ofereceram várias oportunidades de diálogo e boas doses de bom humor!

Muitos professores do Departamento de História ajudaram das maneiras mais diversas e indescritíveis ao longo da graduação e mestrado – e pelas disciplinas ministradas, conselhos e preocupação, agradeço especialmente a Silvia Lara, Cristina Meneguello, Silvana Rubino, Sidney Chalhoub e José Alves.

Aos amigos – sem os quais esse trabalho realmente não seria possível... Arthur Welle gastou um bom tempo de sua viagem à África do Sul para garantir meu acesso a maioria das fontes que são utilizadas aqui – e talvez essa seja a primeira vez em que agradeço a um amigo por me dar tanto trabalho! Giovanni Grillo leu, releu, criticou e por vezes pagou algumas cervejas para se sentir menos culpado. Sem seu apoio este trabalho não teria vingado: obrigada pela amizade e pela melhor parceria nas empreitadas surreais que por vezes enfrentamos!

Alessandra Leca Pedro, apesar de vários “não entendo como você pode gostar de estudar gente estranha”, trouxe muitas sugestões para que o texto ganhasse forma – além de ajudar com o carinho que só uma amizade como a dela poderia ter oferecido.

Gabriel Dias, Juliana Lopes, Andrea Mendes, Lettícia Leite, Lis Coutinho, Taís Machado, Rafael Pavani, Renata Xavier, Breno Juz, Caio Pedrosa, Gustavo Almeida e o jovem ícone da historiografia brasileira, Kleber Amancio, também estão entre aqueles que ofereceram apoio incondicional – assim como tantos amigos que o breve espaço obriga-me a ser injusta ao não mencionar.

Agradeço ainda a minha família, por sempre apoiar meus projetos; e à CAPES e à FAPESP – que financiaram, em momentos distintos, este trabalho.

Sumário

Apresentação	13
Introdução	23
Capítulo I – <i>The Story of an African Farm</i> : biografia, narrativa e território	47
Capítulo II – <i>No Coração do País</i>	79
Capítulo III – Imperialismo & rios de ouro	109
1. <i>The Political Situation</i>	109
2. <i>Trooper Peter Halket of Mashonaland</i>	127
Conclusão	149
Bibliografia	159
Versões Originais em Inglês	169

Mapas

- | | |
|----------------------------------------------------------------------|----|
| 1. África do Sul em 1899 - "Lord Milner and the South African State" | 17 |
| 2. África do Sul em 1899 | 19 |

Imagens

- | | |
|--------------------------------------------------------|-----|
| 1. Foto de Frank M. Sykes – “Enforcamento em Bulawayo” | 138 |
|--------------------------------------------------------|-----|

Apresentação

Ao encarar o projeto que deu origem a este texto, confesso que senti alguma vergonha das linhas incertas, do excesso de informações desnecessárias e da falta de tantas outras coisas que me fizeram lembrar de uma sutil sugestão de que eu desse mais “densidade de pesquisa” à minha proposta. E prossegui, tentando ignorar qualquer abalo em minha auto-estima, descobrindo por fim que nesse ramo perde-se o projeto – mas não o amigo.

A proposta inicial deste trabalho era comparar algumas das obras de Olive Schreiner menos exploradas pela crítica com outras de Sol Plaatje, político, jornalista e romancista de origem Baralong. Entre os objetivos destacava-se a idéia de buscar nas obras destes autores discursos de formação da identidade nacional alternativos àquele de “supremacia branca” que ganhava força em finais do século XIX e início do XX. A idéia de “um discurso alternativo”, contudo, começou a ser questionada no decorrer da pesquisa, bem como a manutenção do estudo comparativo dos dois literatos, uma vez que os dados compilados apontavam para um trabalho que precisaria de mais tempo do que o disponível para ser levado a cabo.

Concentramos então a análise nas obras selecionadas de Olive Schreiner –feminista sul-africana de origem anglófona que assume um discurso pró-bôer anos antes da guerra de 1899-1902, além de defender a extensão do direito de voto ao nativo. Levando em consideração que a autora escreveu no período em que a nação sul-africana começava a ser pensada, nosso interesse tornou-se o de buscar quem era, afinal, o *sul-africano* de Schreiner. Nesta nação em formação, quais papéis seriam desempenhados por britânicos, bôeres e nativos? Como o discurso da autora refletia e dialogava com o avanço da legislação segregacionista?

Algo do raciocínio que nos ajudou a transitar por essas questões é exposto nas páginas que seguem – na introdução, estabelecemos um breve panorama de como a obra de Olive Schreiner foi recebida e interpretada ao longo destes quase cento e trinta anos. O primeiro capítulo, “*The Story of an African Farm*: biografia, narrativa e território” apresenta aquele que é o romance de estréia da literata, buscando compreender os impactos que a circulação da obra trouxe na formação da própria intelectual e como, em suas

páginas, entrevemos parte das relações sociais estabelecidas no território sul-africano na segunda metade do século XIX.

“*No Coração do País*”, o segundo capítulo, tenta resgatar parte fundamental do pensamento de Schreiner que até hoje recebeu pouca atenção de pesquisadores – para tanto, centramo-nos na compilação de artigos *Thoughts on South Africa*, publicada em 1923, três anos após a morte da escritora. Nos textos de *Thoughts* encontramos o envolvimento de Olive Schreiner com projetos políticos em desenvolvimento na África do Sul e também o início da articulação de uma crítica à ação imperialista capitalista britânica.

No terceiro capítulo, “Imperialismo & rios de ouro”, resgatamos dois textos que são considerados os principais responsáveis por colocar a escritora sul-africana em um isolamento político e intelectual – e são eles *The Political Situation*, panfleto político escrito em parceria com seu marido, Samuel Cronwright-Schreiner, e o romance-alegoria *Trooper Peter Halket of Mashonaland*, obra que critica abertamente aquele que era então o principal homem do imperialismo britânico: Cecil Rhodes.

Antes de dar continuidade ao trabalho, alguns pontos precisam ser destacados. Em primeiro lugar, dada a constância com que o termo “raça” será utilizado, optamos por não recorrer às aspas daqui por diante. Esta escolha baseia-se na intenção de manter a fluidez do texto, e não em uma naturalização do termo.¹ Já “África do Sul”, quando utilizado em referência a um contexto anterior a 1910, refere-se essencialmente a um conceito geográfico e não político.

Ao termo nativo associam-se as populações autóctones que não tiveram sua origem geográfica atrelada ao Cabo – estes sendo denominados *Khoisan*.² Desta forma, nativo refere-se essencialmente às populações de origem africana quando uma especificidade (por exemplo, os Xhosa, os Zulu) não for ou não puder ser apresentada.

O termo *afrikaner*, por sua vez, refere-se à identidade socialmente construída ao longo da colonização do território sul-africano por alemães, franceses e holandeses. Sua utilização no século XVIII era feita em associações variadas, que iam do *burgher* da

¹ Cf. BOONZAIER, Emile – “‘Race and the race paradigm’. *The uses & abuses of political concepts*. Cape Town/Johannesburg: David Philip, 1988, pp.58-67; WEST, Shearer (ed.) – *The Victorians and Race*. Vermont: Ashgate, 1996.

² Alguns autores ainda optam pelo uso do termo “hotentote”, hoje de reconhecido uso pejorativo. Mantenho o termo “hotentote” em meu texto quando este se apresenta no texto de Olive Schreiner. Em meu texto, recorro ao termo *khoisan*.

Companhia das Índias Orientais ao holandês, passando também por bôer e cristão. É no final do século XIX que o termo ganha força política, especialmente para marcar a oposição aos ingleses. Olive Schreiner usa o termo “bôer” – “fazendeiro” em *afrikaans*, língua essencialmente atrelada à identidade *afrikaner* –, algo comum à época. Como Herman Giliomee destaca, em finais do século XIX e início do XX a fluidez de conceitos como bôer, *afrikaner*, *Dutch*, *Dutchman* é muito grande.³ Opto, portanto, por utilizar o termo “bôer” quando ele aparecer no texto de Schreiner, mantendo meu uso pessoal do termo até o final da guerra, em 1902, e usando para as eventuais discussões inseridas no século XX o termo *afrikaner*. Opto também por não traduzir este termo para sua forma portuguesa – “africânder” – dado o caráter pejorativo que carrega.

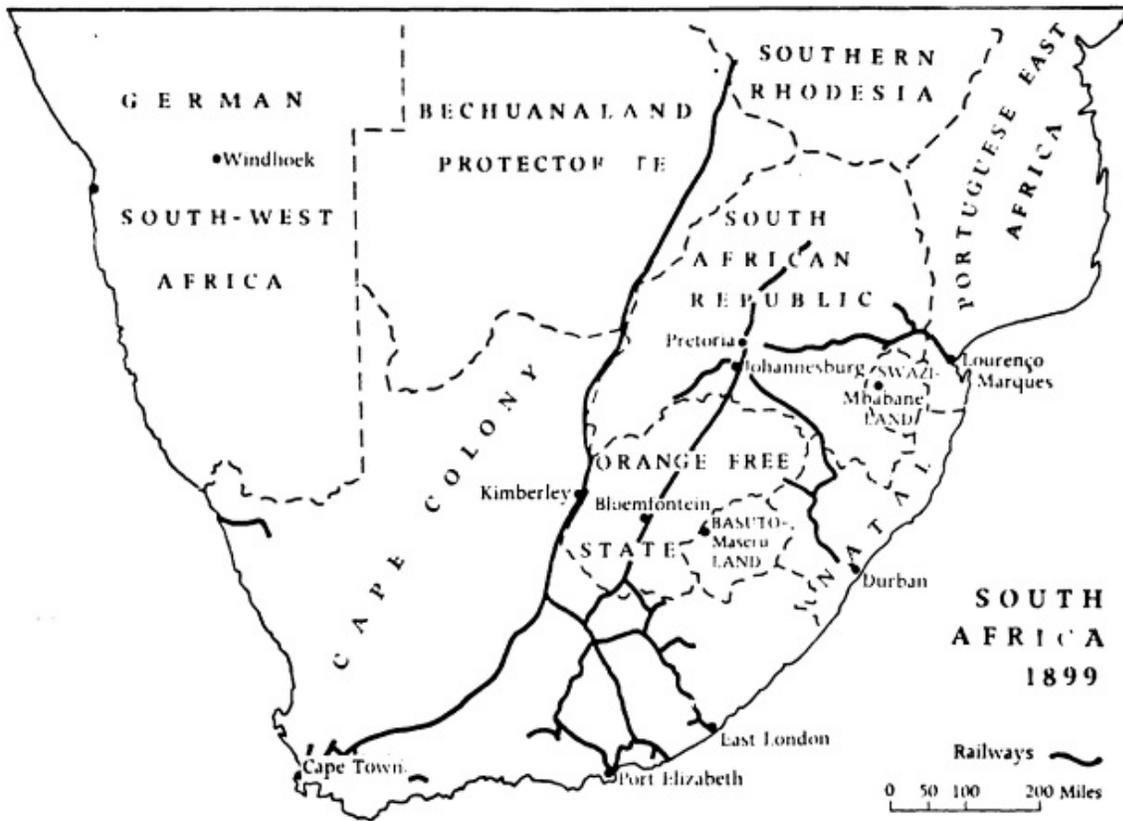
Por sua vez, o termo *uitlander*, que aparecerá com menor freqüência que os demais, refere-se às populações estrangeiras que rumaram para Joanesburgo em busca das promessas de enriquecimento com a extração de ouro. Além de ingleses, neste fluxo populacional também são encontrados australianos, escoceses, canadenses e alemães, por exemplo. O termo reforça a idéia de alguém que não pertence àquele local – um *outsider*, em suma. Para não descaracterizar ou diminuir as idéias associadas ao *uitlander*, também opto por manter este termo em meu texto.

Embora mencione a idéia de “África do Sul”, é importante lembrar que Schreiner transita por uma esfera essencialmente britânica – o que faz com que nossa análise centre-se, na maior parte do tempo, em exemplos tomados a partir da Colônia do Cabo. Menção às outras colônias e/ou províncias serão destacadas, quando necessário.

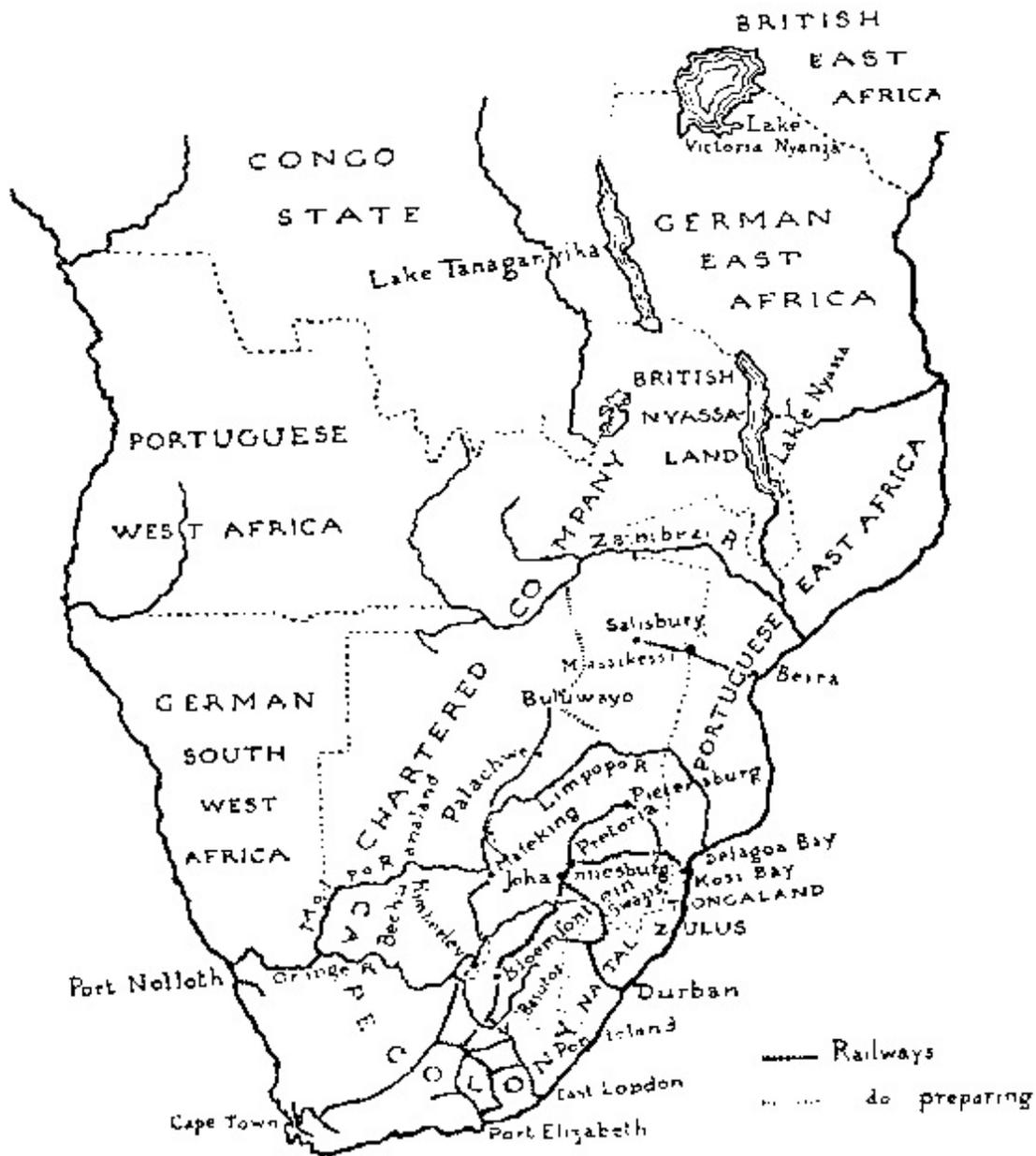
Seguindo uma antiga sugestão, opto por apresentar em uma livre tradução as citações de trechos das obras trabalhadas ao longo da análise – pedindo desculpas de antemão por qualquer eventual discordância encontrada. As versões originais encontram-se nas páginas finais deste trabalho.

*

³ GILIOMEER, Hermann – *The Afrikaners – Biography of a People*. Cape Town: Tafelberg Publishers, 2002, p.359.



Mapa 1. África do Sul em 1899 - "Lord Milner and the South African State"
 de Shula Marks e Stanley Trapido - "Lord Milner and the South African State". *History Workshop*,
 n. 8, 1979, p.80.



SOUTH AFRICA IN 1899 (Showing Railways)

Mapa 2. África do Sul em 1899
De Basil Worsfold - *A History of South Africa*. University of California Press, 1900, p.154

“(...) O Império criou o tempo da história. O Império localizou sua existência não no tempo recorrente do ciclo das estações, que passa sereno, mas no tempo recortado de ascensão e queda, de começo e fim, de catástrofe. O Império se condena a viver na história e conspira contra a história. Só uma idéia preocupa a mente obtusa do Império: como não terminar, como não morrer, como prolongar a sua era. De dia, persegue seus inimigos. É astuto e impiedoso, manda seus sabujos para toda parte. À noite, se alimenta de imagens de desastre: o saque de cidades, a violação de populações, pirâmides de ossos, hectares de desolação. (...)”

J. M. Coetzee,

À Espera dos Bárbaros

Introdução

“Each race has its virtues and the deficiencies which are complementary to its virtues, and the loss of any one race would be to me the falling of a star from the human galaxy.”

Olive Schreiner,
Thoughts on South Africa

“These stars that you see overhead at night, these vast worlds which we can never reach! I would annex the planets if I could. I often think of that. It makes me sad to see them so clear and yet so far away.”

Cecil Rhodes,
citado por Sarah Gertrude Millin

Em vinte de janeiro de 1910, Madame de Thebes, astróloga e profetisa francesa, avisava que a passagem do Cometa Halley naquele ano marcaria a Europa – e especialmente a França – com terríveis inundações. O Cardeal Gibbons reforçava, afirmando que as chuvas seriam um castigo divino contra as frivolidades e pecados dos parisienses – o cometa era uma “ardente advertência!”

O astrônomo francês Henri Deslandres – que seria mais tarde diretor da Academia Francesa de Ciências – veio a público explicar a questão:

“Por mais distante que um cometa esteja, não é de todo impossível que suas enormes caudas, medindo de 75.000 a 125.000 milhas de extensão, possam entrar em contato com nossa atmosfera. A teoria de que um cometa pode perturbar a atmosfera da Terra causando chuvas de grande duração e, conseqüentemente, inundações e súbitas elevações dos níveis dos rios, não é de todo absurda – ela pode ser sustentada pelo discurso científico.”^{4 1}

⁴ EMERSON, Edwin – *Comet Lore – Halley’s Comet in History and Astronomy*. New York: The Schilling Press, 1910, p.27.

Astros que riscam os céus com suas caudas brilhantes sempre foram fonte de promessas e inquietações – desde a antigüidade são constantemente atrelados a calamidades e maus presságios – mensageiros dos deuses, uma interferência direta no destino dos homens. Em 1910 o mesmo cometa Halley que instigava debates científico-morais na França espalhava o medo de transformações profundas na África do Sul: circulava entre os africanos a idéia de que o cometa traria consigo o final da era de ocupação do território pelo homem branco. Este, o dono da ciência e da racionalidade, poderia, com sua lógica, refutar facilmente tal afirmação atribuindo-a àquilo que julgava ser a inferioridade inerente aos povos nativos. Embora Gustav Flaubert já ensinasse que se deve zombar daqueles que temem os cometas, fato é que nem toda a ciência à disposição naquele início do século XX foi capaz de trazer a paz de espírito desejada. A vinte e dois de abril de 1910, o jornal *The Rhodesian Herald* trazia em suas páginas sinais de que o boato crescia, preocupando a muitos com a disseminação da idéia de que “quando o cometa aparecer será a hora de eliminar o homem branco” (*when the comet appears is the time for wiping out the white man.*)⁵ Ainda através das páginas deste periódico, somos informados de que os policiais de Vryburg e Mafeking já estavam empenhados em investigações e interrogatórios para descobrir “a verdade acerca do que tem se passado.”⁶

É provável que o que mais incomode aquele que hoje descobre a idéia atrelada ao cometa em 1910 seja o conhecimento do destino sul-africano nos anos que se seguiriam...

Mas antes que pareça ao leitor que esta pesquisadora anda com a cabeça no mundo da lua, lembremos que não apenas para os céus olhavam os sul-africanos em maio de 1910: no dia trinta e um daquele mês surgia a União Sul Africana, conferindo unidade política ao Cabo, Natal e às ex-Repúblicas Bôeres do Transvaal e Estado Livre de Orange.

O estabelecimento de uma unidade política no território sul-africano não é um projeto inovador trazido pelo século XX – a idéia é bem mais antiga do que a discussão estabelecida ao final da guerra que perdurou entre os anos de 1899 e 1902: em 1858, o então governador da Colônia do Cabo, Sir George Grey, propôs ao Gabinete Colonial que

⁵ Apud JOHNS, Timothy Brent – *Mixed Humanity – The Staging of Labor in South African Literature, 1830-1930*. Stony Brook University, 2005, p.136. Tese de doutorado.

⁶ Ibidem.

as colônias do Cabo, Natal e o Estado Livre de Orange, associadas também a alguns territórios nativos, estabelecessem uma federação – com governador indicado pela rainha e legisladores eleitos através do voto popular censitário. Esperava-se que com o tempo o Transvaal também cedesse, tornando-se parte da federação. O Gabinete Colonial, porém, tinha planos distintos para suas colônias sul-africanas e Grey não obteve o apoio necessário para fortalecer e implementar sua política, retornando à Inglaterra em 1861.

Nos anos que se seguiram, de Lorde Carnarvon a Cecil Rhodes, muitos foram os que tentaram, com os mais variados propósitos, a junção das unidades políticas sul-africanas. O que mudara em 1910, tornando esta realidade possível?

É inescapável a menção às alterações político-sociais que ocorreram a partir da descoberta de riquezas minerais ao longo da segunda metade do século XIX. O processo de industrialização e modernização trazido pela intensa busca aos diamantes e, posteriormente, ao ouro, gerou ainda o acirramento das tensões entre os dois grupos colonizadores, ingleses e *afrikaners*. Neste cenário de alterações, podemos incluir também o deslocamento do centro econômico da África Austral da Colônia do Cabo para o Transvaal e o grande influxo de imigrantes esperançosos de que Eldorado tivesse agora uma nova localização.

A Guerra Anglo-Bôer, resultado máximo de uma tensão secular, desenrolou-se entre os anos de 1899 e 1902 e ao seu final um tratado de paz entre ingleses – vitoriosos – e *afrikaners* poderia parecer menos provável do que a fome, doença e o caos econômico que se instalaram no território. Mas, em maio de 1902, o Tratado de Vereeniging demonstrou que anos de acirrada disputa pelo domínio político-econômico poderiam ficar num passado distante quando se tratava da manutenção de uma “supremacia branca”⁷ no território.

Um dos principais debates ocorridos entre os anos que separam o fim da Guerra e o surgimento da União em 1910 girava em torno da criação de uma política nativa – ou seja, a instituição de práticas de controle daquele socialmente definido como nativo.⁸

É também neste cenário de surgimento de uma determinada unidade política que outra questão destaca-se: na origem daquilo que denominamos “África do Sul”, como definir, afinal, quem é *sul-africano*? E quem não é?⁹

⁷ O termo é empregado aqui conforme apresentado por George Fredrickson em *White upremacy: a comparative study in American and South African history*. New York: Oxford University Press, 1981.

⁸ LEGASSICK, Martin – “British Hegemony and the Origins of Segregation”. *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. Edited by William Beinart and Saul Dubow. London: Routledge, 1995, p.46.

Em meio a este agitado cenário político, Olive Schreiner consolida-se não apenas como uma importante voz na literatura sul-africana – ganha também destaque como uma das principais representantes daqueles contrários às práticas da política imperialista britânica na África Austral.

É provável que, neste ponto, tenhamos chegado àquela que pode ter sido a primeira das perguntas formuladas pelo interessado leitor – “Mas quem é, afinal, Olive Schreiner?!”

Nascida em Wittenberg – nordeste do território sul-africano – em março de 1855, foi a nona criança fruto da união de Rebecca e Gottlob Schreiner, missionários da London Missionary Society.¹⁰ Olive Schreiner logo seria conhecida na família como criança inquieta e problemática e, em sua adolescência, os problemas financeiros da família obrigam-na a trabalhar como tutora de crianças em fazendas no interior da Colônia do Cabo. Começa aqui a convivência de Schreiner com longos períodos de solidão. Educada em uma esfera de influência britânica, não dominava a *Taal* dos bôeres, e a separação de sua família reforçava a idéia de um isolamento físico e mental – aliviado apenas pela escrita.

É na década de 1870 que Olive Schreiner dá início à produção de uma série de pequenos contos e também àquele que até hoje perdura como seu mais conhecido trabalho – o romance *The Story of an African Farm*. Muitas das páginas deste livro espelham a realidade da autora nas fazendas em que viveu, e a influência das leituras de trabalhos como os de Herbert Spencer fazem-se sentir nos meandros científicistas que permeiam a obra. Também estão presentes grande parte das inquietações religiosas de Schreiner, bem como aquela que seria uma marca intensa de seus trabalhos posteriores – a reflexão acerca do papel da mulher na sociedade. No romance de Schreiner, elaborado em plena era vitoriana, sua heroína tem uma moralidade distinta daquela desejada para a mulher que se quer como o modelo de então: Lyndall, a jovem inglesa é criada pela *boer woman* Tant’ Sannie junto a

⁹ Vale lembrar que estes debates estão centrados essencialmente no tema da segregação. Embora o termo, em sua especificidade, só viesse a ser usado na política sul-africana no ano de 1910, como destaca John W. Cell, ele reflete uma prática bastante arraigada no costume do território sul-africano. A diferença encontra-se no fato de que, naquele início do século XX, o costume transforma-se em uma prática *de jure*. Cf. CELL, John W. – *The Highest Stage of White Supremacy – The Origins of Segregation in South Africa and the American South*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

¹⁰ Embora tenha ido para a África através da London Missionary Society – a LSM –, Gottlob Schreiner é, em verdade, alemão. Em 1850 rompe com a aquela sociedade missionária, uma vez que tinha descoberto que sua fé pertencia em verdade à Wesleyan Missionary Society. Para mais detalhes, Cf. FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography*. Rutgers University Press, 1980, pp.31-49.

sua prima Em e ao filho do capataz da fazenda, Waldo, e logo diferencia-se das crianças de sua idade por querer estudar e conhecer horizontes outros que não apenas os da “fazenda africana”. Os demais personagens apresentam-se de forma bastante caricata, especialmente Tant’Sannie. Lyndall e o território sul-africano dividem a importância do enredo e, em uma segunda fase do romance, quando conhecemos as três crianças já adultas, descobrimos que a heroína de Schreiner está grávida – fora de um casamento – e que também não aceita casar-se com o pai da criança que carrega. O drama culmina com a morte de mãe e filha no parto, deixando evidente o deslocamento social da mulher que não compactua com os valores de sua época.

Publicado pela primeira vez na Inglaterra em 1883, o romance marcou também transformações na vida da própria autora: morava agora na Inglaterra – para onde partira em 1881 em busca da realização do sonho de tornar-se médica, desejo evidenciado na correspondência que dedica a amigos e familiares neste período.¹¹ Se seus planos iniciais não foram concluídos em virtude da debilitada saúde (a asma seria um constante fantasma na vida da autora), Schreiner via-se agora participante de um circuito sócio-cultural que traria fortes influências em seu pensamento e escrita. É neste período que conquista amizades como as do socialista Karl Pearson, do poeta Edward Carpenter, de Eleanor Marx, além de Havelock Ellis. A autora de *African Farm* também se envolveria no *The Men and Women’s Club*,¹² que, idealizado por Pearson em 1885, objetivava discutir o sexo como uma “aventura intelectual” – debatendo temas que iam do casamento à prostituição e homossexualidade. A presença de Schreiner no grupo, contudo, passou a ser constantemente questionada pelas demais mulheres envolvidas, que afirmavam que seu “comportamento imoral” faria com que também adquirissem má fama na sociedade. A estas rusgas, seguiram-se aquelas próprias dos debates intelectuais – e em 1889 o *The Men and Women’s Club* chegou ao fim.

No mesmo ano, deprimida e com a saúde debilitada, Schreiner retorna à África do Sul. A forma de recuperação encontrada pela autora foi uma dedicação intensa à escrita – resultando deste período uma série de contos, artigos para jornais e também a continuidade

¹¹ Cf. *Olive Schreiner Letters – 1871-1899* (ed. Richard Rive). Oxford University Press, 1988.

¹² WALKOWITZ, Judith R. – “Science, Feminism and Romance: The Men and Women’s Club, 1885-1889”. *History Workshop*, No.21, 1986, pp.36-59.

da grande obra que idealizava: aquele que era chamado de “the sex book”, uma série de volumes compilando a história da sexualidade da antigüidade ao século XIX.

Da década de 1890 data também a coletânea de textos *Thoughts on South Africa*. Os textos reunidos neste volume foram publicados em 1923, três anos após a morte de Schreiner, por seu marido - Samuel Cronwright-Schreiner.¹³

Estima-se que os textos que foram reunidos em *Thoughts* tenham sido elaborados entre os anos de 1890 e 1892¹⁴ – alguns deles chegaram a ser publicados parcial ou totalmente em jornais sul-africanos e ingleses, como é o caso daquele que se tornou o primeiro capítulo da coletânea, “South Africa, Its Natural Features etc”. Maioria do material, entretanto, permaneceu inédito até seu surgimento em 1923. *Thoughts* é uma reflexão acerca do bôer, de suas origens, costumes, de seu relacionamento com a África do Sul – e de como este relacionamento deve ser admirado e seguido. Levando em consideração as tensões entre ingleses e *afrikaners*, como podemos compreender o posicionamento de Schreiner no conflito, dadas suas raízes inglesas?

Os projetos literários seguintes ligavam-se de maneira direta a Cecil Rhodes e ao combate da ação imperialista no território sul-africano. A tensão política deflagrada após o fracassado incidente do Jameson Raid – quando Rhodes tentou a anexação do Transvaal a partir uma invasão militar que seria reforçada internamente pelo apoio dos *uitlanders* – levou-o a perder seu cargo de Primeiro Ministro da Colônia do Cabo. Podemos dizer também que, indiretamente, o incidente diminuiu parte do prestígio intelectual de Schreiner – já abalado pela discussão do panfleto *The Political Situation*, em que criticava duramente as tentativas imperialistas de controlar os recursos minerais sul-africanos. O Jameson Raid é um dos principais influenciadores da elaboração do romance *Trooper Peter Halket of Mashonaland*, em que o personagem principal é a denúncia da exploração do nativo pelas companhias de capital privado, personificando a questão na figura próprio Cecil Rhodes. As obras de Schreiner, neste momento, advogam que a *native question* – razão de tantas preocupações na sociedade sul-africana – fundia-se à *labour question*.

¹³ Samuel adotou o sobrenome de Schreiner para garantir o reconhecimento literário da esposa. Casaram-se em 1894.

¹⁴ Em sua compilação, Cronwright-Schreiner alterou o projeto inicial de Olive acrescentando textos que ele acreditava próximos à proposta do livro. Muito mais curtos, os etxtos são chamados “Notes by Olive Schreiner.” Cf. *Thoughts on South Africa...*, p.319.

Apesar de sua elaboração coincidir com o período de articulação de relatos como os de E. D. Morel e Roger Casement denunciando as atrocidades cometidas no Congo, *Trooper Peter*, também um romance de questionamento e denúncia, parece não ter atingido os grandes circuitos de debate. O porquê desta ausência de diálogo é um item a ser explorado em nossa análise.

Os anos entre 1899 e 1902 trouxeram a Guerra Anglo-Bôer. Mantendo sua posição pacifista e de apoio à causa dos bôeres, Olive Schreiner encontraria no retorno ao projeto do “sex book” seu único refúgio. Grande parte do material, porém, é perdida quando sua casa sofre com um dos incêndios comuns à guerra – Schreiner reinicia seu trabalho na obra, que é publicada em 1911 sob o título de *Woman and Labour*, ciente de que este trabalho não reflete aquele que consumiu tantos anos de sua vida.

Mantendo seu envolvimento nas questões políticas, Schreiner estaria atenta às ações que se seguiram à assinatura do Tratado de Vereeniging em maio de 1902, que decretava o fim da Guerra e transformava a junção das unidades políticas sul-africanas em uma realidade próxima. Em 1907, une-se a um dos ramos da *Women’s Enfranchisement League* (abandonando-o quando é proposta a exclusão de mulheres negras de grupo) – e voltaria a afirmar, em 1908, na entrevista intitulada *A Closer Union*, sua defesa da ampliação dos direitos dos nativos e das mulheres.

A publicação de *Woman and Labour* em 1911 vem dialogar com este empenho na causa feminista – Schreiner advogava que a mulher não podia tornar-se uma mera dependente de suas funções sexuais. Ao longo da evolução humana, argumenta, a mulher perdeu seu papel de solidariedade ao homem no trabalho, tornando-se sua dependente e vivendo apenas para gerar filhos.

Nos anos que marcaram a Primeira Guerra Mundial, a escritora sul-africana encontrava-se na Inglaterra – a debilitada saúde trouxera-lhe como companhia à asma crises de angina. Com o término do conflito, Olive Schreiner retorna à África, e estabelece-se no Cabo, onde trabalha até sua morte - em dezembro de 1920. Em seu funeral, uma amiga do casal Schreiner comentaria com Samuel nunca ter visto tantas mulheres presentes a uma cerimônia fúnebre.

*

“Olive Schreiner é uma dessas escritoras – como Germaine de Staël, George Sand ou Margaret Fuller – que é mais famosa por sua vida, círculo de amizades e profeminismo do que por sua obra. São mulheres conhecidas que se tornam relativamente desconhecidas quando o tema é um estudo aprofundado de suas obras. (...)”,¹⁵ II afirma Gerald Monsman em seu *Olive Schreiner’s Fiction – Landscape and Power*, um dos vários trabalhos que nos últimos anos dedicaram-se a explorar facetas da obra de Schreiner que haviam recebido até então pouca ou nenhuma atenção. Apesar de uma trajetória intelectual marcada pelo diverso e pelo polêmico, com textos que perpassam os mais distintos gêneros literários, o nome de Olive Schreiner permaneceu por muito tempo conhecido apenas por seu romance inicial, *The Story of an African Farm* – que geralmente transforma a autora em apenas uma breve menção nos cânones da literatura vitoriana.

Em 1924, quatro anos após sua morte, foi publicada a primeira biografia – de autoria de seu marido, Samuel Cronwright-Schreiner.¹⁶ Samuel foi ainda o responsável por trazer a público grande parte do material que Olive não conseguiu publicar em vida, com especial destaque para a compilação de artigos *Thoughts on South Africa* e a de contos, *Stories, Dreams and Allegories*, ambos de 1923, além do romance *From Man to Man*, de 1926. A biografia elaborada por Cronwright-Schreiner foi acompanhada, também em 1924, por um volume reunindo a correspondência de sua esposa.¹⁷

Apesar de o *New York Times* definir a biografia assinada por Cronwright-Schreiner como um “livro que revela uma minuciosa investigação e cuidadosa exploração de incidentes obscuros”,¹⁸ III no círculo de amigos próximos a Olive o trabalho tornou-se conhecido como “*Cronwright’s autobiography of his wife*”.¹⁹ Essa imagem deve-se, em vários aspectos, pela opção de Samuel por não utilizar grande parte do material de que dispunha – diários da adolescência de Olive e do período em que trabalhou em fazendas bôeres são subaproveitados, bem como boa parte da correspondência da autora. A principal

¹⁵ MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner’s Fiction – Landscape and Power*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1991.

¹⁶ CRONWRIGHT-SCHREINER, Samuel – *The Life of Olive Schreiner*. London: Unwin, 1924.

¹⁷ CRONWRIGHT-SCHREINER, Samuel – *The Letters of Olive Schreiner*. London: Unwin, 1924.

¹⁸ “Mistress of an African Farm – strange and beautiful story of Olive Schreiner’s life told by her husband”. *The New York Times*, 11 de maio de 1924.

¹⁹ Cf. FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1980, p.20. As pesquisadores destacam também que muitas das amigas mais próximas de Olive recusaram-se a colaborar com o trabalho de Cronwright-Schreiner com documentação ou depoimentos.

ausência notada, como demonstraram trabalhos posteriores, é o diário mantido pela autora após seu retorno à África do Sul – que registra também, curiosamente, o período de seu casamento com fazendeiro sul-africano.

Acerca da biografia elaborada por Cronwright-Schreiner, Ruth First e Ann Scott escrevem:

“Cronwright não estava preocupado apenas em elaborar algo que fizesse juz a sua [de Olive] memória como escritora, mas também, ao destruir grande parte do material a que tinha acesso, imortalizava uma visão de Olive que fosse aceitável para si mesmo. Ansioso por chegar a uma definição correta de gênio, ele construiu a imagem de uma mulher dotada de e atrapalhada por sua [grande] ‘capacidade criativa’; desta forma, seu resultado foi a noção completamente convencional do ‘gênio’ desvinculado de qualquer contexto social, um estado distante e superior. (...)”²⁰ IV

Em 1934, Havelock Ellis, o amigo que Olive definia como “*my other self*”, escreve a Cronwright-Schreiner para avisá-lo de que tomara conhecimento de que uma nova biografia da autora estava em andamento. O sexólogo, contudo, não esperava que o trabalho trouxesse grandes impactos – algo em que o fazendeiro sul-africano o acompanhava. Novidades poderiam surgir, afirmava, “(...) de você ou de mim, e eu não tenho intenção de escrever outra [biografia]. Você e eu (na mais estrita verdade) poderíamos incendiar o Tâmis se quiséssemos ou *pudéssemos*, e isto está fora de cogitação.”²¹ V

Ruth First e Ann Scott destacam que a década de trinta, contudo, não viu a chegada de nenhuma novidade no mercado editorial acerca da vida de Olive Schreiner. Estudos posteriores levantaram a hipótese de que a autora empenhada na escrita da nova biografia seria Winifred Horrabin, feminista que ao longo do século XX tornar-se-ia famosa por seu discurso socialista e diálogo com intelectuais como Vera Brittain, H. G. Wells e Brigid Brophy. As anotações de Horrabin revelam, a partir de 1926, um grande interesse na vida e obra de Schreiner – especialmente na obra publicada em 1911, *Woman and Labour*; não se

²⁰ FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography*, p. 20.

²¹ Apud FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – op cit, p.21.

sabe, porém, se estas notas relacionavam-se com um projeto de biografia da literata sul-africana.²²

Àqueles que acompanham a trajetória intelectual de Schreiner, inquieta o silêncio a que foi delegado o nome da escritora a partir da década de 1930. Com poucas exceções, seria apenas o centenário da autora, em 1955, a modificar este quadro – momento em que o movimento feminista e os estudos de gênero e sexualidade empenharam-se em resgatar suas obras. É neste novo fôlego que surge em 1965 uma nova biografia da autora, elaborada por Johannes Meintjes – *Olive Schreiner – Portrait of a South African Woman*.²³

Uma hipótese pode ser elaborada para o “silêncio” que tomou as obras de Schreiner neste período – na Inglaterra, como veremos nos capítulos que se seguem, o nome de Schreiner teve muito de seu valor intelectual e literário questionado nos circuitos culturais a partir de meados da década de 1890, quando de seu posicionamento abertamente contrário às políticas imperialistas na África Austral. Poderíamos, entretanto, estranhar o fato de o nome da literata ter perdido força também em território sul-africano, especialmente em meio ao processo de construção e afirmação nacional que se estendeu após a formação da União Sul-Africana, em 1910.

No período que se segue à unificação do território, a polarização entre ingleses e *afrikaners* na disputa pela supremacia político-cultural ganha novos contornos. Na comunidade que era então desenhada, o nacionalismo *afrikaner* lutava por paridade com o inglês na esfera pública.²⁴ Só então

“(…) seria superada a sensação de marginalização. Isso significava que o *afrikaans* deveria ser ouvido no Parlamento, no serviço público, escolas, faculdades e universidades, no mundo dos negócios e das finanças; tinha que ser a língua de jornais, romances e poemas, dando expressão a tudo aquilo que era verdadeiramente sul-africano. Em vez de falantes do inglês apresentarem *afrikaners* em relatórios, romances ou histórias como tudo que não

²² Cf. <http://www.hull.ac.uk/arc/collection/womensstudies/horrabin.html>

²³ MEINTJES, Johannes – *Olive Schreiner – Portrait of a South African Woman*. Johannesburg: Hugh Kwartland Publishers, 1965. No prefácio de seu livro, Meintjes afirma ter começado a elaborar a biografia de Schreiner em 1946, em *afrikaans*. A descoberta constante de novas fontes de pesquisa fez com que o trabalho só fosse publicado em 1965 – em inglês, já que, segundo o autor, “(…) nenhuma das biografias existentes era satisfatória ou de qualquer forma definitiva (...)” Cf. op cit, p. i.

²⁴ GILIOMEE, Hermann – *The Afrikaners – Biography of a People*. Cape Town: Tafelberg Publishers, 2002, pp.358-9.

eram – grosseiros, semi-alfabetizados, racistas, dogmáticos e incapazes de progredir – cabia aos *afrikaners* definir-se e apresentar-se como os verdadeiros sul-africanos.”²⁵ VI

Compreende-se desta forma uma das possíveis razões para que o nome de Olive Schreiner tenha perdido parte do destaque que acumulara em décadas anteriores – na busca do fortalecimento do *afrikaans* como idioma oficial, era necessário valorizar e criar espaço para uma tradição literária que não fosse aquela da anglofonia.²⁶

O fato de a biografia de Schreiner ter sido resgatada por Johannes Meintjes no trabalho que foi publicado em 1965 torna-se peculiar quando atentamos para detalhes da vida do próprio autor. Nascido em 1923 em Riversdale, cidade do Cabo Ocidental conhecida por sua participação no cenário *Cape afrikaner*, Meintjes é definido como “fazendeiro, historiador, biógrafo e artista plástico”,²⁷ além de acumular em seu currículo obras com títulos como *The Voortrekkers: The Story of the Great Trek and the Making of South Africa*,²⁸ *President Paul Kruger: A Biography*,²⁹ *The Commandant-General: The life and times of Petrus Jacobus Joubert*³⁰ e ainda *Stormberg: A Lost Opportunity – The Anglo-Boer War in the North-Eastern Cape Colony, 1899-1902*.³¹ A preocupação do autor em

²⁵ GILIOME, Hermann – *The Afrikaners – Biography of a People*, p.359.

²⁶ Em seu artigo “Winding through Nationalism, Patriarchy, Privilege and Concern: A Selected Overview of Afrikaans Women Writers”, Christell Stander e Hein Willemse destacam a atuação do grupo que se tornou conhecido como *The Poets of the Thirties* – jovens intelectuais preocupados com a construção de uma imagem que os distanciasse de antigas concepções atreladas ao “*afrikaans way of life*” – a herança rural, o *Great Trek*, a Guerra de 1899-1902. Segundo os autores – “Durante as décadas de vinte e trinta do século XX, em meio à severa crise econômica, uma pequena associação de alguns profissionais – clérigos, professores, advogados, funcionários públicos, professores universitários – desempenhou um importante papel na mobilização *afrikaner*. Essa mobilização “apelou ao status e à necessidade psicológica de promover uma idéia de maior pertencimento” (Giliomee, 155). Neste período, o *afrikaans* foi reconhecido como uma língua oficial, e a contenda política ganhou nova forma. (...) “[A missão destes profissionais era a de] eliminar as deficiências [dos *afrikaners*] em praticamente todas as áreas – ciência política, o amplo terreno cultural, literatura, filosofia, teatro, artes etc. – [e] esforçar-se pelo pleno desenvolvimento e igualdade.” (Kannemeyer, 256).” Destaca-se também que a oficialização da língua permitiu a maior circulação de uma literatura operária que revelava o cotidiano dos *poor whites* – a luta cotidiana pela sobrevivência no ambiente urbano, a superação da nostalgia pelo passado rural e as novas relações sociais estabelecidas a partir dos sindicatos. Cf. STANDER, Christell; WILLEMSE, Hein – op cit, *Research in African Literatures*, vol. 23, n. 3, 1992, pp. 6-9.

²⁷ <http://www.johannes-meintjes.co.za/biography.html>

²⁸ Littlehampton Book Services, 1975.

²⁹ London: Cassel, 1974.

³⁰ Cape Town: Tafelberg, 1971.

³¹ Cape Town: Nasionale Boekhandel, 1969. A batalha de Stormberg, no ano inicial da guerra Anglo-Bôer, marcou a primeira derrota de tropas inglesas para as milícias bôeres. Cf. RIDPATH, John Clark; ELLIS, Edward S. – *The Story of South Africa – The Historical Transformation of the Dark Continent by the*

resgatar, já no título de seu trabalho, Olive Schreiner como sul-africana (*Olive Schreiner – Portrait of a South African Woman*), torna-se portanto compreensível dentro deste cenário de afirmação identitária. Embora Ruth First e Ann Scott destaquem o tom de “juízo moral”³² que a biografia de Meintjes muitas vezes apresenta – especialmente quando desconsidera informações de diários da autora por serem “repletos da dramatização comum àqueles que escrevem diários” – não podemos ignorar o fato de que o autor parece trazer Schreiner novamente ao cenário de debates políticos sul-africanos.

Influenciada pela escola marxista, a década de 1970 traz à academia sul-africana o questionamento de antigas tradições e buscam-se novos sujeitos na reflexão da construção da identidade nacional sul-africana.³³ O interesse na obra de Olive Schreiner intensifica-se, e o estudo da autora começa a extrapolar o essencialmente biográfico, campo que fora até então o mais explorado por pesquisadores.

Dan Jacobson foi o responsável pela introdução à reedição de *The Story of an African Farm* que surgiu em 1976.³⁴ Filho de judeus lituanos estabelecidos na África do Sul no início do século XX, Jacobson é hoje reconhecido por uma série de romances “sul africanos”³⁵ – *A Dance in the Sun* (1956), *The Zulu and the Zeide* (1959), *Through the wilderness, and other stories* (1968) e *The Price of Diamonds* (1968) são exemplos da vasta produção do autor.

A crítica de Jacobson à obra de Schreiner mostra-se bastante permeada pela discussão da relação entre o espaço colonial e o da metrópole – sendo que esta discussão marca também a trajetória intelectual do próprio autor. Ao mudar-se para a Inglaterra em 1954, o sul-africano dizia buscar a superação da asfixia intelectual imposta em seu país. Na análise de Paul Gready, ao partir para Londres o autor participava de um tipo particular de narrativa colonial – “Tudo isso é uma versão da experiência provincial-metropolitana

European Powers and the Culminating Contest Between Great Britain and the South African Republic in the Transvaal War. Chicago: C. W. Stanton, 1899, pp. 522-529.

³² Cf. FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – A Biography...*, p.21.

³³ É deste período que datam obras como *Capital, State and White Labour in South Africa – 1900-1960*, de Robert D. Davies (Brighton: Harvester Press, 1979); *Class, Race and Gold*, de Frederick Johnstone (London: Routledge, 1976) e o artigo de Shula Marks e Stanley Trapido - “Lord Milner and the South African State”, publicado na *History Workshop* (n. 8, 1979, pp.50-80).

³⁴ Gloucester: Peter Smith, 1976 (1883).

³⁵ Cf. GREARY, Paul – “Dan Jacobson as Expatriate Writer: South Africa as Private Resource and Half-Code and the Literature of Multiple Exposure”. *Research in African Literatures*, vol. 25, n.4, p.19.

padrão; do jovem das remotas comunidades rurais sul-africanas indo para a cidade grande em busca de sucesso. Era isso que eu estava fazendo”, relembra Dan Jacobson.³⁶

Esta observação torna mais interessante o fato de a introdução de Jacobson para o romance de Schreiner iniciar-se com a afirmação de que “Uma cultura colonial é aquela que não tem memória. As descontinuidades da experiência colonial tornam isso quase inevitável. (...)”.³⁷ A população constituída essencialmente por descendentes de “conquistadores”, de escravos e de nativos que foram destituídos de suas terras; o idioma circulante no ensino e na jurisdição importado tal qual “um item de maquinaria pesada” e as cotidianas pressões políticas e psicológicas fazem com que a cultura colonial não tenha como a primeira de suas preocupações a valorização do passado, segundo o autor.³⁸ Essa falta de percepção da história faz com que inimizades e conflitos passem a ser vistos como inerentes àquele espaço social, aproximando-se mesmo de um fenômeno natural. “(...) Um sul-africano branco, por exemplo, não precisa perguntar-se como o negro tornou-se inferior a ele; ele simplesmente sabe que o negro é inferior.”³⁹

Em meio a esta sociedade “sem memória”, Jacobson destaca que a presença de uma intelectual como Olive Schreiner – anglófona, branca –, com uma narrativa que resgata o território sul-africano, comprova a existência daqueles interessados em romper com o conforto de não lidar com seu passado:

“(...) Quando li seu romance pela primeira vez, sessenta anos depois da primeira publicação, tive que lutar com minha própria incredulidade de que os *kopjes*, *kraals* e cactos que ela mencionava eram aqueles com os quais tinha familiaridade, tão raro era encontrá-los nas páginas de um livro. (...)”⁴⁰ VII

A ausência de circulação das obras de Olive Schreiner, “por muitos anos o único nome da literatura sul-africana a ganhar reputação internacional”,⁴¹ chama a atenção de Jacobson para o fato de que essa relação de silêncio com o passado parece perdurar ainda em sua geração. Nascido em Kimberley, cidade em que Schreiner vivera vários anos ao

³⁶ Dan Jacobson apud GREADY, Paul – op cit, p.20.

³⁷ JACOBSON, Dan – “Introduction” para SCHREINER, Olive – *The Story of an African Farm...*, p.7.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Idem, p.18.

⁴¹ Idem, p.9

final de sua vida, o autor questiona o fato de terem sido seus pais, estrangeiros, os primeiros a introduzi-lo à obra da literata – “nenhuma menção nas aulas de literatura inglesa, nenhum político exortando as virtudes de sua cidade (...)”.⁴²

Jacobson defende também que os escritos da autora que receberam maior atenção até então – com especial destaque para aqueles que exploram a condição da mulher na sociedade ou as relações estabelecidas entre brancos e negros – acabam por vezes baseando-se não em um engajamento com o social, mas acabam por transformar-se em uma espécie de “fuga permitida” desta realidade. Para o autor sul-africano, ao chamar para si a responsabilidade de dar voz aos “humilhados e oprimidos” (bôeres, negros, mulheres) e frisar este compromisso constantemente em sua obra, Schreiner acaba por enaltecer mais seu papel de defensora destas camadas ao invés de falar em prol daqueles que não tinham espaço de manifestação na sociedade.⁴³ Este argumento voltaria a aparecer anos mais tarde também no trabalho de Joyce Avrech Berkman,⁴⁴ para quem a defesa dos menos favorecidos estaria refletida até mesmo no desejo (alimentado durante a juventude de Schreiner) de tornar-se médica. Ao ter seus planos de estudo frustrados, a literata sul-africana projetou em sua escrita aquilo que Berkman denomina “imaginação medicinal” – através de suas narrativas, a autora de *The Story of an African Farm* buscaria a “cura” de sua sociedade.⁴⁵

Dan Jacobson, como vimos, mostra-se bastante crítico das relações que a África do Sul estabelece com sua própria memória – além de resgatar o nome de Olive Schreiner como uma importante voz de denúncia. No entanto, creio que o autor, em sua análise, mantém-se vinculado ao olhar colonial que, quando não permite a criação do espaço para que se desenvolva a memória de uma sociedade, acaba por impôr uma forma própria de permanência e percepção da realidade. Isso pode ser notado com maior clareza quando Jacobson afirma, por exemplo, não considerar a alegoria *Trooper Peter Halket of*

⁴² JACOBSON, Dan – “Introduction” para SCHREINER, Olive – *The Story of an African Farm...*, p.9.

⁴³ Idem, pp.16-17.

⁴⁴ Cf. “The Nurturant Fantasies of Olive Schreiner”. *Frontiers*, vol.2, n.3, 1977; *The Healing Imagination of Olive Schreiner – Beyond South African Colonialism*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1989.

⁴⁵ BERKMAN, Joyce Avrech – “The Nurturant Fantasies of Olive Schreiner”...

Mashonaland, escrita por Schreiner em 1897, uma obra de grande impacto⁴⁶ - esta seria, em verdade, uma “breve e polêmica alegoria contra Rhodes e sua Companhia Britânica da África do Sul.”⁴⁷ O status de *Peter Halket* entre o romance e a alegoria permanece como tema polêmico para seus estudiosos, como veremos nos capítulos que se seguem; mas a idéia de que este texto possa ser reduzido a uma tensão pessoal estabelecida entre Cecil Rhodes e Olive Schreiner, contudo, acaba por esvaziar não apenas o comprometimento da autora com a elaboração de *Trooper Peter Halket*, mas deixa também de atentar aos impactos que sua circulação na sociedade. Após retornar à África do Sul, Schreiner pode não ter concluído nenhum romance com os mesmos impactos de *The Story of an African Farm* – o texto originalmente publicado apenas na metrópole –; no entanto, reduzir sua produção subsequente (e elaborada no campo do colonial) a obras inacabadas ou à transcrição de atritos pessoais é algo que além de diminuir a influência que a literata sul africana conquistou na política de finais do XIX e início do XX, alimenta a idéia que se quer combater de que aquela sociedade que não sabe recorrer a sua memória.

É também a década de setenta que vê surgir, após um longo hiato, novas edições da obra de Schreiner: a Ad. Donker de Joanesburgo traz em 1974 a reedição de *Trooper Peter Halket of Mashonaland* e, em 1975, *The Story of an African Farm. Thoughts on South Africa* ganha reedição no ano seguinte, pela Africana Book Society. O livro de Ridley Beeton, *Olive Schreiner: A Short Guide to Her Writings*,⁴⁸ é um dos títulos que impulsionam e beneficiam-se desta expansão no interesse pela obra da autora. Neste volume, Beeton mescla o exercício biográfico com a apresentação de análise de trechos das obras e da correspondência de Schreiner – tarefa algo ingrata para as 118 páginas que dão forma ao seu trabalho. Richard Rive, hoje reconhecido com um dos maiores estudiosos da obra da literata sul-africana, esteve entre aqueles que definiram o texto de Ridley Beeton como “um trabalho preliminar, que preenche uma lacuna no acesso à vida e obra de Olive Schreiner enquanto não surge guia mais detalhado e abrangente.”⁴⁹

⁴⁶ Jacobson afirma que o retorno de Olive Schreiner à África do Sul, em 1889, marcou o fim de sua carreira como romancista, já que nenhuma obra do porte de *The Story of an African Farm* surgiu após esta data. Cf. op cit, p.15.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Cape Town: Howard Timmins, 1974.

⁴⁹ BEETON, Ridley – *Olive Schreiner: A Short Guide to Her Writings*. Resenha de RIVE, Richard, *Research in African Literatures*, vol. 10, n. 1, 1970, p.130.

É também Rive que chama atenção para o fato de a crítica de Beeton apresentar, por vezes, algo muito próximo à idéia de “dois pesos, duas medidas” em sua análise de outros trabalhos que exploraram a obra de Olive Schreiner: Johannes Meitjes, por exemplo, é criticado pela ausência de referências e citações às fontes a que teve acesso em seu pesquisa.⁵⁰ Enquanto isso, um trecho da análise que Uys Krige⁵¹ elabora para o romance *The Story of an African Farm* – presente em compilação organizada por ele e publicada em 1968 – é caracterizada por Ridley Beeton como sendo “atrativamente ácida”

“(…) quando ele [Krige]... não consegue entender porque (naquela famosa e frequentemente citada conclusão [do romance]) Waldo, um “jovem forte, saudável... devia, na última página do livro, deitar-se ao sol e simplesmente morrer.” Creio que [Krige] deixou escapar algo, mas não consigo lembrar o quê – e talvez sua dúvida seja, afinal, válida.”⁵² VIII

“Se Beeton não consegue lembrar o que Kriege deixa escapar”, comenta Richard Rive, “melhor seria não fazer qualquer referência a este ponto.”⁵³

Rive, por sua vez, transformou-se em uma das principais referências no estudo da obra de Olive Schreiner. Insatisfeito com as obras que haviam até então explorado a biografia da sul-africana, Rive esteve à frente do projeto que, na década de oitenta, editou a compilação da correspondência da autora.⁵⁴ Sua intenção era a de fornecer mais do que um trabalho que, como a maioria dos publicados até então, “contenta-se em elogiar *The Story of an African Farm*, não atenta para sua contribuição no campo literário e concentra-se em detalhes de sua vida estranha e diferente.”⁵⁵

⁵⁰ Cf. MEINTJES, Johannes – *Olive Schreiner – Portrait of a South African Woman...*

⁵¹ KRIGE, Uys (ed.) – *Olive Schreiner: a selection*. Cape Town, New York, London: Oxford University Press, 1968.

⁵² Apud BEETON, Ridley – *Olive Schreiner: A Short Guide to Her Writings*. Resenha de RIVE, Richard, *Research in African Literatures...*, p.126.

⁵³ Ibidem..

⁵⁴ *Olive Schreiner Letters – 1871-1899* (ed. Richard Rive) – Oxford University Press, 1988. Um segundo volume da correspondência da autora, com material referente ao período de 1900 a 1920, também era esperado. Em 1989, contudo, o assassinato de Rive durante um assalto fez com que estes planos não se concretizassem. Novo projeto é hoje desenvolvido pela Universidade de Edimburgo – iniciado em outubro de 2008, pretende, até dezembro de 2011, analisar, transcrever e tornar disponíveis para pesquisa cerca de cinco mil cartas da autora, maioria delas nunca publicada. Cf. *Olive Schreiner Letters Project* - <http://www.oliveschreinerletters.ed.ac.uk>

⁵⁵ Apud BEETON, Ridley – *Olive Schreiner: A Short Guide to Her Writings...*, p.87.

Também romancista sul-africano, Rive definiu como sendo dois os campos da produção literária de Schreiner – aquele que chamou “trabalhos de imaginação” (*works of imagination*) e outro, composto por seus “textos polêmicos” (*polemical writing*).⁵⁶ no primeiro, incluem-se seus romances, contos e alegorias; já no segundo encontramos os escritos acerca do papel da mulher na sociedade, seus textos em defesa dos “grupos minoritários sul-africanos” e sua oposição à guerra de 1899-1902.⁵⁷

Embora possam facilitar o trabalho do pesquisador interessado na produção literária de Olive Schreiner, os riscos desta divisão estabelecida por Rive são os de “despolemizar” o trabalho “de imaginação” da literata, além de funcionar de certa forma como uma armadilha no caso em que o encontro de imaginação e *polemical writing* surge muito evidente, como em *Trooper Peter Halket*: qual é, afinal, o caráter deste texto? A dificuldade encontrada por tantos pesquisadores para decidir-se entre o romance, a alegoria ou a “breve polêmica pessoal” talvez seja uma das maiores provas dos riscos trazidos pela análise guiada por uma fragmentação da composição da literata.

Mas o mérito da obra de Richard Rive é inquestionável. O romancista sul-africano foi um dos primeiros pesquisadores que, com crítica incisiva a boa parte do que vinha sendo produzido até então, trouxe um novo fôlego para as leituras da obra de Olive Schreiner.

É provável que um dos trabalhos que conseguiu distanciar-se mais daquilo que fora produzido até então seja a biografia elaborada por Ruth First e Ann Scott, publicada em 1980.⁵⁸ O trabalho busca, nas palavras das autoras, explorar a importância de Olive Schreiner no cenário sul-africano: reconhecida agora por ter “previsto” o futuro de sua sociedade, Schreiner foi, à sua época, uma voz das causas impopulares, isolada e abafada.⁵⁹ First e Scott afirmam:

“Vemos a vida e a escrita de Olive Schreiner como produto de uma história social específica. Não buscamos apenas o que ela vivenciou, mas [também] a forma com que ela e

⁵⁶ Richard Rive também destaca a dificuldade de caracterizar de *Trooper Peter Halket of Mashonaland* como romance ou alegoria. O romancista sul-africano parece, no entanto, mais inclinado a concordar com Dan Jacobson, e também dispensa pouca atenção à publicação de 1897.

⁵⁷ RIVE, Richard – *Selected Writings: Stories, Essays, Plays*. Johannesburg: Ad. Donker Publisher, 1977, p.88.

⁵⁸ FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – A Biography...*

⁵⁹ Idem, p.24.

outros compreenderam essa experiência através de conceitos usados por ela e seus contemporâneos para interpretar o mundo – com o conhecimento que era possível para seu tempo: depois de Darwin, antes de Freud e durante o período em que *O Capital* de Marx foi escrito. (...) não a enxergamos como alguém que cresceu “sem limites em uma terra selvagem e livre”. Escrevemos acerca da vida missionária e política de seus pais justamente porque isso *era* parte de uma cultura européia, e encaramos a presença missionária nas sociedades coloniais como parte da ação imperialista daquele período. Preconceito racial e cultural eram onipresentes: os sul-africanos anglófonos desdenhavam *afrikaners*; todos os brancos desprezavam todos os negros. (...)^{60 IX}

O trabalho de Ruth First e Ann Scott, além de renovar o campo dos estudos biográficos acerca da literatura sul-africana, insere-se em movimento nas ciências humanas que busca apreender a realidade de grupos até então marginalizados por argumentos pautados na diferença de classe, raça, religião e/ou gênero, por exemplo.⁶¹ Na África do Sul, mulheres brancas estiveram ausentes dos interesses de pesquisa por vários anos: sua presença normalmente dava-se em trabalhos interessados no papel do branco pobre explorado pelo sistema capitalista.⁶² Desde então começam a surgir trabalhos como aqueles destacados por Penelope Hetherington:

“(...) Cheryl Walker apresenta, em seus livros – *The Women’s Suffrage Movement in South Africa* e *Women and Resistance in South Africa* – algumas informações acerca das atividades econômicas e políticas de mulheres brancas, e há um artigo recente sobre a imigração de mulheres da Grã-Bretanha, solteiras, na primeira década deste século. Seus autores - Jean Jacques van Helten e Keith Williams - adotam uma perspectiva feminista e concluem que “o discurso racista e sexista do imperialismo exige a repressão ideológica da mulher branca, mas garante a ela sua parcela de seus espólios.” (...)^{63 X}

⁶⁰ FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – A Biography...*, p.23.

⁶¹ Edward Said e Gayatri Spivak surgem como destaque na tradição dos chamados *subaltern studies*, e trazem novas formas de apreensão da política imperialista e de seus impactos na produção cultural. Destaco aqui especialmente *Cultura e Imperialismo*, de Said [São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (1993)] e os artigos de Spivak – “Reading the World: Literary Studies in the 80s” *College English*, vol. 43, n. 7, 1981, pp. 671-679 e “Three Women’s Texts and a Critique of Imperialism” *Critical Inquiry*, vol. 12, n. 1, “Race,” *Writing, and Difference*, 1985, pp.243-261.

⁶² Cf. HETHERINGTON, Penelope – “Women in South Africa: The Historiography in English” *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 26, n.2, 1993, p.261.

⁶³ *Ibidem*

A discussão acerca do papel desempenhado pela mulher branca no imperialismo, assim como o interesse nos grupos marginalizados pelo discurso acadêmico, faz com que a obra de Olive Schreiner passe a ser explorada em uma amplitude de temas e abordagens rara até então. Em 1996, por exemplo, Shearer West organiza a coletânea de artigos *The Victorians and Race*, em que tem espaço o artigo de Anita Levy – “Other Woman and new women: writing race and gender in *The Story of an African Farm*.”⁶⁴ Em seu texto, Levy explora a construção das personagens femininas no mais famoso romance de Schreiner – especialmente a oposição entre a personagem bôer, Tant’Sannie, e Lyndall, a órfã inglesa que é apontada por muitos críticos como o alter ego da romancista sul-africana nesta narrativa.

Gerald Monsman⁶⁵ é autor de um dos trabalhos pioneiros na análise de um tema específico – os vínculos criados entre a paisagem e as relações de poder – na obra de Schreiner, visitando para tanto diversas obras da autora.⁶⁶ Monsman explora especialmente aqueles que Richard Rive classificara como os “trabalhos de imaginação” da literata, buscando como a paisagem sul-africana abastece Schreiner com força narrativa e emocional necessárias para quebrar noções tradicionais de “papéis sexuais e de hierarquia sexual.”⁶⁷ Além disso, a construção da narrativa utilizada pela autora e muitas vezes interpretada como estranha e inadequada⁶⁸ é considerada por Monsman como uma tentativa de “aperfeiçoar o padrão eurocêntrico de contar histórias.”⁶⁹

O professor da Universidade do Arizona insere-se também no grupo daqueles que compartilham da idéia de que a obra de Schreiner concilia preocupação com a realidade sócio-histórica na qual se insere e atenção a sua produção e impacto artístico. Monsman segue, desta forma, na contramão de Nadine Gordimer, prêmio Nobel de Literatura de 1991. No prefácio à segunda edição da biografia elaborada por First e Scott, Gordimer afirma que Olive Schreiner perdeu grande parte de sua capacidade criativa após a

⁶⁴ WEST, Shearer (org) – *The Victorians and Race*. Aldershot: Ashgate, 1996.

⁶⁵ MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner’s Fiction – Landscape and Power*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1991.

⁶⁶ Gerald Monsman vale-se da análise de *The Story of an African Farm* (1883), *Dreams* (1890), *Trooper Peter Halket of Mashonaland* (1897) e do romance *From man to man*, publicado inacabado e postumamente em 1926.

⁶⁷ MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner’s Fiction – Landscape and Power...*, p.xii.

⁶⁸ Atente-se, por exemplo, para a polêmica que envolve até hoje o texto de *Trooper Peter Halket of Mashonaland*.

⁶⁹ MONSMAN, Gerald – op cit, p.xii.

publicação de *The Story of an African Farm*, sendo que sua obra subsequente nunca deu conta de intrigar e instigar na mesma medida que seu romance de estréia. Schreiner passou a escrever *sobre* os problemas que assombravam a sociedade sul africana, mas não dispunha mais da força necessária para dar vida a esses problemas em uma construção narrativa, demonstrando como eles acabavam por moldar vidas e toda uma sociedade.⁷⁰

A década de noventa também dedica-se à exploração mais intensa de um campo que até hoje recebe atenção de pesquisadores da obra da literata – os estudos comparativos, que crescem especialmente no campo da teoria literária. Em 1990, Robert Visel escreve o artigo “‘We Bear the World and We Make It’: Bessie Head and Olive Schreiner,”⁷¹ inserindo-se no polêmico campo de debate acerca da influência que Schreiner exerceu – ou não – na literatura sul-africana. Para tanto, opta por estabelecer uma comparação com Bessie Head, literata *coloured*, filha ilegítima de uma jovem branca de família abastada e um empregado negro de sua casa.⁷² Visel identifica um forte paralelo na crítica social que ambas as autoras elaboram sobre a sociedade sul-africana, afirmando que a principal característica dos textos de Schreiner e Head é uma utopia política radical.

Explorando o romance *Maru*, de Beassie Head, Visel aponta, por exemplo, para a possibilidade de a autora *coloured* ter criado na personagem principal da narrativa, Margaret Cadmore, um alter ego de si mesma. Margaret é apresentada como uma San (Bushman) exilada, uma “masarwa girl” – termo que, explica a autora, significaria “bastardo” ou “sem raça definida”.⁷³ A garota é acolhida por uma missionária branca, que se torna sua preceptora e mãe adotiva, dando-lhe mesmo seu próprio nome – Margaret Cadmore. O narrador de *Maru* tece críticas às “fraquezas artísticas” de Margaret Cadmore, missionária – sendo que estas fraquezas seriam um reflexo, em verdade, da falta de compreensão verdadeira dos africanos que queria proteger.⁷⁴

⁷⁰ Apud FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography...*, p.7. Nadine Gordimer cita, como meio de reforçar e concluir seu argumento, a frase de Anthony Burgees: “É apenas a literatura – permeada pela história – que é capaz de fornecer mais do que a realidade estatística de um país” (“It is only literature, which contains history, that is able to confer a more than statistical reality on a country”).

⁷¹ VISEL, Robert – “‘We Bear the World and We Make It’: Bessie Head and Olive Schreiner” *Research in African Literatures*, vol. 21, n. 3, 1990, pp.115-124.

⁷² A mãe de Bessie Head foi internada por sua família em uma instituição mental pela “desgraça de gerar uma criança mestiça”. Apud VISEL, Robert – op cit, p.117.

⁷³ Bessie Head exilou-se em Botsuana em 1964, quando tinha 27 anos.

⁷⁴ Cf. VISEL, Robert – op cit, p.118.

Estudo que também privilegiou a obra de Schreiner foi aquele de Susan R. Horton, que buscou as conexões de trabalhos da sul-africana com aqueles da escritora dinamarquesa Karen Blixen, mas conhecida por seu pseudônimo Isak Dinesen.⁷⁵ Valendo-se do diálogo com diversas análises surgidas até então (e que vão da influência dos estudos das *zonas de contato* trazida pelo trabalho de Mary Louise Pratt⁷⁶ à discussão de formação de identidades proposta por Kwame Anthony Appiah em seu *Na Casa de Meu Pai*⁷⁷), Horton busca a influência da dupla experiência África-Europa em suas produções literárias de Schreiner e Blixen, bem como na construção que fazem de sua própria identidade.

A ânsia de dialogar com várias correntes argumentativas, contudo, talvez tenha enfraquecido o argumento de Susan Horton. Somos conduzidos com frequência pela trilha da especulação – com destino, muitas vezes, àquilo que Richard Rive caracterizou como a busca pelo “estranho e diferente” na vida do intelectual, ignorando a criticidade da obra apresentada e seu diálogo com realidades mais amplas do que a biografia de seu autor.

A vivência entre Europa e África também teria possibilitado a Olive Schreiner e Karen Blixen a construção de uma identidade através da qual as autoras enxergavam-se como algo além de mulheres: isso porque ser uma mulher branca na África conferia-lhes o status equivalente ao de um “homem honorário”. Suas narrativas surgiam, desta forma, como uma “cruzada cultural”⁷⁸ – e mais uma vez somos lançados no terreno do especulativo e “exótico.”

Estudo comparativo de maior fôlego é aquele apresentado por Laura Chrisman em seu *Rereading the Imperial Romance – British Imperialism and South African Resistance in Haggard, Schreiner, and Plaatje*.⁷⁹ Explorando a experiência histórica do imperialismo britânico na África do Sul,⁸⁰ o trabalho de Chrisman é pioneiro por trazer uma comparação que foge do lugar comum no que diz respeito à escolha das obras que são tomadas como o centro de sua análise: a autora recorre a textos outros que não as “obras primas” dos escritores escolhidos. Desta forma, enquanto maioria das análises dedica-se às narrativas

⁷⁵ HORTON, Susan R. – *Difficult Women, Artful Lives – Olive Schreiner and Isak Dinesen, in and out of Africa*. Baltimore, London: The John Hopkins University Press, 1995.

⁷⁶ PRATT, Mary Louise – *Os Olhos do Império – Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999 (1992).

⁷⁷ APPIAH, Kwame Anthony – *Na Casa de Meu Pai – a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 (1993).

⁷⁸ Cf. HORTON, Susan R. - *Difficult Women, Artful Lives...*, p.5.

⁷⁹ Oxford: Oxford University Press, 2000.

⁸⁰ CHRISMAN, Laura – op cit, p.1.

de *The Story of an African Farm*, de Schreiner, e *King Solomon's Mines* de Haggard, Laura Chrisman opta por centrar-se no polêmico *Trooper Peter Halket of Mashonaland* e no “épico zulu” de Haggard – *Nada the Lily*, de 1892.

A análise de Chrisman merece destaque também por incorporar um terceiro elemento que estabelece o contraponto dos impactos dessa literatura imperialista na própria produção literária sul-africana em curso – a autora recorre ao romance *Mhudi*, de Sol Plaatje: escrito na década de 1910 e publicado em 1930, o livro conta com enredo bastante próximo ao de *Nada the Lily*. *Mhudi* revela, contudo, como ocorre a apreensão e o questionamento dos códigos da literatura imperialista, ganhando especial destaque por sua publicação surgir em um momento em que a organização política africana ganha maior destaque na África do Sul.

Retomando o viés das análises feministas, Carolyn Burdett⁸¹ analisa quase a totalidade das obras de Olive Schreiner de que se tem conhecimento até hoje – são explorados textos como por exemplo a introdução inacabada que Schreiner escrevia para a edição do volume compilando parte do trabalho de Mary Wollstonecraft. Burdett busca, na escrita de Schreiner, o papel esperado e aquele desempenhado pela mulher em uma sociedade que enfrentava a revolução intelectual trazida por obras como as de Charles Darwin e Friedrich Engels. A pesquisadora aponta ainda como a experiência colonial de literata sul africana reflete-se em sua escrita:

“(…) Como muitos colonos daquela primeira geração, ela estava profundamente imersa na idéia da Inglaterra como “terra natal” (ou “lar”, como invariavelmente chamava). Mesmo assim, como demonstrarei, o trabalho de Schreiner não reproduziu – e talvez não pudesse reproduzir – as idéias metropolitanas sobre o “centro” e suas “margens”. Apesar de pertencer à população sul-africana anglófona e de sempre ter tido consciência de como a África do Sul foi influenciada pela Inglaterra, seu foco criativo e político era a colônia, e não a metrópole. (...)”⁸² XI

Tomando conhecimento de diversas concepções analíticas da obra de Olive Schreiner, bem como da importância que têm os escritos da autora para os mais diversos

⁸¹ BURDETT, Carolyn – *Olive Schreiner and the Progress of Feminism – Evolution, Gender, Empire*. Hampshire: Palgrave, 2001.

⁸² Idem, p.6.

campos de pesquisa, é nosso propósito, nas páginas que seguem, retomar algo da questão que até hoje permeia as relações sociais sul-africanas: o debate acerca de quem é – e quem tem o direito de ser – sul africano.

A seleção de nossas fontes abarca tanto narrativas que tiveram maior impacto e reconhecimento (como é o caso do romance *The Story of an African Farm*) quanto alguns dos textos que levaram Olive Schreiner a tornar-se *persona non grata* no cenário político sul-africano. Para além da discussão da capacidade criativa de Schreiner pré e pós sua estadia na Europa entre os anos de 1881 e 1889, o que buscamos são as linhas com as quais a literata traça imagens do território sul-africano e daqueles que o habitam. A discussão acerca da natureza do texto de *Trooper Peter Halket* – é uma alegoria ou romance, afinal? – não nos parece, aqui, tão importante quanto os diálogos que sua narrativa pode oferecer aos debates em torno da produção e circulação da chamada *literatura imperialista*. Julgamos também que a atenção dedicada à compilação de textos *Thoughts on South Africa*, publicada postumamente por Samuel Cronwrigth-Schreiner, revela não apenas detalhes do período de expansão econômico-territorial vivenciado pela África Austral na década de noventa, mas também os impactos desta política nos relacionamentos entre ingleses e bôeres; ingleses e nativos e nativos e bôeres. Ainda a análise da relação que as fontes estabelecem entre si pode revelar como o envolvimento de Schreiner nos debates da identidade sul-africana alterou – ou não – as concepções da autora no que diz respeito ao lugar social de ingleses, nativos e bôeres.

*

Capítulo I

The Story of an African Farm: biografia, narrativa e território

“The full African moon poured down its light from the blue sky into the wide, lonely plain.”

Olive Schreiner. linhas iniciais de
The Story of an African Farm (1883)

Bôeres, *kaffirs*, hotentotes, *dutchmen*, ovelhas e avestruzes: estavam todos presentes, anunciava o *Daily News* do dia seis de março de 1883,⁸³ naquele que chamou de “um dos mais interessantes e originais livros lançados recentemente” – o autor de *The Story of an African Farm*, notava-se, tinha alma de poeta.

Três anos mais tarde, em outubro de 1886, Olive Schreiner escrevia ao amigo Karl Pearson:

“(…) Uma garota ignorante, trabalhando dez horas por dia, sem tempo para pensar ou escrever senão em algumas horas no meio da noite, escreve uma pequena história como *An African Farm*; um livro que deixa a desejar em muitos aspectos, completamente imaturo e *cru, repleto de defeitos*; um livro que foi inteiramente escrito para mim, em um momento em que vir para a Inglaterra, assim como publicá-lo, parecia impossível. E apesar disso conquistei algo, quase centenas de cartas comentando o livro, vindas de toda classe de pessoas – do filho de um Conde a uma costureira da Rua Bond, de um estivador a um poeta.
(…)”⁸⁴ XII

*

⁸³ *Daily News*, Londres, 06 de março de 1883.

⁸⁴ *Olive Schreiner Letters – 1871-1899* (ed. Richard Rive). Oxford University Press, 1988, p.109. Os grifos estão presentes na correspondência.

Em março de 1881, Olive Schreiner deixou pela primeira vez o território sul-africano, partindo para a Inglaterra. Entre seus planos destacavam-se os de graduar-se em medicina e o de conseguir a publicação dos dois romances aos quais dedicara seu tempo no período em que trabalhou como tutora de crianças em fazendas bôeres no interior da Colônia do Cabo. Um desses textos era aquele que, anos mais tarde, afirmaria ter escrito para unicamente para si – *The Story of An African Farm*.⁸⁵

Os primeiros anos na Inglaterra, entretanto, não foram amigáveis com os planos da sul-africana. A saúde problemática, abalada especialmente pela asma, impediu Schreiner de tornar-se médica; os romances, por sua vez, caminharam por várias editoras, sendo que *Saints and Sinners* nunca foi aceito para publicação.⁸⁶ Em meados de março de 1882, após sucessivas negativas de outras editoras,⁸⁷ a Chapman and Hall interessou-se por *African Farm*. Conhecidos pela publicação de autores como Charles Dickens e Elizabeth Gaskell, os editores tentaram negociar com Schreiner mudanças no enredo do romance – em carta a Havelock Ellis, anos mais tarde, a autora contava: “(...) Eu era jovem e as pessoas iam pensar que eu não era respeitável caso escrevesse um livro daquele tipo, mas é claro que insisti que ela [Lyndall] não se casaria...”⁸⁸

A tentativa da Chapman and Hall de contornar a possibilidade de um romance (e uma autora) não-respeitável talvez possa ser apontada como uma das justificativas para *African Farm* ter sido inicialmente publicado sob o pseudônimo de Ralph Iron. O estudo de Gerald Monsman - *Olive Schreiner's Fiction*⁸⁹ -, contudo, é um dos que exploraram mais detalhadamente este aspecto, revelando conexões importantes não apenas com a obra da autora, mas também com sua formação intelectual. Monsman trilha no argumento daqueles

⁸⁵ Para facilitar a leitura, o romance passa a ser referenciado a seguir como *African Farm*.

⁸⁶ Olive Schreiner dedicou-se à revisão do texto de *Saints and Sinners* ao longo das décadas seguintes, como podemos acompanhar através de sua correspondência. Com o novo título *From Man to Man*, o romance, que nunca foi concluído pela autora, foi publicado postumamente em 1926 por seu marido, Samuel Cronwright-Schreiner. Cf. *Olive Schreiner Letters...* p.33.

⁸⁷ Johannes Meintjes, na biografia que elaborou acerca da vida da literata sul-africana, afirma que neste período *African Farm* foi “abreviado e reescrito” por Schreiner. Também segundo o autor, o romance foi enviado à editora Mcmillan no final de 1881; a Bentley & Son em janeiro de 1882; a Smith Elder em março e a Champan and Hall em abril de 1882 (quanto a esta informação, há discordância de um mês entre a citação de Meintjes e a correspondência da autora). Cf. MEINTJES, Johannes - *Olive Schreiner – Portrait of a South African Woman*. Johannesburg: Hugh Keartland Publishers, 1965, p. 47.

⁸⁸ Apud FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1980, pp. 118-119. Lyndall, uma das personagens principais do romance, engravida de seu amante e recusa-se a casar com ele, apesar de insistentes propostas.

⁸⁹ MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner's Fiction – Landscape and Power*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1991.

que ligam o pseudônimo de Schreiner – associado ao nome de dois dos principais personagens de seu romance, *Ralph Iron*, *Waldo* e *Em* – a uma reconstrução do nome do poeta e escritor Ralph Waldo Emerson.⁹⁰

Existem também outras possibilidades para o nome *Ralph Iron* – que não descartam o diálogo com Emerson: é também Gerald Monsman que chama a atenção para o jogo de palavras entre *iron* e o uso recorrente da ironia (*irony*) ao longo da narrativa – figura de linguagem esta que não foi reconhecida por muitos dos leitores de *African Farm*, que classificaram o romance como uma “confusão estrutural e um caos emocional”.⁹¹

Quaisquer que tenham sido as razões e intenções do emprego do *pen name* Ralph Iron, sua efetividade em mascarar o gênero da autora teve vida curta. Em dezembro de 1883, nove meses após a publicação do romance de Olive Schreiner-Ralph Iron, Henry Norman⁹² escrevia no *Fornightly Review* afirmando que “apesar do nome extremamente masculino presente na capa do livro, ele é claramente o trabalho de uma mulher – e, quase com a mesma certeza, uma jovem mulher, o que o torna ainda mais notável. (...) O título modesto não dá conta de seu conteúdo.”⁹³ Henry Norman destacava também que a autora fora capaz de criar uma história do desenvolvimento da alma humana sem se deixar envolver pelas generalidades e pelo lugar comum que permeavam as narrativas de outros escritores.⁹⁴

⁹⁰ Acompanhando a correspondência de Schreiner do período – especialmente logo após a publicação de *African Farm* – nota-se que é constante a referência às leituras de Emerson. Destacam-se cartas enviadas a Havelock Ellis em 02 de Maio de 1884, 09 de setembro de 1884 e 09 de Julho de 1885. Cf. *Olive Schreiner Letters...* pp. 39-49, 51, 65. Também Carolyn Burdett reafirma a importância de Emerson na vida da literata sul-africana, especialmente o texto de *Self Reliance*, em que se destaca que a conduta moral estava pautada na verdade e integridade. É de trecho deste texto que teria vindo a influência para o pseudônimo de Schreiner, no argumento da pesquisadora: “*Trust thyself: every heart vibrates to that iron string.*” Cf. BURDETT, Carolyn - *Olive Schreiner and the Progress of Feminism – Evolution, Gender, Empire*. Hampshire: Palgrave, 2001, pp. 39-45. Monsman resgata correspondência trocada entre Schreiner e Ellis em que é comentado o período de produção de *African Farm*: “*Hasn't your heart ever been like iron? Mine was for five years.*” Cf. MONSMAN, Gerald – op cit, p. 79.

⁹¹ MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner's Fiction...*, p.81.

⁹² Jornalista, político e empresário inglês, por vários anos fez parte da equipe editorial do *Pall Mall Gazette*.

⁹³ Apud FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography...*, p.122.

⁹⁴ *Ibidem*.

Embora tenha colecionado comentários que elogiavam⁹⁵ desde sua construção narrativa até o posicionamento crítico acerca do papel delegado à mulher na sociedade Vitoriana, *African Farm* esteve longe de ser consenso. Laurence Housman, dramaturgo inglês reconhecido por seu envolvimento com o socialismo e por ser um dos fundadores do *Men's League for Women Suffrage*, lembraria anos mais tarde do rebuliço que o romance causou quando começou a circular na comunidade de Worcestershire: o livro de Olive Schreiner era criticado por sua “moralidade prejudicial” e por “brincar com a descrença.” Housman relembra também as palavras de uma senhora que mencionou sua “satisfação vingativa” em atirar o romance ao fogo, após lê-lo.⁹⁶ O *Church Quartely Review*, por sua vez, afirmava que *African Farm* fora escrito por “um espírito irremediavelmente doente” – e seguia ridicularizando o romance em seu estilo e narrativa.⁹⁷

African Farm trouxe polêmica até mesmo para o ambiente familiar de Olive Schreiner: no início de dezembro de 1884, a literata escrevia a Havelock Ellis contando da desavença com seu irmão mais velho, Frederic Samuel Schreiner – Frederic reprovava o “estilo de vida” de Olive, projetando nela a “moral duvidosa” de sua personagem Lyndall. O desentendimento entre os irmãos acabou no pedido de Frederic, em 1885, de que Olive não mais o procurasse, já que a publicação do romance era “algo que o envergonhava.”⁹⁸

Perde-se de um lado, ganha-se de outro. Independentemente da natureza das críticas recebidas, *African Farm* conquistou uma popularidade que foi responsável pela inserção de Olive Schreiner no circuito cultural inglês. Após anos de isolamento na desértica paisagem sul-africana, a literata ingressava agora em um ambiente que ganhava também novo fôlego em seus debates e idéias. Joyce Berkman destaca, por exemplo, que anos antes Schreiner não poderia nem mesmo planejar uma carreira na medicina – os cursos foram liberados para mulheres somente em 1876. Além disso, a década de oitenta do século XIX trazia à Inglaterra a expansão dos movimentos sociais, “efervescência político-cultural” e

⁹⁵ Citamos como exemplo a menção feita por W. E. Lecky, historiador irlandês apreciador das teorias evolucionistas de Charles Darwin, em seu livro de 1890 – *Problems of Greater Britain*: “(...) embora literatura e arte não possam dar origem a habilidades administrativas, porque pertencem à alma e não meramente às destrezas, é impossível acreditar que... as colônias não cumprirão a promessa trazida por um trabalho de tamanha genialidade como *The Story of an African Farm*.” Cf. FIRST, Ruth, SCOTT, Ann - *Olive Schreiner – a Biography*..., p.121.

⁹⁶ FIRST, Ruth, SCOTT, Ann - *Olive Schreiner – a Biography*..., pp.122-123.

⁹⁷ Apud BERKMAN, Joyce Avrech - *The Healing Imagination of Olive Schreiner – Beyond South African Colonialism*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1989, p.196.

⁹⁸ Cf. *Olive Schreiner Letters*..., p.55.

“controvérsias estéticas e intelectuais.”⁹⁹ Esse período viu, conseqüentemente, o surgimento de vários clubes e associações guiados pelo interesse comum da troca de idéias: exemplos que se destacam são a *Fellowship of the New Life* – que contava com membros como Edward Carpenter e o grande amigo de Olive Schreiner, Havelock Ellis – e o *Men and Women’s Club*, do qual a própria autora fez parte.

O *Men and Women’s Club* iniciou suas atividades em 1885, como um pequeno grupo (de seleta associação) dedicado ao “debate livre e sem reservas acerca de todos os temas ligados às relações entre homens e mulheres.”¹⁰⁰ Seu idealizador, o estatístico e eugenista Karl Pearson, era o principal responsável pela “orientação intelectual” do grupo, bem como pela seleção de seus associados – Pearson buscava “advogados, médicos, homens de ciência e homens e mulheres *in letters*”.¹⁰¹

Judith Walkowitz destaca em seu artigo *Science, Feminism and Romance: The Men and Women’s Club 1885-1889*¹⁰² a dificuldade encontrada (ou criada) por Karl Pearson na associação de mulheres ao clube: o estatístico buscava pessoas que partilhassem de suas predileções “elitistas, reformistas e evolucionárias,”¹⁰³ e poucas eram as mulheres, em seu entender, aptas a participar deste debate. Além disso, temia-se que a associação de muitas feministas e outras “famosas *man-hater*”¹⁰⁴ conferisse tom ao clube.¹⁰⁵

Considerada uma “presença ousada” para os padrões do *Men and Women’s Club*, Olive Schreiner compareceu ao primeiro encontro do grupo, realizado no verão de 1885. Judith Walkowitz justifica grande parte do envolvimento de Schreiner pelo fato de a literata “estar de olho” em Karl Pearson,¹⁰⁶ por quem desenvolveu uma “intensa e não-correspondida” paixão. Embora cartas de Schreiner comprovem esta “intensa paixão”, não se deve esquecer que o interesse da sul-africana pelos temas presentes na agenda do clube é mais antigo do que seu interesse em Pearson.

⁹⁹ BERKMAN, Joyce Avrech - *The Healing Imagination of Olive Schreiner...*, p.25.

¹⁰⁰ Cf. Richard Rive em nota para *Olive Schreiner Letters...*, p.65.

¹⁰¹ Richard Rive em nota para *Olive Schreiner Letters...*, p.65.

¹⁰² WALKOWITZ, Judith R. – “Science, Feminism and Romance: The Men and Women’s Club 1885-1889” *History Workshop*, n. 21, 1986, pp.36-59.

¹⁰³ Idem, p.41.

¹⁰⁴ Idem, p.40.

¹⁰⁵ Destaca-se ainda que a “comprovação da inferioridade feminina no debate” foi um dos pontos que levou Karl Pearson a colocar fim ao grupo em 1889.

¹⁰⁶ WALKOWITZ, op cit, p.40.

Na carta em que confirmava a Karl Pearson sua presença à primeira reunião do grupo, a autora de *African Farm* ressaltava ter notado uma “grande deficiência” no texto que seria apresentado pelo estatístico naquele encontro – “É muito completo até onde você chegou, mas deixou de lado todo um outro campo que, para mim, é muito importante”.¹⁰⁷ Schreiner referia-se a um dos maiores debates do grupo – *The Woman Question*, também título da leitura inaugural de Pearson. Para ele, um dos objetivos do grupo que idealizara era o de buscar respostas acerca das “capacidades naturais das mulheres”, bem como de qual seria o papel social mais adequado que elas poderiam exercer na “evolução da raça”.¹⁰⁸

O texto que Pearson apresentou naquele verão de 1885 pretendia lançar questões que giravam em torno da emancipação da mulher – afirmava que “os direitos das mulheres não têm bases científicas, estão fundamentados somente nos direitos individuais e não levam em consideração as responsabilidades sociais da mulher”.¹⁰⁹ Pearson advogava o estudo das alterações que a emancipação feminina poderia trazer para a “reprodução da raça humana” – e apenas após a conclusão desses estudos a idéia de “direitos” deveria ser discutida.

A reação das mulheres presentes àquela leitura no *Men and Women’s Club* foi a de indignação. Elizabeth Cobb, esposa de influente procurador e responsável pela seleção das mulheres convidadas ao clube, dizia-se “chocada”, enquanto Mary Brown considerava o conteúdo do texto “extremamente humilhante para o sexo feminino”.¹¹⁰ Olive Schreiner, por sua vez, acreditava ser impossível a discussão do papel da mulher na sociedade ou na evolução da raça humana sem que se fizesse igual debate acerca do papel do homem:

“O homem, suas opiniões, sua constituição física e psicológica, as necessidades de sua natureza, sua função no mundo, sua dependência das circunstâncias sociais que o cercam – estas e as questões menores que destas derivam, não são sequer mencionadas!”¹¹¹ XIII

¹⁰⁷ Cf. *Olive Schreiner Letters...*, p.65.

¹⁰⁸ WALKOWITZ, op cit, p.44.

¹⁰⁹ WALKOWITZ, Judith R. – “Science, Feminism and Romance: The Men and Women’s Club 1885-1889”..., p.45.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ *Olive Schreiner Letters...*, p.65.

Se o texto de Karl Pearson incomodou maioria das mulheres presentes à leitura, as opiniões de Schreiner não ganharam o respaldo e apoio que se poderia esperar dadas as circunstâncias. Corria entre as mulheres do grupo a idéia de que os argumentos de *Miss Schreiner* tinham origem em sua criação em um ambiente “grosseiro e selvagem” – como bem se podia observar em seu livro *The Story of an African Farm*, afinal.¹¹² Afirmavam ainda que o debate proposto pela sul-africana seria inconveniente, por exemplo, para muitas das mulheres não-casadas que frequentavam os encontros do grupo.

Não apenas por seus argumentos Olive Schreiner diferenciava-se das demais mulheres do *Men and Women's Club*. Embora Karl Pearson tenha sido o primeiro a admitir que Schreiner era a única mulher do clube apta a competir em igualdade intelectual,¹¹³ a literata era vista por muitos – especialmente pelas mulheres – como “uma sul-africana que falava com as mãos, uma boêmia solitária ... que deixava a desejar em seriedade...”¹¹⁴

Olive Schreiner abandonou o clube no final de 1886. A saúde abalada, a oposição interna à sua presença e a turbulenta relação intelectual e passional com Karl Pearson fizeram com que a autora abandonasse não apenas o *Men and Women's Club*, mas também a Inglaterra – em dezembro daquele ano, Schreiner partia para a Itália, onde dedicar-se-ia à (re)escrita do texto que anos mais tarde viria a público na forma do romance *From Man to Man*. Nesse período, inicia também a introdução da nova edição de *Vindication of the Rights of Woman* – de Mary Wollstonescraft.

Mas a publicação de *African Farm* trouxe também à vida de Olive Schreiner amizades mais perenes. É o caso do sexólogo Havelock Ellis,¹¹⁵ que no início de 1884 escreveu a Schreiner comentando detalhadamente o romance e tecendo comentários bastante elogiosos.¹¹⁶ Em sua resposta, a sul-africana preocupou-se em explicar o espaço

¹¹² FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography*..., pp.148-150.

¹¹³ WALKOWITZ, Judith R – op cit, p.43.

¹¹⁴ WALKOWITZ, Judith R. – “Science, Feminism and Romance: The Men and Women's Club 1885-1889”..., p.40.

¹¹⁵ Definido pelo jornalista americano Henry Louis Mencken como “indubitavelmente o inglês mais civilizado de sua geração”, Ellis tornou-se reconhecido pelos sete volumes que formavam seu *Studies in the Psychology of Sex*, publicados entre os anos de 1897 e 1928 – além de ter sido vice-presidente da *Eugenics Education Society* (a partir de 1989, Galton Institute). Apud KNICKERBOCKER, Frances W – “The Strange Story of Havelock Ellis” *The Sewanee Review*, vol. 48, n. 3, 1940, p.431-432

¹¹⁶ Havelock Ellis teria ficado impressionado com o *lonely genius* do autor de *African Farm*, especialmente porque as paisagens descritas em sua narrativa assemelhavam-se muito àquelas que foram conhecidas por ele na Austrália – quando Ellis acompanhara o pai, *sea captain*, em uma de suas várias viagens. Cf. BEETON, Ridley – “Two Notes on Olive Schreiner's Letters” *Research in African Literatures*, vol.3, n.2, 1972, p.183.

que o “contar histórias” tinha em sua vida – algo que, afirmava, vinha fazendo desde seus cinco anos.

“Há muitas reflexões morais na história, mas quando se leva uma vida completamente solitária podemos usar nosso trabalho como Gregory [Rose] usou suas cartas, como um escape de todos nossos sentimentos mais desmedidos, sem perguntar se este é, artisticamente, o lugar de expressá-los.”¹¹⁷ XIV

Após o retorno de Olive Schreiner à África do Sul em 1889, Havelock Ellis tornou-se o responsável pela publicação dos textos da autora em diversos jornais britânicos. Na compilação de cartas editada por Richard Rive, podemos acompanhar ainda o constante debate que se estabeleceu entre os escritores¹¹⁸ e que influenciaria suas obras nos mais variados aspectos ao longo das décadas seguintes. Além do debate, Ellis e Schreiner costumavam também comentar excertos de seus trabalhos e leituras de outras obras – há, por exemplo, carta em que a sul africana agradece a recomendação da leitura de Francis Galton,¹¹⁹ ou outra em que debatem obras de Balzac e Goethe.¹²⁰

A correspondência entre os autores revela também suas discordâncias no campo da política e mesmo nas questões de gênero e sexualidade. Havelock Ellis defendia a idéia de que homem e mulher deveriam seguir a lei inerente às naturezas de cada um: os estudos evolucionistas comprovavam que era papel da mulher gerar e zelar, enquanto ao homem cabia prover.¹²¹ O sexólogo argumentava que independência econômica feminina não era item fundamental neste debate – sua prioridade era a “igualdade moral” entre os sexos (que, em sua teoria, era baseada na divisão social dos papéis de cada gênero). Olive Schreiner discordava veementemente desta visão: para ela, a liberdade da mulher originava-se em sua não-dependência do homem – em não se tornar “parasitária”, como deixaria explícito seu

¹¹⁷ *Olive Schreiner Letters...*, p.35. Gregory Rose escreve constantemente cartas a sua irmã, e estas acabam compondo parte do texto de *African Farm*.

¹¹⁸ A correspondência entre Schreiner e Ellis foi hábito mantido até a morte da autora, em 1920. A influência dos debates mantidos pelos dois seriam notadas em muitas das obras subseqüentes do sexólogo – a exemplo, *A Study of British Genius*, de 1904; *The Problem of Race Regeneration*, de 1911; *The Task of Social Hygiene*, de 1916 e seu prefácio para *Woman and the New Race*, de Margaret Sanger, em 1920.

¹¹⁹ Em 29 de junho de 1884 – “Li quase todo o volume de Galton [*Inquiries into Human Faculty and Its Development*, 1883], gostei muito, é sugestivo – mas ele faz generalizações a partir de dados insuficientes, parece meio absurdo por vezes. Não lhe pareceu assim? (...)” Cf. *Olive Schreiner Letters...*, p.43.

¹²⁰ 14 de maio de 1886. Idem, p.79.

¹²¹ FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography...*, pp.280-1.

trabalho *Woman and Labour*, publicado em 1911.¹²² “Deixe o amor uni-los, e não uma conta conjunta no banco,”¹²³ argumentava. Dependente economicamente do homem era impor uma forma de servidão ao casal: a ele, a responsabilidade de prover; a ela, a dependência daquele que supria suas necessidades.

O posicionamento de Havelock Ellis fez com que sua contribuição ao campo da história da sexualidade não fosse vista com bons olhos – o sexólogo foi tomado por certo tempo como um “intelectual de segunda categoria,”¹²⁴ criticado por ser “colaborador na opressão da mulher.” Novas leituras de sua obra, contudo, resgatam Ellis como uma figura central no surgimento de um “*ethos* sexual moderno”¹²⁵:

“(…) Embora Freud formulasse doutrinas sexuais comprovadamente mais influentes, e se bem que ele seja, de todos os modos, a maior figura de nossa história intelectual, foi Ellis, todavia, que fez a mais ampla e, acima de tudo, a mais representativa contribuição para o modernismo sexual. Sua grande obra, *Studies in the Psychology of Sex*, cujos seis primeiros volumes foram publicados entre 1897 e 1910, estabeleceu as categorias morais básicas para quase toda a teorização sexual subsequente (…)”¹²⁶

Entre curiosidade, polêmica e acusações de imoralidade, *African Farm* foi também o responsável por tirar do isolamento a jovem que o escrevera em uma fazenda no interior da Colônia do Cabo, como a própria sul-africana relembra em sua correspondência. Se os impactos do livro trouxeram tantas modificações a sua esfera sócio-cultural, talvez seja o momento de buscarmos, nas linhas de sua narrativa, algo da autora e do território que ficaram para trás quando Schreiner partiu em 1881.

*

Quando o *Pall Mall Gazette* de sete de março de 1883 abriu espaço em suas colunas para anunciar o lançamento dos novos livros da editora Chapman and Hall, cabia ao leitor

¹²² SCHREINER, Olive - *Woman and Labour*. New York: Frederick A. Stokes Company Publishers, 1911.

¹²³ Apud FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography*..., p.281.

¹²⁴ SUMMERS, Anne – “The Correspondents of Havelock Ellis” *History Workshop*, n. 32, 1991, p.169.

¹²⁵ Cf. ROBINSON, Paul – *A Modernização do Sexo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977, p.13.

¹²⁶ Idem, p.13.

decidir-se por onde começar sua viagem: os destinos oferecidos iam da Nova Zelândia à África do Sul, passando também pelo Egito. Entre os lançamentos constavam títulos como *A History of New Zealand*, de G. W. Rusden; *History of Ancient Egyptian Art*, de Georges Perrot e Charles Chipiez; *Newfoundland – the oldest British Colony*, de Moses Harvey e *The Story of an African Farm*, de Ralph Iron. Este último título era acompanhado de algumas linhas da resenha publicada pela tradicional revista literária *Athenaeum*: “*The Story of an African Farm* mostra um vigor considerável. As descrições [do autor] são maravilhosamente vivas, e seu *pathos* é poderoso. Mr. Iron obviamente escreve sobre aquilo que conhece, resultando em um bem-merecido sucesso.”¹²⁷ XV

O romance que meses mais tarde descobrir-se-ia originado da criatividade de uma jovem sul-africana recém-chegada à Inglaterra encontrou grande aceitação do público – apesar das diversas polêmicas que estabelecia, *African Farm* inseria-se em um gênero que ganhava espaço nas últimas décadas do século XIX – as narrativas do imperialismo.

Até então, como argumenta Edward Said, “os romances mantinham um embaraçoso silêncio no que se referia ao Império” com a intenção de proteger a consciência daqueles que, eventualmente, não se reconheciam como imperialistas.¹²⁸ No final do século XIX, contudo, o Império ganhou maior espaço na cultura e na circulação de idéias, e nomes como os de Rudyard Kipling, Robert Louis Stevenson e Olive Schreiner destacam-se por transportar o cenário do colonial para a metrópole.¹²⁹

African Farm tem público definido – em suas páginas iniciais, o romance apresenta um glossário indicando o significado de “several Dutch and Colonial words occurring in this work.”¹³⁰ As palavras presentes são claramente comuns ao cotidiano de uma fazenda no interior do território sul-africano e, ao oferecer os significados de um determinado tipo de calçado ou alimento, as peculiaridades de certo espaço físico, planta ou animal,

¹²⁷ Apud *The Pall Mall Gazette*, 07 de março de 1883.

¹²⁸ Apud KUCICH, John (org) – *Fictions of Empire*. Boston, New York: Houghton Mifflin, 2003, p.2.

¹²⁹ KUCICH, John (org) – op cit, p.3. Vale ressaltar que a modernização das técnicas de impressão fez com que revistas, livros e jornais tivessem maior disponibilidade e circulação. De acordo com o *The Oxford History of British Empire*, “Estudos recentes destes materiais despretensiosos – porém onipresentes – indicam que disseminavam amplamente todos os tipos de imagens do Imperialismo(...)”. PORTER, Andrew (org) - *The Oxford History of British Empire – The Nineteenth Century*, Oxford, New York: Oxford University Press, 1999, pp.288-289 .

¹³⁰ SCHREINER, Olive - *The Story of an African Farm*. Gloucester: Peter Smith, 1976, p.29. As citações do livro feitas neste texto são extraídas desta edição. Insere-se nos anexos uma cópia do glossário que acompanha o romance.

Schreiner preocupa-se com o leitor que não tem o domínio desta realidade distinta. No prefácio à segunda edição do romance, Ralph Iron-Olive Schreiner agradecerá ao público por mostrar-se tão amável na recepção de uma obra que “não tem o encanto que paira sobre a representação das coisas familiares”.¹³¹

Essa distância entre o cenário apresentado pelo romance e seu público foi um dos itens centrais no comentário trazido pelo *Daily News*:

“(...) É uma autêntica história da vida colonial sul africana, bôeres, hotentotes, *kaffirs*, *dutchmen*, ovelhas, avestruzes, tudo – e seria uma excelente leitura apenas pelas imagens vívidas que apresenta de um estilo de vida que os relatos de viagem ainda não tornaram muito familiar, além de ter sido pouco explorado pela ficção. A vida na fazenda *dutch*, com seu generoso conforto rústico, a grandiosidade de uma natureza imutável, suas superstições primitivas, as liberdades e limitações coloniais, são apresentadas não apenas através da descrição, mas também por seu reflexo na vida de seus habitantes (...)”¹³² XVI

O cenário de ambientação do romance também foi apontado como uma surpresa por muitas resenhas do livro – leitores comentavam que o título *The Story of an African Farm* fizera-os imaginar que o texto traria informações sobre práticas de agricultura tropical e criação de avestruzes.¹³³

Cenário em que Olive Schreiner passou boa parte de sua adolescência e início da vida adulta, o Karoo, território que ambienta a fazenda apresentada, teria presença constante nas obras da autora – em especial, como veremos no segundo capítulo, nos textos elaborados para *Thoughts on South Africa*. Em 1883, ano de publicação de *African Farm*, essa região semi-desértica sul-africana começava a atrair mais atenção: também neste ano foi publicado na Inglaterra o texto de Mary Ann Carey-Hobson, *The Farm in the Karoo: or, What Charley Vyvyan and his friends saw in South Africa*.¹³⁴

¹³¹ *African Farm...*, p.27.

¹³² *Daily News*, Londres, 06 de março de 1883.

¹³³ MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner's Fiction...*, p.51.

¹³⁴ CAREY-HOBSON, Mary Ann - *The Farm in the Karoo: or, What Charley Vyvyan and his friends saw in South Africa*. London: Juta, Heelis & Company, 1883. São também da autora alguns títulos que, ao longo da década de 1880 e 1890, povoaram o mercado editorial interessado no território sul-africano. Destacamos como exemplos *At Home in the Transvaal* (1884); *South African Stories* (1886) e *Leila: or, slave or no slave: a story of Cape life seventy years ago* (1893).

No prefácio de sua *Farm in the Karoo*, Carey-Hobson destaca que, em um “momento em que a África do Sul atrai tanta atenção,” os relatos de alguém que vive há “um quarto de século” no território podem interessar às gerações que estão por vir, bem como àqueles que “têm amigos e familiares entre os colonos do Cabo, ou que esperam, talvez um dia, ter uma vida de aventuras entre cobras, elefantes, tigres e os babuínos do grande continente ... que se tornou o lar de muitos jovens e inquietos espíritos.”¹³⁵ Mas por que o território sul-africano despertava tanto interesse naqueles inícios da década de oitenta?

Dentre as respostas que podem surgir com maior facilidade certamente encontramos aquela da descoberta de riquezas minerais – diamantes em meados da década de 1860 e, na década de 1880, ouro. No entanto, para além de povoar o imaginário de muitos com idéias de enriquecimento fácil, são os impactos sócio-políticos desta descoberta que podem ampliar a compreensão do cenário que se delineava então.

Hermann Giliomee destaca que ao longo da década de 1870 o equilíbrio de poder no território sul-africano transformou-se em uma delicada questão.¹³⁶ A divisão física estabelecida entre as duas repúblicas bôeres (o Transvaal e o Estado Livre de Orange), as duas colônias do Cabo e Natal e naquelas que Giliomee denomina “diversas sociedades Africanas semi-autônomas de considerável poder”¹³⁷ reforçava também uma organização em “linhas interconectadas por interesses econômicos e etnicidade”¹³⁸ que começou a instaurar-se especialmente quando as intenções britânicas de formação de um único Estado na África do Sul tornaram-se mais claras.¹³⁹

Em 1872 a Colônia do Cabo recebera o *responsible government*, em uma tentativa britânica de transformá-la na pedra-fundamental de uma federação sul-africana. Com o auxílio da política do então Secretário de Estado das Colônias, Lord Carnarvon, este

¹³⁵ *The Farm in the Karoo...*, p.xi.

¹³⁶ GILIOMEER, Hermann – *The Afrikaners – Biography of a People*. Cape Town: Tafelberg Publishers, 2002..., p.282.

¹³⁷ *Ibidem*.

¹³⁸ BICKFORD-SMITH, Vivian – *Ethnic Pride and Racial Prejudice in Victorian Cape Town – Group Identity and Social Practice, 1875-1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p.40.

¹³⁹ GILIOMEER, Hermann – *op cit*, p.283.

período viu a inauguração de uma série de anexações territoriais. A supremacia britânica, no entanto, encontrava dois empecilhos: os zulus e os transvaalers:¹⁴⁰

“Em 1877 Lord Carnarvon levou ao Parlamento o Ato de Confederação Permissiva autorizando a criação de uma União Federativa entre aquelas colônias que estivessem dispostas a participar. Ao mesmo tempo, nomeou Sir Bartle Frere Governador e Alto Comissário para que o plano fosse concretizado. Alguns dias após chegar ao Cabo, Sir Bartle Frere tomou conhecimento de que a soberania Britânica no Transvaal já havia sido proclamada por Sir Theophilus Shepstone –enviado como Alto Comissário para investigar a condição do Transavaal (...). Deu-se a anexação, não nas bases em que a maioria dos Bôeres desejava – e não há possibilidades de se comprovar que àquela época a maioria não estivesse pronta para concordar –, mas sim porque o país estava em estado de anarquia e muitos ingleses que ali residiam temiam por suas vidas e apelaram à proteção do Governo Real; e em parte porque o Transvaal não poderia defender-se sozinho dos Kaffirs de Sekukuni e dos Zulus.”¹⁴¹ XVII

A chamada Guerra Anglo-Zulu adentraria os anos seguintes, culminando na derrota de seu líder, Cetewayo. Em 1879 a Griqualândia Leste e a Fingolândia também foram anexadas à Colônia do Cabo – que tinha agora suas forças militares combatendo os Sotho na Basutolândia. É, em suma, um período em que o território sul-africano tem suas fronteiras e poderes políticos questionados e alterados a todo momento.

Em 1881 o Transvaal consegue sua independência através daquela que é conhecida entre alguns historiadores como a “Primeira Guerra Anglo-Bôer” – o fim dos conflitos armados, contudo, não coloca um ponto final à tensão. Howard Hillegas, um dos pioneiros

¹⁴⁰ GILIOMEE, Hermann – *The Afrikaners – Biography of a People*, p.283-5. O conflito entre ingleses e Zulus alimentou muitas daquelas que se tornaram conhecidas como “guerras imperiais”. Na década de 1870, destaca-se especialmente o conflito com o exército de Cetewayo, em 1879, quando a primeira investida das tropas inglesas foi derrotada. Uma segunda campanha foi realizada, derrotando os zulus. Cetewayo foi exilado na Cidade do Cabo e seu reino foi dividido em treze chefias, comandadas especialmente por aqueles que eram opositores da política do antigo rei zulu, em uma tentativa britânica de neutralizar quaisquer possibilidades de novos conflitos militares.

¹⁴¹ WILKINSON, Spenser – *British Policy in South Africa*. Londres: Sampson Low, Marston & Company, 1899, pp.35-6.

no estudo das relações entre ingleses e transvaalers¹⁴², reforça que a partir de 1884 os atritos seriam intensificados pela divulgação da presença de ouro no território bôer.¹⁴³

É também neste período começam a circular obras como *Imperialism in South Africa*, de J. Ewing Ritchie,¹⁴⁴ texto em que o autor discorre acerca das relações estabelecidas entre ingleses, nativos e bôeres e as alternativas que podem ser encontradas para garantir a soberania britânica na região. O interesse do público por textos ambientados neste território torna-se mais compreensível quando temos em mente o conturbado cenário de que se tinha notícia – Olive Schreiner, sob o pseudônimo de Ralph Iron, e Mary Ann Carey-Hobson ofertavam ao público relatos deste cotidiano, e personagens vivenciado os debates apresentados nos jornais.

Também o argumento de Susan Greenstein pode auxiliar na compreensão da popularidade de romances como o de Schreiner. Greenstein define a literatura produzida pelo e para o império como o espaço em que o “homem branco” toma a África como local de satisfação de seus desejos – sejam estes desejos os de aventura e façanhas, de poder político ou mesmo os de empreender jornadas pelos meandros de sua psique tendo como pano de fundo um cenário exótico.¹⁴⁵ Podemos entender que *African Farm* insere-se neste padrão de narrativa a partir do momento em que a fazenda sul-africana é tomada como

¹⁴² HILLEGAS, Howard – *Oom Paul's People – A Narrative of the British-Boer Troubles in South Africa, With a History of the Boers, the Country and its Institutions*. Nova York: D. Appleton and Company, 1899.

¹⁴³ O norte-americano Howard Hillegas afirma que seu livro *Oom Paul's People...* originou-se da necessidade de um conhecimento dos *transvaalers* que fosse “livre de preconceitos”, dado o crescimento comercial entre os Estados Unidos e a África do Sul – e, em especial, com o Transvaal, onde viveria então por cinco anos. É interessante notar como, ao tentar despir aquela população dos ideais que normalmente eram atrelados a ela, o autor acaba por reforçar estereótipos. Destaco: “(...) Em 1854 um *Dutchman* chamado Jan Marais, que há pouco retornara da caça ao ouro na Austrália, explorou o Transvaal e encontrou muitas evidências do metal. Os Bôeres, temendo que sua terra fosse invadida por caçadores de ouro, pagaram cinco mil libras a Marais e o mandaram para casa, não sem antes obter a promessa de que ele não revelaria seu segredo.” Ou seja – o povo do Transvaal é uma comunidade fechada, que não vê o estrangeiro com bons olhos: idéia que agitará boa parte dos choques políticos entre o Cabo e o Transvaal na década de noventa. Além disso, também temos que os trinta anos que separam 1854 de 1884 (quando da divulgação de descoberta de ouro no território) certamente confeririam outra interpretação à máxima “calar é ouro” – mas pode-se desconfiar de que esse silêncio de três décadas esteja diretamente atrelado à promessa de Jan Marais. Cf. op cit, p.65.

¹⁴⁴ RITCHIE, J. Ewing – *Imperialism in South Africa*. London: James Clarke & Company, 1881. Ressaltamos que em passagem desta obra, Ritchie também descreve uma “fazenda africana” – “(...) De seu *homestead*, nenhum fazendeiro inglês consegue ter idéia do que seja a fazenda africana. Ela normalmente engloba centenas de acres de terra que, à exceção dos jardins e vinhedos, não são demarcados, os limites da fazenda são meras pedras que normalmente têm as iniciais do proprietário. Conseqüentemente as ovelhas e o gado ficam sob os cuidados de homens cuja única tarefa é mantê-los em um determinado lugar e prevenir que se percam pelos vales e florestas das vizinhanças. À noite eles são trazidos de volta e colocados em segurança em um curral ou *kraal*.” Cf. pp.15-16.

¹⁴⁵ GREENSTEIN, Susan M. – “Miranda's Story: Nadine Gordimer and the Literature of Empire” *NOVEL: A Forum on Fiction*, vol. 18, n. 3, 1985, p.227.

cenário de exploração dos “meandros da psique” de seus personagens principais – Waldo e Lyndall. A paisagem, o comportamento e os conflitos de seus personagens parecem simbióticos:

“[Waldo] olhou a lua, e também as folhas do cacto que estava logo à sua frente. Elas brilhavam, brilhavam e brilhavam, assim como seu coração – frio, tão duro, repleto de rancor. (...)”

Com os olhos inchados, ele sentou em uma pedra no topo do kopje; e o cacto, cada uma de suas folhas duras, piscava, piscava e piscava para ele. Ele começou a chorar novamente, mas parou ao olhar o cacto. Ficou em silêncio por um longo período, e então, lentamente, ajoelhou-se e curvou-se. Há um ano carregava um segredo em seu coração. (...) “eu odeio Deus!”, disse. O vento apanhou suas palavras, carregando-as por entre as pedras, e por entre as folhas do cacto. Tinha a impressão de que tinham morrido já na metade da descida do kopje. (...)”¹⁴⁶ XVIII

Inserir ou não o romance de estréia de Olive Schreiner no gênero “literatura imperialista” é uma questão que tem distanciado-se do consenso a cada novo trabalho apresentado. Como não é nossa intenção aqui acirrar ânimos e gerar intrigas, fiquemos com a idéia de tentar destrinchar algo da especificidade do testemunho¹⁴⁷ feito pelas linhas de *African Farm*.

*

“A lua cheia africana derramava sua luz na vasta e solitária planície” – ou não tão solitária assim. Afinal, como o *Daily News* de março de 1883 afirmava, “bôeres, *kaffirs*, hotentotes, *dutchmen*”: todos participavam do cenário que era assim apresentado em *The Story of an African Farm*.

Dividido em duas partes, o romance centra-se na vida de duas crianças – Lyndall, órfã, anglófona, constantemente nos é apresentada em situações que demonstram seu deslocamento no ambiente em que se insere; e Waldo, pastor das ovelhas e avestruzes, filho

¹⁴⁶ *The Story of an African Farm...*, p.42.

¹⁴⁷ Cf. CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – *A História Contada – capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998, p.8.

de Otto (o capataz da fazenda), é a principal origem dos debates acerca da fé e do ceticismo. Com menor destaque, a jovem Em também tem importância para a narrativa, uma vez que funciona essencialmente como contraponto para as personalidades questionadoras e incisivas de Waldo e Lyndall. Também anglófona, Em é filha do dono original da fazenda, que se casara com Tant'Sannie, referenciada em tantas passagens apenas como a *boer woman*. É Tant'Sannie que administra agora a fazenda com a ajuda de seu capataz alemão Otto, contando também com o trabalho de *kaffirs* e hotentotes.

O microcosmo da fazenda é alterado com a chegada de Bonaparte Blenkins – presente apenas na primeira parte do romance, Blenkins é vil, interesseiro e manipulador, e sua figura tem grande apelo cômico. Tenta seduzir Tant'Sannie, trama contra Otto mesmo após ter sido acolhido em sua casa, atormenta e persegue as crianças.

A segunda parte do romance perde a figura de Blenkins para a chegada do menos expressivo Gregory Rose, o jovem inglês que passa a ocupar o lugar de Otto como capataz da fazenda após a morte do alemão. É nesta parte do livro que somos apresentados aos personagens então adultos. Lyndall realizou o ideal de estudar fora e deve voltar para passar alguns dias com a família em breve – é aguardada com ansiedade por Em, que permanece essencialmente a mesma figura desenhada para os anos anteriores, com exceção de seu envolvimento com Gregory Rose. Waldo decidiu deixar a fazenda e partirá em breve em busca de emprego.

Descobre-se que Lyndall está grávida de seu amante – com quem se recusa a casar, apesar de várias insistências. “Você é o primeiro homem de quem tive medo”, justifica-se,¹⁴⁸ explicando em seguida que teme ficar presa a um homem mais forte que ela, que termine por sufocá-la. A jovem propõe que fujam para o Transvaal, o lugar que “está fora do mundo.”¹⁴⁹ Só encontraremos Lyndall vários meses depois, quando Gregory Rose, aflito com a falta de notícias, parte em sua busca. Abalada com a morte de sua filha dois dias após o parto, a jovem definha há meses na cama de uma pensão. É Rose quem acompanha e auxilia Lyndall até a morte da personagem.

Na fazenda, a vida segue. Aproxima-se o casamento de Em e Gregory Rose. Tant'Sannie e seu terceiro marido visitam-nos com o filho recém-nascido. Waldo, ainda

¹⁴⁸ *The Story of an African Farm...*, p.238.

¹⁴⁹ *Idem*, p.239.

muito perturbado com a morte de Lyndall, encontra no sono sob o sol africano a única crença capaz de atenuar sua agonia. E não acorda.

Uys Krige foi um dos estudiosos que definiram como “imperfeita” a construção dos personagens de Olive Schreiner. Parte deles, afirma, é apresentada de maneira bastante superficial – são construídos *from outside*, segundo o autor –, enquanto outros são apresentados de maneira detalhada e minuciosa: *from inside*.¹⁵⁰ Teríamos desta forma um desequilíbrio narrativo em que a densidade do enredo concentra-se primordialmente nos personagens de Lyndall e Waldo. Krige argumenta ainda que a própria Schreiner tornou-se partidária de idéia bastante próxima a essa, já que em 1884, escrevendo a Havelock Ellis, dizia-se arrependia por não ter apresentado Bonaparte Blenkins de maneira mais humana, concentrando-se apenas na faceta do burlesco.¹⁵¹

Ampliar o olhar acerca do que é apresentado talvez possa atenuar o fantasma da superficialidade. Exemplo disto é a análise que Gerald Monsman apresenta do mesmo Bonaparte Blenkins, afirmando que apesar do desejo da autora sul-africana de aprofundar-se mais no aspecto psicológico de Blenkins e conferir mais “realismo” ao personagem, “pode-se dizer que, por ser uma representação mítica/paródica do poder patriarcal, Blenkins não poderia ser mais real. Ele é uma típica figura satírica e é artisticamente muito valioso como tal.”¹⁵² XIX

Definindo o personagem como “engenhoso e intricado”, Monsman argumenta que apesar da espontaneidade da invenção, a escolha do sobrenome *Blenkins* explora uma derivação do antigo verbo *blenk* – baseado, por sua vez, no anglo-saxão *blencan*: *hoodwink* ou *deceive* (enganar, ludibriar) – “Relacionando-se em significado tanto com *blink* e *wink*, *blenk* também é uma variação de *blench* e liga Blenkins e a fazenda à luz do dia – que reflete a ‘violenta luz solar, até que os olhos doessem e fugissem com medo.’”¹⁵³ Piscadelas

¹⁵⁰ KRIGE, Uys (ed.) – *Olive Schreiner: a selection*. Cape Town, New York, London: Oxford University Press, 1968, p.3.

¹⁵¹ Ibidem. No excerto da carta destacada por Uys Krige, Schreiner escreve ainda – “*he [Blenkins] was painted roughly from the Outside ... not sympathetically from the inside...*”.

¹⁵² MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner's Fiction...*, pp.60-1.

¹⁵³ Idem, pp. 62-3.

e “olhares atravessados” são constantemente atribuídos a Blenkins no decorrer da narrativa, com especial destaque para as ações que evidenciariam a dissimulação do personagem.¹⁵⁴

Creio que é também a figura Bonaparte Blenkins aquela que dialoga, talvez não de maneira direta, com a idéia do *outsider* de Susan Greenstein.¹⁵⁵ É Blenkins que, com sua chegada, transforma o microcosmo da fazenda; sua presença, além de influenciar diretamente a formação das crianças (especialmente Waldo, a quem persegue de maneira notável), altera também a ordem original daquele espaço quando, através de suas maquinções, faz com que o capataz Otto seja demitido.¹⁵⁶

A *African Farm* surge também como o meio de satisfação dos desejos de nosso *outsider*. Em Tant’Sannie, a viúva solitária que administra a fazenda, Blenkins vê a possibilidade de estabilizar uma vida de perambulâncias sem rumo – e, pior, sem dinheiro. A barreira linguística que poderia estabelecer-se entre os dois personagens – Blenkins não domina a *dutch language* de Tant’Sannie e ela não tem conhecimento do inglês – é superada através da hotentote que acompanha constantemente a *boer woman* e serve de intérprete para ambos:¹⁵⁷

“Cara senhora, você irá, acredito, desculpar essa demonstração de meus sentimentos; mas este – este pequeno retrato faz com que eu me lembre de minha primeira e adorada esposa, minha querida esposa que partiu, que é agora uma santa nos céus.”

Tant’Sannie não entendia, mas sua criada hotentote, que se sentara no chão próxima a sua patroa, traduziu do inglês para o *dutch* até onde foi capaz.

¹⁵⁴ Fica indicado que o estudo de Gerald Monsman aponta ainda alternativas outras para a exploração do nome *Bonaparte Blenkins* – o autor dialoga, inclusive, com o texto “Napoleon; or, the Man of the World” de Ralph Waldo Emerson, conhecida influência na obra de Olive Schreiner. Cf. MONSMAN, op cit, pp. 60-67.

¹⁵⁵ GREENSTEIN, Susan M. – “Miranda's Story: Nadine Gordimer and the Literature of Empire”..., p. 228. De acordo com o argumento de Greenstein, este é um outro ponto deve ser observado na definição da literatura do império: a ação do *outsider*, responsável pela narrativa – e a produção de autores como Joseph Conrad e Rider Haggard seria um exemplo desta idéia. Mesmo que a intenção de Conrad em *O Coração das Trevas* seja a de revelar “o horror! o horror!” da ação imperialista no Congo Belga, mesmo que o autor localize as “trevas”, em verdade, na Inglaterra, a narrativa é construída pelo olhar de alguém que chega, pelo *outsider*.

¹⁵⁶ Por envolver mais dados da análise, a cena envolvendo Blenkins e Otto será citada mais a frente; contudo, destaca-se que, decidido a deixar a fazenda após o incidente, Otto morre dormindo em sua cabana. *The Story of an African Farm...*, pp.93-4.

¹⁵⁷ Embora seja a hotentote a responsável direta pelo diálogo entre Blenkins e Tant’Sannie, suas falas não são reproduzidas, ou melhor, as traduções que faz dos diálogos não é apontada por Schreiner.

“Ah, minha amada!” ele prosseguiu, olhando com ternura para o retrato “oh, os adorados, os lindos traços! Minha angelical esposa! Esta é certamente uma irmã da senhora?” ele prosseguiu, fixando o olhar em Tant’ Sannie

A *Dutchwoman* corou, balançou sua cabeça e apontou para si mesma.”¹⁵⁸ XX

E, sozinho, Bonaparte Blenkins vangloria-se:

“He, he, he!” riu Bonaparte, cambaleando por entre as pedras “Ora se não há nesta fazenda o tipo mais raro de tolo a quem Deus deu pernas. He, he, he! É quando os vermes saem de suas tocas que o pássaro-preto¹⁵⁹ se alimenta! Ha, ha, ha!” E então ele se recompôs; mesmo sozinho gostava de transmitir uma certa dignidade; fazia parte dele.”¹⁶⁰ XXI

Olive Schreiner investe em um *outsider* que parece subverter o modelo idealizado do homem pronto a desbravar territórios, enaltecedor de características como bravura e coragem. Retratado de modo a transitar entre o cômico e o mau-caratismo, Bonaparte Blenkins carrega ainda o nome de um imperialista famoso – de quem seria, de acordo com suas histórias mirabolantes, descendente.

Poderíamos perguntar se não temos delineados aqui traços que seriam bastante marcantes em obras posteriores da literatura sul-africana – a crítica ao imperialismo e à ganância e instabilidade do homem inglês, por exemplo.

Um primeiro problema surge na própria definição de Bonaparte Blenkins como “inglês”. A descrição inicial do personagem é feita por Waldo –

“‘Alguém chegou hoje’, ele murmurou de repente, quando a idéia ocorreu-lhe.

‘Quem?’ perguntaram as garotas

‘Um inglês, a pé.’

‘Como ele é?’ perguntou Em.

‘Não reparei, mas ele tinha um nariz enorme’, disse lentamente o menino. ‘Ele perguntou o caminho para a sede da fazenda.’

¹⁵⁸ *The Story of an African Farm...*, p.73.

¹⁵⁹ Vale destacar que na simbologia cristã o pássaro-preto é tomado como um símbolo do pecado – especialmente aqueles da gula, do roubo e da mentira (ações que fazem lembrar muito da conduta do personagem de Bonaparte Blenkins).

¹⁶⁰ *The Story of an African Farm...*, p.86.

‘Ele não disse o nome dele?’

‘Sim – Bonaparte Blenkins.’”¹⁶¹ XXII

No entanto, em páginas seguintes a origem de Blenkins torna-se nebulosa – é lançada a idéia de que ele seria, na verdade, irlandês. A primeira menção pode parecer ao leitor apenas mais um recurso utilizado por Scheriner para demonstrar o caráter duvidoso do recém-chegado à fazenda. O capataz Otto tenta mediar a apresentação de Blenkins a Tant’Sannie –

“*You vagabonds se Engelschman!*”, disse Tant’Sannie olhando diretamente para ele.

A frase aproximava-se a um inglês raso e simples; mas o homem observava a mulher dura e impassível parecendo distraído, completamente alheio a qualquer oposição que estivesse sendo demonstrada a sua figura.

‘Você não poderia ser escocês ou algo do tipo, poderia?’ sugeriu o alemão. ‘Ela odeia ingleses.’

‘Meu caro amigo,’ disse o recém-chegado, ‘cada centímetro de mim é irlandês – pai irlandês, mãe irlandesa. Não tenho nenhuma gota de sangue inglês em minhas veias!’

‘E você não seria casado, seria?’ o alemão prosseguiu. ‘Não teria esposa e filhos? Os *Dutch* não gostam muito daqueles que não são casados.’

‘Ah,’ disse o estranho, olhando ternamente para a mulher impassível, ‘tenho uma adorada esposa e três adoráveis criancinhas – duas graciosas meninas e um esplêndido menino.’

A informação foi transmitida à mulher bôer – que, após mais algumas palavras, pareceu apaziguar-se; no entanto, continuou firme em sua convicção de que as intenções daquele homem não eram boas.

‘Porque, Deus!’ ela choramingou ‘todos os ingleses são feios, mas será que já existiu algo próximo a esse inútil maltrapilho de nariz vermelho e olhos desonestos? Leve-o para sua casa!’ disse ao alemão ‘para que todo pecado que ele cometa fique na sua porta.’”¹⁶² XXIII

A segunda menção à origem de Blenkins dá-se em um diálogo com o ingênuo Otto. “Sendo um estudioso da história, você sem dúvida já ouviu falar de meu famoso parente, Napoleão Bonaparte?”¹⁶³

¹⁶¹ Idem, p.47.

¹⁶² *The Story of an African Farm...*, pp.52-3.

“(...) Nasci a esta hora, numa tarde de abril, há cinqüenta e três anos. A enfermeira, meu caro senhor – que foi a mesma que cuidou do nascimento do Duque de Sutherland – touxeme para minha mãe: ‘Há apenas um nome para essa criança’, ela disse: ‘ele tem o nariz de seu grande antepassado;’ e então meu nome tornou-se Bonaparte Blenkins – Bonaparte Blenkins. Sim senhor... parte de meu lado materno liga-se a partes do lado materno dele!”

O alemão estava perplexo.

‘A conexão’ disse Bonaparte ‘é de um tipo que não pode ser facilmente compreendida por aqueles que estão desacostumados ao estudo das linhagens aristocráticas; mas é muito próxima.’

‘Será possível!’, exclamou o alemão, parando seu trabalho – atento e admirado. ‘Napoleão, um irlandês!’”¹⁶⁴ XXIV

Até este ponto, a construção narrativa faz com que a idéia de que Bonaparte Blenkins seja, em verdade, irlandês, adquira contornos cômicos – a afirmação de sua origem parece mais um dos recursos utilizados pelo personagem para assegurar sua estadia na *African Farm*. Mas na terceira e última menção à nacionalidade de Blenkins, a dúvida é estabelecida:

“Antigamente, quando era um garotinho que brincava nas sarjetas irlandesas, ele, Bonaparte, era conhecido entre seus camaradas pela alcunha de *Tripping Ben*, dada sua excepcional destreza em, apenas esticando seu pé, derrubar qualquer companheiro mais desafortunado (...)”¹⁶⁵ XXV

Algumas interpretações podem ser apresentadas para o trânsito de Bonaparte Blenkins entre o *englishman* e o *irishman*. A primeira delas dialoga com a idéia da “britanicidade” do império (*the Britishness of the Empire*), conforme define o *Oxford History of the British Empire*:¹⁶⁶ trabalhando com o argumento de que o império britânico é, por excelência, inclusivo, as colônias são ocupadas e governadas, antes de mais nada,

¹⁶³ Idem, p.58.

¹⁶⁴ *The Story of an African Farm...*, pp.58-59.

¹⁶⁵ Idem, p.111. Destaca-se também que a passagem reforça algo do caráter traiçoeiro que define o personagem ao longo do romance de Schreiner.

¹⁶⁶ PORTER, Andrew (org) - *The Oxford History of British Empire – Vol. III: The Nineteenth Century*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1999, p.20.

por *britânicos*, e não apenas por *ingleses*.¹⁶⁷ Desta forma podemos entender que o personagem criado por Olive Schreiner não é traíçoeiro por ser *inglês* ou *irlandês*, mas sim por ser *britânico* – por ser um agente do imperialismo e por corroborar com discursos de dominação e superioridade.

Aceitar a idéia de que Blenkins é irlandês, no entanto, pode apontar para uma curiosa associação: ao longo da narrativa, percebe-se que os personagens marcados pela tônica da vilania aproximam-se entre si. Os hotentotes, Bonaparte Blenkins e Tant’Sannie são apresentados como trapaceiros, interesseiros e donos de moral duvidosa. À época, o caráter de Blenkins poderia ser justificado através de sua origem – e a partir da idéia de selvageria e barbárie atribuída ao irlandês.¹⁶⁸ Alguns relatos chegavam mesmo a aproximá-los aos hotentotes em comportamento, temperamento e violência.¹⁶⁹ A associação do personagem à *boer woman* grosseira e aos hotentotes desonestos pode surgir, nesse sentido, como algo natural.

Uys Krige, pesquisador que criticou Olive Schreiner pela construção de Bonaparte Blenkins, vê problemas também na elaboração da personagem Tant’Sannie, que teria ficado muito abaixo de suas potencialidades para o romance. No entender de Krige, a *boer woman* é desenhada de forma caricata – mas os traços que são reforçados em Bonaparte Blenkins aparecem atenuados em sua personalidade, fazendo com que ela acabe muitas vezes por ser “redimida por seu tom cômico.”¹⁷⁰ A análise das relações estabelecidas entre colonos anglófonos e bôeres será explorada mais detalhadamente no capítulo que segue; contudo, alguns pontos devem ser destacados para que a personagem de Tant’Sannie não fique limitada pela idéia do burlesco.

Tant’Sannie é ignorante e grosseira – tanto em seu aspecto físico quanto moral. Ela é uma das primeiras personagens a quem somos apresentados,¹⁷¹ surgindo na narrativa logo após a apresentação da própria fazenda-título: “rolando pesada em seu sono, mas não

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ Cf. FITZPATRICK, David – “Ireland and Empire” in PORTER, Andrew (org) – op cit, pp. 470-494.

¹⁶⁹ A idéia do irlandês próximo ao “selvagem” foi corriqueira ao longo do XIX e incios do XX. Em onze de maio de 1893, por exemplo, a revista *Life Magazine* trazia no espaço dedicado aos *cartoons* o desenho de um macaco alimentando-se com uma colher e um guardanapo amarrado ao pescoço, e embaixo lia-se “Como ousamos batizar os macacos do zoológico com nomes irlandeses, [alguns] (...) exigiram que os nomes fossem alterados. Não poderíamos ignorar os pedidos: é realmente muito injusto – com os macacos.” Apud ARONSON, Marc – *Race: A History Beyond Black and White*. New York, Ginee Seo Books, 2007, p.148.

¹⁷⁰ KRIGE, Uys (ed.) – *Olive Schreiner: a selection...*, p.3.

¹⁷¹ *The Story of an African Farm...*, p.36.

assombrada por fantasmas ou demônios”, tampouco recordando-se de seus maridos – o primeiro, *the young boer*, e o segundo, *the consumptive Englishman* – mas sim com alguns dos *sheep trotter’s*¹⁷² que foram seu jantar: um deles ficava preso em sua garganta e ela não conseguia respirar... revirava-se na cama, resfolegante.

A *boer woman* e Bonaparte Blenkins aproximam-se em muitos aspectos: além de dividirem o tom de galhofa do romance, são ignorantes e guiados essencialmente por seus interesses materiais.¹⁷³ O casamento, para Tant’Sannie, é encarado como uma instituição econômica¹⁷⁴ já que, desposando três homens distintos ao longo do romance não apenas garantiu seu meio de vida, mas também acumulou bens – inclusive a *African Farm*, herdada de seu marido inglês, pai de Em. Enquanto isso, Bonaparte Blenkins arquiteta planos de chegar ao coração (econômico) da *boer woman*: nas entrelinhas do romance, revela-se também o caráter parasitário dos personagens.

O comportamento de Sannie converge novamente com o de Bonaparte Blenkins quando descobrem o interesse de Waldo em livros que estão guardados no sótão da casa de Sannie, e que foram herança de seu último marido. Encontrando um título nas mãos do jovem, Bonaparte “logo concluiu a natureza do livro” através do uso de uma “antiga regra agora muito em uso”:

“Quando tiver contato com um livro, pessoa ou opinião da qual você não compreenda absolutamente nada, declare este livro, pessoa ou opinião como sendo imoral. Ofenda, insulte, insista fortemente que qualquer homem ou mulher que lhe dê guarida é um estúpido, ou um tratante – ou ambos. Abstenha-se cuidadosamente de seu estudo. Faça tudo que estiver ao seu alcance para acabar com este livro, pessoa ou opinião.

(...)

“Este livro”, disse Bonaparte, “não é um estudo apropriado e legítimo para uma mente jovem e imatura.”

Tant’Sannie não entendeu nenhuma palavra e perguntou – O quê?”

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Uma passagem em que o tom cômico e o materialismo de Tant’Sannie aparecem bastante evidenciados é aquela em que o narrador revela, no serviço religioso dominical – quando Blenkins, usando trajes novos emprestados por Otto, prega sobre os perigos da mentira: “Havia uma coisa na existência terrena pela qual Tant’Sannie tinha profunda reverência, que exercia uma forte influência, que a tornava uma mulher melhor – uma roupa preta nova e brilhante...” Cf. *The Story of an African Farm...*, p.69.

¹⁷⁴ Cf. MONSMAN, Gerald – *Olive Schreiner’s Fiction...*, p.65.

“Este livro”, disse Bonaparte, pressionando seu dedo com força na capa do livro, ‘este livro é *sleg, sleg, Davel, Davel!*’

Tant’Sannie percebeu pela gravidade de sua expressão que não estavam brincando. Pelas palavras *sleg* e *Davel* entendeu que o livro era ruim (...)

“Dê aqui! Qual o nome disso? Sobre o que é?” – ela perguntou, colocando o dedo sobre o título.

Bonaparte entendeu – “Economia Política”, respondeu lentamente

“Deus do céu!”, disse Tant’Sannie – ‘percebe-se pelo som que é um livro pecaminoso! Mal podemos pronunciar o nome! Já não temos maldições suficientes nessa fazenda? (...) O pastor não me disse para ler somente a Bíblia e meu hinário, porque o demônio estava em todos os outros livros? E eu nunca li outra coisa!’ – disse, com energia virtuosa – ‘e nunca lerei!’¹⁷⁵ XXVI

Alguns críticos do trabalho de Schreiner avaliam que Tant’Sannie é uma versão das “mulheres bôeres” com quem conviveu entre os anos de 1873 e 1881 – quando de seu trabalho como tutora de crianças.¹⁷⁶ Este argumento vincula-se principalmente ao confronto étnico estabelecido entre ingleses e bôeres ao longo dos anos de ocupação do território sul-africano. Destacamos aqui um ponto do romance que dialoga com esta questão: a justaposição construída entre as personagens de Tant’Sannie, a *boer woman*, e Lyndall, a jovem anglófona e órfã.

Lyndall é constantemente apontada como alter-ego de Schreiner, a personagem escolhida pela autora para articular seus argumentos acerca da posição da mulher na sociedade – argumentos estes que ganhariam mais forma e fôlego em obras posteriores, especialmente em *Woman and Labour*.¹⁷⁷ É Lyndall que questiona a dependência econômica e intelectual da mulher, o papel do casamento e da maternidade.¹⁷⁸ É também a personagem que faz com que o nome de Olive Schreiner passe a circular nos grupos de debates de gênero e sexualidade em sua estadia na Inglaterra, a partir de 1881.

Enquanto Lyndall torna-se a responsável por imprimir a ousadia e o inovador à narrativa, Tant’Sannie é aquela nos relembra constantemente dos valores que estão sendo

¹⁷⁵ *The Story of an African Farm...*, pp. 112-114. *Sleg* seria o equivalente da *Taal* ao “bad” da língua inglesa.

¹⁷⁶ Gerald Monsman, por exemplo, é um dos partidários deste argumento. Cf. op cit, p.65.

¹⁷⁷ SCHREINER, Olive - *Woman and Labour*. New York: Frederick A. Stokes Company Publishers, 1911.

¹⁷⁸ BURDETT, Carolyn - *Olive Schreiner and the Progress of Feminism...*, p.31.

questionados – religiosidade, acesso ao conhecimento, casamento, sexualidade. A *boer woman* imprime, até mesmo com seu corpanzil, a idéia do imutável que se tornou incômodo. Como destacam Ruth First e Ann Scott¹⁷⁹, Lyndall é a rebeldia contra a vida inalterável que o ambiente da fazenda oferece, especialmente por seu desejo de cessar a reprodução do estilo de vida representado por Tant’Sannie. Sua determinação em criar seu filho sem a ajuda de seu amante – mesmo tendo conhecimento de que seria hostilizada por sua escolha – e a recusa a uma suposta segurança oferecida pelo casamento chegam como o ápice de sua rebeldia contra um modelo que a sufocava.

Em *Other Women and New Women* Anita Levy¹⁸⁰ argumenta que *African Farm* vale-se da representação de um ambiente doméstico e familiar marcado pelo emprego da força para colocar em questão os valores da sociedade Vitoriana. Este ambiente, contudo, é o de uma fazenda bôer: ora, se a mulher bôer apresentada por Olive Schreiner é marcada no romance pela ignorância, pelo não-questionamento do que lhe é imposto, ela se torna o veículo para que passemos a questionar, portanto, a validade deste mesmo ambiente doméstico.

Mas a questão apresentada por *African Farm* não se concentra propriamente no conflito inglês *versus* bôer – conflito este que seria explorado por Olive Schreiner com maior profundidade em obras subsequentes. Embora seja clara a distinção entre Lyndall e Tant’Sannie – entre a anglófona e a *boer woman*, entre um modo de vida que tende a reproduzir-se infinitamente e aquele questionador de sua realidade – vale a pena lembrarmos que, caso a intenção da literata sul-africana fosse unicamente aquela de ressaltar este conflito e tecer juízos de valor, não encontraríamos no romance, com o espaço que lhe é dedicado, a figura de Em – que é, tanto quanto Lyndall, uma mulher anglófona,¹⁸¹ mas aproximada a Tant’Sannie em conduta e ignorância.

Retomando algo do jogo etimológico que Gerald Monsman explorou no nome de Bonaparte Blenkins, podemos valer-nos dessa estratégia para levantar ainda um último

¹⁷⁹ FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography...*, p.339.

¹⁸⁰ LEVY, Anita – “Other Women and New Women” in WEST, Shearer (ed) – *The Victorians and Race*. Aldershot: Ashgate, 1996, pp.171-179.

¹⁸¹ Atente-se para um diálogo entre as duas personagens que marca nitidamente o fato de serem representantes de ideais distintos – “Não tenho pressa em colocar meu pescoço sob os pés de homem nenhum; e tampouco sou entusiasta do choro de bebês”, ela [Lyndall] disse ... ‘Existem outras mulheres que se contentarão com isso’ / Em sentiu-se repreendida e envergonhada. Como ela poderia mostrar a Lyndall o linho branco, a grinalda e os bordados?” Cf. *The Story of an African Farm...*, p.184.

argumento a nosso favor: a forma *Sannie* é indicada por dicionários etimológicos do século XIX como sendo uma possível contração do inglês para *Alexandra* – do grego, “condutora” ou “protetora de homens.” Temos então Lyndall, a personagem que prega a libertação da mulher, construída em oposição àquela que “protege” uma tradição atrelada essencialmente ao domínio patriarcal (já que um outro possível significado para *Alexandra* é “aquela que resiste”).¹⁸²

Ao abordar a questão da *new woman versus old woman*, o texto de Anita Levy indica ainda um ponto que é constantemente trabalhado pelas análises de *African Farm* – a posição indiferente do romance aos *kaffirs*, *bushmen* e hotentotes:

“(…) O feminismo progressista de Schreiner é impregnado pela infeliz ciência Vitoriana, transformando-se, como Barash (1987) argumenta, em “inequívoca e fundamentalmente racista”. (...) um ... estudo conta quantas vezes termos ‘nativos’ aparecem em *African Farm* e conclui, creio que de maneira correta, que o romance mostra-se indiferente aos *kaffirs*, hotentotes e *bushmen* que pontuam a paisagem. Eles tornam-se importantes na medida em que facilitam, explicam ou imitam as ações dos europeus (McClintock, 1995). (...)”¹⁸³ XXVII

Ruth First e Ann Scott justificam o fato de *African Farm* não ser o “romance de relações raciais que as pessoas esperam” lembrando que o cerne da narrativa é a experiência colonial branca, especialmente seu impacto na formação das crianças: Waldo, Lyndall e Em tornam-se desta forma tanto símbolo quanto expressão deste sistema colonial. Os africanos do romance de Schreiner, por sua vez, são, sim, “extras” – mas porque assim o eram na própria condição colonial.¹⁸⁴

Deborah Shapple retornou o tema recentemente.¹⁸⁵ A autora participa de uma tradição que, nos últimos anos, explora como o sentimento de empatia de Schreiner pelos *bushmen* – *san* –¹⁸⁶ (não importante quão conflituosa seja essa empatia) dialoga com uma

¹⁸² *Lexicon of Greek Personal Names*. Oxford: Clarendon, 1987.

¹⁸³ LEVY, Anita - “Other Women and New Women”..., p.172.

¹⁸⁴ FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – a Biography*..., p.97.

¹⁸⁵ SHAPPLE, Deborah L. – “Artful Tales of Origination in Olive Schreiner’s *The Story of an African Farm*” *Nineteenth Century Literature*, vol. 59, n.1, 2004, pp.78-114.

¹⁸⁶ Destacamos Adam Kuper: “Inicialmente, os termos *hottentot* [hotentote] e *kaffir* eram utilizados indistintamente para designar as populações nativas, mas na metade do século XVIII estabeleceu-se a convenção de dividi-las em dois grupos: hotentotes e kaffirs. O primeiro compreendia os povos nativos ‘amarelos’ do Cabo ocidental, sítio da colônia original. Esta população era constituída de pastores, caçadores

crescente articulação de suas ponderações do modelo colonial.¹⁸⁷ A análise de Shappel baseia-se, por exemplo, no diálogo que Waldo tece em vários momentos com a história *bushmen* – e, em especial, sua arte:

“Às vezes’ ele acrescentou baixando a voz ‘deito lá com minhas ovelhas, e é como se as pedras realmente estivessem falando – falando de coisas antigas, do tempo em que viviam peixes estranhos e animais que agora foram transformados em pedra, e tínhamos lagos aqui; e depois do tempo em que os pequenos *bushmen* viveram, tão pequenos e feios, dormindo em tocas de animais selvagens (...), comendo cobras, e caçando com suas flechas envenenadas. Foi um deles, um desses selvagens *bushmen* que desenhou isso’ – disse o menino, apontando para as imagens – ‘um que era diferente dos outros. Ele não sabia por que, mas queria fazer algo bonito – queria fazer algo, então fez estes desenhos. Trabalhou muito, muito, até encontrar os sumos para fazer a tintura; encontrou este local em que estas pedras se erguiam, e pintou. Parecem-nos apenas coisas estranhas, que nos fazem rir; mas para ele eram muito bonitas.”¹⁸⁸ XXVIII

George McCall Theal, historiador sul-africano contemporâneo de Olive Schreiner e um dos autores que a literata visitava com maior frequência, escreveu em 1880 em prefácio

e *strandlopers* [catadores de mariscos]. Na fronteira oriental da colônia encontravam-se as populações ‘negras’ que diferiam dos ‘hotentotes’ em sua aparência, bem como na língua, na organização econômica e política. Os pastores e agricultores possuíam uma cultura elaborada do ferro e organizavam-se em chefaturas muitas vezes formidáveis. Eram chamados kaffirs, termo utilizado por portugueses e holandeses para designar os povos com os quais haviam entrado em contato na África oriental antes que a costa sul-africana fosse explorada. / Cada uma dessas grandes categorias viu-se, com o tempo, novamente dividida em duas seções. No século XVIII, os povos do Cabo ocidental foram subdivididos em *bushmen* [bosquímanos] e hotentotes. Em acordo com o pensamento iluminista, o critério para distinguir essas populações era econômico. Os bosquímanos eram caçadores, os hotentotes eram um povo de pastores. (...)” KUPER, Adam – “Nomes e partes: as categorias antropológicas na África do Sul” in L’ESTOILE, Benoît de, NEIBURG, Federico, SIGAUD, Lygia (org) – *Antropologia, Impérios e Estados Nacionais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2002, pp. 44-5.

¹⁸⁷ Cf. SHAPPLE, op cit, p. 78. Shapple tenta aproximar-se especialmente da pesquisa de Laura Chrisman que, explorando a ficção de Olive Schreiner da década de noventa do XIX, argumenta que a crítica da literata sul-africana ao imperialismo capitalista britânico expõe uma exploração de mão da obra e da terra que afetava de igual maneira africanos quanto colonos europeus. A posição de Chrisman é explorada com mais atenção em nossa análise de *Trooper Peter Halket of Mashonaland*. Cf. CHRISMAN, Laura. *Rereading the Imperial Romance – British Imperialism and South African Resistance in Haggard, Schreiner, and Plaatje*. Oxford//New York: Oxford University Press, 2000.

¹⁸⁸ *The Story of an African Farm*, p.49.

para seu *The native races of South Africa: a history of the intrusion of the Hottentots and Bantu into the hunting grounds of the Bushmen, the aborigines of the country*¹⁸⁹:

“Alguns anos após minha chegada à Colônia, fiquei impressionado em saber que os Hotentotes eram os habitantes nativos do lado ocidental [da colônia], os *kaffirs*, do lado oriental, e que os Bushmen vagavam sem reivindicação alguma a território, e sem morada fixa. Minhas concepções mudaram conforme minhas anotações foram se acumulando e, conforme fui obtendo mais informações acerca das tribos nativas, tornei-me grande defensor da idéia de que o bushmen, sozinho, era o verdadeiro nativo do país – e que todas as outras raças mais fortes, sem exceção, eram meros intrusos. (...)”¹⁹⁰ XXIX

Sabendo da influência de Theal na obra de Schreiner, a intenção das passagens que mencionam as pinturas admiradas por Waldo pode ganhar um significado mais amplo do que a mera reprodução e manutenção de um contexto colonial que privilegia o branco, como afirmam First e Scott. Waldo – ele também um artista, que entalha grosseiros cenários em madeira – reconhece o *bushman* como seu predecessor no território sul-africano. E mais: torna-se, na construção narrativa de Schreiner, seu sucessor como aquele de Deborah Shappel denomina *indigenous colonial artist*. Além disto, Waldo também termina a narrativa desvinculado do território sul-africano, assim como os *bushmen* de Schreiner. Ao longo da narrativa, o relacionamento do jovem pastor com a paisagem, como já mencionamos antes, é quase simbiótico: reconhecer que aquele território que o cativou durante toda sua vida é agora cenário de desilusão – num crescendo, a perseguição empreendida por Bonaparte Blenkins, a morte de seu pai, a morte de Lyndall – custa a Waldo sua própria vida.

A menção a Waldo e seu pai faz lembrar outras passagens do romance importantes para nosso argumento acerca da inserção de *bushmen*, *kaffirs* e hotentotes na narrativa. Otto, o alemão de feições infantis e extremamente religioso, é o personagem que representa a bondade extrema – transformando-se, afinal, em um ingênuo facilmente manipulado.

¹⁸⁹ THEAL, George McCall - *The native races of South Africa: a history of the intrusion of the Hottentots and Bantu into the hunting grounds of the Bushmen, the aborigines of the country*. London: Swan Sonnenschein & Co, 1905, p.ix.

¹⁹⁰ THEAL, George McCall - *The native races of South Africa...*, p.ix.

Logo ao início do romance, quando somos apresentados ao cotidiano de trabalhos da fazenda, encontramos Otto quando ele deveria supervisionar o trabalho dos *kaffirs*:

“(...) Ele permanecia próximo ao curral, sob o sol escaldante, explicando aos dois garotos *kaffir* a aproximação do fim do mundo. Os garotos, conforme separavam os montes de esterco, piscaram um para o outro, e trabalharam tão lentamente quanto podiam – o alemão nunca via.”¹⁹¹ XXX

Em outro episódio, vinte ovelhas desaparecem da fazenda, e Tant’Sannie tem a certeza de que foi um *kaffir* o responsável por seu roubo. Otto afirma que não – perguntara ao *kaffir*, que respondera “de maneira tão *distinta*, como eu poderia pensar que ele mentiu?”¹⁹² – conclui o alemão.

Na manhã seguinte, partindo bem cedo em busca das ovelhas perdidas, Otto encontra pelo caminho uma mulher *kaffir*, com um bebê junto a seu corpo – descobrimos tratar-se da mulher do acusado do roubo, que fugira durante a noite, abandonando-a com a criança. Ao ter conhecimento disso, Tant’Sannie expulsa a mulher e seu bebê de seis dias da fazenda – “Coração de pedra! Cruel! Oh deus! É assim? Isso é misericórdia?”, questiona-se Otto, amparando a mãe e seu filho e retornando para a fazenda.

Na fazenda, Otto é recepcionado com violência por Tant’Sannie – que recebera alguns conselhos de Bonaparte Blenkins... O alemão, sem entender o que acontece, está prestes a ser escorraçado da fazenda quando olha esperançoso para a hotentote que acompanha a *boer woman*:

“Ela era sua amiga, ela iria contar-lhe gentilmente o que estava acontecendo. [Mas] a mulher respondeu com uma alta e vibrante gargalhada. (...)”

Foi tão bom ver acuado o homem branco que um dia fora [seu] senhor. A mulher *coloured* riu, jogando mais alguns grãos em sua boca, mastigando.”¹⁹³ XXXI

¹⁹¹ *The Story of an African Farm...*, p.38

¹⁹² *The Story of an African Farm...*, pp.83-4.

¹⁹³ Idem, p.90. Emprego “[seu] senhor” onde o original refere-se a *master* tentando não perder muito do sentido original da frase.

A hotentote que fora amiga de Otto toma parte do ritual de condenação do alemão. Superada a primeira idéia de “traição” que a passagem traz, o leitor pode aprofundar seu olhar acerca da acompanhante de Tant’Sannie: a hotentote é a responsável pela comunicação entre a *boer woman* e Bonaparte Blenkins.¹⁹⁴ Ao longo da narrativa, é constantemente associada a estes personagens, inserindo-se, de forma peculiar no ambiente de “vilania,” como já vimos. Sua reação, desta forma, pode surgir como algo inerente ao papel de *vilã* que assume em sua aproximação com Blenkins e Tant’Sannie.

Mas e os *kaffirs*? Podem ser inseridos na idéia de personagens que “pontuam” a narrativa sem ter grande importância?

Embora tenhamos consciência de que a intenção primordial de Olive Schreiner é a de reforçar, sempre que possível, a imagem de ingenuidade do capataz Otto, podemos perceber como sua narrativa dá vida – mesmo que de maneira indireta – ao *kaffir*. É ele que, com piscadelas e redução do ritmo de trabalho, ludibria aquele que deveria supervisionar seu trabalho. A astúcia de dois meninos *kaffir* é muito mais expressiva que aquela do capataz. O *kaffir* que descobrimos ter roubado as ovelhas do rebanho de Tant’Sannie não precisa nem mesmo de muito esforço para convencer o alemão de que não está de forma alguma envolvido no incidente.

Olive Schreiner vale-se de personagens que podem ser tomados como “pontuais” em algumas leituras do romance para marcar Otto como um personagem essencialmente tolo. O *kaffir* da autora, contudo, não consegue escapar de definições – talvez inconscientes – como as de “ladrão” e “preguiçoso”. Poderíamos então resgatar o argumento de Ruth First e Ann Scott: o romance *African Farm*, portanto, não dá espaço para os nativos justamente por querer revelar o cenário colonial – no qual é natural que o nativo não tenha espaço?

Em um balanço da obra da autora, Gerald Monsman afirma que a intenção de Olive Schreiner muitas vezes foi a de “projetar no turbulento cenário africano uma idéia mais justa e humanitária de ‘relatividade cultural.’”¹⁹⁵ Esta relatividade é apontada em *African Farm* pelos tipos humanos que a fazenda-personagem encerra em seu espaço – e ao longo do romance, Schreiner parece fazer experimentos no relacionamento entre esses vários

¹⁹⁴ Vale destacar que as traduções feitas pela hotentote são apenas mencionadas, e não há exemplo de nenhuma fala ou tradução da personagem ao longo do romance.

¹⁹⁵ MONSMAN, Gerald - *Olive Schreiner's Fiction...*, p. 25.

tipos, quase como em um laboratório social particular: a “nova mulher” em confronto com a mulher representante das instituições que deseja superar; o relacionamento entre ingleses e bôeres – e destes com os nativos; o relacionamento entre ingleses de caráter bastante diferenciado; o confronto entre fé e ceticismo.

Neste cenário, se o hotentote, o *kaffir* ou o *bushmen* não estivessem presentes, não existira grande parte dos pequenos conflitos e realidades que formam a vida da própria fazenda. Há, sim, espaço para suas figuras no romance e na idéia do colonial de Schreiner – ainda que permeados, eventualmente, por idéias como as do preguiçoso e ladrão.

A “relatividade cultural” apontada por Monsman pode ser também identificada no prefácio escrito pela autora para a segunda edição do romance. Nele, Schreiner dialoga com um “gentil crítico”, dono da opinião de que gostaria mais do romance caso fosse uma história de “aventura selvagem”, gado, *bushmen*, inacessíveis *kranzes*, “encontros com leões e fugas de perder o fôlego.” Trabalhos assim, atesta Schreiner – “são melhor escritos em Picadilly.”¹⁹⁶

*

¹⁹⁶ *The Story of an African Farm...*, p. 28.

Capítulo II

*No Coração do País**

“(...) I’m stuck here, I fancy. I don't like to leave the kids, you see: and there's no use talking they're better here than what they would be in a white man's country, though Ben took the eldest up to Auckland, where he's being schooled with the best. But what bothers me is the girls. They're only half-castes, of course; I know that as well as you do, and there's nobody thinks less of half-castes than I do; but they're mine, and about all I've got. (...)”

Robert Louis Stevenson,
The Beach of Falesa (1892)

Em novembro de 1889 Olive Schreiner retornava à África do Sul após oito anos vivendo na Europa. Partira da terra de seu nascimento de maneira anônima, mas seu retorno era agora amplamente anunciado – tinha status de celebridade: tratava-se da autora do famoso romance *The Story of an African Farm*. Ruth First e Ann Scott, no trabalho empreendido acerca da vida de Schreiner, ressaltam que a escritora sul-africana passara então a ser requisitada pelos mais diversos círculos sociais, e que ela se sentia tocada pelo respeito e admiração recebido de pessoas que a reconheciam como a autora de um famoso livro – e que porém mal sabiam o título de sua obra.¹⁹⁷

Schreiner não demonstrava o mesmo entusiasmo de muitos com o retorno à África do Sul. Em diversas passagens de sua correspondência do período podemos notar certo

* *No Coração do País* (*In the Heart of the Country*) é o nome do segundo romance publicado por J. M. Coetzee. Elaborado na forma de um diário, destacamos uma das frases que nos inspira por seu possível diálogo com *Thoughts on South Africa*: “(...) Que fazem a dor, o ciúme, a solidão na noite africana? Uma mulher à janela, olhando para a escuridão, significa alguma coisa? (...)”. Cf. COETZEE, J. M – *No Coração do País*. São Paulo: Editora Best Seller/Círculo do Livro, 1997 (1977).

¹⁹⁷ FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – A Biography*. New York: Schocken Books, 1980, p.193.

enfado com a falta de estímulo intelectual. Em carta enviada ao amigo Havelock Ellis em vinte e sete de novembro daquele ano, Schreiner confessa sua angústia:

“(...) É o ritmo em que essas pessoas vivem, vidas pacatas o como gado. Parece que as ruas estão todas repletas de vacas e de ovelhas. Todos os homens parados às portas com seus braços cruzados; se estão fazendo alguma coisa é como se nada fizessem, fazem-no tão vagorosamente que você mal vê o movimento...”¹⁹⁸ XXXII

À solidão, outro fator deve ser somado à Olive Schreiner recém-chegada ao território sul-africano: a saúde debilitada. A asma fora agravada pelos anos vivendo na Inglaterra – talvez pelo clima, talvez pelas frustrações que enfrentou em seus relacionamentos. Buscando alento para a condição enferma, Schreiner mudou-se logo no mês seguinte à sua chegada da Cidade do Cabo para a pequena Matjiesfontein – localizada a trezentos e vinte quilômetros a noroeste do Cabo, a cidade mal seria conhecida se não fosse por sua estação de trem, que a tornava um ponto de descanso para viajantes. O clima seco da região semi-desértica assemelhava-se muito àquele do Karoo – o local que, além de ter sido o cenário da elaboração de *The Story of an African Farm*, foi também onde Schreiner passou grande parte de sua adolescência. Não se estranha, portanto, que em sua correspondência do período também figure certa dose de nostalgia.

Isolamento, enfado e doença conduziram a autora a um dos períodos em que a escrita foi mais prolífera. Datam deste período diversos textos de natureza variada – desde pequenos contos que foram em sua maioria publicados postumamente em 1923, na coletânea *Stories, Dreams and Allegories* (entre eles aquele que a própria autora classifica como sua “obra prima”, *The Buddhist Priest’s Wife* – conto que revela em suas entrelinhas o tumultuado relacionamento de Schreiner com Karl Pearson nos anos vividos na Inglaterra); passando por textos dedicados a questões de gênero e papel da mulher na sociedade que tanto interessavam à autora - em sua correspondência, Schreiner reafirma a

¹⁹⁸ Excerto de carta de Olive Schreiner a Havelock Ellis de vinte e sete de novembro de 1889, presente na compilação *Olive Schreiner Letters* – Volume 1: 1871 – 1899. Edited by Richard Rive. Oxford: Oxford University Press, 1987, p.163.

diversos amigos seu afincou no projeto de escrever uma série de volumes acerca da relação entre a mulher e o trabalho, partindo da antiguidade e chegando a seus dias.¹⁹⁹

Entre os projetos literários que ocupam os dias de Schreiner em Matjiesfontein estão também os textos que em 1923, três anos após a morte da autora, apareceriam reunidos no volume *Thoughts on South Africa*. Como o nome da compilação bem revela, são textos que se dedicam a pensar o território sul-africano, e transitam em esferas que vão da geografia à política – talvez em uma tentativa da escritora de reestabelecer suas conexões com aquele ambiente após tantos anos distante dele.

O volume final que reúne estas reflexões conta com um total de oito capítulos, cada um correspondente a um artigo elaborado pela autora entre os anos de 1890 e 1892 e organizados no volume por seu marido, Samuel Cronwright Schreiner. Alguns destes artigos chegaram mesmo a circular em publicações sul-africanas e estrangeiras,²⁰⁰ mas boa parte do material permaneceu inédito até sua publicação em 1923.²⁰¹ A edição também conta com quatro “Notes by Olive Schreiner” – pequenos textos escritos pela autora que dialogam com os capítulos de *Thoughts*, mas que não faziam parte do livro que planejava.

Acreditando que o cerne fundamental para a compreensão da África do Sul de então estava pautado na figura do bôer, Olive Schreiner voltou a planejar a publicação destes artigos em um único volume em 1896, logo após o incidente político que se tornou conhecido como Jameson Raid. O Raid poderia ser definido apenas como uma nova tentativa de anexar o Transvaal, desta vez partindo da articulação entre Cecil Rhodes e seus

¹⁹⁹ Grande parte deste material foi perdido em um incêndio na casa dos Schreiner durante a Guerra Anglo-Bôer – não se sabe se este incêndio foi um daqueles muito comuns à guerra, resultantes da estratégia de atear-se fogo às plantações e pastos para enfraquecer as guerrilhas, ou uma represália ao posicionamento do casal durante a guerra, como veremos mais à frente. Anos de trabalho foram perdidos. Contudo, parte do argumento de Schreiner pode ser encontrado na obra publicada em 1911 – *Woman and Labour* – que não teve o formato e o alcance desejados pela autora, mas que mesmo assim compila parte de seu pensamento acerca de como o trabalho é algo natural também à mulher – desde as sociedades mais primitivas, ela sempre esteve ao lado do homem, trabalhando; a sociedade contemporânea, entretanto, teria sido responsável por legar à mulher uma inatividade mórbida e destruir o universo em que homem e mulher poderiam configurar uma humanidade *una*. Cf. SCHREINER, Olive - *Woman and Labour*. New York: Frederick A. Stokes Company Publishers, 1911. O argumento acerca de homem e mulher compoem uma humanidade *una* figura primordialmente entre as páginas 44 e 45 da citada edição.

²⁰⁰ É o caso, por exemplo, daquele que se tornou o primeiro capítulo da compilação, *South Africa, Its Natural Features etc*, publicado em Londres pela revista *Fortnightly Review* em julho de 1891; pelo *Cape Times* em dezoito de agosto e, ainda no mesmo ano, pelo jornal norte-americano *The Living Age* de cinco de setembro.

²⁰¹ Apenas mais dois textos teriam aparecido publicados em periódicos – *The Boer* (segundo capítulo da coletânea, teve excertos publicados no *Cape Times* de dezesseis de abril de 1896 e nos britânicos *Daily News* e *Fortnightly Review* de doze de maio e primeiro de julho de 1896, respectivamente) e “The Wanderings of the Boer” (publicado também pelo *Fortnightly Review*, em agosto de 1896).

apoiadores. Rhodes, o dono da famosa intenção de unir “o Cabo ao Cairo”, era então Primeiro Ministro da Colônia do Cabo, e entre seus apoiadores estava Joseph Chamberlain – que assumira o Gabinete Colonial em julho de 1895.

Mas para que possamos compreender algumas das principais tensões que marcaram a década de noventa do século XIX e ter em mente a dimensão do “incidente político”, retomemos alguns fatos do território sul-africano, tendo em mente a tensão já estabelecida por incidentes anteriores – como aqueles que resultaram na chamada “Primeira Guerra Anglo-Bôer”, entre os anos de 1880 e 1881.

Cecil Rhodes, o homem que se pudesse “anexaria os planetas”, e sua Companhia Britânica da África do Sul passam a controlar em 1889 uma área de aproximadamente 750.000m² no nordeste do território.²⁰² Em vinte e nove de outubro daquele ano, Rhodes recebera a permissão legal da coroa (*charter*)²⁰³ e comprometia-se em ampliar as redes de telégrafos e ferrovias na direção do Zambeze; encorajar a colonização; estimular a troca e o comércio e, por fim, “evitar conflitos entre os vários interesses envolvidos naquela região”, comprometendo-se ainda a oferecer segurança aos chefes nativos e seus súditos, bem como manter os direitos que haviam sido reservados a eles através de várias concessões.²⁰⁴

Rhodes é eleito Primeiro Ministro da Colônia do Cabo no ano seguinte, em uma associação com o *Afrikaner Bond* de Jan Hofmeyr.²⁰⁵ A aliança, que a princípio parecia algo bastante improvável, permitiu a Rhodes conciliar o cargo político com suas atividades do monopólio. Pouco tempo após as eleições, alguns líderes do *Bond* adquiriram ações da

²⁰² Cf. Mapas apresentados no início do capítulo. Atente-se também que os dois mapas figuram como representações espaciais da África do Sul em 1899, mas o território da Bechuanalândia, por exemplo, é descrito como “Protetorado da Bechuanalândia” no primeiro mapa e como território da *Chartered Company* no segundo. Destaca-se que este segundo mapa pertence a uma publicação lançada em meio à Guerra Anglo-Bôer de 1899-1902 e que, curiosamente, não indica o Transvaal ou o Estado Livre de Orange, apenas seus principais centros econômicos.

²⁰³ Quando fizermos menção à *Chartered Company* em nosso texto, referimo-nos à Companhia Britânica da África do Sul – também mencionada aqui através da sigla CBAS.

²⁰⁴ WORSFOLD, W. Basil – *History of South Africa*. Los Angeles: University of California Press, 1900, pp.146-7

²⁰⁵ Descrito por Leonard Thompson como “um homem pragmático”, Jan Hofmeyr acreditava que a aliança com Rhodes poderia trazer benefícios mútuos. Mais dessa associação política será explorada adiante no capítulo. Cf. THOMPSON, Leonard – *A History of South Africa*. New Haven; Londres: Yale University Press, 1990, p.135.

CBAS – mas esta foi apenas mais uma coincidência como as que acontecem vez ou outra, relembra Hermann Giliomee.²⁰⁶

É fato que grande parte do sistema de ferrovias sul-africano teve origem com a indústria do ouro. Com exceção de alguns trechos das linhas da Colônia do Cabo, estruturavam-se agora caminhos destinados a atravessar todo o continente, “de norte a sul, convergindo para Joanesburgo”.²⁰⁷ Comunicação direta era estabelecida entre o centro industrial sul-africano e os portos da Cidade do Cabo, de Delagoa Bay, Durban, East London e Porth Elizabeth. Como relembra Worsfold, são milhares de milhas acrescentadas ao território em apenas oito anos de atividade mineradora. No mesmo período, a *Chartered Company* construíra também aproximadamente 930 milhas em seus territórios. Mas a indústria ainda perdia grande parte de seus lucros em virtude da fragmentação das unidades políticas sul-africanas. Cecil Rhodes tinha planos de unificar os sistemas ferroviários e dar origem a uma área de livre comércio, mas a recusa do Transvaal de Paul Kruger mantinha-se constante.

Planejando uma invasão à República, Rhodes enviou cerca de cento e cinquenta soldados da CBAS liderados por seu braço direito, o médico Leander Starr Jameson – calculando que quando atingissem o Transvaal, contariam com o apoio dos *uitlanders*²⁰⁸ para derrotar a resistência que seria imposta pelas forças militares de Kruger. Mal elaborada, mal executada e deveras apressada, a estratégia militar não apenas fracassou, como também obrigou Rhodes a abandonar seu cargo político. O Dr. Jameson tornou-se o bode expiatório necessário. Três dias após o incidente, Olive Schreiner escreve ao jornalista W. T. Stead – “Ele [Rhodes] acreditou que poderia usar com os bem-armados Bôeres a mesma injustiça impiedosa que usa com os nativos.”²⁰⁹

A situação de tensão em que a política sul-africana foi lançada após o incidente no Transvaal motiva Schreiner a dedicar-se a um embate pessoal com Rhodes,²¹⁰ bem como à conseqüente elaboração do romance *Trooper Peter Halket of Mashonaland*. O projeto de

²⁰⁶ GILIOME, Hermann – *The Afrikaners – Biography of a People*. Cape Town: Tafelberg Publishers, 2002, p.242.

²⁰⁷ WORSFOLD, W. Basil – op cit, p.153.

²⁰⁸ A partir de 1892 os *uitlanders* passaram a organizar-se politicamente para lutar pelo direito de voto. Estima-se que até o Raid eles somassem uma parcela de aproximadamente 44.000 pessoas, em um total de 120.250 habitantes. Cf. Idem, p.161.

²⁰⁹ *Olive Schreiner Letters...*, p.260.

²¹⁰ O desafeto entre Olive Schreiner e Cecil Rhodes será explorado no próximo capítulo, que centra sua análise no panfleto *The Political Situation* e no romance-alegoria *Trooper Peter Halket of Mashonaland*.

Thoughts on South Africa perde sua força, ficando em segundo plano. Em 1901, em meio à Guerra Anglo-Bôer, a autora retomaria a idéia da compilação, chegando mesmo a escrever uma introdução para o futuro livro. Nela, anuncia que o que é apresentado naquele volume são, afinal, documentos pessoais, e que tem na sua publicação o objetivo de atender ao pedido de amigos, e não a satisfação pessoal²¹¹ – também a saúde debilitada e o envolvimento com outros projetos não permitiriam que a compilação tivesse o formato inicialmente imaginado (em que dedicaria mais capítulos aos ingleses e também aos nativos).²¹²

A introdução escrita por Olive Schreiner em 1901 também fornece mais um dado bastante peculiar. Elaborada cerca de sete anos após o início da circulação de seus artigos em alguns jornais, seu texto vem carregado de uma preocupação em demonstrar que sua posição favorável à causa bôer não foi estabelecida em virtude de qualquer relação consanguínea com estes – e para justificar tal argumento, Schreiner descreve detalhadamente as origens de seus pais: relembra que seu pai veio do sul do território hoje conhecido como Alemanha, que estudou em Londres e casou-se com sua mãe – sendo esta “de puro sangue inglês” (*of purely English blood*). Reforça ainda que sua língua materna sempre foi o inglês, e que o argumento de que teria sido criada em meio à degeneração da língua dos bôeres, o *afrikaans*, não se sustenta.²¹³ A autora traz ainda exemplos de vários trechos de sua vida, buscando comprovar que qualquer simpatia sentida pela causa dos colegas sul-africanos de outras raças não foi resultado de sua origem. Em sua lembrança, Schreiner confessa-nos:

“Lembro-me nesse tempo de pensar sempre comigo mesma – por que Deus fez-nos, os ingleses, tão superiores às outras raças; e enquanto acreditava ser ótimo pertencer ao melhor

²¹¹Curioso atentar que os textos que em 1901 passaram a ser chamados de “documentos pessoais” que não tinham “intenção de publicação”, eram descritos à amiga Mary Sauer de maneira algo distinta em fevereiro de 1891 – “Desculpe-me por não ter ido a Worcester. Estou trabalhando MUITO para dar conta de terminar um artigo que *deve* estar pronto no mais tardar no segundo dia do mês que vem.” Cf. *Olive Schreiner Letters*, p.186. Os destaques no texto estão presentes na própria correspondência.

²¹²Cf. Olive Schreiner em introdução escrita em 1901 para o projeto de publicação da reunião dos textos. Esta introdução é encontrada na edição de 1923 - páginas 16-17.

²¹³ Dialogando com esta idéia, destacamos o ilustrativo trecho apresentado no trabalho de Ruth First e Ann Scott: “(...) Uma surra foi-lhe dada em uma ocasião quando balançava-se à porta da casa de Wittenberg e disse, ‘*Ach*, que bom está aqui fora!’ – e porque ‘*Ach*’ era ‘*Dutch*’ ela foi levada pelo pequeno caminho que conduzia ao quarto em que nascera e, colocada nos joelhos de sua mãe, recebeu cerca de cinquenta golpes com um feixe de varinhas de marmelo. (...)”. Cf. FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – op cit, p.48.

povo existente sobre a Terra, tinha ainda um vago sentimento de que isso não era muito justo da parte de Deus, fazer-nos tão melhores que as outras nações. Precisei apenas retornar às experiências de minha tenra infância para saber o que significa o mais desenvolvido dos Jingoísmos.

Mais tarde meus sentimentos pelo Bôer mudaram, da mesma forma que, ainda mais tarde, mudaram meus sentimentos pelos Nativos; mas isto não foi resultado de nenhum treino, foi simplesmente conhecimento aprimorado.”²¹⁴ XXXIII

Ainda para introduzir-nos à leitura de suas reflexões acerca da África do Sul, Schreiner afirma que seus estudos sobre o bôer – este que é, na visão da autora, o maior expoente humano sul-africano – começaram desde muito cedo, por volta dos dez anos; no entanto, a autora reconhece que nessa época ainda não conseguia captar sua real essência, tomando-o mais como um objeto de pena e simpatia do que de verdadeira compreensão. As opiniões que Schreiner apresenta agora em seus artigos são, no seu entender, mais objetivas, e buscam também convencer o seu leitor de que a análise que faz prima por um caráter científico, analítico, que recorre à emoção apenas como um recurso de estilo, e não de argumentação.

Thoughts on South Africa divide-se em oito capítulos²¹⁵, e as linhas do primeiro deles, *South Africa, Its Natural Features etc*, dialogam diretamente com a situação de “retornada” de Olive Schreiner após os anos vividos na Europa. Em sua volta, a autora enuncia que para se conhecer efetivamente um lugar, qualquer que seja, deve-se contar com o trabalho conjunto do olhar de um estrangeiro e de um nativo com apreço à terra: um argumento que valoriza muito a opinião que ela mesma pode emitir acerca do território, já que, curiosamente, insere-se nas duas categorias – nascida em solo sul-africano, onde viveu grande parte de sua infância e adolescência, tem, contudo, a idéia de lar atrelada à Inglaterra, terra de sua mãe, onde se educou e ascendeu social e culturalmente. Schreiner é, ao mesmo tempo, uma estrangeira e também uma “filha da terra”.

²¹⁴ *Thoughts on South Africa...*, p.8.

²¹⁵ Uma vez que lidamos com a forma final da obra, a compilação dos textos em capítulos, opto por utilizar este termo ao invés de “artigos”; no entanto a forma original de sua escrita não pretende ser negligenciada pela análise. Os capítulos da obra são *South Africa: Its natural features, its diverse peoples, its political status: The Problem; The Boer; The Problem of Slavery; The Wanderings of the Boer; The Boer Woman and the Modern Woman's Question; The Boer and His Republics; The Psychology of the Boer* e, por fim, *The Englishmen*. As “Notes by Olive Schreiner” que acompanham a edição são quatro – *Our Waste Land in Mashonaland, The Domestic Life of the Boer, The South African Nation e The Value of Human Varieties*.

A sul-africana também partilha da idéia de que “(...) um real entendimento do povo sul-africano e de seu problema requer primeiro uma real compreensão do território.”²¹⁶ A autora opta assim por iniciar seu texto pautando-se na geografia – longos relatos das montanhas, do céu, do solo, antecedem uma descrição das unidades políticas em que o espaço sul-africano encontrava-se então dividido, começando por uma detalhada apresentação da província do Cabo e de sua população. A autora destaca a variedade de suas composições geográficas e, principalmente, humanas:

“A população da Província Oeste é parte Inglesa e parte Bôer ou *Dutch-Huguenot*, descendentes dos colonos e funcionários da Companhia das Índias Orientais e de um grande número de huguenotes franceses que chegaram na Colônia por volta de 1687 em virtude da revogação do Édito de Nantes e que, peneirados pela perseguição religiosa, foram acrescentados à população da África do Sul. As classes trabalhadoras são, como em todos os lugares da África do Sul, *coloured*, e aqui principalmente *half-castes*, descendentes dos primeiros residentes Holandeses e seus escravos, ou ainda mais raro, da mistura de sangue Holandês e Hotentote. Mesmo na Cidade do Cabo são encontrados também Malaaios, Chineses, Hindus e representantes de todas as nações Européias.”²¹⁷ XXXIV

Em verdade, a descrição apresentada aqui por Schreiner é tão longa e minuciosa que em vários momentos perguntamos se a África do Sul presente no título do capítulo não deveria ser substituída por “Colônia do Cabo: suas características naturais etc”. Quando esta pergunta formula-se com mais insistência na mente do leitor, Schreiner desloca sua narrativa para Natal, colônia britânica de clima quente, com população predominantemente negra – “os nativos são Zulus da raça Bantu e operários estrangeiros; a pequena população branca é majoritariamente inglesa, e parece estar acima da média colonial comum em inteligência e cultura.”²¹⁸

²¹⁶ *Thoughts...*, p.29.

²¹⁷ Idem, p.32. O termo *half-caste* aproxima-se da idéia de “mestiço”. Mantenho seu uso conforme aquele feito por Olive Schreiner. Acerca das implicações político-sociais do uso dos termos *coloured* e *half-caste* na Cidade do Cabo em finais do XIX e início do século XX, Cf. DE SALVE, Giovanni Grillo – “*Quebre as correntes quando puder*”: *Os Discursos Presidenciais do Dr. Abdullah Abdurahman e a construção da Identidade e da Política Coloured na Cidade do Cabo, 1905-1940*. Monografia de conclusão de curso, 2008.

²¹⁸ *Thoughts...*, p.35.

À descrição da colônia de Natal é também acrescida aquela do Karoo²¹⁹ sul-africano, o território que Olive Schreiner descreve como sendo o “sanatório do mundo”, em virtude da abundância de sua vegetação, rios e animais, e também pelo clima ameno, de estações bem demarcadas. Schreiner deixa entrever a influência de escritores cientificistas na minúcia de detalhes que oferece a seu leitor. O tom paradisíaco conferido ao Karoo pode ser vinculado também ao fato de ter sido o local em que a autora passou grande parte de sua adolescência.

As Repúblicas Bôeres, a Griqualândia e a Bechuanalândia ainda precisam ser apresentadas, mas Schreiner avisa nas entrelinhas de seu texto que todo o encanto do território já foi visto, restando agora introduzir ao leitor uma paisagem que não conta com o mesmo êxtase daquelas como as do Cabo, de Natal ou mesmo do Karoo:

“As amplas planícies de grama ondulante, com seus pequenos montes, têm seu charme, mas logo nos cansamos delas. Essas planícies se estendem ao longo do Estado Livre de Orange, da Griqualândia Oeste e da Bechuanalândia, com poucas modificações (...) há sempre a mesma sucessão de terrenos uniformes, montes achatados e cupinzeiros. (...)”^{220 xxxv}

Em descrição ainda mais breve, Schreiner apresenta-nos o Estado Livre de Orange: uma pequena república independente que esteve sob domínio inglês até 1854. A apresentação desta república também inicia o leitor a um argumento que estará presente boa parte dos textos que compõe *Thoughts on South Africa* – a dicotomia que reforça o inglês como pertencente ao espaço da urbe e o bôer ao campo, à fazenda, ligado à idéia de arcaico e atrasado em relação ao inglês. Esta dicotomia não é, como veremos, exclusiva da obra de Schreiner, mas sim parte de uma estrutura sócio-política mais ampla; também o “atraso” do bôer não é tomado como algo essencialmente negativo pela autora.

Pouco destaque é dado à Bechuanalândia e à Griqualândia – esta última é mencionada apenas pela existência de Kimberley, berço dos diamantes sul-africanos. São ainda territórios marcados especialmente pela presença esparsa de tribos nativas que se distribuem em vilarejos “embrionários”²²¹ e estão sujeitos à proteção inglesa.²²²

²¹⁹ Importante ressaltar que o Karoo é uma configuração geográfica, e não política.

²²⁰ *Thoughts...*, p.41

²²¹ *Idem*, p.42

O Transvaal, república da qual poderíamos esperar uma descrição mais detalhada – posto que, como vimos, era um dos pontos principais de discussão na e com a Colônia do Cabo – é descrito em um parágrafo. São ressaltados sua extensão, diversidade e seus arbustos... De um modo geral é muito fértil, além de ser o berço das grandes minas de Joanesburgo, que abrigam homens de todas as partes do mundo. A maior cidade é Joanesburgo – majoritariamente inglesa, segundo Schreiner. Sua população rural é de origem *Dutch-Huguenot*.²²³

“South Africa – It’s Natural Features etc” foi um dos poucos artigos presentes em *Thoughts on South Africa* a circular publicamente à época de sua elaboração – em território sul-africano e também fora dele. Mais importante do que atentar para a descrição que Olive Schreiner faz das peculiaridades de sua terra natal é destacar sua capacidade de enxergar e mesmo propagandear o território como uma unidade integrada, apesar de suas diferenças geográficas, climáticas ou de povoamento. Ao longo da narrativa, sentimos que Schreiner quer apresentar-nos o fator geográfico como um aliado natural desta unidade. Abusando de enfática adjetivação, a autora anuncia que a plenitude sul-africana é colossal e suas proporções naturais oferecem grandiosa liberdade – não há nada comedido ou pequeno na África do Sul.²²⁴ Curioso é lembrar que as “colossais” paisagens descritas nunca foram, em sua maioria, visitadas pela autora: suas descrições advêm da leitura de diversos livros acerca da história e geografia do território sul-africano. Entre estas, é forte a influência do historiador George McCall Theal – especialmente de suas obras *South Africa as it is* (1871) e os dois volumes de *Compendium of South African History and Geography* (1873). Theal foi um dos pioneiros na “identificação” de quatro raças na África do Sul – os

²²² A Griqualândia Oeste foi anexada em 1871 pela Coroa, sendo transferida para administração do Cabo em 1877. Entre 1884 e 1885, a área conhecida como Bechuanalândia – na fronteira oeste do Transvaal e norte da Griqualândia Oeste – foi disputada entre nativos e bôeres que intencionavam formar duas pequenas (*petty*) repúblicas (Stellaland e Goschenland). O Transvaal propõe anexar o território para colocar fim aos conflitos, mas os ingleses afirmam que a Convenção de Londres de 1884 colocara todos os nativos residentes além das fronteiras da República bôer sob seu controle. O projeto das repúblicas é abandonado e a Bechuanalândia é anexada sob regime de protetorado. Em 1895 o território é anexado à Colônia do Cabo. Convém lembrar que o regime de protetorado faz com que o território seja administrado por um comissário residente, instruído pelo *High Commissioner for South Africa*, em nome do qual são elaboradas leis através de proclamação. A autoridade dos chefes locais – que devem sujeitar-se a um *paramount chief* – são reconhecidas neste sistema de administração. Cf. GARRAN, Robert (Sir) – *The Government of South Africa*. South Africa: Central News Agency Ltds, 1908, Vol.1, pp.26-28; 34-36.

²²³ *Thoughts...*, p.43.

²²⁴ *Idem*, p.46.

“bosquímanos, os hotentotes, os povos bantos e os europeus”²²⁵. Cada uma destas raças possuía características físicas, mentais e culturais próprias e muito distintas, reforçando a idéia de que seu “cruzamento” não era desejado.²²⁶

Todo o empenho de Olive Schreiner na descrição do território dá-se por um motivo: a diversidade geográfica guarda também uma outra muito grande – a populacional, esta sim a principal preocupação da autora.²²⁷ Considerando a extensão do território, Schreiner argumenta que não é de se admirar que ele acolha em si os mais diversos “ramos da família humana que se pode encontrar em qualquer lugar do globo”²²⁸, em seus mais variados “estágios de desenvolvimento”. Lá estão

“(…) do bosquímano com seu corpo que lembra o de um macaco, testa achatada e primitivas instituições domésticas, ao robusto Inglês de Oxford, com as visões mais recentes de desenvolvimento político e social, e o Judeu de negócios, mas nós somos mais ou menos uma mistura desses tipos espantosamente diversos. (...) somos uma mistura menos homogênea de heterogêneas partículas sociais em diferentes estágios de desenvolvimento e coesão umas com as outras, fundamentando e sufocando uns aos outros como diferentes estratos de confusas formações geológicas.”²²⁹ XXXVI

A idéia da variedade populacional sul-africana não é um argumento novo – já apareceria, por exemplo, na correspondência de Lady Duff Gordon:

“(…) Se admiro os bebês, as pobres mulheres ficam encantadas; (...) se você olha para os negros, eles *precisam* sorrir e fazer uma saudação, como um bom cão que balança seu rabo; eles não conseguem evitar. Os negros aqui (à exceção de alguns Caffres) são de Moçambique – uma raça feia, pequena e atarracada, com muitos pêlos; mas aqui e ali vê-se um rosto bonito entre as mulheres. Os homens são mais repugnantes do que se pode imaginar. Há todos os cruzamentos possíveis – *Dutch*, Moçambicanos, Hotentotes e Ingleses, todos misturados; e aqui e ali vê-se que um Chinês ou Bengalês passou. Os

²²⁵ Interessante destacar que Theal apresenta aquelas que chama de “as raças européias” como uma unidade, em 1871.

²²⁶ Cf. BOONZAIER, Emile – op cit, p.59

²²⁷ Atente-se para como os personagens de *The Story of an African Farm* representam bem esta diversidade populacional.

²²⁸ *Thoughts...*, p.47

²²⁹ Idem, pp.47-8

Malaios são também uma raça misturada, como os Turcos – i.e, eles casam com mulheres de todos os tipos e cores, contanto que elas adotem o Islã. (...) Acho que a população da Cidade do Cabo deve ser a multidão mais heterogêna do mundo!”²³⁰ XXXVII

Para Schreiner, é esta variedade populacional que permite a reflexão acerca da unidade sócio-política sul-africana. Traçando logo a seguir um mapa racial da África do Sul, a autora conclui que “(...) as cores [das raças] estão misturadas em todos os lugares, como as tintas em um tapete turco bem tingido. Elas não podem ser separadas.”²³¹ E eis aqui o trampolim utilizado para iniciar a argumentação em prol da construção de uma “nação harmônica”:

“Uma nação, assim como um indivíduo, é uma combinação de unidades; na nação as unidades são pessoas; no indivíduo elas são células. Uma única célula, sozinha, sem se combinar, é capaz apenas das formas mais simples de desenvolvimento; o solitário germe *amoeboid* não é capaz de desenvolver-se expressivamente, ele flutua sozinho na água ou no ar; é somente quando as células combinam-se umas com as outras, em uma união próxima e vital, que um estágio mais elevado de desenvolvimento torna-se possível. As células complexas altamente diferencias que formarão um olho ou o cérebro são possíveis apenas como partes de um grande organismo que interage, uma longa, contínua e próxima interação entre milhões de células, e não poderia ser de outra forma.

(...) Sozinho e separado de seus companheiros, cada homem é capaz apenas da mais inferior forma de desenvolvimento. (...)”²³² XXXVIII

É a interação orgânica dos povos que compõe uma nação que acaba por determinar a sua grandeza – e somente uma grande nação produz grandes indivíduos. William Shakespeare, exemplifica Schreiner, só foi possível dada a existência da Inglaterra.

Temos aqui um dos argumentos que norteariam a inserção da literata no debate político de seu circuito: a África do Sul não possui a fagulha de uma unidade orgânica que permita a existência de nações independentes –

²³⁰ Lady Duff Gordon, *Letters From the Cape*. Cf. <http://www.gutenberg.org/dirs/etext97/lddfg10h.htm>

²³¹ *Thoughts...*, p.49.

²³² *Ibidem*.

“(...) A Colônia do Cabo ou o Transvaal são maiores que a França; não há *a priori* uma razão para que a última forma de organização política na África do Sul não deva ser aquela de meia dúzia de nações diferentes – se nossos estados possuísem ao menos o princípio da unidade ou nacionalidade orgânicas. A questão é:

Esse princípio existe?

Nós acreditamos que uma pesquisa mais detalhada comprovará que não.”²³³ XXXIX

Se não teremos “meia dúzia” de nações a partir das variedades humanas que compõe o território sul-africano, somos levados a acreditar que a escritora idealiza uma única nação – formada com as diversas “cores do tapete turco”. Olive Schreiner empreende a tarefa de, como frisa Paula Krebs, tentar definir uma identidade “sul-africana” a partir de um território ocupado por povos não apenas distintos, mas também hostis.²³⁴ Dada esta realidade, como argumenta Benedict Anderson,²³⁵ como se estabelece – ou é possível estabelecer-se – o processo através do qual os atributos da nação passam a ser percebidos e partilhados para além das identidades individuais?

Dos sete capítulos que se seguem a este inicial, seis serão dedicados ao bôer e um aos ingleses. Na introdução elaborada por Samuel Crownwright-Schreiner para a edição final da compilação, o marido da autora avisa-nos de que um capítulo dedicado exclusivamente à reflexão acerca do nativo sul-africano também esteve nos planos iniciais de Olive, mas tornou-se inviável devido a sua dedicação intensa a outros projetos literários. Embora este capítulo não tenha o espaço inicialmente imaginado, o nativo não deixa de estar presente na obra da pensadora sul-africana, permeando-a a partir das relações que estabelece com os bôeres e ingleses – neste sentido, especial atenção pode ser dada ao texto que recebe o nome de “The Problem of Slavery”, o terceiro capítulo de *Thoughts...*

Dentre os demais capítulos, algumas questões destacam-se: quem é, afinal, o bôer de Olive Schreiner? Qual o papel desempenhado pela mulher bôer em sua sociedade? A visão que a autora tem do bôer difere – e, em caso positivo, como – da visão de seu círculo

²³³ *Thoughts...*, p.51.

²³⁴ KREBS, Paula – “Olive Schreiner’s Racialization of South Africa” *Victorian Studies*, Vol. 40, No. 3, 1997, p.427.

²³⁵ ANDERSON, Benedict – *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1983], pp.35-70.

sócio-cultural? Como Schreiner lida com a dicotomia *bôer versus* ingleses, tão marcada no período de produção dos textos? E com a relação *bôer versus* nativos?

Em *The Boer*, texto que se tornou o segundo capítulo de sua coletânea, Schreiner inicia uma narrativa justificando a escolha por dedicar maior atenção a este grupo em detrimento dos demais. Ele é, justifica a autora, o que há de mais característico quando se pensa em um “sul-africano”. É para o grupo humano aquilo que o Karoo é para a geografia: algo que só pode ser encontrado e compreendido na África do Sul. Justamente por isso, “às vezes pedem-nos uma definição exata do termo Bôer”, afirma a autora –

“(…) Há apenas uma definição científica para ele; significa um Sul Africano Europeu por ascendência, cuja língua materna é a *Taal* e que não usa com familiaridade nenhuma língua literária européia. Não denota necessariamente raça, o Bôer pode ser Francês, Holandês, Alemão ou de qualquer outro sangue – (...); a palavra ‘Bôer’ significa literalmente ‘fazendeiro’ e o Bôer geralmente é um fazendeiro ou dono de rebanho, mas ele também pode ser caçador, comerciante, o presidente de uma república, ou ter qualquer outra ocupação – ele continua sendo um Bôer enquanto a *Taal* permanecer como seu único idioma conhecido.”²³⁶ XL

Sendo o *bôer* o que há de mais peculiar à África do Sul, compreender esse grupo humano de diversas origens e ocupações, mas fortemente unido por uma língua comum torna-se, portanto, fundamental. E para conhecer um povo é preciso conhecer sua história - Olive Schreiner informa a seu leitor que não pretende analisar todos os fatos que conduziram o *bôer* a tornar-se o que é, mas mesmo assim retorna ao estabelecimento de Jan Van Riebeeck e seus homens no Cabo, em 1652, para iniciar sua narrativa. Nos homens de Van Riebeeck está o sangue que corre pelas veias de “cada *bôer* que pisa o território sul-africano” naquele final do século XIX. A autora frisa a cada nova linha a bravura destes homens – majoritariamente soldados e marinheiros que chegaram em território desconhecido para estabelecer raízes; são persistentes, pacientes e não fogem do trabalho físico. São homens que não precisam comprovar sua bravura, pois já venceram a seleção

²³⁶ *Thoughts...*, p.91. A *Taal* seria mais tarde conhecida como *afrikaans*. Considerada por muitos a “língua do europeu que se degenerou na África”, o *afrikaans* marca um importante fator no processo de reivindicação e afirmação da identidade *Afrikaner* no final do século XIX e início do XX. Cf. GILIOMEE, Hermann – op cit.

natural mais de uma vez – primeiro, por aceitar os riscos do trabalho na Companhia das Índias Orientais e depois, por manterem-se vivos no extremo sul da África.

Para acompanhar estes bravos homens em sua solitária tarefa, a Companhia enviou um navio com órfãs (também de diversas nacionalidades) para que se casassem com seus homens. Outro importante item no argumento de Schreiner é a chegada, em 1688, de cerca de duzentos huguenotes franceses que buscavam refúgio das perseguições iniciadas pela revogação do Édito de Nantes. A intenção da autora aqui é pintar um quadro que envolva o leitor, através de uma adjetivação cativante, na idéia de que o bôer é, na verdade, o resultado do encontro do valente soldado-marinheiro da Companhia das Índias Orientais com sua esposa órfã – que traz consigo uma vasta experiência de abandono –, permeado ainda pelo elemento religioso do huguenote. Olive Schreiner tem neste cenário a explicação para uma característica que crê ser inerente e fundamental à personalidade do bôer – seu apego violento e de uma devoção quase religiosa ao território sul-africano. Do soldado-marinheiro, trouxe a valentia e a persistência; das órfãs européias, o afeto pela terra em que encontraram acolhida, e dos huguenotes, o apego fervoroso ao solo que lhes deu resguardo.

Mas estranhamente a pensadora sul-africana não menciona o envolvimento de colonos e nativos. Ao que parece, os bravos soldados-marinheiros da Companhia das Índias Orientais que ocuparam o território sul-africano esperaram pacientemente pelas órfãs que desposariam anos mais tarde...²³⁷ Em um período da história sul-africana em que a sociedade começa a moldar a lógica segregacionista que seria juridicamente colocada em prática no início do século XX, Schreiner preocupa-se em elaborar uma genealogia do bôer que reforça as ligações intra-raciais dos colonos – o bôer de Schreiner, em sua gênese, não se misturou ao nativo.

Se o bôer é um “sul-africano europeu”, que se relaciona majoritariamente dentro da sua raça, como justificar a população dos então denominados *half-castes* que se estendiam por todo o território sul-africano? A resposta a esta questão surge em *The Problem of*

²³⁷ Hermann Giliomee traz mais dados sobre este tema: “A frequência da mistura racial devia-se, em primeiro lugar, ao grande desequilíbrio na população branca. Em 1700 havia no distrito do Cabo duas vezes mais homens do que mulheres na população *burgher* adulta e, no interior, a média era de três homens para uma mulher. Casamentos entre homens brancos e mulheres *fair-skinned* não-brancas foram comuns durante os primeiros setenta e cinco anos. Muitas ligações estáveis combinando pessoas de diferentes raças aconteciam fora do casamento, e houve também miscigenação em grande escala através do sexo casual, especialmente em alojamentos de escravos frequentados por europeus locais, assim como por soldados e marinheiros.” Cf. op cit, p.18.

Slavery. A escravidão insere-se, no entender de Olive Schreiner, também como um tópico fundamental para a compreensão da gênese do bôer – uma vez que seus antepassados teriam sido donos de escravos.

“Quando os primeiros brancos chegaram na África do Sul, ela era habitada por três povos nativos distintos”²³⁸, enuncia a autora. À época de elaboração do texto de Schreiner, um destes povos, os bosquímanos (*bushman*), encontravam-se praticamente extintos – como a própria autora afirma, concentravam-se em pequenos grupos no interior, a noroeste, ou vagando “como indivíduos solitários entre os limites da civilização”²³⁹. São descritos de maneira breve, ressaltando especialmente sua capacidade “mímica”: estariam sempre interessados em copiar as atitudes do homem branco.

Os bosquímanos eram povos completamente distintos dos outros que ocupavam o território sul-africano: os hotentotes e os povos banto. Os hotentotes, donos de pele dourada, afirma Schreiner, são versáteis, vívidos e emotivos: adoram danças e canções. Poderiam lutar, se obrigados, mas preferem a paz. “Sob liderança européia, descobriu-se que eram bons guerreiros, mas não conseguiam se organizar sozinhos,”²⁴⁰ e eram incapazes de grandes esforços intelectuais.

O povo banto, por sua vez, é apresentado como sendo intensamente “consciente de si” e “reflexivo”²⁴¹. Essa caracterização é perceptível, segundo a autora, em sua língua²⁴² – “uma construção perfeita”, que permite aos bantos um acesso hábil e vasto aos mundos figurativo e poético, oferecendo mesmo maiores possibilidades de expressão artístico-intelectual do que a *Taal* dos bôeres.

A apresentação dos povos nativos é bastante superficial, mesmo porque à época da contrução do texto, Schreiner afirma ainda ter a intenção de dedicar mais capítulos ao tema. Aqui, a autora quer explorar a formação do *half-caste* buscando respostas para a questão: quais os “resultados fisiológicos, intelectuais e morais que surgem da mistura do Ariano com o Negróide ou outras raças não-Arianas?”²⁴³.

²³⁸ *Thoughts...*, p.95.

²³⁹ *Idem*, p.98.

²⁴⁰ *Idem*, p.95.

²⁴¹ *Idem*, p.98.

²⁴² Embora Olive Schreiner faça distinção entre diversos subgrupos étnicos ligados ao grupo banto, citando, por exemplo, os Chuana e os Basuto, a autora refere-se sempre à idéia de “língua banto” como uma unidade.

²⁴³ *Thoughts...*, p.109.

Embora relembre a complexidade do tema e afirme que esta questão norteará muito do pensamento científico do século XX, Olive Schreiner arrisca seus argumentos, debruçando-se especialmente naquele que seria o aspecto “moral” do *half-caste*:

“Afirma-se em todo país em que o *half-caste* é conhecido ... que ele é por natureza anti-social. Insiste-se sempre que ele tem os vícios de ambas as raças de seus antepassados e as virtudes de nenhum, que ele nasce especialmente com uma tendência a ser mentiroso, covarde, sem-vergonha e sem auto-estima.(...)”²⁴⁴ XLI

Em *Scientific racism in modern South Africa*, Saul Dubow argumenta que apesar de todos os estereótipos vigentes acerca da criminalidade envolvendo “não-brancos”, ainda não havia ainda um esforço sistemático para vincular raça e predisposição à criminalidade²⁴⁵. Para Schreiner, a posição social do *half-caste* é bastante peculiar, uma vez que ele se origina não da união de dois indivíduos de raças distintas que eventualmente partilham “condições comuns” – a união que origina o *half-caste* dá-se entre “as mulheres negras, escravizadas e mais indefesas, e um homem branco dominante e temerário”²⁴⁶. O fruto dessa união é alguém que não pertence a nenhuma das raças que o gerou e que está em desarmonia com si mesmo.

No veredicto popular, o *half-caste* é conhecido por sua covardia e falta de ajuste ao convívio social, o que o torna material perfeito para a formação de ladrões e prostitutas. Olive Schreiner, por sua vez, afirma que embora seja raro, é possível encontrar entre os *half-castes* pessoas de grande integridade e bastante ajustadas à vida em sociedade. Afinal, conclui a autora – “Se você jogar sementes humanas à porta do inferno, ainda assim poderá ter lírios brancos.”²⁴⁷

²⁴⁴ Ibidem.

²⁴⁵ DUBOW, Saul – *Scientific Racism in modern South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995 (2003), p. 156. Destaca-se deste período muitas das teorias e concepções que seriam estruturantes da política sul-africana nos anos seguintes – como por exemplo Cesare Lombroso, que mais tarde influencia também teóricos como Geoff Cronjé, um dos alicerces do *apartheid*, e W. A. Willemse – este, defensor da idéia da criminalidade como sintoma da falta de unidade orgânica e solidariedade social das populações “não-brancas” *Thoughts...*, p.159.

²⁴⁶ *Thoughts...*, p.111.

²⁴⁷ Idem, p.116.

Nota-se até aqui que o “problema da escravidão”²⁴⁸, conforme enuncia o título de Schreiner, é o de ter gerado uma camada social que recebe olhares receosos e que é encarada como ameaça, uma vez que não consegue ser definida pelas demais. Pelo argumento de Olive Schreiner, a origem do *half-caste* está pautada não apenas em uma distinção “racial”, mas também em um elemento social – dá-se pela submissão da escrava africana ao homem branco.

A escravidão, contudo, não legou apenas uma classe inapta ao convívio social e com inclinações para a violência e desonestidade. Muitos são os casos em que os relacionamentos interracializados têm continuidade – e chega-se aos dias em que encontramos alguns homens e mulheres “brancos, tanto ingleses quanto *Dutch*, geralmente donos de uma inteligência natural” e também de muita cultura, saúde e beleza física, que carregam em suas veias “este remoto traço de sangue não-Europeu”²⁴⁹

Saber-se portador deste “traço de sangue não-europeu”, segundo Schreiner, seria motivo de angústia e sofrimento para qualquer pessoa, idéia que torna ainda mais interessante a breve apresentação que a autora faz de sua própria família na introdução da obra – embora seu objetivo primordial seja refutar o argumento de que seu interesse pelo bôer tenha se originado da presença de um passado comum com este, ao apresentar sua família, Schreiner também refuta qualquer possibilidade de carregar traços desse “sangue não-europeu”.

Analisando os impactos da escravidão sob a influência das teorias científicas tão em voga no século XIX, Olive Schreiner afirma que se deve levar em consideração o fato de o “cruzamento de raças”, no caso humano, ser distinto daquele que ocorre entre os animais. Neste último caso, quando um resultado obtido não é aquele próximo ao desejado, o criador pode sempre destruir o resultado e tentar um novo cruzamento.²⁵⁰ É por isso que Schreiner afirma que, se existissem “Dez Mandamentos” para a sociedade sul-africana,

²⁴⁸ É importante frisar que a população local não é escravizada na Colônia do Cabo, em virtude da política da Companhia das Índias Orientais – seu interesse era o de troca de mercadorias com esses povos, e não o de conflitos. Os escravos que são aqui mencionados provinham do Oriente, e daqueles territórios que hoje são conhecidos como Madagascar e Moçambique, por exemplo.

²⁴⁹ *Thoughts...*, p.123.

²⁵⁰ *Idem*, p.126.

encabeçando a lista deveríamos ter – “Mantenham suas raças puras!” (*Keep your breeds pure!*)²⁵¹:

“Na medida em que este mandamento for aceito e sua injunção cumprida por nossas raças brancas e negras na África do Sul dos próximos cinquenta anos, provavelmente teremos em grande medida desenvolvimento e um crescimento saudável.”²⁵² XLII

Apesar do tom de mau agouro que adquiririam as palavras da autora, elas expressam em verdade os medos vitorianos da desordem social. Daniel Pick argumenta que o discurso de “degradação” ou “degeneração” confere força às linguagens do imperialismo, reforçando idéias como as de superioridade, inferioridade e selvageria. Entretanto, esse discurso é também reflexo dos medos coloniais de profundas alterações em uma sociedade estruturada em distinções de classe e raça.²⁵³ Como reforça Schreiner, a manutenção da pureza racial é o que conferirá crescimento econômico e desenvolvimento.

Nas últimas três décadas do século XIX, o vocabulário do Darwinismo Social deixa o campo do discurso científico e começa a ser útil também no moldar de uma legislação de caráter segregacionista. Embora termos como “segregação” ou “segregacionista” passem a ser efetivamente utilizados apenas em 1910, após o Ato de União, suas bases estão fundamentadas em uma práxis que se não estava até então difundida pela lei, estava amparada pelo costume. *Keep your breeds pure!*

Entre as décadas de 1880 e 1890, diversas leis discriminatórias foram aprovadas pelo Parlamento do Cabo. A mais expressiva destas é certamente o *Glen Grey Act*, que restringia a posse individual de terra pelos nativos – além de influenciar grande parte da legislação de segregação territorial do século XX.²⁵⁴ Na virada do século, é proibida a venda de álcool aos nativos e em 1905 o *School Board Act* restringe o acesso de crianças não-brancas à educação pública.

²⁵¹ *Thoughts...*, p.26.

²⁵² Ibidem. Vale destacar como a idéia da degeneração racial ganha espaço no pensamento de Schreiner nos anos que se seguiram ao lançamento de *The Story of an African Farm* – texto em que mesmo com a grande variedade de tipos humanos, não há menção ao *half-caste*.

²⁵³ Apud DUBOW, Saul – op cit, p.167.

²⁵⁴ Cf. WORDEN, Nigel – *The Making of Modern South Africa: Conquest, Segregation and Apartheid*. Oxford: Blackwell, 1994, p.69.

A mentalidade colonial que associava o branco à respeitabilidade e descência e o negro à sujeira e decadência – eram vistos como “contaminados”, fonte de infecção – fez com que os nativos fossem apontados como principais responsáveis pela epidemia de varíola que atingiu o Cabo em 1882. A separação racial tornava-se, ressaltava Bickford-Smith, uma forma de “imunização” para os brancos.²⁵⁵

Ainda no final da década de noventa, o Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha recomendava a adoção de medidas legais para balizar o contato dos nativos com a civilização, já que este, especialmente nas regiões mineradoras, estava colocando em risco as poucas “restrições tribais” que ainda vigoravam, causando certa “dificuldade administrativa”. Cabia portanto ao governo a elaboração de regulações “que estivessem de acordo com os costumes e instituições daqueles interessados.”²⁵⁶

Acompanhando este quadro, fica a pergunta: como a implementação de leis deste caráter, tão debatidas publicamente, podem passar em branco em uma obra que pretende justamente refletir sobre a África do Sul em formação?

Em *The Wanderings of The Boer* e *The Boer and his Republics*, Olive Schreiner passa a tratar de eventos formativos da identidade Bôer, como o *Great Trek*²⁵⁷ e o conflito com os povos banto.

Definido corriqueiramente como um dos maiores expoentes da insatisfação bôer com as alterações trazidas pela efetiva ocupação britânica, a partir de 1820 – com especial destaque para a nova legislação implantada nos anos seguintes, que além de proibir a posse de escravos, também ampliava direitos legais para as “pessoas livres de cor” (*free persons of colour*)²⁵⁸ – o *Great Trek* é apresentado por Olive Schreiner como algo que ultrapassa as barreiras do desejo por terra e riqueza. É a luta por irrestrita liberdade individual, por um

²⁵⁵ MAYLAM, Paul – *South Africa's Racial Past – The history and historiography of racism, segregation, and apartheid*. Hampshire: Aldershot, 2001, p.64.

²⁵⁶ LEGASSICK, Martin – “British Hegemony and the Origins of Segregation”. *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. Londres: Routledge, 1995, p.47.

²⁵⁷ Ou “A Grande Jornada”, marca o movimento de interiorização de um grande número de bôeres descontentes com as políticas instituídas pela administração inglesa. Normalmente associados às longas fileiras de carros de bois cortando áridas paisagens, esta busca por terras livres do domínio inglês daria origem, posteriormente, às repúblicas do Transvaal e Estado Livre de Orange.

²⁵⁸ Um ponto fundamental de descontentamento foi a proibição, em 1828, do uso da *Taal* em documentos públicos, julgamentos e petições. Em *Oom Paul's People*, Howard Hillegas menciona que também passaram a ser constantes as queixas dos bôeres aos ataques empreendidos pelas “hordas de ladrões nativos” que surgiram. Segundo as reclamações, eles teriam tido 706 fazendas e 60 vagões parcial ou totalmente destruídos e roubos de 5.713 cavalos, 112.000 cabeças de gado e 162.000 ovelhas. Calculava-se o valor total das perdas em dois milhões de dólares. Cf. op cit, p.34.

espaço em que o branco possa reinar (por um direito divino inerente a si mesmo) sobre um solo que seja seu – em suma, a busca por aquilo que a autora chama de “a Terra Prometida” do bôer.

Fato é que a idéia de “Terra Prometida” parece trazer em seu encaixo, além da promessa de liberdade, algumas complicações. A relação dos bôeres com os povos nativos, que nunca fora estabelecida em laços de amizade e compaixão, acirra-se ainda mais com este deslocamento para o interior, e é conseqüente a disputa por terras. Na apresentação dos confrontos, a narrativa de Schreiner torna-se mais detalhista, conferindo mesmo espaço de agência para os nativos – eles deixam de ser apoio para contar da bravura do bôer em conquistar o selvagem território sul-africano –

“À época do *trek* Bôer, o grande poder no centro-leste da África do Sul era a nação Zulu. Sob seu renomado chefe Tchaka, um dos gênios militares mais notáveis da história – possuindo todos os vícios e virtudes de seu tipo –, a pequena tribo Zulu tornou-se uma grande nação, dominando outras tribos nativas e raças.”²⁵⁹ XLIII

Schreiner prossegue até mesmo na história Zulu, contando como Tchaka foi assassinado por seu meio-irmão Dingaan e como uma parcela dos Zulus, por não reconhecer Dingaan como chefe e tampouco concordar com sua política de violência, rompe com o grupo – e passam a ser conhecidos então como “Matabeles.” Embora em um primeiro momento os Matabele tenham sido vistos com simpatia pelos bôeres na tentativa de estabelecer uma aliança para enfraquecer o poder de Dingaan, a necessidade de terras logo mostrou-se maior, e passaram a oferecer também grande resistência aos *trekboers*. Um destes embates é contado por Howard Hillegas:

“Em Agosto, 1836, após permanecer por um curto período de tempo nas vizinhanças de Thaba’ntshu, um número de colonos ficou insatisfeito com sua localização e foi [*trekked*] para o norte, na direção do Rio Vaal, que é a presente fronteira norte do Estado Livre de Orange. Antes de avançarem uma grande distância, foram atacados pelos Matabele, liderados pelo Chefe Moselekatse, e cinquenta deles foram assassinados.

²⁵⁹ *Thoughts...*, p.206.

Quando as notícias dos assassinatos chegaram ao grupo principal de colonos, um *laager* – um forte improvisado – foi formado, unindo os cinquenta grandes carros de boi que tinham sido trazidos da Colônia do Cabo. Atrás destes homens, mulheres e crianças lutaram lado a lado contra os incontáveis Matabele, e após uma desesperadora batalha conseguiram derrotá-los. Os nativos roubaram cerca de dez mil cabeças de gado e ovelhas, quase toda a riqueza dos colonos.”²⁶⁰ XLIV

Mas a África do Sul não tem razões para envergonhar-se do modo como lutaram suas crianças, afirma Olive Schreiner.²⁶¹ Afinal, de um lado, os Zulus, que vivenciavam um período de expansão, precisavam defender seu território da intromissão indesejada. O bôer, apesar de estar em pequeno número em relação aos nativos, lutou com bravura e determinação por uma terra em que pudesse construir para sua esposa e filhos um lar:

“O leão Africano e o tigre Africano rolaram juntos pela terra em uma luta livre e justa. Se o Bôer caísse, caíriam com ele sua esposa e seus filhos; ele lutou por sua vida e por seu lar assim como os Zulu. (...) A África do Sul não tem nenhuma razão para se envergonhar do modo como lutaram seus filhos, brancos ou negros, nesses antigos e terríveis dias.”²⁶² XLV

Se uma das tarefas primordiais de Olive Schreiner nos escritos que formam *Thoughts on South Africa* é compreender o bôer, uma justificativa para estes conflitos já era esperada. Afinal, como afirma, pode ser fácil para o leitor preso ao conforto de sua *chaise* condenar a atitude que os “brancos de antigamente” tiveram com relação aos povos nativos. Os *trekboers* não eram missionários, relembra Schreiner – eram pessoas comuns (e em sua simplicidade, um pouco superiores ao europeu comum, no argumento da autora), que em seu propósito de conquistar novas terras e liberdade, encontraram-se com os nativos – “um pequeno humano em formação” (*a litte human in embryo*).

Um elemento bastante corriqueiro na escrita de Schreiner, além de seu discurso cientificista, é uso de simbologia religiosa para dialogar com seu leitor. Na argumentação elaborada aqui, a autora recorre a São Francisco de Assis:

²⁶⁰ *Thoughts...*, pp.38-9.

²⁶¹ *Idem*, p.208.

²⁶² *Ibidem*. Lembramos, apenas a título de curiosidade, que os tigres são naturais da Ásia, e não da África.

“São Francisco de Assis orou pelos pequenos peixes: nós os comemos. Mas o homem que come o peixe dificilmente pode ser repreendido, uma vez que comer peixes é algo universal entre a raça humana! – desde que ele não finja orar pelo peixe enquanto o devora. Esta nunca foi a atitude do Bôer em sua relação com as raças aborígenes. Ele pode consumir todo o peixe da face da terra; mas nunca dirá que é para o benefício do peixe. O Bôer não é hipócrita.”²⁶³ XLVI

Schreiner acusa os ingleses (*we of culture and refinement*) de dedicarem-se apenas ao discurso e não à efetiva proteção dos nativos,²⁶⁴ enquanto o bôer é condenado porque, em uma situação em que sua vida encontrava-se sob ameaça, acabou por dizimar parcela de uma “pequena raça”.

A partir da historietta de São Francisco a autora inaugura uma nova estrutura argumentativa em sua composição, que poderá ser notada até o texto que é tomado como capítulo final de *Thoughts on South Africa*: a exploração da dicotomia entre ingleses e bôeres, que reforça a sinceridade e pureza destes frente à hipocrisia e à vida repleta de vícios por parte daqueles.

Esta oposição direta entre as figuras do inglês e do bôer marcou grande parte do imaginário sócio-político de finais do XIX. Entre os bôeres, destacam-se opiniões como aquelas que Poultney Bigelow teve chance de escutar quando ia para o Cabo:

“(...) ‘Esses malditos ingleses!’, ele disse, ‘acham que ninguém mais tem direitos além deles. Vêm ao nosso país como piratas e aventureiros; não se importam com nada que não seja ouro, e quando enchem seus bolsos vão embora gastá-lo na Inglaterra. Não queremos gente assim; eles podem nos ameaçar e intimidar, mas não terão o que querem enquanto eu puder evitar. (...) Cinco casacos vermelhos não dão um Bôer! (...)”²⁶⁵ XLVII

Enquanto isso, Lord Randolph Churchill – pai de Winston Churchill – em visita à África do Sul conseguiu resumir grande parte do sentimento inglês:

²⁶³ *Thoughts...*, p.137.

²⁶⁴ *Idem*, p.135.

²⁶⁵ BIGELOW, Poultney – *White Man's Africa*. Nova York;Londres: Harper & Brothers Publishers, 1900, p.5.

“O fazendeiro Bôer (sic) personifica a ociosidade imprestável. Ocupando uma fazenda de seis a dez mil acres, ele se contenta em criar um rebanho de poucas centenas de cabeças de gado – que são deixadas quase que completamente aos cuidados dos nativos que ele emprega. Pode-se afirmar (...) que ele nunca planta uma árvore, nunca cava um poço, nunca constrói uma estrada ... Ele passa seu dia não fazendo absolutamente nada além de fumar e tomar café. É um completo ignorante. À exceção da Bíblia – cujas palavras toma com credulidade fanática em sua interpretação mais literal – ele nunca abre um livro, nem mesmo lê um jornal. Sua ignorância é incomensurável e isto, em uma postura impassível, ele divide com sua esposa, seus filhos, suas filhas, sentindo-se orgulhoso de que suas crianças cresçam tão ignorantes, incultas, ficando tão desesperadamente para trás quanto ele mesmo. (...) ano após anos, geração após geração, o fazendeiro Bôer arrasta-se na mais ignóbil existência já experimentada por uma raça com pretensões à civilização.”²⁶⁶ XLVIII

Mais do que conservador, o bôer é visto como arcaico e imutável. Olive Schreiner concorda com a idéia de que nele encontramos “o século dezessete sobrevivendo” -; contudo, esta sobrevivência da tradição não ocorre pela incapacidade ou inaptidão à mudança: é apenas a manutenção de um modo de vida bastante diferenciado daquele do homem do XIX. Schreiner pede ao bôer que não abandone seu modo de vida – que não aceite prontamente os ideais do século XIX, envolvendo-se com a busca desenfreada pelo lucro, com o mercado de ações e outros valores pelos quais “certos povos estão morrendo”.²⁶⁷

Neste cenário, é a mulher bôer que ganha papel de destaque na reflexão da autora sul-africana. No capítulo *The Boer Woman and the Modern Woman's Question*, as relações de gênero na sociedade bôer são apresentadas como próximas à perfeição, além de serem acompanhadas por duas grandes vantagens: são “justas e saudáveis”.²⁶⁸ Seus problemas são quase nulos, uma vez que a igualdade de gêneros aqui está pautada na divisão do trabalho e das atividades domésticas – ou seja, a mulher não perdeu sua função social. Enquanto seu marido caça, cuida do rebanho e nas horas vagas faz reparos na casa em que vivem, a mulher cuida dos filhos – alimenta, educa, ensina a religião de seu povo –, além de ser ela que, “com as próprias mãos, molda as roupas de toda a família”. É também ela que, ao estar

²⁶⁶ Apud VAN WYK, Smith, M. – “The Boers and the Anglo-Boer War (1899-1902) in the Twentieth-Century Moral Imaginary”. *Victorian Literature and Culture*, Vol. 31, n. 2, 2003, p.429.

²⁶⁷ *Thoughts...*, p.238.

²⁶⁸ Idem, p.173.

sempre ao lado de seu marido, ombro a ombro, “mesmo encarando a morte”, acaba exercendo uma influência determinante na paz e na guerra.²⁶⁹ Por não viver unicamente de suas funções sexuais, a mulher bôer guarda em si a coluna vertebral da raça humana, segundo Schreiner.

Recordando da *boer woman* Tant’Sannie, atentemos para o papel que a mulher bôer tem agora na obra de Schreiner. Em 1883, quando o romance *The Story of an African Farm* foi publicado, Sannie sugeria boa parte das concepções que a heroína do romance, Lyndall, combatia – a ignorância, o casamento como atividade econômica e parasitária, a manutenção de valores imutáveis, inquestionáveis. A caricata Tant’Sannie poderia muito bem ter sido desenhada por Lord Randolph Churchill. Agora, é apontada como a “coluna vertebral” da raça humana.

Neste aspecto, Carolyn Burdett questiona:

“(...) O que (*What on earth*) teria acontecido para transformar a visão que se destaca da cultura Bôer em *African Farm* neste louvor que *Thoughts on South Africa* parece ser? Mais especificamente, como pode o significado da situação feminina mudar de uma pré-modernidade debilitante representada por Tant’Sannie, para esta igualdade pré-moderna da mulher Bôer ... ?”²⁷⁰ XLIX

Burdett argumentará que, após os anos vivendo na Inglaterra, Schreiner tinha agora exemplos de “uma ética exploradora do trabalho na prisão do espírito capitalista”, e “o fantasma da ociosidade colonial facilitada pela exploração racial”²⁷¹ que conhecia dos anos vividos na África do Sul. Da vivência destes exemplos, Schreiner manipularia o pastoralismo bôer ao ponto de tornar sua figura feminina uma força capaz de resistir ao capitalismo.

Podemos ser convencidos em parte. Em alguns capítulo de *Thoughts on South Africa* identificamos, sim, elementos que questionam o “espírito capitalista” mas este não parece ser o eixo que vincula os textos. Se tomarmos a obra como em sua totalidade e fizermos um exercício de observação do período de produção, é possível levantarmos uma

²⁶⁹ *Thoughts...*, pp.175-6.

²⁷⁰ BURDETT, Carolyn – *Olive Schreiner and the Progress of Feminism – evolution, gender and empire*. Houndmills: PALGRAVE, 2001, p.117.

²⁷¹ Idem, p.162.

outra hipótese – a de que os textos compõe um projeto político inacabado que não obteve sucesso.

Um primeiro ponto – a data estimada de produção dos textos: 1890-1892. Lembremos que este é o período de extremo sucesso político-econômico para Cecil Rhodes: fora eleito Primeiro Ministro da Colônia do Cabo em 1890 e via agora sua Companhia Britânica da África do Sul iniciar um momento de franca expansão territorial pela África Austral.

Ao retornar da Europa, também em 1890, Olive Schreiner confessava em correspondência a amigos o desejo de conhecer aquele a quem se referenciava como sendo o homem que faltava à África do Sul - Rhodes. Em agosto de 1891 – note-se que em meio ao período de produção dos textos que compõe *Thoughts...* – Schreiner escrevia à amiga Mary Sauer, citando-o como “dentre todos os homens, aquele que mais admiro”.²⁷² Mais do que admiração, Rhodes é o “único grande homem” e o “único homem genial”²⁷³ que a África do Sul possuía naquele momento, e seu projeto político tinha total apoio de Schreiner.

Como vimos anteriormente, a unificação político-econômica mostrava-se cada vez mais necessária no processo de expansão territorial, e o Transvaal mantinha-se como o principal obstáculo à consolidação daquela unidade. Sendo Olive Schreiner defensora das políticas de Cecil Rhodes neste período, e levando em consideração o tema central dos textos que compõe a obra *Thoughts on South Africa*, podemos perguntar até que ponto estes textos não teriam sido idealizados como propaganda política atrelada ao projeto de Rhodes. *Thoughts...* traria, no campo intelectual, aquilo que Rhodes executava nos campos do político e do econômico.

Thoughts..., em sua unidade, dedica-se a refletir sobre a formação de uma nação sul-africana. Uma nação originada da integração de suas raças brancas. Mas os textos que o compõe revelam dois movimentos essenciais, que ajudam a elucidar nosso ponto de vista. Um primeiro grupo engloba aqueles que chegaram a circular durante a década de 1890 - *South Africa, its Natural Features etc* (1891); *The Boer* (1896) e *The Wanderings of the*

²⁷² *Olive Schreiner Letters*, Volume 1: 1871 – 1899. Edited by Richard Rive. Oxford: Oxford University Press, 1987, p.194. O relacionamento de Rhodes e Schreiner será explorado mais detidamente nas próximas páginas. Aqui, optamos por informações pontuais para que não se perca o argumento principal.

²⁷³ *Idem*, p.165.

Boer (1896). É um grupo de textos marcado por um tom conciliatório, que busca justificar atitudes e promover aproximações.

O texto publicado em 1891 talvez seja o mais emblemático, uma vez que, além de “didático” – apresenta o território sul-africano em sua geografia, população diversificada e unidades políticas – menciona diretamente a necessidade de instituição de uma *nação harmônica*. “Sozinho e separado de seus companheiros, cada homem é capaz apenas da mais inferior forma de desenvolvimento.”²⁷⁴ É este texto também que menciona a ausência de unidades orgânicas essenciais atreladas a unidades políticas distintas: a África do Sul já está muito entrelaçada para viver fora de uma união comum, algo que se torna então inescapável. Em meio a uma distribuição de insultos calcados em estereótipos e ódios atávicos, a opção de Schreiner é política: vai discorrer sobre o que *une* Bôeres e ingleses.

Em finais de 1891 a relação Schreiner-Rhodes começa a definhar quando a autora percebe que os projetos de expansão do líder da CBAS nada têm em comum com aqueles de seus heróis políticos – como Sir George Grey,²⁷⁵ por exemplo - mas que são, sim, motivados por uma lógica capitalista disposta a esquecer qualquer política assimilacionista já empreendida em território sul-africano.

Publicados em 1896 após o Jameson Raid e circulando especialmente no exterior, *The Boer*²⁷⁶ e *The Wanderings of the Boer* tornar-se-iam peças fundamentais na divulgação e fortalecimento de um grupo político na Colônia do Cabo oposto ao que vinha sendo articulado até então por Cecil Rhodes. Se entre 1890-92 os textos, se publicados, tornariam evidente a habilidade de uma sul-africana de origem anglófona de apreender a história do bôer a partir de eventos tomados como essenciais para a identidade do grupo, agora reforçavam tentativas de diálogo e compreensão após o incidente do Raid. Mas causaram polêmica: em abril de 1896, Schreiner escreveu à amiga Mary Sauer confessando seu espanto com a repercussão negativa de seu trabalho entre os Bôeres:

²⁷⁴ *Thoughts...*, p.49.

²⁷⁵ Governador da Colônia do Cabo de 1854 a 1861. Estabeleceu políticas protecionistas para os nativos; empreendeu projetos de expansão, além de desejar de unir o território em uma federação, já que “Estados pequenos... acabam tornando-se centros de intrigas e comoções internas (...)” Cf. WORDSFOLD, - op cit, p.92.

²⁷⁶ Destaca-se que este artigo foi publicado também no *Cosmopolitan* de Nova York, Set-Out de 1900, tendo seu título modificado para “The African Boer.” O “sul-africano de ascendência européia” cuja língua materna é a *Taal*, conforme definido no texto, figura neste novo título marcando justamente a idéia de “africano”.

“Os jornais *Dutch* me atacam! - ela exclamou, confusa com a surpresa. Esperava que os ingleses a atacassem, 'mas que os jornais *Dutch* me atacassem parecia impossível. Sinto-me quase como o homem que vai ajudar a um outro que ele crê injustiçado e o homem a quem ele está ajudando levanta-se num pulo e dá-lhe um tiro no meio dos olhos!”²⁷⁷ L

Talvez os *Dutch* também não tivessem esquecido Tant'Sannie...

O segundo grupo de textos que definimos é composto, portanto, por aqueles que não tiveram circulação durante a vida da autora - *The Problem of Slavery; The Boer Woman and the Modern Woman's Question; The Boer and his Republics; The Psychology of the Boer* e, por fim, *The Englishman*. São textos que marcam essencialmente as oposições entre ingleses e bôeres e, creio, foram elaborados a partir da segunda metade de 1891 – após um encontro com Rhodes solicitado por Schreiner: “acredito que será um favor e ajudará em meu trabalho”, escrevia a ele em maio daquele ano.²⁷⁸

Nos textos deste segundo grupo Schreiner relembra, por exemplo, que foram os ingleses, com seus papéis de exploradores, comerciantes e donos de escravos, e sua lógica de enxergar o nativo como um meio de produção, e não como indivíduo, que causaram estragos infinitamente superiores àqueles dos bôeres. Estes, aliás, tiveram uma relação com o nativo “levemente mais pacífica”²⁷⁹ do que as demais raças brancas que passaram pela África. O diálogo entre a idéia de “não enxergar o nativo como indivíduo” e a discussão, em 1891, da *Masters and Servants Act* (lei que tornaria livre o açoite do nativo) parece, aliás, bastante próximo.

Outro ponto que pode ser levantado para reforçar nosso argumento de um projeto político alterado e abandonado é aquele que se relaciona com o suposto capítulo acerca dos nativos que estaria nos planos da autora, quando no início da elaboração de *Thoughts*. Entendemos que a elaboração de um texto demanda tempo – mas o intervalo de trinta anos que separa o início do projeto e a morte da autora é considerável, por maior que tenha sido seu envolvimento com “outros projetos literários”.

O que visualizamos em *Thoughts on South Africa* é o projeto de uma reflexão imperialista acerca do território sul-africano – que se diferencia dos demais projetos por

²⁷⁷ FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – op cit, p. 225.

²⁷⁸ *Olive Schreiner Letters...*, p.182.

²⁷⁹ *Thoughts...*, p.257.

prever a união de ingleses e bôeres. No texto cuja data de elaboração é definida através de sua circulação nos periódicos em que foi publicado, a proposta conciliatória entre as duas identidades é bastante perceptível.

É esta idéia também que justifica o fato de a autora não se posicionar de maneira clara no tocante à política nativa. O texto de 1891 praticamente não menciona os territórios nativos disputados por bôeres e ingleses – afinal, não é interessante relembrar velhas mágoas em tentativas de aproximação. A descrição feita do Transvaal é curta, elaborada de forma a não gerar muita polêmica. Apenas reforça, como mais um dos muitos dados que apresenta, a grande presença inglesa em Joanesburgo – ou seja, menciona mais uma vez idéia de convivência entre as “raças brancas.”

Quando os choques entre bôeres e nativos são relembrados nos textos *The Boer e The Wanderings of the Boer*, a violência dos embates tem sua justificativa na idéia de sobrevivência. Seu argumento, contudo, está sempre permeado pela idéia de superioridade do branco frente ao “pequeno humano em formação” que é o nativo.

A desilusão com o projeto político de Rhodes explicaria o caráter distinto dos demais textos – que têm um tom não de reconciliação, mas sim de repreensão, e parecem dirigidos mais ao público inglês do que aos bôeres. São textos que trazem, por exemplo, o problema da escravidão, fazendo questão de recordar que os grandes negociadores de escravos foram os ingleses. O “cruzamento de raças”, discutido com tanta ênfase em *The Problem of Slavery*, deixa o discurso científico e é explorado também em um aspecto social, como relembra Burdett – o problema que o *half-caste* representa é resultado da união não de “dois indivíduos de raças distintas, que partilham, porém, “condições comuns” – a união que origina o *half-caste* dá-se entre “as mulheres negras, escravizadas e mais indefesas, e um homem branco dominante.”²⁸⁰

Além disso, ao defender a pureza racial, Schreiner mantém também seus vínculos com o discurso imperialista calcado nas idéias de superioridade e inferioridade, como argumenta Daniel Pick. Mas a idéia de “inferioridade” do nativo, no discurso da escritora sul-africana, não é atrelada à idéia de segregação – como faz a lógica capitalista que criticaria, mais tarde, com maior clareza em outros projetos literários. O que passa a ser criticado, essencialmente, é a idéia de políticas *assimilacionistas* serem abandonadas em

²⁸⁰ Cf. BURDETT, op cit, pp.17-18.

detrimento de uma política que “desumaniza” o nativo (afinal, um “ser humano embrionário”, nas palavras da própria autora – mas ainda um ser humano).

Não é à toa que, em *The Englishman*, Schreiner irá recuperar a figura de Sir George Grey, Primeiro Ministro do Cabo entre 1854 e 1861 – este sim, afirma, um grande político, já que empreendeu políticas de diálogo tanto com nativos quanto com bôeres. O sucesso político de Grey, no argumento de Schreiner, estava no fato de ele pertencer àquele mínimo grupo de pessoas que se colocam ao lado do nativo – ou porque enxerga nele um igual em vigor moral, ou porque reconhece a obrigação daqueles que estão em um nível superior para com aqueles que ainda se encontram em meio à completa ignorância.²⁸¹ A autora reforça que não consegue citar o nome de nenhum contemporâneo seu que tenha se empenhado em agir de maneira próxima àquela de Grey – acreditara, a princípio, que Cecil Rhodes preencheria essa lacuna. Mas suas obras posteriores revelariam com mais afinco o tamanho de seu desencanto.

*

²⁸¹ *Thoughts...*, p.274.

Capítulo III Imperialismo & rios de ouro

1. The Political Situation

“(…) The famous words of Sir Thomas More are as true now as when he wrote them: ‘Everywhere do I perceive a certain conspiracy of rich men seeking their own advantage under the name and pretext of the commonwealth.’”

J. A. Hobson,
Imperialism (1902)

A cena não é inédita – envolve mais uma vez uma embarcação com alguns europeus aportando em um pequeno território da costa africana. Os personagens, desta vez, são alemães liderados por Adolf Lüderitz. O ano é 1883 e estamos no sudoeste africano, em Angra Pequena – nome dado por Bartolomeu Dias em 1487. Após negociações com os povos Nama, Lüderitz instala-se no território, requisitando proteção do governo alemão. Em 1884, Angra Pequena (que recebia agora o modesto nome de Baía de Lüderitz) tornava-se um protetorado alemão – “apesar de uma débil oposição do governo Britânico.”²⁸²

²⁸² GARRAN, Robert (Sir) – *The Government of South Africa*. South Africa: Central News Agency Ltds, 1908, Vol.1, p. 29. Desde 1868, missionários Rhenish estabelecidos nesta região sudoeste da África pediam, através do governo alemão, proteção contra a violência dos povos autóctones (os Nama). Reconhecendo a influência do poder britânico sobre a Namaqualândia, sucessivos apelos foram feitos ao longo dos anos, sem sucesso. Em 1880, a resposta inglesa foi a de que não se responsabilizariam por qualquer território além da Baía de Walfish. Novas tentativas foram feitas pelo governo alemão nos três anos que se seguiram, também sem sucesso. O estabelecimento de Lüderitz em Angra Pequena possibilitou a transformação do território em um protetorado alemão – o governo do Cabo, temendo o avanço alemão em suas proximidades, ofereceu-se para retomar o controle dos territórios além da Baía de Walfish, mas sua proposta não foi aceita. Cf. op cit, pp.28-30.

Dizia-se que a “águia alemã estava esticando suas asas”,²⁸³ surgindo como um elemento de desafio ao domínio inglês – e a idéia de uma eventual associação entre bôeres e alemães parecia preocupante. Embora parte da historiografia acerca do tema defenda que o perigo da aliança entre alemães-bôeres não passasse de “imaginação”,²⁸⁴ em 1883 Paul Kruger, líder político de um Transvaal que há dois anos tornara-se livre do domínio inglês, encontrou-se com o Kaiser em Berlim. O encontro, que pretendia a obtenção de um empréstimo ao Transvaal, deu-se em clima de camaradagem, com Kruger aproveitando a ocasião para rememorar suas origens alemãs. Um tratado de amizade e comércio foi firmado, e o líder da República Sul-Africana assegurou ao Kaiser que o Transvaal recorreria ao poder alemão em qualquer caso de necessidade.²⁸⁵

A Inglaterra começava a preocupar-se com sua supremacia na África. Já em 1875 (dois anos antes da anexação do Transvaal), Lord Carnarvon – então Secretário Colonial Britânico - atentava para a necessidade de se pensar naquilo que chamou de uma “Doutrina Monroe para a África”: “Não gostaria que se aproximassem muito de nós pelas cercanias do Transvaal, que deve ser nosso, tampouco ao norte, perto do Egito. (...) Em grande medida, senão inteiramente, devemos estar preparados para aplicar um tipo de Doutrina Munro (sic) na África.”²⁸⁶ Em 1885 a Bechuanalândia foi declarada protetorado do Império Britânico, que desta forma assegurava sob seu domínio a porção central de um território que separava o Transvaal das terras de domínio alemão.²⁸⁷ Mas era pouco.

Visando conter a expansão alemã e bôer, Cecil Rhodes procurava meios de assegurar os territórios britânicos – e a saída encontrada em finais da década de oitenta foi a negociação com nativos. Com Lobengula, rei dos Matabele, foi negociada a porção

²⁸³ CLOETE, Stuart – *Against These Three – A Biography of Paul Kruger, Cecil Rhodes and Lobengula, Last King of the Matabele*. Boston: Houghton Mifflin Company: 1945, p.156. Cloete (1897-1976), filho de mãe francesa e pai sul-africano, é romancista, poeta e biógrafo e, ao menos em *Against These Three*, ofereceu-nos com uma narrativa em que a adjetivação dramática transforma as vidas de Rhodes, Kruger e Lobengula em verdadeiros épicos – guardadas, é claro, as devidas proporções: Lobengula, por exemplo, era o “bárbaro líder negro que não tinha melhor uso para o ouro a não ser rolar nu sobre ele”; Paul Kruger, o “patriarca bíblico que ainda acreditava que a Terra era plana”; enquanto Rhodes, por sua vez, foi o homem que “viveu pelo poder: o seu próprio e o do Império Britânico”. Vale destacar ainda que estas descrições constam na contracapa do livro.

²⁸⁴ Exemplo desta vertente é o trabalho de Ronald Robinson e John Gallagher *African and the Victorians: The Official Mind of Imperialism*, de 1967.

²⁸⁵ ZINS, Henry – “The international creation of the Bechuanaland Protectorate in 1885”. *PULA Journal of African Studies*, Vol 11, n.01, 1997, p.58.

²⁸⁶ CLOETE, Stuart - op cit, p.59.

²⁸⁷ Rhodes definiu a Bechuanalândia como o “Canal de Suez” do comércio na África Austral. Cf. CLOETE, op cit; MILLIN, Sarah Gertrude – *Cecil Rhodes*. New York, London: Harper & Brothers Publishers, 1933.

territorial conhecida como Matabelelândia,²⁸⁸ situada entre os rios Zambeze e Limpopo, ao norte do Transvaal e da Bechuanalândia. No acordo, Lobengula concedia aos britânicos total e exclusivo direito de exploração dos metais e minerais encontrados naquele território; em troca, receberia £100 mensais, mil rifles com munição e uma canhoneira no rio Zambeze.²⁸⁹ Além disso, era oferecida “proteção incondicional” e a promessa de que apesar da exploração comercial, não seria feita nenhuma tentativa de colonização daquele território - o poder Matabele seria respeitado. Lobengula também comprometia-se a não ceder nenhuma porção de seu território sem o que o governo britânico tomasse conhecimento.²⁹⁰

Em outubro de 1889, Rhodes recebeu do governo inglês a carta de direitos que autorizava a exploração do território por sua Companhia Britânica da África do Sul,²⁹¹ agora incorporada pela Companhia Real.²⁹² Em entrevista publicada no *New York Times* de quinze de setembro de 1890, L. Wiener, Presidente da Câmara de Comércio da Colônia do Cabo, mostrava-se esperançoso com o empreendimento:

“Outro tema de importância para nós é o desenvolvimento da região entre o Cabo e o rio Zambeze. Ela deverá ser assumida pela CBAS, ou a “Chartered Company” – como é geralmente chamada. As operações desta companhia prometem ser enormes! A região até agora foi deixada de lado, em virtude da hostilidade dos nativos. Isso foi superado através de concessões. A Chartered Company tem permissão real e vai operar na região do mundo que acreditamos ser a mais rica em ouro. (...)”²⁹³ LI

A CBAS poderia atuar a partir das fronteiras ao norte do Transvaal e oeste de Moçambique. Além disso, a carta de direitos também obrigava a Companhia a reportar-se anualmente ao Secretário de Estado, a “manter ordem”, promover o livre comércio e zelar

²⁸⁸ Por volta de 1834 os Matabele subjugaram os Mashona, estabelecendo desde então seu império na região.

²⁸⁹ Cf. DAVENPORT, T. R. H. – *South Africa – A Modern History...*, p.158. A entrega dos rifles foi atrasada até 1893 e a canhoneira nunca foi entregue.

²⁹⁰ GARRAN, Robert - op cit, p.31.

²⁹¹ Para facilitar a leitura, daqui por diante será referenciada como CBAS.

²⁹² NATHAN, Manfred - *Empire Government - An Outline of the System Prevailing in the British Commonwealth of Nations*. London: George Allen Unwin, 1918, p.152. Vale lembrar ainda que em 1890 Rhodes seria eleito Primeiro Ministro da Colônia do Cabo.

²⁹³ *The New York Times*, 15 de setembro de 1890.

pela não-escravização dos nativos.²⁹⁴ Nota-se que não são compromissos muito dispendiosos – ainda assim, Rhodes passou a anunciar também a venda de terras. O entusiasmo dos interessados, contudo, mingou quando descobriu-se que a carta de direitos não autorizara essa transação. Sem grande habilidade comercial, E. A. Lippert foi o único comprador de algumas das frações territoriais negociadas por Rhodes – que deixaram de ser oferecidas após as pressões sofridas pela CBAS.

Mas Lippert seguiu sua busca por um bom negócio – encontrado finalmente em novembro de 1891. Desta vez suas terras foram adquiridas diretamente de Lobengula. Lippert aprendera sua lição e certamente não gostaria de qualquer menção a transações com a CBAS... Mas sempre pode-se abrir exceções quando ela oferece cinco mil libras, participação em seus títulos e ações e ainda a possibilidade de manter, a sua escolha, 120m² do território recém-adquirido de Lobengula.

A posse da terra pela CBAS não era uma concessão – não haveria a necessidade de atentar para a condição de vida dos nativos. Como apontou J. A. Hobson em seu clássico *Imperialism, a Study*, a conduta e motivação puramente comercial davam origem àquilo que chamou de “colonização industrial”, em que a força desempenhava papel fundamental: garantia não apenas proteção, mas também a possibilidade de obtenção de novos territórios.²⁹⁵ Ao tomar controle do novo território na Matabelelândia, a preocupação de Cecil Rhodes era agora a de reaver as “fortunas minguentes” da CBAS através, especialmente, da exploração da mão de obra nativa na atividade mineradora.²⁹⁶

Em 1893 iniciava-se uma série de conflitos que marcariam toda a década, opondo as tropas militares da Companhia e os Matabele – agora unidos aos Mashona; apesar da resistência, os nativos foram subjugados no ano seguinte. A província agora recebia o nome de Rodésia do Sul e já em 1896 contaria com uma população estimada de duas mil pessoas²⁹⁷. Passou a ser governada por um administrador, auxiliado por um conselho executivo composto por outros quatro membros indicados pela Companhia e aprovados

²⁹⁴ DAVENPORT, T. R. H. – op cit, pp.158-189.

²⁹⁵ HOBSON, J. A. – *Imperialism, a study*. George & Allen Unwin, 1902. (New York: Cosimo, 2005), p.252. Vale lembrar ainda que neste momento interesses outros que não apenas os comerciais – aqueles políticos e religiosos, por exemplo – ganham um caráter mais militarizado, e o poder do Estado é manipulado por Companhias como a CBAS - outros exemplos são a Real Companhia do Níger, a Companhia da África do Leste e a Companhia de Serra Leoa

²⁹⁶ DAVENPORT, T. R. H. – op cit, p.159. Destaca-se ainda que Mashonalândia e Matabelelândia mostram-se relativamente pouco rentáveis em suas riquezas minerais quando comparadas ao Transvaal.

²⁹⁷ WORSFOLD, W. Basil – *History of South Africa*. Los Angeles: University of California Press, 1900, p.52

pelo Secretário de Estado. As leis seriam elaboradas por um conselho legislativo composto por um responsável, sete outros membros também indicados pela Companhia, e ainda outros sete – estes eleitos através do voto de eleitores registrados. Um Alto Comissário é ainda indicado pelo Secretário de Estado para acompanhar os sistemas executivo e legislativo – mas como notamos, seu papel político é praticamente esvaziado frente ao da Companhia²⁹⁸.

Este é o cenário que marca uma importante transformação na obra de Olive Schreiner. Quando retornou à África do Sul em 1890, após seu primeiro e longo período vivendo na Europa, a autora mostrava-se grande entusiasta das propostas de Cecil Rhodes. São diversas as menções a Rhodes feitas por Schreiner em sua correspondência do período. Em abril de 1890, escreve a Havelock Ellis para contar que há um grande homem na África do Sul, Cecil Rhodes, e que gostaria muito de conhecê-lo. Além de encabeçar a CBAS, Rhodes teria demonstrado ser conhecedor e grande fã de seu romance *The Story of an African Farm*.²⁹⁹ Em julho do mesmo ano, o jornalista W. T. Stead recebe a carta em que Schreiner afirma que o único grande homem que a África do Sul possui é Rhodes, e o único empreendimento importante, a CBAS.³⁰⁰

Apesar de ter escolhido Matjiesfontein como morada, o trânsito da autora na Cidade do Cabo era constante – especialmente em virtude do estabelecimento de seu irmão, William P. Schreiner, na cidade. Advogado formado em Cambridge, Will retornou à África do Sul para exercer sua profissão e já em 1885 foi indicado relator parlamentar, tornando-se consultor jurídico do governo dois anos mais tarde.³⁰¹ A inserção de Olive Schreiner no circuito político sul-africano deu-se, em grande medida, a partir do diálogo com seu irmão.

A autora de *The Story of an African Farm* e Cecil Rhodes conheceram-se pessoalmente com a ajuda de Will, em novembro de 1890. Seria a Havelock Ellis que Schreiner confessaria a satisfação com o encontro – e da grande ternura que desenvolveu pela figura de Rhodes: “um gênio com um quê de criança.”³⁰² Entretanto, apesar de afirmar que o dirigente da CBAS era mais digno e nobre do que esperava, a autora confessava

²⁹⁸ Este esvaziamento de poder do Estado frente à Companhia justifica o nome pelo qual a Rodésia era conhecida amiúde – “Charterlândia”. Cf. MACKENZIE, W. Douglas – *South Africa in History, Heroes and Wars*. Philadelphia, American Book and Bible House, 1889, p.440.

²⁹⁹ *Olive Schreiner Letters...*, p.168.

³⁰⁰ *Idem*, p.172.

³⁰¹ *Idem*, p.182.

³⁰² FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner...*, p.198-199.

também seu incômodo a Ellis: apesar da admiração mútua que o encontro parecia ter despertado e alimentado, Schreiner acreditava que os ambientes sociais distintos em que circulavam impediria uma efetiva amizade.³⁰³ Mantinha-se firme, contudo, a idéia de que Rhodes era o homem do qual a África do Sul precisava.

A peculiaridade da figura de Rhodes reside no fato de não ter se contentado em ser um “mero agente do governo imperial, recebendo suas ordens de Londres.”³⁰⁴ O líder da CBAS articulou aquilo que se tem chamado de “sub-imperialismo”, em que a Colônia do Cabo, em seu governo como Primeiro Ministro, agia de maneira semi-autônoma na conquista de territórios e buscava concentrar em suas mãos a influência política na África Austral. Para tanto, era fundamental buscar maneiras de conciliar os interesses de ingleses e bôeres.

Grande parte do sucesso de Rhodes na obtenção do cargo de Primeiro Ministro origina-se na aliança estabelecida com J. H. Hofmeyr, fundador do *Afrikaner Bond*. Poderíamos questionar de que forma o Bond, que surge essencialmente como a forma política de marcar a diferenciação étnica entre ingleses e os falantes da *Taal*, poderia unir-se a um dos maiores expoentes da política imperialista inglesa. No entanto, como L. Wiener, Presidente da Câmara de Comércio da Colônia do Cabo, lembrou em sua entrevista ao *New York Times*,³⁰⁵ os *Dutch* representavam um número populacional relativamente superior ao inglês – de forma que podiam representar importante obstáculo aos desejos políticos coloniais. O Bond, por sua vez, via na aliança a chance de aprovação de leis que vinham sendo até então barradas – como por exemplo a redução do número de nativos votantes.³⁰⁶ Além disso, seus membros foram agraciados com ações da CBAS.

A aliança entre Rhodes e o Bond seria um dos principais temas do panfleto *The Political Situation*, escrito em 1895 por Olive Schreiner em parceria com seu marido, Samuel Cronwright-Schreiner. A relação de Schreiner e Rhodes entrara em franca decadência, especialmente em virtude de suas discordâncias políticas nos três anos que

³⁰³ FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner...*, p.198-199.

³⁰⁴ GILIOME, Hermann – op cit, p.234.

³⁰⁵ *The New York Times*, 15 de setembro de 1890.

³⁰⁶ BICKFORD-SMITH, Vivian – *Ethnic Pride and Racial Prejudice in Victorian Cape Town – Group Identity and Social Practice, 1875-1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p.139. A aliança com os falantes da *Taal* no Cabo também dava a Rhodes a certeza de um distanciamento dos bôeres do Transvaal. Paul Kruger, líder político do Transvaal, tinha planos de expandir sua república nas mesmas direções intencionadas por Rhodes. Cf. op cit.

antecederam o surgimento do texto. Além da diferença dos “ambientes sociais” em que circulavam, conforme a autora anunciara a Havelock Ellis, corria o boato de que a transformação no pensamento de Schreiner tinha sua origem em um coração partido. Como destacam Ruth First e Ann Scott:

“... em 1892, conforme Olive observava sua [de Rhodes] performance e de seus aliados políticos no parlamento do Cabo, as diferenças políticas entre os dois ficaram mais evidentes, e ela começou a insistir que seu nome não deveria ser mencionado atrelado ao de Rhodes em ‘hipótese alguma’. Era também uma forma de reagir à notícia que chegara a seus ouvidos acerca do boato circulante de que ela gostaria que Rhodes a pedisse em casamento. (...)”³⁰⁷ LII

Mesmo toda a argumentação da autora parece não ter sido suficiente para vencer as línguas afiadas. Na biografia de Cecil Rhodes elaborada em 1945 por Stuart Cloete, o autor faz questão de reforçar o “charme extraordinário” de Rhodes – que teria conquistado, entre várias mulheres, também Olive Schreiner. Falhando em conquistá-lo, Schreiner deu início a uma série de textos dedicados a denegrir a imagem do líder da CBAS.³⁰⁸

O fato de os boatos terem ou não fundamento permanece um ponto de debate entre os biógrafos da escritora sul-africana. De nossa parte, ressaltamos que argumentos como o de Cloete esvaziam o significado político da produção de Schreiner e a transformam meramente em uma mulher amarga, em busca de “vingança”, e não do questionamento da realidade sul-africana. No entanto, lembramos também do provérbio judaico – “Deus está mais próximo daqueles que têm o coração partido.” É de 1893 a alegoria *The Salvation of a Ministry*³⁰⁹ - que dá início a uma série de textos engajados na crítica direta à figura de Cecil Rhodes. O texto também demonstra como a autora articulava, poucos anos mais tarde, sua defesa dos nativos. Em *The Salvation...*, encontramos Deus atarefado na recepção de uma multidão de pessoas no céu. Na fila, aguardam algumas figuras políticas sul-africanas.

³⁰⁷ FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner...*, p.199.

³⁰⁸ CLOETE, Stuart – op cit, p.395.

³⁰⁹ A versão utilizada neste trabalho encontra-se na compilação *Words in Season – The Public writings with her own remembrances collected for the first time*. Johannesburg: Penguin Books (South Africa), 2005, pp.29-33. O texto aparentemente não chegou a ser publicado, vindo a público pela primeira vez apenas na biografia de Schreiner elaborada por seu marido – CRONWRIGHT SCHREINER, Samuel - *Life of Olive Schreiner*. Boston: Little, Brown and Company, 1924, pp.202-5.

O primeiro a encarar o Criador é John Xavier Merriman.³¹⁰ Auxiliado por um anjo responsável pelos “livros”, Deus quer saber “o que está escrito sobre ele.” Segue-se o diálogo:

“(…) ‘Diz aqui que ele tem posições antiquadas no que se refere à mulher; e que ele a despreza.

E Deus disse: ‘Isso é irrelevante. Muitos homens são assim; além do mais, as mulheres merecem. Há algo mais específico?’

O anjo virou as páginas e disse: ‘Diz que ele foi um homem brilhante e com senso de humor.’

Deus disse: ‘Eu gosto de humor. Nós precisamos disso até mesmo no céu. Nenhum homem com senso de humor é realmente ruim. Deixe-o entrar.’”³¹¹ LIII

Sir James Sivewright³¹² também está entre aqueles que deverão enfrentar o crivo divino – é acusado de especulação financeira e de ser um homem sem ideais. Deus, inclinado a mandá-lo ao inferno, muda de idéia quando um antigo empregado (nativo) do ex-ministro afirma que ele sempre foi um homem bom. Joseph Rose Innes³¹³ não precisou de qualquer apresentação – “Deixe-o entrar, eu o conheço”, disse Deus. A seguir, J. W. Sauer também é absolvido: todos os homens que lutaram contra a *Strop Bill*³¹⁴ estão salvos. Também é salvo Sir Pieter H. Faure,³¹⁵ apesar de o anjo dizer a Deus que Faure não havia cumprido em vida muitas de suas promessas:

“E Deus disse – ‘Todos fazem isso. Se eu tivesse que condenar um político pelas histórias que contam... nenhum deles entraria em meu reino. Todos os outros que

³¹⁰ No texto, personagens são referenciados apenas por suas iniciais e atitudes em vida. Merriman foi tesoureiro geral da Colônia do Cabo entre 1890 e 1893 – período em que Rhodes fora eleito Primeiro Ministro. Seu rompimento com o líder da CBAS veio em 1896, após o Jameson Raid.

³¹¹ *Words in Season...*, pp.29-30.

³¹² Durante muito tempo braço-direito de Rhodes, foi Ministro da Ferrovias no primeiro mandato daquele.

³¹³ Innes também participou do primeiro ministério de Rhodes – como Procurador Geral. Anos mais tarde seria um dos líderes da oposição a Rhodes, especialmente através da Associação Sul Africana de Política da Cidade do Cabo (*South African Political Association of Cape Town*).

³¹⁴ Lei de 1891 que tornava legal o açoite de nativos por trabalhadores brancos, também conhecida como *Masters and Servants Act*. Cf. HACKETT, Robin – *Sapphic primitivism: productions of race, class, and sexuality in key words of modern fiction*. Rutgers University Press, 2004, p.38.

³¹⁵ Um dos moderadores da Igreja Reformada Holandesa.

entraram também não cumpriram promessas. Por que ele seria arruinado? Deixe-o entrar.”³¹⁶ LIV

E então chegou Cecil Rhodes. Abrindo seu livro, o anjo começa a enunciar sua ficha – capitalista, apoiador da *Strop Bill*, incrédulo na possibilidade humana... Interrompendo-o, Deus anuncia: “Ele está condenado. Leve-o ao inferno”.

Após alguma confusão, pequeninos demônios arrastaram Rhodes – e podia-se sentir a grelha do inferno queimando e a gordura das frigideiras clamando por ele, avisa o narrador.

Mas uma nova confusão iniciou-se, lá estavam novamente os demônios e... Rhodes!

“E Deus disse: “Como assim? Por que vocês o trouxeram de volta? (...)

E um dos demônios disse: ‘Oh, Senhor Deus, nós tentamos destruí-lo. Tentamos levá-lo pela grande porta da frente, mas assim que chegamos lá ele entalou. Empurramos e puxamos, mas não conseguimos: ele era grande demais para aquela porta!’

Deus disse: ‘Por que vocês não tentaram alguma outra coisa?’

E os demônios disseram: ‘Senhor Deus, nós o levamos a todas as portas e janelas do inferno, mas não havia nenhuma grande o bastante para ele [passar]. Traríamos o inferno abaixo, se tentássemos. Você o fez grande demais para nós!’

E virando-se, Deus disse: “Tragam este meu filho aqui. Não há outro lugar para ele que não o céu!” E então Ele fez um novo lugar aos seus pés, logo na fila da frente, próximo ao escabelo.

E C.R. entrou com as mãos para trás, um sorriso no rosto... (...)

Então os demônios fugiram, mastigando as caudas. E, indo embora, ... olhei à minha volta e vi todo o Ministério sentado...; eles estavam cantando o *Te Deum*. Ouvi os anjos sussurrando enquanto iam embora – “Pela graça, e não pelo mérito!”. E outro disse: “Com Deus todas as coisas são possíveis!” (...)³¹⁷ LV

The Political Situation, por ser um texto panfletário, não brinda o leitor com a ironia que agora surge com mais liberdade na escrita de Olive Schreiner. Quando veio a público pela primeira vez, lido na Câmara Municipal de Kimberley em vinte de agosto de 1895, o

³¹⁶ *Words in Season...*, p.31.

³¹⁷ *Idem*, pp.32-33.

envolvimento de Olive com o texto não foi mencionado. Segundo Samuel, aquelas linhas foram elaboradas por ele e “um amigo.”

Um mês antes da divulgação do texto, Olive escreveu a Edward Carpenter comentando o trabalho e definindo-o como “obviamente contrário a Rhodes e ao capitalismo”. Também explicou a opção por não desejar seu nome vinculado ao trabalho – tratava-se de um texto político e, portanto, impessoal, afirma a autora. Não há importância em seu nome ser ou não mencionado.³¹⁸ O que nos leva a acreditar, portanto, que é justamente a menção – ou não – ao nome de *Olive Schreiner* que iria conferir o valor e impacto do texto em seu público. Mas seja pelo estilo do discurso apresentado ou por Samuel ter poucos amigos, quatro dias após a leitura já se conhecia o envolvimento de Olive Schreiner na elaboração do texto.³¹⁹

*The Political Situation*³²⁰ tinha início bastante direto, partindo da afirmação de que duas questões cruciais colocavam-se no cenário político da Colônia do Cabo naquele momento: a primeira delas, a existência daquele que chama de “movimento retrógrado” na política dos últimos anos. Qual a sua causa? E em segundo lugar – o que pode ser feito para conter este movimento?³²¹

Apresentando as características do chamado “movimento retrógrado”, *The Political...* afirma que enquanto a tendência na maioria dos países – e até mesmo em outras colônias inglesas – tem sido a de ampliar-se o público eleitor, caminhando cada vez mais na direção do estabelecimento do voto masculino universal, na idéia de “um homem, um voto”, a Colônia do Cabo segue em sentido contrário, estreitando sua política eleitoral.³²²

Olive e Samuel dialogam diretamente com o *Franchise and Ballot Act* (a Lei do Direito de Voto) de 1892 – que, por unanimidade, elevava de £25 para £75 anuais a renda necessária para tornar-se eleitor.³²³ Mas o casal pertencia à pequena parcela que interpretava esta lei como “retrógrada”. O mesmo L. Wiener já citado anteriormente reforça em sua entrevista:

³¹⁸ *Olive Schreiner Letters...*, pp.254-5.

³¹⁹ Fato que, inclusive, falicitou sua publicação no ano seguinte pela T. Fisher Unwin, em Londres.

³²⁰ A versão de *The Political Situation* utilizada nas referências deste capítulo são as da edição de Londres: T. Fisher Unwin, 1896.

³²¹ *Op cit*, p.7

³²² *The Political Situation...*, p.7.

³²³ Para uma estimativa, no período em que Sol Plaatje – jornalista, político e literato sul-africano – trabalhou como carteiro em Kimberley, sua renda era de £72 anuais. Cf. WILLAN, Brian – *Sol Plaatje – South African Nationalist, 1876-1932*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1983, p.32.

“Os nativos também desempenham um papel importante na política da Colônia do Cabo. De uma população total de 1.200,00, eles são 700.000. Eles têm voto, assim como os brancos. Mas nós temos duas importantes condições para os eleitores – que se aplicam tanto para brancos quanto para negros. A pessoa deve receber £50 por ano, ou possuir uma casa ou terreno avaliado em £25. O voto do nativo não é tão determinante quanto poderia ser, em virtude de viverem, em maioria, sob seus costumes tribais. Mas mesmo assim são um eleitorado imenso e, devo dizer, inteligente. Eles geralmente se opõe aos *Dutch*, já que os *Dutch* querem um voto diferenciado para os nativos. Creio, contudo, que os nativos jamais perderão o direito de voto do qual desfrutam agora.(...)”³²⁴ LVI

Já Douglas Mackenzie, em seu *South Africa in History, Heroes and Wars* (1899), traz informações distintas acerca do sistema de votação:

“Deve ser dito ainda que a Colônia do Cabo confere iguais direitos a brancos e negros. Os negros, entre os quais notamos agora um considerável número de homens bem educados e prósperos, podem ser nomeados para servir em júris; e foram conhecidos casos em que um negro serviu ao júri em situações que envolviam a absolvição ou condenação de um homem branco. O voto pertence igualmente às duas raças, e nas mesmas condições. De acordo com as leis de terra, conforme a emenda de 1892, um duplo-teste é aplicado. Para votar, seja o eleitor negro ou branco, deve comprovar que possui propriedade no valor de £75 (cerca de \$375) ou que tem renda de £50 por ano (cerca de \$250) e, ainda, deve ser capaz de assinar seu nome e ter emprego e endereço registrados com sua própria caligrafia.

Sem dúvida alguns brancos demonstram desprezo por seus vizinhos negros, e cresceram, na Colônia, alguns hábitos sociais que são difíceis para uma raça superior deixar de ter em relação a uma inferior; mas o fundamental ... para a história vindoura das raças, é encontrado na igualdade perante a lei. De forma geral, os negros da Colônia do Cabo sabem que diante da maioria dos juízes – e especialmente daqueles de origem inglesa – eles podem estar certos de que terão seus casos escutados com atenção, e [a] justiça [será] aplicada de maneira honrosa.”³²⁵ LVII

³²⁴ *The New York Times*, 15 de setembro de 1890.

³²⁵ MACKENZIE, W. Douglas – *South Africa in History, Heroes and Wars*. Philadelphia: American Book and Bible House, 1899, p.135.

Apesar de Wiener mencionar que os nativos são cerca de setecentos mil na Colônia do Cabo, e de Mackenzie reforçar constantemente que não há desigualdades no sistema eleitoral, algumas observações devem ser feitas.

Apologistas da “tradição liberal do Cabo” afirmam que o direito de voto do nativo era um dos melhores exemplos que se poderia oferecer do ideal assimilacionista pregado.³²⁶ O leitor, contudo, não deve incorrer no risco de associar esta informação àquela oferecida por L. Wiener em sua entrevista – a existência de setecentos mil nativos na Colônia – e imaginar um número expressivo de votantes nativos. As “qualificações” exigidas eram altas, e poucos eram aqueles que as atingiam; nenhum número expressivo ao ponto de oferecer riscos à “política branca” fora até então registrado. Mas o que havia mudado?

A política de anexação territorial iniciada na década de 1870 trouxera transformações políticas e populacionais para todo o território sul-africano. Centrando-nos na Colônia do Cabo, temos a anexação do Transkei em 1879,³²⁷ além dos territórios Gcaleka e Thembu, em 1885, e Pondo - em 1894. Em 1865, a população branca da Colônia do Cabo era de 181 mil brancos; em 1891, seu número atingia os 376 mil. Enquanto isso, a população nativa aumentava quatro vezes, passando de 314 mil para quase um milhão e meio.³²⁸ Embora as exigências para a aquisição do direito de voto fossem elevadas, o expressivo aumento populacional tornou-se uma preocupação. Em 1887 surgia o *Parliamentary Voters Registration Act*, a primeira de uma série de leis que intencionavam restringir as possibilidades de direitos eleitorais por parte dos nativos. A lei de 1887 negava direito de voto àqueles que possuíssem terras em sistema comunal. O então Primeiro Ministro do Cabo, Sir Gordon Sprigg, figurava entre um dos principais defensores da lei – “se a posse comunal ou tribal for permitida como direito de registrar-se como eleitor, entregaremos esta nobre Colônia àquela bárbara população nativa!”³²⁹

Há um detalhe relevante na informação trazida pelo texto de Douglas Mackenzie, e que poderia passar despercebida entre números e cifras. Mackenzie menciona a necessidade de o eleitor saber assinar seu nome e também registrar dados de emprego e moradia com

³²⁶ MAYLAN, Paul – op cit, p.128.

³²⁷ Diferentemente de anexações como a da Bechuanalândia - que, como vimos, tornou-se um protetorado - a anexação do Transkei sempre manteve o território subordinado à Colônia do Cabo.

³²⁸ GILIOMEE, Hermann – op cit, pp.283-4.

³²⁹ Apud MAYLAN, Paul – op cit, p.128.

sua própria caligrafia. Um dos pontos da aliança constituída entre Cecil Rhodes e o *Afrikaner Bond* era o de que o governo passaria a investir mais na educação bôer (*afrikaner*) e menos na do nativo.³³⁰ Já em 1891 Rhodes fez expressivas doações para as *farm-schools* dos *afrikaners*, além de instituir a Comissão Educacional para investigar o fato de crianças brancas e negras frequentarem as mesmas escolas missionárias. O discurso de separação racial ganhava força também na esfera educacional, e a Comissão por fim recomendou que as escolas públicas não-denominacionais seriam destinadas às crianças brancas, enquanto que as escolas missionárias ficariam restritas a *coloureds* e nativos.³³¹ Uma outra categoria escolar também foi criada – uma escola para “resgatar” as crianças brancas que até então estudavam em missões e que agora teriam a oportunidade de um “ensino superior”.

Houve pouca resistência à separação escolar infantil – mas uma delas é bastante curiosa. Partiu de três clérigos anglicanos e também de Abdol Burns, importante nome da resistência muçulmana – estes quatro homens contrariavam o argumento de que o convívio de crianças brancas e negras traria a “degeneração.” Seu argumento centrava-se na questão de como, afinal, identificar quem era e quem não era branco em uma sociedade que contava com uma “notória permeabilidade em sua barreira de cor (*colour-line*)”.³³²

Não encontramos, ao menos nas fontes a que tivemos acesso – romances, textos políticos, correspondência – nenhuma menção a uma oposição ou mesmo questionamento por parte de Olive Schreiner ao trabalho da Comissão Educacional, tampouco às propostas elaboradas por ela. Lembrando os anos de criação da Comissão e de suas propostas iniciais – 1891-1892 – temos aqui um outro ponto para corroborar o argumento de que nos anos iniciais da década de noventa, Schreiner não tinha na situação sócio-política dos nativos seu maior alvo de interesse, dedicando-se sim ao projeto de tentar unir ingleses e bôeres.

As tentativas de restrição à participação política dos nativos teriam continuidade nos anos seguintes. Em 1893, foi imposto o registro da raça no título de eleitor, e em 1894 o *Glen Grey Act* passou a vigorar. A lei resolvia problemas de várias esferas – há quarenta anos, uma grande área ao norte de Queenstown recebera o nome de Glen Grey em virtude

³³⁰ Cf. BICKFORD-SMITH, Vivian – op cit, p.139.

³³¹ Vale destacar também que a Comissão estimou o número de crianças que se misturavam racialmente nas escolas em 3 mil brancas e 4 mil nativas – apenas na Cidade do Cabo. Cf. BICKFORD-SMITH, Vivian – op cit, p.140.

³³² Idem, pp.139-141.

do tratado assinado pelo inglês e os Thembu, que a transformava em uma reserva para oito mil nativos. Uma série de conflitos entre os Thembu e fazendeiros brancos que tentavam estabelecer-se na região fez com que Rhodes organizasse uma comissão para investigar a situação...

Conhecedores de comissões e investigações passadas, desconfiamos. A solução encontrada desta vez é a de não aceitar fazendeiros brancos na região. Os 250 mil hectares em disputa são divididos em lotes de quatro hectares a serem distribuídos entre as famílias africanas – os títulos deixam de ser comunais, tornando-se individuais, e são mantidos por posse ou hereditariedade concedida apenas ao primogênito. Os demais filhos deverão procurar “meios de conseguir suas próprias terras”.³³³ As terras, contudo, não são doadas – cabe às famílias que as receberam arcar com uma taxa estipulada, sob o risco de terem sua posse confiscadas no caso de não-pagamento

Os impactos do *Glen Grey Act* foram bem apreendidos pela Sociedade de Proteção ao Aborígene. O *Daily News* de Londres trouxe em suas páginas do dia quinze de dezembro as objeções feitas à lei pela Sociedade – segundo seus representantes, o *Glen Grey Act*

“(...) interferiu na posse comunal da terra, própria a todos os sistemas nativos desde tempos imemoriais, e a transformou em lotes arrendados e divididos entre a população de acordo com a aprovação do Governo, dando vantagem a alguns e obrigando os demais a andarem sem rumo pelas terras de seus ancestrais. Os [ilegível] também foram forçados a procurar empregos fora do distrito ou arriscar-se a multas e à prisão. Além do mais, aqueles que dispõem de terra estão ligados ao pagamento de um aluguel perpétuo para quitá-las. (...). O Ato não tem uma cláusula proibindo a venda, transferência ou alienação para outro que não um nativo e, como a lei se aplicaria a todos os nativos da Colônia do Cabo, eles corriam o risco de, no final das contas, acabarem sem suas terras e reduzidos praticamente à condição de escravos. O Sr. Rhodes, em sua resposta, disse que os receios da sociedade são infundados. Todas as precauções foram tomadas para proteger os nativos. (...),³³⁴ LVIII

Desprovidos de terra e em busca de trabalho, os nativos dificilmente atingiriam as £75 anuais necessárias para que se tornassem eleitores. E os grandes empresários da

³³³ GILIOME, Hermann – op cit, pp.290-3.

³³⁴ *Daily News*, 15 de dezembro de 1894.

mineração conseguiram canalizar mão de obra das reservas para a mineração – a baixos custos. Cecil Rhodes afirmava que estariam ensinando aos nativos a “dignidade do trabalho”³³⁵ – afinal, “Um homem só trabalha por pressão da fome ou do medo!”, como esbravejava o fazendeiro R. P. Botha no Parlamento do Cabo.³³⁶

Não é intenção do argumento do casal Schreiner afirmar que o *Afrikaner Bond* é, sozinho, o responsável por arrastar a África do Sul rumo a políticas cada vez mais reacionárias. Embora o *Bond*, em sua origem, seja uma proposta nascida do acirramento da dicotomia étnica³³⁷ entre ingleses e *afrikaners*, Olive e Samuel Schreiner defendem que com o passar dos anos a presença do partido na vida política da Colônia do Cabo tornou-se um elemento necessário e saudável. Ao perder grande parte da marcação étnica que representava, os Schreiner argumentam que o *Bond* era agora o meio de expressão política de um grupo de colonos com ideais distintos daqueles de um outro grupo de colonos.³³⁸ O que nossos autores criticam é a inserção de elemento representates do “monopólio” no *Bond* - “europeus de grande astúcia” e com “capacidade especulativa”, que se aproveitaram de cisões políticas para tomar controle da máquina estatal e aumentar seu próprio poder, enquanto a África do Sul definha em pobreza.³³⁹

O texto dos Schreiner também criticava o esvaziamento político que permitia esta ascensão do “monopólio”, iniciando assim o debate de um segundo ponto que também traz como crucial em seu argumento – como conter o avanço deste “movimento retrógrado” na política do Cabo?

Os autores mencionam aqueles que são “progressistas por profissão”,³⁴⁰ e transformam o partido Partido Progressista no “Partido do Monopólio” – alusão clara à reeleição de Rhodes pelo partido em 1893. Está na hora da África do Sul perguntar-se quem são seus verdadeiros progressistas e, para essa empreitada, Olive e Samuel Schreiner afirmam que três tópicos revelam o verdadeiro posicionamento político de uma pessoa.

O primeiro deles refere-se à questão do trabalho:

³³⁵ Cf. BURDETT, Carolyn – *Olive Schreiner and the Progress of Feminism – evolution, gender and empire*. Houndmills: PALGRAVE, 2001, p.120.

³³⁶ GILIOME, Hermann – op cit, p.290.

³³⁷ Schreiner refere-se à oposição entre ingleses e *afrikaners* como sendo “racial”.

³³⁸ *The Political Situation...*, p.24.

³³⁹ Idem, pp.58-63. Cf. FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner...*, p.220.

³⁴⁰ *The Political Situation...*, p.78.

“(...) Na África do Sul essa questão assume importância gigantesca, já que inclui boa parte daquela que é popularmente denominada a “Questão do Nativo”; é o mesmo [tema] da questão trabalhista da Europa, complicada pela diferença de raça e de cor entre aqueles que são proprietários e empregam e os trabalhadores e classes mais pobres.”³⁴¹ LIX

Diante desta realidade trabalhista, um verdadeiro progressista, apesar de saber que o nativo difere das raças brancas em diversos aspectos, reconhece-o como um indivíduo. Reconhece também que é mais desenvolvido que o nativo, e que portanto é responsável por ele, por seu bem-estar, e que devem associar-se da maneira mais amigável possível. Aqueles que defendem os ideais do “Partido Retrógrado”, por sua vez, argumentarão que o nativo só deve ser tolerado em virtude de sua capacidade de trabalho.³⁴²

O posicionamento acerca da cobrança de impostos também revela muito da inclinação política de alguém – aqueles que acreditam que impostos devem ser cobrados em benefícios de poucos certamente pertencerão ao Partido Retrógrado, argumentam os Schreiner. Os espírito progressista sabem que taxas devem incidir sobre artigos de luxo, e não nos artigos do cotidiano; e que impostos não devem pesar mais sobre o homem pobre do que sobre o rico.³⁴³

A terceira questão levantada é a do voto. Afinal, o homem que corrobora o argumento de que, conforme um Estado desenvolve-se, suas bases eleitorais devem estruturar-se de forma a evitar reivindicações da parte das classes não-representadas não pode pertencer a um partido verdadeiramente progressista. Olive e Samuel Schreiner afirmam ainda serem estas pessoas as responsáveis por utilizar o Parlamento como um meio de representação da propriedade em detrimento do indivíduo.³⁴⁴

No entanto, como relembra Bickford-Smith, na tradução da ideologia para a prática social, embora a separação de brancos e nativos tenha ampliado-se de modo significativo nos anos iniciais da década de noventa, ela ainda não era completa.³⁴⁵ O autor justifica seu

³⁴¹ *The Political Situation...*, pp.108-9.

³⁴² *Idem*, p.111.

³⁴³ Os Schreiner defendem que países desenvolvidos optam por taxar artigos de luxo para aumentar a receita; na África do Sul, pelo contrário, chamam de “impostos abusivos” as taxas que incidiam sobre artigos cotidianos. Destacam os aumentos recentes nos impostos de produtos como o trigo (38%), açúcar não-refinado (107%), manteiga (20%), velas (59%) e parafina (202%). Enquanto isso, os diamantes exportados e bebidas alcólicas não eram taxadas. Cf. *op cit*, pp.17-18.

³⁴⁴ *The Political Situation ...*, p.113.

³⁴⁵ BICKFORD-SMITH, Vivian – *op cit*, p.147.

argumento afirmando que as classes dominantes da Colônia do Cabo ainda mostravam-se relutantes em investir financeiramente na segregação – optando por medidas que julgavam ser “preventivas”.

Outros fatores poderiam ser apontados como responsáveis para que no cotidiano as medidas que se tentavam implementar não tivessem alcance total. Se notamos a articulação de uma legislação que intensifica seu caráter segregacionista, percebemos também como diversos grupos sociais organizam-se em questionamentos e resistência às novas leis. Vimos o caso do panfleto *The Political Situation*, de Olive e Samuel Schreiner, que, apesar de não apresentar propostas efetivas de combate às políticas de opressão dos nativos, ao menos sistematiza, pela primeira vez e de maneira pública, a opinião dos autores acerca do tema. Atacavam Cecil Rhodes e os interesses capitalistas por ele representados, acusando-no de, através de sua aliança política com o *Bond*, investir em uma “legislação retrógrada na questão do nativo”³⁴⁶, e buscavam conquistar apoiadores para seu argumento.

Quando lembramos que a leitura inicial do panfleto do casal Schreiner foi feita na Câmara Municipal de Kimberley, nossas associações ampliam-se para movimentos emblemáticos. Em junho de 1895 – dois meses antes da apresentação de *The Political Situation* – o jornalista e político Tengu Jabavu³⁴⁷ fundava a *South African Improvement Society*.

“(…) O nome da Sociedade era revelador em si mesmo: ‘aprimoramento’, assim como ‘progresso’, era respeitado como um conceito-chave nesses círculos, enquanto que a decisão tomada pelos vinte membros que estiverem presentes à reunião inaugural da Sociedade de chamarem-se de ‘Sul-Africanos’, ao invés de ‘Nativos’ ou ‘Africanos’ parecia enfatizar a aspiração a uma identidade na qual nacionalidade e não raça tornava-se o fator determinante. (...)”³⁴⁸ LX

Um dos principais objetivos da *South African Improvement Society* era cultivar e aprimorar o uso do inglês entre seus associados. Trechos de obras literárias ou composições

³⁴⁶ WILLAN, Brian – op cit, p.47.

³⁴⁷ Político e jornalista de origem Mfengu, amigo pessoal de James Rose-Innes (que, inclusive, ajudara a financiar o jornal idealizado por Jabavu, o *Imvo Zabantsundu* – “Opinião Negra”), Jabavu é um dos principais nomes na lista daqueles que se lançaram no questionamento das leis de separação racial.

³⁴⁸ WILLAN, Brian – op cit, p.36.

próprias eram lidos na expectativa de receberem críticas “razoáveis e justas”, além de haver também uma preocupação com correções nos estilos de leitura e pronúncia.

Brian Willan chama a atenção para o fato de que, entre leituras de Shakespeare e Max O’Rell, os homens reunidos por aquela sociedade aproveitavam-se do espaço também para satirizar muitos dos costumes europeus – bem como suas próprias aspirações a adquiri-los. Patrick Lenkoane era um dos que se destacavam por seu bom humor: tendo trabalhado para Cecil Rhodes e depois como jardineiro, dizia agora que era “dono de um alojamento”, numa clara menção aos espaços em que eram confinados os nativos que se deslocavam em busca de trabalho.³⁴⁹

Outro participante assíduo da *Improvement Society* também demonstraria seu bom humor alguns anos mais tarde, quando, acusado por um representante governamental de não se lembrar de “todas as bênçãos que o homem branco concedeu-lhes!”, Sol Plaatje respondeu – “É claro que me lembro, sempre lembro: especialmente do álcool e da sífilis.”³⁵⁰

Vivendo em Kimberley desde inícios de 1895, onde começara a trabalhar como carteiro, Plaatje logo conheceu Tengu Jabavu – que o apresentou ao grupo daqueles conhecidos como “amigos dos nativos” (ou “uma associação sagrada”, nas palavras de Lenkoane) e por onde transitavam nomes como o de Samuel Cronwright-Schreiner. Brian Willan reforça que a leitura de *The Political Situation* teria despertado em Plaatje uma “calorosa admiração” por Cronwright-Schreiner.³⁵¹ Também o Reverendo Jonathan Jabavu, irmão de jornalista, mostrar-se-ia tocado pelas palavras do marido de Olive Schreiner:

“Poucos como são, nós acreditamos que homens da estirpe do Sr. Cronwright-Schreiner um dia terão sucesso em libertarem-nos desta escravidão causada por medidas tão opressivas como o Glen Grey Act (...). Temos que nos mobilizar e unir, e elevar nossas vozes contra tão injusta legislação ...”³⁵² LXI

³⁴⁹ WILLAN, Brian – op cit, p.38.

³⁵⁰ Apud COMAROFF, John L. (ed) – *The Boer War Diary of Sol T. Plaatje*. Johannesburg: Macmillan, 1976, p.xix.

³⁵¹ Apud WILLAN, Brian – op cit, p.47.

³⁵² *Ibidem*.

The Political Situation pode não ter atingido seu principal alvo – o monopólio, o capitalismo, Cecil Rhodes – com a força pretendida. Mas revelava como poderiam se articular círculos de questionamento de uma legislação que cada vez mais reforçava seu caráter segregacionista. O panfleto marca também uma definição mais clara no argumento de Olive Schreiner acerca da “questão do nativo” – e em sua obra seguinte, *Trooper Peter Halket of Mashonaland*, esta posição que seria assumida de maneira mais ampla e com maior divulgação no cenário literário internacional.

2. Trooper Peter Halket of Mashonaland

“Gluck stood watching it for some time, very much disappointed, because not only the river was not turned into gold, but its waters seemed much diminished in quantity. (...) when he came in sight of the Treasure Valley, behold, a river, like the Golden River, was springing from a new cleft of the rocks above it, and was flowing in innumerable streams among the dry heaps of red sand.

And Gluck went, and dwelt in the valley, and the poor were never driven from his door: so that his barns became full of corn, and his house of treasure. And, for him, the river had, according to the dwarf’s promise, become a River of Gold.”

John Ruskin,

The King of the Golden River (1841)

Como vimos, após os conflitos de 1893 e 1894 a Companhia Britânica da África do Sul estabeleceu seu domínio sobre a região que passou a ser conhecida como Rodésia. O

poder Matabele, porém, não fora totalmente subjugado. O ressentimento aumentava na mesma proporção do número de colonos brancos que se dirigiam para a região, seduzidos pela promessa de terras e minérios. Stuart Cloete destaca que os colonos que rumavam para a Rodésia recrutavam trabalho nativo, na maioria das vezes de forma violenta, por dez xelins ao mês.³⁵³ No argumento de Cloete, os nativos poderiam compreender a forma mais baixa de escravidão, mas não a idéia de trabalho pesado ser compensado por dinheiro – algo que não sabiam como usar.³⁵⁴

Os colonos seriam identificados ainda como responsáveis pela seca e a praga de gafanhotos que castigavam as plantações, bem como pelo gado que adoecia inexplicavelmente.³⁵⁵ “Não apenas os Matabele elevaram-se a norte e sul de Bulawayo, mas houve também um levante a oeste, entre os Shona.”³⁵⁶ É importante compreender como o território organizava-se então:

“A Rodésia do Sul, como foi dito, está dividida em duas grandes províncias, Matabelelândia, a oeste, e Mashonalândia a leste. Cada país é habitado por uma tribo distinta com características nacionais muito diferentes. Os Matabele, um ramo da raça Zulu, foram durante o tempo da ocupação inglesa uma potência e um povo belicoso que, sob a liderança de seu grande chefe Lobengula, tornaram-se o terror de todas as tribos vizinhas. Os Mashona, por sua vez, são uma raça servil e preguiçosa, enfraquecida por muitas

³⁵³ CLOETE, Stuart – *Against These Three – A Biography of Paul Kruger, Cecil Rhodes and Lobengula, Last King of the Matabele*. Boston: Houghton Mifflin Company: 1945, p.327.

³⁵⁴ Aqui se torna inevitável o paralelo com *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, quando Marlow conta-nos do pagamento oferecido aos africanos que trabalhavam para a Companhia à qual ele também estava vinculado – “(...) Afora isso, haviam dado a eles, a cada semana, três pedaços de arame de latão com vinte centímetros cada; e a teoria era de que eles comprariam suas provisões com aquela moeda nas aldeias ribeirinhas. Vocês podem ver como *isso* funcionou. Não havia nenhuma aldeia, ou as pessoas eram hostis, ou o diretor – que como o resto de nós se alimentava de comida enlatada (...) – não queria parar o vapor por razões mais ou menos ocultas. Assim, a menos que engolissem o próprio arame ou fizessem com ele anzóis para apanhar peixes, não vejo de que seu salário extravagante poderia lhes servir. (...)”. Publicada originalmente na revista *Blackwood's Magazine* em 1899, destacamos que a obra é praticamente contemporânea dos eventos na Rodésia e que, apesar de geografias distintas, ambos podem remeter-nos à idéia da dificuldade de compreensão do “outro”. CONRAD, Joseph – *O Coração das Trevas*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002 (1899), p.64.

³⁵⁵ Relatos dos impactos da *rinderpest* na sociedade sul-africana são encontrados, por exemplo, nos diários e correspondência do General Baden-Powell – em vinte e sete de maio de 1896, há o registro do deslocamento de sua tropa do *kraal* Matchudi para Pala e, no caminho, deparam-se com uma quantidade que estimam ser a de três mil e duzentas cabeças de gado vitimadas pela peste. Cf. BADEN-POWELL, R.S.S. - *The Matabele Campaign, 1896 – Being a Narrative of the campaign in suppressing the native rising in Matabeleland and Mashonaland*. Londres: Methuen & Co, 1900, pp.9-10.

³⁵⁶ DAVENPORT, T. R. H. – op cit, p.160.

divisões tribais e pela ausência de um grande chefe. (...) A população nativa de Matabelelândia e Mashonalândia tomadas juntas (...) é de cerca de 662.000”³⁵⁷ LXII

O ano de 1896 marcaria o início daquela que é chamada de Segunda Guerra Matabele ou Primeira Chimurenga.³⁵⁸ O momento escolhido para dar início ao levante não poderia ser mais propício, já que explorava o acirramento das relações entre ingleses e *afrikaners*, abaladas após o “incidente” do *Jameson Raid*. Enquanto isso, o rompimento da aliança entre Cecil Rhodes e o *Afrikaner Bond* havia polarizado a política na Colônia do Cabo.³⁵⁹

Centenas de colonos foram mortos nas primeiras semanas da revolta – especialmente porque grande parte da força militar da colônia, presente desde os conflitos de 1893-4, fora desviada para a recente ação no Transvaal. O General Grey ainda conseguiu reunir uma tropa de mil homens – que enfrentaria aproximadamente dez mil Matabeles – e insistia na afirmação de que “Bulawayo é tão segura quanto Londres!”³⁶⁰ Basil Worsfold destaca que “Cecil Rhodes estava presente neste momento de perigo na colônia que carregava seu nome.”³⁶¹ Talvez intimações judiciais despertem o bravo guerreiro adormecido que temos em nós, já que ao receber aquela enviada para que comparecesse às instauradas investigações dos responsáveis pelo *Jameson Raid*, Rhodes respondeu – “A investigação pode esperar. Estou ocupado guerreando com os Matabele”.³⁶² De qualquer forma, seria Rhodes a, meses depois, conseguir o acordo final com os “rebeldes”.³⁶³

As notícias da guerra percorriam o mundo enquanto isso. Em cinco de julho de 1896, o *New York Times* publicava sob a manchete “Sem Uso Para os Matabele - Bulawayo

³⁵⁷ HONE, Percy F. – *Southern Rhodesia*. London: George Bell and Sons, 1909, p.39.

³⁵⁸ “Chimurenga” é a palavra que, na língua Shona, denomina uma “luta revolucionária.” Novo levante, a II Chimurenga, ocorreria entre os anos de 1966-1980.

³⁵⁹ “O *Raid*, tudo o que ele revelou e trouxe à tona, modificou completamente a essência dos problemas Sul Africanos”, escrevia Olive Schreiner a seu irmão em janeiro de 1896. “Questões como a do *Bond*, não-*Bond*, fazendeiro Progressista ou não-Progressista, tudo foi levado embora. Eram questões tão importantes; agora não são nada.” As alianças políticas começavam a ser feitas agora em termos “pro-Rhodes” ou “pro-Transvaal”, e as tensões estabelecidas culminariam no início de uma guerra de maiores proporções, em 1899. Apud FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner...*, p.221.

³⁶⁰ WORSFOLD, W. Basil – op cit, p.183. Uma das poucas formas de defesa encontradas pelos colonos foi a construção de um *laager* (cercamento feito basicamente com carros de boi e/ou vagões - o *boer-wagon* - armados) ao redor da cidade.

³⁶¹ *Ibidem*.

³⁶² CLOETE, Stuart – op cit, p.336.

³⁶³ DAVENPORT, T.R.H. – op cit, p.160. O mesmo acordo não seria obtido com os Shona, com quem o embate se estenderia até meados de 1897.

vê futuro próspero ao alcance de suas mãos” o relato de um dos cerca de cem americanos que se juntaram na batalha contra os Matabele:

“O velho Rei Lobengula foi chamado de Rei cruel porque seu modo de colocar fim à uma insurreição em qualquer *kraal*³⁶⁴ era matar o líder, todos seus homens, mulheres e crianças. Ele, com razão, considerava este um modo efetivo de dispor de todo e qualquer um que se rebelasse contra sua autoridade. A maneira Inglesa tem sido dar-lhes o mesmo valor que o homem branco; dar-lhes direitos e privilégios quando se sentem culpados e prometer nunca mais repetir o que fizeram. O resultado não tem sido muito encorajador, como a presente guerra evidencia, e não há nada de temerário em dizer que suas ações futuras no contato com o nativo serão um pouco diferentes.”³⁶⁵ LXIII

O *trooper* segue contando dos quase dois mil nativos que chegaram à cidade há poucos dias, prontos para se render – a rendição costumava ser aceita, e os nativos eram incorporados às tropas, lutando contra seu próprio povo. A única coisa triste da guerra, continua, é a morte de milhares de “homens brancos, cujas vidas são-nos pouco conhecidas.”

“Ainda assim, deixando de lado essa perda de vidas humanas – a parte do homem branco na perda –, a guerra pode ser entendida como uma bênção disfarçada, quaisquer que sejam os meios pelos quais o extermínio dos nativos ocorra, será pelo bem do país. Em alguns meses essa guerra será esquecida, assim como os Matabele. E à questão ‘Como faremos com o trabalho se o nativo for exterminado?’, a resposta é ‘quanto do crescimento e da prosperidade da América deve-se ao Índio? Houve alguma vez um país descoberto em seu estado selvagem cujo futuro foi feito pelos habitantes nativos?’ Há 2.000 de nós aqui, 100 dos quais são Americanos, jovens, vigorosos e enérgicos e ‘ativos’. (...) Viemos aqui para fazer dinheiro, sabendo antes de mais nada que podemos encontrar boas condições ou grandes perturbações e obstáculos.”³⁶⁶ LXIV

³⁶⁴ Palavra que em *afrikaans* significa “curral”, “estábulo”. Opto por manter o original na tradução – já que o autor também mantém sua forma.

³⁶⁵ *The New York Times*, 5 de Julho de 1896.

³⁶⁶ *Ibidem*.

A idéia de ganhar dinheiro fácil era algo que pautava a vida de muitos dos homens que acompanharam os exércitos da Companhia Britânica da África do Sul naquele ano de 1896. Alguns tinham planos de se fixar; outros pretendiam acumular dinheiro e retornar para sua terra natal – a Inglaterra, talvez. E lá poderiam comprar uma casa em West London – a maior já vista! – e também uma no campo, quem sabe. Ao menos estes eram os planos de Peter Halket, personagem central do romance escrito por Olive Schreiner ao longo de 1896 e publicado no ano seguinte.³⁶⁷

Trooper Peter Halket of Mashonaland é a alegoria que dá continuidade à temática que já vinha sendo explorada pela autora sul-africana desde o panfleto *The Political Situation* (1895) – a crítica ao domínio do capital na política sul-africana e à implementação de políticas “retrógradas” para exploração da mão de obra nativa. A personificação destes problemas na figura de Cecil Rhodes torna-se ainda mais intensa em *Trooper Peter* – e a rixa entre ambos preocuparia seu editor, T. Fisher Unwin. No começo de 1897, a autora escreve ao irmão para contar que seu editor ofereceu-lhe “£2.000 se eu retirasse algumas passagens que obviamente não retirei, então recebi apenas £1.400. Os editores estão todos com receio de um processo por difamação. De minha parte, duvido que Rhodes apareça em uma corte judicial.”³⁶⁸

Embora pertença ao grupo de obras de Schreiner que foram pouco estudadas pela crítica, recebendo atenção apenas em anos mais recentes, a alegoria publicada em 1897 consegue reunir com maestria muitos dos tópicos que permeiam o trabalho da autora – toques de sarcasmo, crítica social e personagens polêmicos estão presentes de maneira marcante.

E assim somos apresentados ao *trooper*³⁶⁹ Peter Simon Halket, que deixou a fazenda em que vivia com sua mãe no interior da Inglaterra para tentar a sorte na África do Sul – afinal, todos os homens enriqueciam lá: “(...) Barney Barnato, Rhodes ... oito milhões, doze

³⁶⁷ A edição do romance utilizada em nossa análise é a de SCHREINER, Olive – *Trooper Peter Halket of Mashonaland*. Johannesburg: AD. Donker Publisher, 1992 (1897).

³⁶⁸ *Olive Schreiner Letters...*, p.300.

³⁶⁹ Optamos pela manutenção do termo “trooper” em detrimento de seu equivalente em português – “soldado” – por acerditar que seu posto na tropa da Companhia compõe o nome da personagem de Olive Schreiner, e perderíamos seu valor ao traduzi-lo.

milhões, vinte e seis milhões, quarenta milhões; por que ele também não!”³⁷⁰ Halket já havia até mesmo imaginado como as coisas aconteceriam:

“(…) Depois de servir seu tempo como voluntário, receberia um grande pedaço de terra, e os Mashonas e os Matabeles teriam todas suas terras tomadas; a *Chartered Company* aprovaria uma lei que os obrigaria a trabalhar para o homem branco; ele, Peter Halket, faria com que [os nativos] trabalhassem para ele. Ganharia dinheiro.”³⁷¹ LXV

Peter Halket não poderia contar apenas com os bons ventos do destino – precisaria estar preparado caso algo desse errado em seus planos: algo como ser agraciado como terras que não fossem rentáveis... Nesse caso ele poderia iniciar a uma união – algo como a “Peter Halket Gold” ou a “Peter Halket Iron-Mining” ou “Alguma Coisa Unida”. Não sabia ao certo como começar, mas tinha certeza de que isso envolvia ações. E certamente contaria com o apoio do Governo. Afinal, os impostos dos britânicos não financiavam a *Chartered Company*, seus soldados e tantas outras coisas, quando ela estava em apuros e quando suas ações despencavam? Por que também não poderiam financiar a *sua* Companhia? Está certo que a *Chartered Company* tinha alguns lordes e duques e príncipes ligados a ela, mas, bem, ele também teria um lorde em sua Companhia!³⁷²

Mas afinal, o que iria enriquecê-lo? As ações que manteria ou as que seriam vendidas? Suas idéias estavam ficando um pouco confusas, números sempre o atormentavam – fora assim desde a escola, quando ele não conseguia entender o raciocínio daquelas terríveis regras de três.³⁷³

Talvez fosse o cansaço. Peter Halket era batedor dos doze soldados destacados para buscar suprimentos para um acampamento levantado há um mês, após a destruição de um

³⁷⁰ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.32.

³⁷¹ *Ibidem*.

³⁷² E aqui a narrativa de Olive Schreiner encontra-se com notícias como aquela publicada no *New York Times* de 7 de novembro de 1896, em que era relatado um encontro entre os diretores e acionistas da Companhia Britânica da África do Sul – “ O Duque de Abercorn foi encorajado quando levantou-se da cadeira para dirigir-se aos presentes. A rebelião dos nativos na Rodésia, disse, não foi prevista, e custou-nos muito, exaurindo o fundo de £ 500.000 em dinheiro que a Companhia Britânica da África do Sul tinha em mãos até fevereiro. De qualquer forma, a rebelião foi sufocada; a *rinderpest* que estava causando grandes danos no território da companhia tem diminuído, e a situação geral encorajou os Diretores a trazer a proposta de aumentar o capital da companhia para £ 1.000.000, em ações de £ 1 cada. (...) A moção elevando o capital da companhia foi aceita de maneira unânime.”

³⁷³ *Trooper Peter...*, pp.33-5.

assentamento de nativos. Mas Peter perdera-se de seus companheiros - passara o dia caminhando na esperança de ser encontrado por eles. Sozinho, olha para a fogueira que acendeu para aquecer-se e proteger-se da escuridão, e lentamente cai na incoscência do sono.

Olive Schreiner faz questão de, nas páginas iniciais de sua narrativa, apresentar-nos à ingenuidade do homem que vai à África do Sul em busca das anunciadas riquezas minerais, do enriquecimento fácil. Peter Halket é batedor de um grupo de soldados mas, perdido, espera ser encontrado ao invés de buscar. É o homem que vai constituir seu próprio monopólio, mas não sabe como funciona o mercado de ações – pior, sequer consegue compreender a regra de três. Mas o tom de zombaria diminui quando temos acesso aos sonhos de Peter Halket:

“(...) Agora, ao olhar a chama trepidando, ela lhe lembrou as fogueiras em que eles atiravam os grãos dos nativos, e lá estavam eles – atirando tudo que não pudessem carregar: e então viu os gordos patos de sua mãe descendo pelo caminho cercado de grama verde por todos os lados. Então pareceu ter visto as cabanas em que vivia com os mineradores, e as mulheres nativas que costumavam morar com ele; perguntou-se onde elas estariam. Agora – ele viu o crânio de um velho Mashona explodir, suas mãos ainda se mexendo. Ouviu o choro alto de mulheres e crianças nativas enquanto eles apontavam suas metralhadoras para o *kraal*; e ouviu a explosão da dinamite... E novamente estava com a metralhadora, mas ela lembrava mais a colheitadeira que costumava operar na Inglaterra – o que ele estava colhendo, contudo, não eram grãos dourados de milho, mas sim cabeças de homens negros, e ao olhar para trás, pensou em como eles, tombados, pareciam fileiras de feixe de milho.

(...) E subitamente ele lembrou da mulher negra que ele e outro soldado encontraram sozinha em um arbusto, com seu bebê nas costas, mas jovem e bonita. Bem, eles não atiraram nela! – e uma mulher negra não era uma mulher branca! Sua mãe não entenderia essas coisas; na Inglaterra era tudo tão diferente da África do Sul. Não se pode esperar que você faça as mesmas coisas aqui. Tinha o desagradável sentimento de que estava se justificando para sua mãe – e ele não sabia como fazê-lo.”³⁷⁴ LXVI

³⁷⁴ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, pp. 36-7.

Laura Chrisman, em seu *Rereading Imperial Romance*,³⁷⁵ destaca o importante papel exercido pela figura materna de Peter na narrativa – ela é aquilo que o mantém atrelado a sua humanidade em meio à selvageria da guerra. No argumento da pesquisadora, é a mãe de Peter que, nas páginas do romance, surge como um dos pontos fundamentais para que o *trooper* “retome sua consciência.”

Mas um outro personagem também será responsável pela transformação da atitude de Peter – ou pelo reencontro com sua personalidade original. A figura – um homem alto, descalço e enrolado em um pedaço de linho – apresenta-se a Peter como “um amigo” e, ganhando sua confiança, conversam longamente pela noite.

O estranho desvela-se lentamente através do diálogo com um tagarela e curioso Peter Halket. Descobrimos que é um judeu palestino – “Ah! Por isso não sabia de que nação você era. Digo, pelas suas roupas, você sabe. Suponho que esteja aqui a negócios!”³⁷⁶ Querendo ser simpático, o *trooper* desculpa-se por não ter nada a oferecer – resta-lhe apenas um pouco de bebida – e aproveita para perguntar se seu companheiro já enfrentou longos períodos de fome:

“Quarenta dias e quarenta noites – respondeu o estranho

‘Quarenta dias! U-a-u! – espantou-se Peter – você devia ter muito o que beber, do contrário não teria aguentado...”³⁷⁷

O estranho segue pacientemente respondendo às perguntas do jovem inglês. Não, ele não está vinculado à Companhia de Cecil Rhodes, de modo algum. Isso parece preocupar a Peter – “as coisas não são muito boas pra você por aqui se você não for vinculado a eles.”³⁷⁸ Peter conta ao estranho da época em que trabalhou de maneira independente, procurando ouro – tempo que já fora recordado por ele naquela noite em seu sonho. Não era um tempo ruim, era até divertido: Peter morava com duas mulheres nativas – mais divertidas do que as brancas: “As brancas você tem que sustentar, as negras sustentam você! E depois você pode simplesmente se livrar delas. Sou totalmente a favor

³⁷⁵ CHRISMAN, Laura – *Rereading the Imperial Romance – British Imperialism and South African Resistance in Haggard, Schreiner, and Plaatje*. Oxford//New York: Oxford University Press, 2000, p.137.

³⁷⁶ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.40.

³⁷⁷ Idem, p.41.

³⁷⁸ Idem, p.43.

das garotas negras!”³⁷⁹ Uma delas era mais jovem e a outra tinha aproximadamente trinta anos e filhos – que não quisera abandonar e que acabaram acolhidos por Peter também. As mulheres aprenderam rapidamente a língua inglesa e trabalhavam bastante, e o *trooper* havia proibido o contato com qualquer outro nativo: o que, aos olhos de Peter, torna mais grave o fato de, um dia, ao chegar em casa, encontrar a mais velha das mulheres à porta, conversando com um nativo completamente estranho. A mulher disse-lhe que o estranho havia parado apenas para pedir água, mas Peter o mandou embora mesmo assim. Não havia dado maior importância ao fato, mas agora tudo parecia fazer sentido...

Peter relembra que voltou a ver o estranho rondando sua casa na manhã seguinte ao incidente. Também nesta manhã a mulher mais velha fez-lhe um pedido – precisava de “alguma munição”. “Ela nunca havia me pedido nada antes! Cartuchos! Para que ela precisaria de cartuchos?” A munição era para o filho da senhora que a ajudava a trazer água do riacho todos os dias. Ele iria caçar elefantes. Se ela não levasse os cartuchos, a senhora não mais a ajudaria e eles ficariam sem água, já que sozinha não teria forças para fazer o serviço – além de tudo, estava grávida. Peter deu-lhe então a munição. “Eu nunca somei dois mais dois” – pensava agora.³⁸⁰

E então correu a notícia de que a Companhia confrontaria os Matabele, e Peter decidiu voluntariar-se – era divulgada a chance de bons saques e de distribuição de terras. Além disso, pensou que seriam apenas três meses ou coisa do tipo:

“(...) Deixei as mulheres lá, muita coisa em nosso quintal e um pouco de açúcar e arroz, e disse para que não fossem embora até que eu voltasse! Pedi ao outro homem da vila que ficasse de olho nelas. Elas eram Mashona. Sempre disseram que os Mashona não gostavam dos Matabele mas, por Deus, no fim eles os amavam mais do que amavam a nós! Tiveram a maldita insolência de dizer que os Matabele os oprimiam vez ou outra, mas que nós os oprimíamos o tempo todo!”³⁸¹ LXVII

Um mês após ter deixado as mulheres para juntar-se à Companhia, Peter recebe uma carta do homem com quem trabalhava, contando-lhe que aquele que ficara responsável por cuidar das mulheres Mashona fora encontrado morto em uma das cabanas:

³⁷⁹ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.43.

³⁸⁰ *Idem*, pp.44-5.

³⁸¹ *Idem*, p.45.

tinha a garganta cortada. Também contava que cerca de seis horas depois de Peter partir para unir-se às tropas da Companhia, as mulheres tinham abandonado as cabanas. Levaram ainda toda a munição que encontraram, o velho rifle que Peter deixara e até mesmo a tampa da caixa de chá “para derreter e fazer munição.” A única coisa que deixaram para trás foram todos os xales e vestidos com que o *trooper* as presenteara no tempo em que viveram juntos.

Agora, ao contar a história ao amigo recém-adquirido no deserto, Peter conclui que o nativo que vira conversando com a mulher mais velha era provavelmente o pai das crianças, e que ele articulara a fuga das duas mulheres. “Eles não têm coração, esses negros! (...) Agora posso ser morto, quem sabe, com meus próprios cartuchos!”³⁸²

A narrativa de Olive Schreiner atinge aqui um ponto interessante. Em seu primeiro romance, *The Story of an African Farm*, os povos nativos tinham pouca inserção na narrativa – e muitas vezes apenas “facilitavam, explicavam ou imitavam a ação dos Europeus.”³⁸³ Os textos de *Thoughts on South Africa* não demonstram uma posição efetiva da autora quanto aos nativos, já que sua maior preocupação era, então, a de desenhar uma espécie de “biografia” do bôer – a idéia do nativo em *Thoughts* é oscilante, deixando entrever um discurso assimilacionista em que a segregação tornava-se por vezes até mesmo aceitável e justificada.³⁸⁴ Com o panfleto *The Political Situation* a autora assume uma posição de denúncia da violência do processo de segregação até então ausente em sua obra. Mas é *Trooper Peter Halket* que dá um importante passo, já que o nativo (no caso, *nativas*) apresentado é articulador de formas de resistência. Percebendo a ingenuidade de Peter, as mulheres conseguem facilmente munição a partir de uma história de caçada de elefantes empreendida por um personagem que nem se sabe ser verídico. Com a partida de Peter, matam o homem que se tornara seu responsável, levam o restante da munição e um rifle, e deixam para trás justamente os trajes que não tinham valor – eram roupas de uma mulher branca.

³⁸² *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.48

³⁸³ LEVY, Anita – “Other Women and new women: writing race and gender in *The Story of an African Farm*.” *The Victorians and Race*. Aldershot: Ashgate, 1996, p.172.

³⁸⁴ Em *The Psychology of the Boer*, texto que compõe a coletânea *Thoughts on South Africa*, Schreiner menciona que há um nativo que “vive mais feliz que os demais” e que está isolado pelas cadeias montanhosas de Drakensberg e Maluti [“(...)guardados por suas montanhas e sua coragem de uma maneira mais saudável do que seria possível sob um repentino deslocamento de seu sistema social e moral.”]. Atente-se que mantendo sua estrutura social, sua independência, e desfrutando de uma vida tranqüila em isolamento pelas montanhas, o nativo também não oferece perigo à pureza da raça branca. Cf. *Thoughts on South Africa*, p.261.

Como Laura Chrisman destaca:

“A narrativa de Peter incute no leitor o conhecimento de que a dominação racial, sexual e laboral da mulher é uma das características fundamentais do expansionismo colonial. Também expressa a ação política das mulheres em resistir à colonização. A representação das mulheres africanas em outras obras, como por exemplo *The Story of an African Farm*, *From Man to Man* e *Woman and Labour* inscreve-nas em uma relação passiva e auxiliar à cultura colonial branca. *Trooper Peter* difere destas obras no sentido em que reconhece sua autonomia. Isso talvez possa ser explicado pelo papel de liderança altamente visível que as mulheres desempenharam nas *Chimurengas*. (...)”³⁸⁵ LXVIII

O discurso de Peter não reconhece a ação feminina – para ele, quem articulou a fuga das duas mulheres Mashona foi o homem com quem a mais velha conversava dias antes de sua partida. No entanto, ao tomarmos conhecimento da história – e lembrando que Peter é, por vezes, ingênuo – descobrimos que os homens (tanto Peter quanto o nativo) são coadjuvantes na história de fuga das nativas. Ainda segundo Chrisman, Olive Schreiner recorre aqui a uma estratégia radical: usa o colono branco para mediar a ação de resistência africana, e busca assim uma forma de crítica imanente. Ao invés de falar como ou em nome do outro, ela permite que o outro fale através das “deformações cognitivas do *self* colonial.”³⁸⁶

Para retomar a conversa com seu estranho, Peter pergunta a ele se ouviu falar do que aconteceu em Bulawayo dias atrás: o enforcamento de três nativos condenados como espíões. Narra os detalhes que ouvira, mas é interrompido pelo estranho, que diz ter estado presente à cena.

“‘Ah, estava?’ disse Peter. ‘Eu vi uma foto dos negros pendurados, e nossos camaradas em volta, fumando; mas não vi você nela. Suponho que já tivesse ido?’

‘Eu estava ao lado dos homens enquanto eles eram enforcados’ respondeu o estranho.

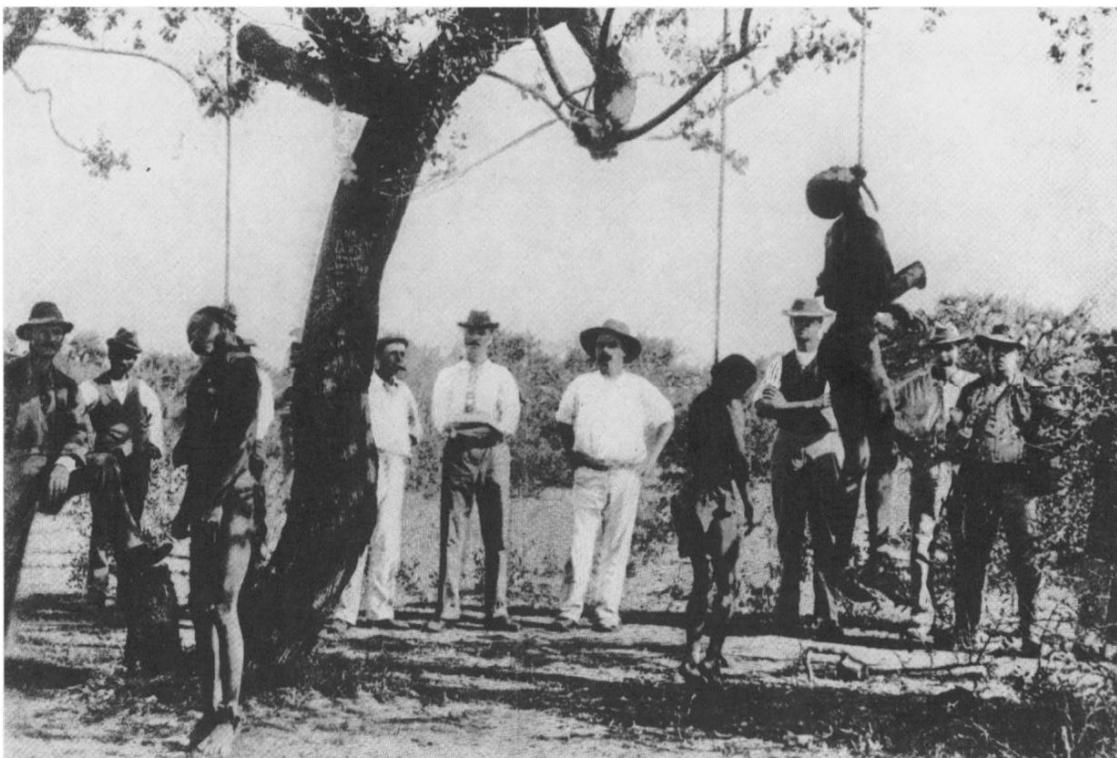
‘Ah, você estava, é? – disse Peter. ‘Eu não faço muita questão de ver esse tipo de coisa. Alguns amigos acham muito divertido ver os negros balançando aos pontapés, mas eu não suporto: me embrulha o estômago. Não é coração mole’ – disse rapidamente, tentando

³⁸⁵ CHRISMAN, Laura – op cit, p.139.

³⁸⁶ Idem, p.140.

desfazer qualquer impressão que o estranho pudesse ter de sua coragem – ‘se fosse luta ou tiroteio, eu estaria lá! Já atirei em tantos negros quanto outras pessoas da tropa, aposto. Mas enforcamentos e surras de chicote, estou fora. Minha mãe sempre deixa nossos patos morrerem de velhice’. (...) E ela está sempre me dizendo - (...) ‘Não machuque nada que seja mais fraco que você, não machuque nada que não possa se defender.’ (...)”³⁸⁷ LXIX

A imagem de Frank Sykes



1 - Foto de Frank M. Sykes - Enforcamento em Bulawayo. A foto foi utilizada como frontispício da primeira edição do romance *Trooper Peter Halket of Mashonaland*. Retirada nas edições seguintes por ser considerada “imprópria”, voltou a aparecer somente em edições posteriores a 1974.

A imagem “dos negros pendurados” que Peter diz ter visto é a foto de Frank M. Sykes utilizada por Schreiner como frontispício da primeira edição de *Trooper Peter...*³⁸⁸ Lembrando que a fotografia tem o papel inerente de conferir valor ao tema que registra,

³⁸⁷ *Trooper Peter Halket...*, pp.50-2.

³⁸⁸ Sykes participou da campanha em contra os Matabele, e seus registros foram publicados também em 1897, no livro *With Plumer in Matabeleland; an account of the operations of the Matabeleland relief force during the rebellion of 1896*. Westminster: Archibald Constable & Co, 1897.

deve-se atentar com mais calma para o fato de a imagem feita por Sykes ter sido considerada muito chocante e imprópria à época de lançamento do romance e retirada das edições seguintes. A foto, relembra Susan Sontag, oferece participação instantânea em uma realidade³⁸⁹ e talvez mais pessoas, assim como Peter Halket, tivessem estômagos fracos para enforcamentos.

A violência, os enforcamentos e chicoteamentos dão margem para que o *trooper* comece a contar a seu amigo que Rhodes, quando foi Primeiro Ministro, tentou aprovar a lei que permitia o livre açoitamento dos nativos por seus senhores quando fizessem algo que não lhes agradasse³⁹⁰ – mas que alguns outros ingleses não permitiram que a proposta fosse aprovada. Se os ingleses assumissem a Rodésia, argumenta Halket, “logo estariam dando terras aos negros, deixando-os votar, civilizando-os e educando-os, e todo esse tipo de coisa; mas Cecil Rhodes irá mantê-los na risca!”³⁹¹ Peter Halket apóia Rhodes – afinal, como diz, foi até a África em busca de lucro, e não de trabalho. Trabalho ele poderia encontrar na Inglaterra.

É neste momento que o estranho rompe seu silêncio. “Peter Simon Halket!” – exclama, de forma a deixar o *trooper* perguntando-se quando ele havia mencionado seu nome ao estranho. Uma série de questões recai sobre o soldado:

“Quem te deu a terra?” – perguntou o estranho.

“Oh, Céus! A Companhia...” – disse Peter

(...) “E quem a deu à Companhia?” – perguntou gentilmente

“Ora, a Inglaterra, é claro. Deu a toda a terra além do Zambeze para fazer o que a Companhia quisesse, e gerar tanto dinheiro quanto pudesse – com seu apoio.”

“Quem deu a terra aos homens e mulheres da Inglaterra? (...)”

“Ora, demônio! Eles disseram que era deles, e é claro que era!”

“E as pessoas da terra” – perguntou o estranho – “a Inglaterra deu a vocês também as pessoas desta terra?”³⁹² LXX

³⁸⁹ SONTAG, Susan – *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (1973), pp.41; 85; 90. Para detalhes de como a fotografia afetou práticas e instituições do imperialismo, cf. LANDAU, Paul S. – “Empires of the Visual” in LANDAU, Paul S., KASPIN, Deborah D. (ed) – *Images & Empires – Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Bekeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2002, pp.141-171.

³⁹⁰ O *Masters and Servants Act* ou *Strop Bill* de 1891.

³⁹¹ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.52.

³⁹² Idem, p.55.

É claro que a Companhia tinha dado o povo daquelas terras também. Que outra serventia teriam “aqueles negros miseráveis”? Logo acabariam tornando-se rebeldes...

“O que é um rebelde? – perguntou o estranho

‘Meu Deus!’ – disse Peter – você deve ter vivido fora desse mundo se não sabe o que é um rebelde. Um rebelde é um homem que luta contra seu rei e contra seu país. Esses pretos malditos são rebeldes porque estão lutando contra nós. Eles não querem que a *Chartered Company* os domine. Mas terão que aceitar! Vamos lhes ensinar uma lição!’ Disse Peter Halket, o espírito de combate surgindo, apoiando-se firmemente no solo Sul Africano – do qual nunca ouvira falar dois anos antes (...)”³⁹³ LXXI

Quando o assunto centra-se na figura do estranho, Peter quer saber em que ramo de negócios ele está. O estranho diz que pertence à maior e mais forte Companhia presente na Terra – o que faz os olhos de Peter Halket brilharem em atenção: “envolvido com ouro, diamantes ou terras?”³⁹⁴ – São muitos os negócios, as pessoas, as terras e as religiões envolvidas, afirma o estranho: não importa como seja chamado o homem, se Judeu, Turco, Budista, Chinês, negro – o importante é unir-se ao grupo. Peter pergunta-se, curioso, como homens tão diferentes poderiam compreender-se no mundo dos negócios. “Nós temos um sinal comum”, responde o estranho. Ao receber como silêncio a resposta para a pergunta acerca de qual seria esse sinal, Peter conclui – “Ah! Algo como a maçonaria!”³⁹⁵

E então o estranho fala de sua Companhia a Peter – de sua mensagem de combate e denúncia ao pecado que é cometido contra aqueles que são muitos e indefesos, de sua luta por valores como justiça e liberdade. Convencido pelo discurso do estranho, e por seus olhos que “lembravam os de sua mãe em bondade”, Peter pergunta se poderia fazer parte daquela Companhia.

“O estranho olhou para ele gentilmente. ‘Peter Simon Halket,’ ele disse, ‘você pode aguentar o fardo?’

³⁹³ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.54-5.

³⁹⁴ *Idem*, p.60.

³⁹⁵ *Idem*, pp.61-2.

‘Dê-me o trabalho, irei tentar!’³⁹⁶ LXXII

E a primeira missão de Peter Halket é levar uma mensagem à Inglaterra –

“(…) ‘Vá àquele grande povo e grite alto: ‘Onde está a espada que lhe foi entregue em mãos para que vocês fizessem cumprir a justiça e repartissem a misericórdia? Como vocês a entregaram nas mãos daqueles cuja busca é o ouro, cuja sede é a riqueza, para quem as almas e os corpos de homens são pontos em um jogo? (...)

(...) O que temos nós com povos do outro lado do oceano; não temos muito o que pensar em nossa própria terra? Quando o cérebro de uma nação não tem tempo para ir, suas mãos não deveriam ser enviadas para trabalhar: onde o poder do povo vai, o conhecimento e os espíritos esclarecidos devem ir, para guiá-las. Vocês que se sentam à vontade, estudando passado e futuro – e esquecem o presente – vocês não têm direito de sentar em paz sabendo dos poderes que armaram e enviaram para incidir sobre homens de longínquas distâncias. (...)

(...) ‘Vocês, que por gerações gritaram porque o poder de seus senhores pesava sobre vocês e que amaldiçoaram reis que se sentavam tranquilamente sem se preocupar com quem oprimia seu povo, desde que seus cofres estivessem cheios, seus estômagos satisfeitos, e não fossem incomodados por problemas de Estado; vocês que tiraram o poder do rei e sentaram-se em seu trono – este pecado não é o de vocês hoje?’³⁹⁷ LXXIII

Envergonhado, Peter Halket diz ao estranho que não poderá levar aquela mensagem; é um pobre iletrado. “Vão rir de mim” – e lembra que sua mãe é lavadeira e que seu pai trabalhava por dois xelins o dia. “E além do mais, essa mensagem é tão longa que não vou me lembrar. Dê-me outro serviço.”³⁹⁸

Então o estranho pede a Peter que vá e grite às mulheres e aos homens brancos da África do Sul, avisando-os de que há terras mais do que suficientes para todos, e que eles não devem guerrear entre si; além do mais, são “dois galhos de uma mesma árvore”.³⁹⁹ Em desespero, Peter afirma que também não pode levar esta mensagem: os *Dutchmen* não irão

³⁹⁶ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.81.

³⁹⁷ *Idem*, pp.81-3.

³⁹⁸ *Idem*, pp.83-4

³⁹⁹ *Idem*, p.86

ouvi-lo porque ele é inglês; os ingleses, por sua vez, perguntarão – “Quem é esse que vem falando de paz, paz, paz? E por que ele não tem ações de nenhuma Companhia?”⁴⁰⁰

Tentam uma terceira tarefa: Peter deverá procurar um homem específico. Irá perguntar a ele onde estão as almas dos homens que comprou. Ele responderá que não comprou alma de homens, mas sim de cães, adverte o estranho.

“(…) e se ele continuar praguejando, e disser ‘Não há homem ou mulher na África do Sul que eu não possa comprar com meu dinheiro! Quando eu tiver o Transvaal, comprarei o próprio Deus Todo Poderoso, se eu bem quiser!’

Então diga a ele apenas – ‘*Seu dinheiro perece com você!*’ e deixe-o”⁴⁰¹ LXXIV

Colocando as mãos na testa de Peter, o estranho confessa ter-lhe dado uma tarefa difícil. Pede ainda ao *trooper* que ame seus inimigos, alimente os famintos e dê de beber aos sedentos. Enquanto sente-se estranhamente sonolento e confortável – como quando sua mãe o abraçava quando era criança – Peter ainda teve tempo de dizer “Meu Mestre!” ao ouvir a frase “Porque você amou a misericórdia e combateu a opressão”, antes de cair na inconsciência do sono.

Inicia-se uma segunda parte do romance. Peter Halket fora encontrado por seus amigos e estamos agora no acampamento da Companhia, onde três soldados conversam. Discutem o cansaço da guerra – na manhã seguinte lutarão novamente contra os Matabele. A conversa muda de rumo quando outro soldado une-se a ele para contar da grande briga ocorrida naquela manhã, envolvendo Peter Halket. Um nativo fora encontrado ferido em um riacho próximo ao acampamento e, levado ao capitão, este logo decidiu tratar-se de um espião. A coisa mais sensata a fazer era matá-lo na manhã seguinte, quando se decidiria entre a morte por enforcamento ou tiro. O nativo fora amarrado à uma árvore na frente da tenda do capitão, com cordas em seus pés, mãos, cintura e pescoço.

“(…) o capitão já estava indo para sua cabana beber algo, e nós estávamos todos por perto, quando Halket surgiu bem em frente ao capitão e desatou a falar – vocês sabem aquele

⁴⁰⁰ *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.86.

⁴⁰¹ *Idem*, p.91.

jeito que ele tem? Oh, meu Deus, meu Deus, vocês precisavam ter visto! Não vou esquecer até o dia da minha morte! (...) Parecia um garoto da escola dominical recitando um pedaço da escritura que ele decorou e que lia apressadamente até chegar ao fim.”⁴⁰² LXXV

Peter tentou convencer seu capitão de que havia a chance de o nativo capturado não ser um espião, afinal – talvez ele estivesse apenas ferido, escondendo-se nos arbustos próximos ao rio. Disse ainda que os nativos eram, apesar de tudo, homens lutando por seu país e por sua liberdade – “se a França invadissem a Inglaterra, não lutaríamos contra eles?”⁴⁰³ O *trooper* inglês diz ainda que devem alimentá-lo e deixá-lo partir, voltar para que ele possa contar a seu povo que eles, os ingleses, não vieram para tirar suas terras, mas sim para amá-los e educá-los.

Os soldados comentam então a decisão do capitão – Peter deveria montar guarda do prisioneiro nativo. Esperariam pela chegada de um pelotão que está a caminho: se não chegasse até a manhã seguinte, o próprio Peter Halket deveria executar o espião com um tiro. Os demais soldados afirmam que Halket nunca mais foi o mesmo depois que se perdeu no deserto – encontraram-no quase morto; talvez tenha sofrido com “a febre”. O deserto pode enlouquecer um homem.

Fiel à nova Companhia em que ingressara naquela noite no deserto, Peter espera que todo o acampamento adormeça e liberta o nativo –

“‘*Ari-tsemaia! Hamba! Loop! Go!*’ sussurrou usando uma palavra de cada língua Africana que conhecia. Mas o homem negro continuava sem se mexer, olhando para ele paralisado.

‘*Hamba! Sucka! Go!*’ sussurrou, mexendo as mãos

Um lampejo de inteligência cruzou seu rosto (...) Sem uma palavra, sem um som (...) virou-se e desapareceu na relva. Ela se fechou atrás dele, mas conforme ele entrou, as folhas e os gravetos estalaram sob seus passos.”⁴⁰⁴ LXXVI

O barulho despertou o capitão, que ainda teve tempo de encontrar Peter Halket segurando a faca com que cortara as cordas que prendiam o nativo. Ouvem-se tiros no acampamento, barulho e alarido – os guardas correm, muitos despertam, logo se espalha o

⁴⁰² *Trooper Peter Halket of Mashonaland...*, p.106.

⁴⁰³ *Idem*, p.107.

⁴⁰⁴ *Idem*, p.118

boato de que os Matabele resgataram o espião e mataram Peter Halket – o capitão testemunhou o crime.

Avaliando o corpo de Peter que jaz ainda próximo à árvore em que o nativo estava, dois dos homens que conversavam naquela tarde notam o pequeno buraco de bala de pistola que lhe tirou a vida, concluindo que fora morto em verdade pelo capitão. Mas não há nada a ser dito. “Não há Deus em Mashonaland”⁴⁰⁵, conclui um dos homens.

*

Trooper Peter Halket surgiu publicado pela primeira vez no dia dezessete de fevereiro de 1897, com tiragem inicial de vinte mil cópias. Em sua propaganda, divulgava-se que o novo livro da autora de *The Story of an African Farm* abordava agora a “questão humana” da África do Sul, e não os problemas políticos do território.⁴⁰⁶ A obra tornou-se um divisor de águas na carreira e na vida pessoal de Schreiner. No ano seguinte, ela escreveria ao irmão contanto que, apesar da imensa circulação do romance, sentia que ele “não tinha salvado a vida de um negro, não teve o menor impacto em forçar o parlamento a reexaminar a conduta na Rodésia, e custou-me tudo.”⁴⁰⁷ Ainda assim a autora dizia não se arrepender de sua publicação.

Entre a crítica, o livro também gerou debates acalorados. O *Pall Mall Gazette* de Londres destacava logo no dia vinte de fevereiro:

“(…) Não é necessário dizer que [o livro] é bem e impressionantemente escrito; que a história da vida de Peter é-nos esboçada como apenas um verdadeiro artista poderia esboçar. O livro todo é de apaixonada eloquência e súplica. Mas é um tratado político, um perspicaz e amargo ataque contra uma companhia e um homem que agora passa por julgamento, e nós poderíamos desejar que tivesse sido escrito por qualquer um que não a autora de *The Story of a South African Farm*. (sic)”⁴⁰⁸ LXXVII

Sete dias depois o *New York Times* traria a crítica que provavelmente mais se aproximaria das intenções da autora:

⁴⁰⁵ *Trooper Peter Halket of Mashonaland*..., p.121.

⁴⁰⁶ Cf. *Daily News*, Londres, 10 de Fevereiro de 1897.

⁴⁰⁷ Apud FIRST, Ruth, SCOTT, Ann – op cit, p. 231.

⁴⁰⁸ *The Pall Mall Gazette*, 20 de Fevereiro de 1897.

“Progresso, ferrovias, telégrafos, missões, escolas, um mercado! Todos nós lubrificamos com sangue os eixos pelos quais a civilização corre. A ambição humana tem muitas contas a prestar, se não neste mundo, no próximo, e a história de Olive Schreiner é tão verdadeira quanto perturbadora.”⁴⁰⁹ LXXVIII

Em março, um partidário de Rhodes, valendo-se do pseudônimo “Imperialista”, lançaria *Cecil Rhodes: uma biografia e apreciação* – afirmando que a obra era destinada àqueles que queriam ter uma “opinião correta acerca dos recentes acontecimentos na África do Sul”:

“(…) Ao longo de sua variada carreira política, o Sr. Rhodes teve dois objetivos principais – o primeiro, a união dos Ingleses e dos *Dutch* em um só povo harmonioso; e depois, o bem-estar das raças negras. Olive Schreiner, em seu mais recente trabalho, ‘Trooper Peter Halket’, ataca-o neste ponto. Seria interessante saber da autora o que ela acha da venda de álcool para os nativos. A Srta. Schreiner provavelmente terá as mais duras visões acerca do tema, mas foram dos *Dutch* do Cabo que se opuseram à legislação que proibia o álcool para os nativos, proposta pelo Sr. Rhodes, porque se recusaram a perder o tão bom mercado do *brandy* do Cabo. Os nativos, de acordo com o ‘Imperialista’, adoram o Sr. Rhodes. (...)”⁴¹⁰
LXXIX

As opiniões divergentes suscitadas pela obra atingiriam também sua circulação – “três bibliotecas públicas sul-africanas, a de Durban sendo a primeira, decidiram boicotar o último trabalho de Olive Schreiner.”⁴¹¹ A afirmação das autoridades responsáveis era a de que o livro era uma obra “imprópria.” Enquanto isso, os chamados “piratas literários” lançavam sua edição de *Trooper Peter Halket* em holandês – “Uma língua em que o livro obviamente venderá bem”, comenta o *Aberdeen Journal* de setembro.⁴¹²

Acompanhando as críticas publicadas à época e associando-nas ao conteúdo do romance de Olive Schreiner – sua denúncia da ação capitalista na África e a exploração da mão de obra nativa – poderíamos perguntar do diálogo da autora com outras obras, ou

⁴⁰⁹ *The New York Times*, 27 de Fevereiro de 1897.

⁴¹⁰ *Liverpool Mercury*, 2 de Abril de 1897.

⁴¹¹ *Aberdeen Weekly Journal*, 23 de Junho de 1897.

⁴¹² *Aberdeen Weekly Journal*, 8 de Setembro de 1897.

mesmo de sua inserção em um círculo de debates que começava a constituir-se com mais força entre o final do século XIX e início do XX. Basta lembrar, por exemplo, que *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, surge em 1899, e que é também neste período que ganham destaque os relatos de E. D. Morel e Roger Casement acerca das atrocidades cometidas no Congo. Seria de se imaginar que o nome de Schreiner e de suas obras tivesse uma circulação efetiva entre estes intelectuais – contudo, em nossa leitura, não conseguimos identificar aproximações entre a pensadora sul-africana e os demais autores. Apesar de *Trooper Peter Halket of Mashonaland* ser, como Constance Richards denomina, “deselegantemente anti-colonialista”⁴¹³, é *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad – apesar de todas as leituras controversas que o romance tem causado em seus pouco mais de cem anos de existência – que até hoje é tomado como obra fundamental dos movimentos de denúncia às ações capitalistas na África.

O diferencial das obras de Schreiner está, basicamente, nas polêmicas adicionais que a autora acrescenta à suas narrativas. Além de opor-se ao maior poder colonialista de então, os ingleses atacando especialmente Cecil Rhodes (enquanto Morel, por exemplo, denunciava a ação belga no Congo), Olive Schreiner ainda optou por conceder a Peter Halket, na narrativa de seu romance, um interlocutor inusitado: Jesus Cristo. A ousadia custou a Schreiner boa parte de seu público leitor. O *Pall Mall Gazette* de vinte de fevereiro de 1897, por exemplo, lamentava que uma autora que “mercidamente havia conquistado uma grande reputação optasse por portar-se agora desta maneira”, afirmando ainda que “assuntos de ordem Imperial não deveriam ser abordados desta maneira”; que a autora não era em si mesma um grande exemplo de moral religiosa e ainda que a crítica apresentada pelo romance não era “justa”.⁴¹⁴

Um outro ponto para esta questão, este levantado por Laura Chrisman em seu *Rereading the Imperial Romance*, estaria no fato de a autora sul-africana apontar não apenas para os impactos do capitalismo no continente africano – mas também para os problemas trazidos para e da própria Inglaterra. Schreiner, ao conferir a Peter Halket uma origem camponesa, atrela o inglês a uma camada de “brancos pobres que os imperialistas ingleses estavam ansiosos para exportar, numa medida preventiva de potencial militância

⁴¹³ RICHARDS, Constance S. – Resenha de *White Women Writers and Their African Invention*, de Simon Lewis. Gainesville: UP of Florida, 2003, p.143

⁴¹⁴ *The Pall Mall Gazette*, 20 de Fevereiro de 1897.

social e conflito de classe.”⁴¹⁵ Schreiner expõe também o contra-senso da ação colonial ao colocar um camponês destruindo grãos – durante a supressão dos “rebeldes” nativos.

Chrisman aponta o público da metrópole como principal alvo do texto de Schreiner, em especial intelectuais – atente-se para Cristo chamando à ação o “cérebro da nação”, aqueles que estudam “o passado e futuro – e esquecem o presente”; mulheres – que aparentemente teriam seus instintos maternos sensibilizados pela figura desprotegida de Peter; e a classe trabalhadora – (*the working people of England*), aqueles que “tiraram o poder do rei e sentaram-se em seu trono.”⁴¹⁶ No entanto, se esta for a estratégia da autora, ela desassocia estes três grupos da ação imperialista em si, que ficaria então reduzida ao interesse e à ação de um grupo específico – aquele atrelado ao capital.

Um último tópico pode ainda chamar nossa atenção. Por que, afinal, *Peter Halket*? De todos os nomes à disposição da autora, por que Olive Schreiner opta justamente por “Peter Halket”?

O segundo volume da genealogia *The Scottish Nation: or the surnames, families, literatures, honours and biographical history of the people of Scotland*,⁴¹⁷ elaborada por William Anderson e publicada em 1867, fornece algumas pistas. Aqui, Peter Halket é um nobre escocês envolvido militarmente em batalhas contra o movimento do jacobitismo no Reino Unido. A peculiaridade de sua figura está no fato de, dois meses antes de derrotarem o movimento, Halket e mais quatro amigos negarem-se a cumprir uma ordem de seu comandante, o duque de Cumberland. Mais detalhes não são oferecidos – diz-se apenas que Halket e os demais afirmavam que “sua Alteza Real tinha controle de suas concessões, mas não de sua honra”. Em 1754, com suas famílias, embarcam para a América – onde Peter Halket uniu-se às tropas do jovem George Washington na Guerra Franco-Índigena. É na correspondência de Washington que encontraremos nova menção a Peter Halket: conta que “Sir Peter Halket” fora nomeado comandante de uma brigada e, mais tarde, menciona sua morte na batalha de Braddock, em 1755⁴¹⁸.

⁴¹⁵ CHRISMAN, Laura – op cit, p.135.

⁴¹⁶ Idem, p.148.

⁴¹⁷ ANDERSON, William – *The Scottish Nation: or the surnames, families, literatures, honours and biographical history of the people of Scotland*. Londres: A Fullarton & Co, 1867. Cf. p.407.

⁴¹⁸ *The Writings of George Washington – being his correspondence, addresses, messages, and other papers, oficial and private*. Jared Parks (org) – Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1847, pp.79; 88.

Alguns paralelos que podem ser estabelecidos – o atrito com seu superior; a morte em terras estrangeiras em combate gerado por disputas de terras entre colonos. Mas também podemos partir para uma exploração da temática religiosa que Schreiner empreende em sua narrativa, conferindo um outro sentido a Peter – talvez vinculando-o ao apóstolo Pedro, aquele que deve percorrer o mundo divulgando a Palavra do Senhor. Afinal, as tarefas que Jesus confere – ou tenta conferir – a Peter Halket dizem respeito justamente à palavra, à divulgação e defesa de preceitos do cristianismo.

E, ao dizer que não se arrepende da publicação de *Trooper Peter* – obra que lhe custou “tudo”, como a própria autora diz –, talvez Olive Schreiner confesse-nos também acreditar nas palavras da Epístola de São Pedro:

“Se fordes zelosos do bem, quem vos fará mal? Mas se sofreis por causa da justiça, sois felizes. Não tenhais medo das ameaças nem vos pertubeis, mas guardai santamente nos corações Cristo Senhor e estai sempre prontos para vos defender contra quem pedir razões de vossa esperança. Mas fazei-o com mansidão e respeito e de boa consciência para que, mesmo naquilo em que dizem mal de vós, fiquem confundidos os que desacreditam vossa conduta em Cristo. É preferível, se Deus assim o quiser, sofrer fazendo o bem do que praticando o mal.” (Pedro 3:13-15)

*

Conclusão

A seção *Publisher's Announcements* do *Pall Mall Gazette* de vinte e três de dezembro de 1890 era dedicada a ajudar aqueles que, por ventura, tivessem deixado para última hora as compras de Natal. Dentre a série de títulos que figuravam como sugestões, destacava-se o grande número de narrativas de viajantes e de lugares distantes. *The Story of an African Farm*, de Olive Schreiner, aparece como uma das primeiras opções – ao lado de *Five Years With the Congo Cannibals*, de Herbert Ward.⁴¹⁹

Exposições, jornalismo, literatura, relatos de viagem – nada parecia saciar “o gosto popular pelo exótico.”⁴²⁰ Com seu primeiro romance, *The Story of an African Farm*, Olive Schreiner conquistou não apenas este público, mas também espaço nos círculos intelectuais empenhados em debater ciência, gênero e sociedade. Embora para alguns os avestruzes e ovelhas não apresentassem o mesmo magnetismo dos leões de outras narrativas, o romance de Schreiner encantava por trazer personagens com conflitos tão próximos àqueles que eram debatidos nos circuitos europeus. *African Farm* mostrava a seu público que o território sul-africano e os diversos tipos humanos que o habitavam eram também temas para a ficção.⁴²¹

Mais do que apresentar a diversidade humana que povoava o território sul-africano, entretanto, o romance de Schreiner rompe com a idéia de que aquela era uma sociedade praticamente estática: muito se falava de como rústicos bôeres, nativos selvagens e os colonos britânicos eram unidades particulares que não interagiam entre si. *African Farm* compõe, a seu modo, um espaço que acolhe o colono alemão, o inglês, um suposto irlandês, o bôer, *kaffirs* e hotentotes. – constitui-se um microcosmo em que estão todos imbricados. Se *African Farm* tem mesmo o caráter autobiográfico que tantos estudiosos apontam, podemos entendê-lo também como um importante testemunho de que as redes de

⁴¹⁹ Destacamos ainda títulos como *Travels in the Holy Land With the Beduins*, de Gray Hill; *A Daughter of the Pyramids*, de Leith Derwent e *Bail up! – a Romance of Bushrangers and Blacks*, de Hume Nisbet. Cf. *The Pall Mall Gazette*, 23 de dezembro de 1890.

⁴²⁰ KUCICH, John (ed) – *Fictions of Empire*. Boston; Nova York: Houghton Mifflin Company, 2003, p.1

⁴²¹ Cf. JACOBSON, Dan – “Introduction” para SCHREINER, Olive – *The Story of an African Farm...*, p.23.

sociabilidade sul-africanas são muito mais amplas do que prega a idéia do estabelecimento de dicotomias étnicas intransponíveis.

Além de contribuir para dissipar a imagem estática da sociedade sul-africana, o primeiro romance de Olive Schreiner rompe com aquilo que Dan Jacobson denomina o “conforto de não lidar com o passado”⁴²² – que, na opinião do autor, permearia grande parte das sociedades coloniais. O convívio com o passado e suas interpretações aparece até mesmo como elemento que constitui as principais personagens da narrativa – no caso, Waldo e Lyndall. Tome-se como exemplo a passagem em que o jovem pastor reflete acerca da arte *bushman* exposta nas rochas ou quando Lyndall em diversos momentos questiona a condição imposta à mulher naquela sociedade.

A jovem órfã inglesa também é responsável por trazer ao romance uma questão que pode não ser apontada como preocupação primeira da autora em suas obras mas que ainda assim permeia grande parte delas: o problema do branco pobre (*poor white*), que moldaria a política sul-africana nas décadas seguintes.⁴²³ Uma passagem de *African Farm* que pode ser utilizada para clarear nosso argumento é aquela em que a Lyndall e sua prima Em conversam sobre o desejo de Lyndall de estudar fora –

"Mas por que você quer ir, Lyndall?"

'Nada é mais importante nesse mundo' disse a criança lentamente 'do que ser muito inteligente e saber tudo - ser esperta!'

'Mas eu não vou gostar de ir para a escola!' - continuou o rostinho sardento.

'Você não precisa ir. Quando você fizer dezessete anos a *boer woman* irá embora; você terá essa fazenda e tudo que está nela; mas eu' disse Lyndall 'não terei nada. Preciso estudar.'

'Oh, Lyndall! Eu vou te dar algumas das minhas ovelhas' disse Em, em um súbito e generoso arroubo de compaixão.

⁴²² JACOBSON, Dan – “Introduction” para SCHREINER, Olive – *The Story of an African Farm...*, p.9.

⁴²³ Atente-se, por exemplo, para o discurso de D. F. Malan (conhecido como o “champion of Afrikaner nationalism” e um dos principais nomes que encabeçaram a política de apartheid) em 1916 – “Observo por vezes crianças de famílias *afrikaners* correndo nuas por aí como *kaffirs* no Congo. Sabemos hoje de garotas *afrikaners* que são tão pobres que precisam trabalhar para indianos ou chineses. Conhecemos homens e mulheres brancas que vivem casados ou amigos com *coloureds*. São nossa carne e nosso sangue; eles carregam nossos nomes; eles são todos *afrikaners*; eles são os filhos e filhas dos huguenotes e as crianças dos mártires *afrikaners*.” Cf. HARRISON, David – *The White Tribe of Africa – South Africa in Perspective*. London, Johannesburg: Macmillan, 1981, pp.71-2. Ainda acerca do tema, cf. DUBOW, Saul – “Mental Testing and the Understanding of the ‘native mind’” in *Scientific Racism in modern South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, pp.197-245.

'Eu não quero suas velhas' disse a garota; 'quero coisas que sejam minhas. Quando crescer' ela acrescentou, a vermelhidão em suas delicadas feições aumentando a cada palavra 'não haverá nada que eu não saiba. Serei rica, muito rica; e usarei (...), todos os dias, seda branca e pura, e pequenos botões de rosas (...) e minhas anáguas serão bordadas - e não apenas embaixo, mas sim em todas sua extensão."⁴²⁴ LXXX

Lyndall, órfã, não possui herança como Em e, em breve, seu sustento dependerá unicamente de si. Desta forma, enxerga no ensino um meio de preparar-se para este futuro próximo – evitando, como vimos, a saída do matrimônio. Mais uma vez notamos como Olive Schreiner transporta para Lyndall traços de sua própria condição – já que aos quinze anos a escritora sul-africana precisou deixar o ambiente familiar dadas as dificuldades do casal Schreiner em sustentar seus nove filhos.⁴²⁵ Após algum tempo morando em Kimberley com Alice, sua irmã mais velha e já casada, a autora de *African Farm* conseguiu empregar-se em fazendas bôeres no interior da Colônia, trabalhando como tutora de crianças. Nesse período, como vimos, o desejo de estudar na Inglaterra é constantemente descrito em sua correspondência.

O problema do *poor white* apareceria de maneira mais nítida em *Trooper Peter Halket*: o jovem inglês que dispõe de emprego e estabilidade em seu país de origem parte para a África em busca de um enriquecimento rápido que o transformaria no novo Cecil Rhodes. Sua realidade, no entanto, é bastante distinta do que imaginara – para manter-se, parece encontrar maiores dificuldades do que aquelas que enfrentava em seu país de origem.

A união de nativos e brancos, tão temida como deixava entrever o posterior discurso de D. F. Malan, ganha também espaço na narrativa publicada em 1897: antes de unir-se à Companhia, Peter vive com duas nativas – e uma delas espera um filho seu. Pesquisadores da obra de Schreiner⁴²⁶ apontam para como, apesar de destacar o relacionamento de Peter com as nativas, o romance acaba por não validar esta união, já que seu fruto (a criança esperada por uma das nativas) é ignorado e chega mesmo a ser evitado: após a fuga das

⁴²⁴ *The Story of an African Farm...*, pp.45-6.

⁴²⁵ Cf. FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – A Biography*. New York: Schocken Books, 1980, pp.27-50.

⁴²⁶ Cf. BURDETT, Carolyn – *Olive Schreiner and the Progress of Feminism – Evolution, Gender, Empire*. Hampshire: Palgrave, 2001.

mulheres, não há qualquer menção ao destino da criança que está para nascer. Em uma outra leitura, poderíamos ainda encontrar neste fato uma validação do discurso de que o *half-caste* não pertence ao universo do homem branco.

The Story of an African Farm é também constantemente apontado como o espaço encontrado por Schreiner para atenuar sua solidão e seu deslocamento – afastada da família, vivendo no interior da Colônia do Cabo. Esse isolamento físico e intelectual seria marca constante na vida da autora: deslocada no ambiente que gerou a narrativa de Lyndall, Waldo, Blenkins e Tant’Sannie, Schreiner parte para a Inglaterra – onde, apesar do furor de seu trabalho e de seu posicionamento intelectual nos círculos em que foi acolhida, a sul-africana era ainda vista como uma expatriada.

Em seu retorno à África do Sul, em 1890, a produção literária da autora parece ganhar uma nova tônica – se em *South Africa, It’s Natural Features etc* (texto utilizado para iniciar o projeto de *Thoughts on South Africa*) a marca do exotismo da paisagem sul-africana ainda se faz presente na narrativa, é agora utilizada mais do que para conquistar a simpatia do leitor: quer também seu apoio político. Afinal, como relembra Chinua Achebe, quando um autor opta por induzir seu leitor a um “estupor hipnótico através do bombardeamento de palavras emotivas e outras artimanhas”, há muito mais em jogo do que somente recursos de estilo.⁴²⁷ Os textos iniciais de Schreiner para *Thoughts* estão, como vimos, engajados em pregar um relacionamento harmonioso entre ingleses e bôeres, de forma que se possa consolidar o projeto de constituição de uma unidade nacional entre as “duas raças brancas sul-africanas”. Neste aspecto, Schreiner não evidencia em sua escrita um ponto de atrito constante entre os dois grupos – o nativo. Quando ele surge na narrativa, seja em *South Africa, its natural features etc* ou em outros textos como *The Boer* e *The Wanderings of the Boer*, adquire a função primordial de rebater as acusações feitas de que os bôeres teriam dizimado povos nativos em seu estabelecimento no interior sul-africano: o nativo surge como um contraponto para enaltecer, mais uma vez, a figura do bôer.

Temos aqui a chance de compreender algo da transformação intelectual de Schreiner – se antes o bôer surgia representado pela figura cômica da *boer woman* Tant’Sannie em *The Story of an African Farm*, ele se torna agora um padrão de moralidade

⁴²⁷ ACHEBE, Chinua – “An Image of Africa”. *Massachusetts Review: A Quaterly of Literature, the Arts and Public Affairs* 18 (1977), p.786.

bastante superior àquele apresentado pelo inglês. No entanto, trechos do romance de 1883 ajudam-nos a compreender que esta transformação de Schreiner – por assim dizer – não é radical:

“‘Tant’Sannie é uma mulher miserável” ela [Lyndall] disse. ‘Seu pai casou-se com ela quando estava morrendo porque acreditou que ela cuidaria melhor de nós e da fazenda do que uma mulher inglesa. Ele disse que nós deveríamos ser educadas e enviadas para a escola. Agora ela guarda cada centavo para si mesma, não nos compra nem mesmo um livro velho.’ (...)”⁴²⁸ LXXXI

Estranha-se que à mulher que ao longo da narrativa foi apresentada tantas vezes como imoral e ignorante seja delegado o papel de cuidado da fazenda e criação das órfãs – justamente por seu marido (um inglês) acreditar que ela ofereceria às meninas uma educação superior àquela que poderia ser dada por uma inglesa. Pode ser que neste trecho Olive Schreiner tenha recorrido mais uma vez à figura da ironia. No entanto podemos perguntar se referenciar Tant’Sannie - apesar de todos seus defeitos - como superior à mulher inglesa não seria uma idéia bastante próxima àquela presente nos textos de *Thoughts on South Africa*: o bôer, apesar de ignorante, arcaico e rude consegue ser superior ao inglês ganancioso. Este aspecto reforçaria ainda a tônica de excepcionalidade da personagem Lyndall, uma vez que, apesar de sua origem anglófona, consegue não apenas distanciar-se do que seria o comportamento padrão de sua etnia, mas também surge como ferrenha crítica deste comportamento.

A mudança notada, por sua vez, na apresentação do nativo nos demais textos de *Thoughts on South Africa* (bem como o aumento do contraponto que reforça o bôer como sincero, honesto e trabalhador, em oposição ao inglês repleto dos vícios da vida moderna) acentua a idéia do rompimento da autora com o projeto político de Cecil Rhodes – de quem se tornaria aberta e ferrenha crítica anos mais tarde.

O projeto de *Thoughts...* mantém inalterável sua defesa de constituição de uma nação baseada na unidade territorial e na união das raças brancas - algo “desejado e

⁴²⁸ *The Story of an African Farm...*, p.44.

inevitável.”⁴²⁹ Em cinquenta anos, sentencia a autora, não haverá mais nenhum falante da *Taal* na África do Sul – a língua será estudada apenas como curiosidade – restando somente os “grandiosos sul-africanos falantes do inglês.”⁴³⁰ O projeto de Schreiner, no entanto, acreditava ser papel do “homem branco” conduzir o nativo a um estágio mais elevado de sua existência, para que ele pudesse ser incorporado à nação. Este é um dos pontos que marcam seu panfleto *The Political Situation*, em que a sua defesa do direito ao voto do nativo torna-se evidente.

Nesse processo, afirma Schreiner, algumas pessoas perguntariam - “Mas então, vocês são negrófilos?” A autora responde que não – ainda não. Seu desejo, contudo, é o de lidar com justiça e piedade para com o nativo. “Nós vamos tratá-lo como se o amássemos, e o amor virá com o tempo. Afinal, quando se recolhe uma criança das ruas, seu desejo imediato não é o de abraçá-la e beijá-la: primeiro é preciso levá-la para casa, dar-lhe banho, vesti-la. Aí sim pode-se pensar em delegar-lhe afeto”.⁴³¹

É provável que seja justamente esse desejo de tratar o nativo com justiça que tenha feito com que a autora, em sua obra seguinte – *Trooper Peter Halket of Mashonaland* – apresentasse um diferencial entre muitos títulos da literatura imperialista circulante. Edward Said afirma que um dos pontos fundamentais do imperialismo é obscurecer ou disfarçar a força empreendida na aquisição de territórios através do desenvolvimento de um discurso que justifica uma autoridade originada em si mesma, tece seu engrandecimento e é “interposta entre a vítima e o perpetrador do imperialismo.”⁴³²

Trooper Peter, no entanto, quando deveria validar a autoridade de seu discurso para tornar-se um romance imperialista “típico”, opta por apresentar um personagem principal que, em sua ação de conquistador é essencialmente um fracasso. Depende de seus colegas para sobreviver no deserto e quer tornar-se proprietário de uma “grande companhia” mas tem dificuldades com a regra de três. Quando não servia à Companhia Britânica da África do Sul, trabalhava nas minas de maneira independente e tinha duas mulheres nativas que,

⁴²⁹ Inclusive, em um dos textos que Samuel Cronwright-Schreiner acrescenta ao projeto original de *Thoughts on South Africa*, “The South African Nation,” reforça a idéia da união territorial sul-africana – “(...) existe uma misteriosa união interna entre os estados Africanos, que faz com que, apesar de suas estruturas complicadas e confusas, eles sejam um só – algo que torna impossível atacar um destes estados sem prejudicar a todos.” Cf. *Thoughts on South Africa*, p. 332.

⁴³⁰ ACHEBE, op cit, p.279.

⁴³¹ *Thoughts...*, p.312.

⁴³² SAID, Edward – *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp.107-8

inferimos, ocupavam espaço fundamental em sua vida – “garotas negras sustentam você!”, afirma ao desconhecido com quem conversa por uma noite no deserto.⁴³³

O discurso de validação da autoridade imperialista é mais uma vez subvertido por Schreiner quando, como vimos, as nativas articulam uma fuga após a partida de Peter com a Companhia – e levam arma e munição, deixando para trás somente as roupas “de mulheres brancas” que ganharam. Mas o papel de agência e destaque das mulheres nativas na narrativa pode ser reforçado ainda por um outro ponto: o título do romance. Peter Halket é um *trooper* de *Mashonaland*, e não de *Matabeleland* – onde sua guarnição está efetivamente acampada. Os conflitos que a companhia de Peter enfrenta, aliás, são mencionados sempre em vínculo aos Matabele. Os Mashona, em compensação, são citados em três circunstâncias: inicialmente, Peter afirma que os Matabele e os Mashona teriam todas suas terras tomadas pela Companhia e ele poderia então cultivar um grande porção destas terras; depois, em seu sonho, o jovem inglês vê o crânio de um velho Mashona explodindo.⁴³⁴ Por último, são mencionadas as mulheres de Peter – “Elas eram Mashona. Sempre disseram que os Mashona não gostavam dos Matabele mas, por Deus, no fim eles os amavam mais do que amavam a nós!”⁴³⁵

Ao atrelar Peter Halket já no título de seu romance a *Mashonaland* e não a *Matabeleland*, Schreiner cria uma contraposição entre o nativo e o “homem branco” – oposição através da qual *Matabeleland* passa a figurar como espaço do branco e *Mashonaland* oferece a idéia da resistência nativa. Curioso é lembrar também que, como vimos, os Matabele negociaram o final de sua revolta em 1896, enquanto os Mashona prosseguiram em sua luta até 1897, adquirindo fama de “rebeldes”.

Mas a autora acabou por afastar seu público leitor, ao invés de conquistá-lo, quando optou por apresentar em *Trooper Peter* nativos ludibriando o colonizador. Em primeiro lugar porque, como relembra John Kucich, ninguém queria imaginar o que acontecia com o nativo assim que acabava a leitura de seu romance (tampouco vê-lo enforcado logo às

⁴³³ Steve Attridge aponta *Trooper Peter Halket* como a análise “mais concisa e eloqüente das realidades políticas e econômicas em que se baseia a presença britânica na África do Sul.” Também segundo o autor, Halket é o personagem que coloca em questão as noções convencionais do heroísmo – aproximando-se de certa forma da personagem Lyndall que, em *African Farm*, coloca em xeque o modelo tradicional do *feminino*, da maternidade e das relações de gênero. Cf. ATTRIDGE, Steve – *Nationalism, Imperialism and Identity in Late Victorian Culture – Civil and Military Worlds*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2003, p.186.

⁴³⁴ *Trooper Peter Halket...*, pp.36-7.

⁴³⁵ Idem, p.45.

páginas iniciais do romance). Kipling, Stevenson, Haggard e tantos outros ofereciam alternativas muito melhores neste aspecto.⁴³⁶ Além disso, como vimos, Schreiner questionava as estruturas da própria sociedade inglesa e uma das figuras mais representativas das políticas expansionistas empreendidas na África – Cecil Rhodes. Tudo isso valendo-se de muitas páginas de diálogo entre Jesus Cristo e um inglês pobre e pouco articulado, que morre para salvar a vida de um nativo.

Paula Krebs argumenta que os múltiplos conceitos de “raça” circulantes no final do XIX permitiram que Schreiner assim definisse o bôer – uma raça. Desta forma, temos a relação inglês-bôer definida pela idéia de evolução: é da fusão destes dois tipos humanos que será formado o sul-africano. O bôer tratá as virtudes que faltam ao inglês, que por sua vez acrescentará a modernidade que falta ao faltante da *Taal* (a essa altura, já extinta). Enquanto isso, a discussão do “problema do nativo” apresentada pela autora ao longo do XIX demonstraria que a associação feita entre o autóctone e a idéia de África do Sul dá-se em um sentido econômico. Para Krebs, quando a obra de Schreiner propõe-se a discutir a identidade nacional sul-africana, o debate pertence ao campo da raça e da etnicidade, enquanto que é a discussão dos problemas político-econômicos da nação que traz à cena a polêmica acerca do papel do nativo.

Há muitos questionamentos que podemos lançar a partir deste debate proposto por Krebs – definições de conceitos como “classe”, “raça” e “identidade nacional,” por exemplo. Mas para apontar a necessidade de ponderar este argumento, retornemos aos personagens de Lyndall e Peter Halket que, como vimos, são representantes dos chamados *poor whites*: os dois incorporam não apenas o debate racial sul-africano, pelo contrário – são marcos fundamentais também de uma discussão do campo sócio-econômico. Além disso, o *poor white*, o branco pobre, surge como um problema entre os portadores da civilização e os nativos – e coloca em xeque a própria superioridade do inglês frente a este nativo, a partir do momento em que ameaça romper as marcas diferenciais que precisam ser mantidas. O debate racial não está desvinculado do econômico como a análise de Paula Krebs pode deixar entender. A discussão da identidade sul-africana na obra de Olive Schreiner mostra-se multifacetada, e não deve ser condicionada a dualismos como “nativo representa discussão econômica” e “branco representa discussão racial, identitária”.

⁴³⁶ KUCICH, John – op cit, p.6.

*

Em 1908, dois anos antes da constituição da União Sul-Africana, Olive Schreiner foi entrevistada, por correspondência, pelo editor do jornal *The Transvaal Leader*. Em resposta para a questão político-identitária sul-africana, a autora escrevia

“O problema do século XX não será a repetição dos problemas do XIX, ou dos que os antecederam. (...) O mundo em que o século XXI abrirá seus olhos será muito diferente deste que o século XX vê em seu despertar. (...)”⁴³⁷ LXXXII

Ler a obra de Schreiner e perceber como ela ainda parece atual na realidade sul-africana faz-nos perceber que até a literata que foi chamada de “a Cassandra do Cabo”⁴³⁸ tem direito a previsões erradas. Enquanto isso, em três de julho de 1910, o *New York Times* publicava o artigo – “What the recent visit of Halley’s comet showed,” de Mary Proctor. Em suas linhas finais, informava que

“O cometa afasta-se agora lentamente da Terra, iniciando sua viagem de regresso ao ponto mais remoto de sua órbita – cerca que 500,000,000 milhas além do planeta Netuno, o sentinela do sistema solar. Atingirá esse ponto em aproximadamente 1948, daqui a trinta e oito anos, não retornando antes de 1986, quando será sem dúvida um problema tão grande como foi nessa visita. (...)”⁴³⁹

O astro seguia seu caminho e, embora no dia vinte e oito de janeiro daquele ano o nível do rio Sena tenha transbordado, marcando uma das maiores enchentes já registradas em Paris, o homem branco não foi eliminado da África como temia o *The Rhodesian Herald*.⁴⁴⁰

*

⁴³⁷ SCHREINER, Olive – *Words in Season – the public writing with her own remembrances collected for the first time*. Johannesburg: Penguin Modern Classics, 2005, p.180.

⁴³⁸ *The New York Times*, 10 de agosto de 1901.

⁴³⁹ *The New York Times*, 03 de julho de 1910.

⁴⁴⁰ Cf. JOHNS, Timothy Brent – *Mixed Humanity – The Staging of Labour in South African Literature, 1830-1930*. Stony Brook University, 2005, p.136. Tese de doutorado.

Bibliografia

Jornais

Aberdeen Journal
Aberdeen Weekly Journal
Daily News
Glasgow Herald
Liverpool Mercury
The Graphic
The Liverpool Mercury
The New York Times
The Pall Mall Gazette

Fontes

Olive Schreiner Letters – 1871-1899 (ed. Richard Rive). Oxford University Press, 1988.

The Story of an African Farm. Gloucester: Peter Smith, 1976 (1883).

The Political Situation. Londres: T. Fisher Unwin Ltd, 1896

Trooper Peter Halket of Mashonaland. Pretoria: Ad. Donker Publisher, 1992. Livro originalmente publicado em 1897, também por T. Fisher Unwin Ltd, em Londres.

Thoughts on South Africa. Pretoria: Ad. Donker Publisher, 1992. Livro originalmente publicado em 1923 por T. Fisher Unwin Ltd, em Londres.

Obras do Período

BADEN-POWELL, R.S.S. *The Matabele Campaign, 1896 – Being a Narrative of the Campaign in suppressing the native rising in Matabeleland and Mashonaland*. Londres: Methyen & Co, 1900.

BIGELOW, Poultney. *White Man's Africa*. Nova York;Londres: Harper & Brothers Publishers, 1900.

CAREY-HOBSON, Mary Ann - *The Farm in the Karoo: or, What Charley Vyvyan and his friends saw in South Africa*. London: Juta, Heelis & Company, 1883.

- CONRAD, Joseph. *O Coração das Trevas*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002 (1899).
- EMERSON, Edwin. *Comet Lore – Halley’s Commet in History and Astronomy*. Nova York: The Schilling Press, 1910
- GARRAN, Robert (Sir). *The Government of South Africa*. South Africa: Central News Agency Ltds, 1908, Vol. I.
- HOBSON, J. A. *Imperialism, a study*. George & Allen Unwin, 1902. (New York: Cosimo, 2005).
- HONE, Percy F. *Southern Rhodesia*. London: George Bell and Sons, 1909.
- HILLEGAS, Howard. *Oom Paul’s People – A Narrative of the British-Boer Troubles in South Africa, With a History of the Boers, the Country and its Institutions*. New York: D. Appleton and Company, 1899.
- MACKENZIE, W. Douglas. *South Africa in History, Heroes and Wars*. Philadelphia, American Book and Bible House, 1889.
- NATHAN, Manfred. *Empire Government - An Outline of the System Prevailing in the British Commonwealth of Nations*. London: George Allen Unwin, 1918.
- PARKS, Jared (org). *The Writings of George Washington – being his correspondence, addresses, messages, and other papers, oficial and private*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1847.
- RIDPATH, John Clark; ELLIS, Edward S. – *The Story of South Africa – The Historical Transformation of the Dark Continent by the European Powers and the Culminating Contest Between Great Britain and the South African Republic in the Transvaal War*. Chicago: C. W. Stanton, 1899.
- THEAL, George McCall - *The native races of South Africa: a history of the intrusion of the Hottentots and Bantu into the hunting grounds of the Bushmen, the aborigines of the country*. London: Swan Sonnenschein & Co, 1905.
- WILKINSON, Spenser. *British Policy in South Africa*. Londres: Sampson Low, Marston & Company, 1899.
- WORSFOLD, W. Basil. *History of South Africa*. Los Angeles: University of California Press, 1900.

Biografias

- CLOETE, Stuart. *Against These Three – A Biography of Paul Kruger, Cecil Rhodes and Lobengula, Last King of the Matabele*. Boston: Houghton Mifflin Company: 1945.
- CRONWRIGHT-SCHREINER, Samuel – *The Life of Olive Schreiner*. London: Unwin, 1924.
- FIRST, Ruth; SCOTT, Ann – *Olive Schreiner – A Biography*. New York: Schocken Books, 1980.
- MEINTJES, Johannes – *Olive Schreiner – Portrait of a South African Woman*. Johannesburg: Hugh Keartland Publishers, 1965.
- MILLIN, Sarah Gertrude. *Cecil Rhodes*. New York, London: Harper & Brothers Publishers, 1933.

Obras

- ACHEBE, Chinua. “An Image of Africa”. *Massachusetts Review: A Quaterly of Literature, the Arts and Public Affairs*, 18, 1977.
- ADHIKARI, Mohamed. *Not White Enough, Not Black Enough: Racial identity in the South Africa Coloured Community*. Cape Town: Ohio University Press, 2005.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (1983).
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de Meu Pai – a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 (1993).
- ARENDRT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARONSON, Marc. *Race: A History Beyond Black and White*. New York, Ginee Seo Books, 2007.
- BALLINGER, Margaret. *From Union to Apartheid – a Trek to Isolation*. Cape Town, Johannesburg, Wynberg: Juta, 1969.
- BEETON, Ridley. *Olive Schreiner: A Short Guide to Her Writings*. Resenha de RIVE, Richard, *Research in African Literatures*, vol. 10, n. 1, 1970, pp. 124-130.

- _____. "Two Notes on Olive Schreiner's Letters" *Research in African Literatures*, vol.3, n.2, 1972.
- BEINART, William; BUNDY, Colin. *Hidden Struggles in Rural South Africa: Politics and Popular Movements in the Transkei and Eastern Cape, 1890 – 1930*. Berkeley: University of California Press, 1987.
- BERKMAN, Joyce Avrech. "The Nurturant Fantasies of Olive Schreiner". *Frontiers*, Vol. 2, n.3, 1977.
- _____. *The Healing Imagination of Olive Schreiner – Beyond South African Colonialism*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1989.
- BERNSTEIN, Henry; "Land Reform in Southern Africa in World-Historical Perspective". *Review of African Political Economy*, vol. 30, n. 96, War & the Forgotten Continent, 2003, pp. 203-226.
- BICKFORD-SMITH, Vivian. *Ethnic Pride and Racial Prejudice in Victorian Cape Town – Group Identity and Social Practice, 1875-1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- _____. "South African Urban History, Racial Segregation and the Unique Case of Cape Town?". *Journal of Southern African Studies*, vol.21, n. 1, Special Issues: Urban Studies and Urban Change in South Africa. 1995, pp.63- 78.
- BOONZAIER, Emile. " 'Race and the race paradigm' ". *The uses & abuses of political concepts*. Cape Town/Johannesburg: David Philip, 1988.
- BUNDY, Colin. *Rise and Fall of the South African Peasantry*. Berkeley: University of California Press, 1979.
- BURDETT, Carolyn. *Olive Schreiner and the Progress of Feminism – evolution, gender and empire*. Houndmills: PALGRAVE, 2001.
- CALPIN, G. H. *There are no South Africans*. Londres: Thomas Nelson and Sons Ltd, 1941.
- CELL, John W. *The Highest Stage of White Supremacy – The Origins of Segregation in South Africa and the American South*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

- CHALHOUB, Sidney et al. “Para que servem os narizes? Parternalismo, Darwinismo Social e ciência racial em Machado de Assis”. *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, pp. 19-55.
- CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História Contada – capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- CHATTERJEE, Partha. *The Nation and its Fragments: colonial and postcolonial histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- CHRISMAN, Laura. *Rereading the Imperial Romance – British Imperialism and South African Resistance in Haggard, Schreiner, and Plaatje*. Oxford//New York: Oxford University Press, 2000.
- COMAROFF, Jean. *Body of Power, Spirit of Resistance: The Culture and History of a South African People*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- COMAROFF, John L. *The Boer War Diary of Sol Plaatje – An African at Mafeking*. Johannesburg: Macmillan, 1976.
- _____. “Images of Empire, Contests of Conscience: Models of Colonial Domination in South Africa”. *American Ethnologist*, vol. 16, n. 4, 1989, pp.661-685.
- COMAROFF, John; COMAROFF, Jean. *Of Revelation and Revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 1991, 1997, 2 vols.
- DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAVENPORT, T. R. H. – *The Afrikaner Bond – The History of a South African Political Party, 1880-1911*. Cape Town, Londres: Oxford University Press, 1966.
- DAVIES, Robert D. *Capital, State and White Labour in South Africa – 1900-1960*. Brighton: Harvester Press, 1979.
- DE SALVE, Giovanni Grillo. “Quebre as correntes quando puder”: *Os Discursos Presidenciais do Dr. Abdullah Abdurahman e a construção da Identidade e da Política Coloured na Cidade do Cabo, 1905-1940*. Monografia de conclusão de curso, 2008.
- DUBOW, Saul. *Scientific Racism in Modern South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

- _____. "Afrikaner Nationalism, Apartheid and the Conceptualization of 'race'". *Journal of African History*, 33, 1992, pp. 209-237.
- DUBOW, Saul; BEINART, William. *Segregation and apartheid in the 20th Century South Africa*. Londres/Nova York: Routledge, 1995.
- DU TOIT, André. "No chosen people: the myth of the Calvinist origin of Afrikaner nationalism and racial ideology". *American Historical Review*, Vol. 88, no. 4, 1983, pp. 920-952.
- FEINBERG, Harvey M. "The 1913 Land Act in South Africa: Politics, Race, and Segregation in the Early 20th Century". *The International Journal of African Historical Studies*, Vol. 26, n. 1, 1993, pp. 65-109.
- FREDRICKSON, George M. *The Arrogance of Race: Historical Perspectives on Slavery, Racism and Social Inequality*. New Haven: 1988.
- _____. *White supremacy: a comparative study in American and South African history*. New York: Oxford University Press, 1981.
- GALLAGHER, John; ROBINSON, Ronald. *African and the Victorians: The Official Mind of Imperialism*. Yale University Press, 1967.
- GILIOME, Hermann. *The Afrikaners – Biography of a People*. Cape Town: Tafelberg Publishers, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GREADY, Paul – "Dan Jacobson as Expatriate Writer: South Africa as Private Resource and Half-Code and the Literature of Multiple Exposure". *Research in African Literatures*, vol. 25, n.4, pp. 17-32.
- GREENSTEIN, Susan M. – "Miranda's Story: Nadine Gordimer and the Literature of Empire" *NOVEL: A Forum on Fiction*, vol. 18, n. 3, 1985.
- HACKETT, Robin. *Sapphic primitivism: productions of race, class, and sexuality in key words of modern fiction*. Rutgers University Press, 2004.
- HARRISON, David. *The White Tribe of Africa – South Africa in Perspective*. London, Johannesburg: Macmillan, 1981.
- HARRISON, Julie. *Travelling Perspectives on Identity, Gender and Colonialism: White Women's Writing on Africa (Olive Schreiner, Karen Blixen, Alexandra*

- Fuller, Margaret Laurence). Carleton University, Ottawa, Ontario. Tese de Mestrado, 2002.
- HETHERINGTON, Penelope. “Women in South Africa: The Historiography in English” *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 26, n. 2, 1993, pp. 241-269.
- HORTON, Susan R. *Difficult Women, Artful Lives – Olive Schreiner and Isak Dinesen, in and out of Africa*. Baltimore, London: The John Hopkins University Press, 1995.
- JOHNS, Timothy Brent. *Mixed Humanity – The Staging of Labor in South African Literature, 1830-1930*. Stony Brook University. Tese de doutorado, 2005.
- JOHNSTONE, Frederick. *Class, Race and Gold*. London: Routledge, 1976.
- KNICKERBOCKER, Frances W – “The Strange Story of Havelock Ellis” *The Sewanee Review*, vol. 48, n. 3, 1940, p. 431-432.
- KREBS, Paula. “Olive Schreiner’s Racialization of South Africa” *Victorian Studies*, Vol. 40, n. 3, 1997.
- KRIGE, Uys (ed.). *Olive Schreiner: a selection*. Cape Town, New York, London: Oxford University Press, 1968.
- KUCICH, John (ed). *Fictions of Empire*. Boston; New York: Houghton Mifflin Company, 2003.
- KUPER, Adam. Nomes e Partes: as categorias antropológicas na África do Sul. In *Antropologia, Impérios e Estados Nacionais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- L’ANGE, Gerald. *The White Africans: From Colonisation to Liberation*. Cape Town, Johannesburg: Jonathan Ball Publishers, 2005.
- LANDAU, Paul S., KASPIN, Deborah D. (ed). *Images & Empires – Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Bekeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2002.
- LEGASSICK, Martin. “British Hegemony and the Origins of Segregation”. *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. Edited by William Beinart and Saul Dubow. London: Routledge, 1995.

- LEVY, Anita. "Other Women and new women: writing race and gender in *The Story of an African Farm*" in *The Victorians and Race*. Aldershot: Ashgate, 1996.
- Lexicon of Greek Personal Names*. Oxford: Claredon, 1987.
- MACMILLAN, W. M. *The Cape Colour Question*. London: Faber and Gwyer, 1927.
- MAGUBANE, Bernard. *The Political Economy of Race and Class in South Africa, 1875-1910*. Trenton: Africa World Press, 1996.
- MAMDANI, Mahmood. *Citizen and Subject: Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism*. New Jersey: Princeton University Press, 1996.
- MARKS, Shuka; TRAPIDO, Stanley. "Lord Milner and the South African State". *History Workshop*, n. 8, 1979, pp. 80-50.
- MARX, Anthony W. *Making Race and Nation – A Comparison of South Africa, the United States and Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MAYLAN, Paul. *South African's Racial Past – The history and historiography of racism, segregation and apartheid*. Aldershot: Ashgate, 2001.
- MONSMAN, Gerald. *Olive Schreiner's Fiction – Landscape and Power*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1991.
- ODENDAAL, André. *Black Politics in South Africa to 1912*. New Jersey: Barnes & Noble Books, 1984.
- PORTER, Andrew (org). *The Oxford History of British Empire – Vol. III: The Nineteenth Century*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1999
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império – Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999 (1992).
- RICHARDS, Constance S. Resenha de *White Women Writers and Their African Invention*, de Simon Lewis. Gainesville: UP of Florida, 2003.
- RIVE, Richard. *Selected Writings: Stories, Essays, Plays*. Johannesburg: Ad. Donker Publisser, 1977.
- ROBINSON, Paul. *A Modernização do Sexo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SANDERS, Mark. *Complicities – the intellectual and apartheid*. Durham and London: Duke University Press, 2002.

- SHAPPLE, Deborah L. "Artful Tales of Origination in Olive Schreiner's *The Story of an African Farm*" *Nineteenth Century Literature*, vol. 59, n.1, 2004, pp. 78-114.
- SMITH, Ian Douglas. *The Great Betrayal – The Memoirs of Ian Douglas Smith*. Londres: Blake Publishing, 1997.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (1973).
- SPIVAK, Gayatri. "Reading the World: Literary Studies in the 80s" *College English*, Vol. 43, n. 7, 1981, pp. 671-679.
- _____. "Three Women's Texts and a Critique of Imperialism" *Critical Inquiry*, Vol. 12, n. 1, "Race," Writing, and Difference, 1985, pp.243-261.
- STANDER, Christell; WILLEMSE, Hein. "Winding through Nationalism, Patriarchy, Privilege and Concern: A Selected Overview of Afrikaans Women Writers". *Research in African Literatures*, vol. 23, n. 3, 1992, pp. 6-9.
- STARK, Frank M. "Theories of Contemporary State Formation in Africa: A Reassessment". *The Journal of Modern African Studies*, Vol. 24, No. 2 (Jun., 1986), pp. 335-347.
- SUMMERS, Anne. "The Correspondents of Havelock Ellis" *History Workshop*, n. 32, 1991, pp 167-183.
- TERREMBLANCHE, Sampie. *A History of Inequality in South Africa, 1652-2002*. Natal: University of Natal Press, 2002.
- THOMPSON, E. P. – *Os Românticos: a Inglaterra na Era Revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- THOMPSON, Leonard. *A History of South Africa*. New Haven; Londres: Yale University Press, 1990.
- WALKOWITZ, Judith R. "Science, Feminism and Romance: The Men and Women's Club, 1885-1889". *History Workshop*, No.21, 1986.
- WEST, Shearer (ed.). *The Victorians and Race*. Vermont: Ashgate, 1996.
- WORDEN, Nigel. *The Making of Modern South Africa: Conquest, Segregation and Apartheid*. Oxford: Blackwell, 1994.
- VAN DER WESTHUIZEN, Christi. *White Power & the Rise and Fall of the National Party*. Cape Town: Zebra Press, 2007.

- VAN WYK, Smith, M. "The Boers and the Anglo-Boer War (1899-1902) in the Twentieth-Century Moral Imaginary". *Victorian Literature and Culture*, Vol. 31, n. 2, 2003.
- VISEL, Robert. "'We Bear the World and We Make It': Bessie Head and Olive Schreiner" *Research in African Literatures*, vol. 21, n. 3, 1990, pp. 115-124.
- ZINS, Henryk. "The international creation of the Bechuanaland Protectorate in 1885" *PULA Journal of African Studies*, Vol 11, n.01, 1997.

^I "However distant Comets may be, it is not at all impossible that their enormous tails, measuring 75,000,000 to 125,000,000 miles in length, may come in contact with our atmosphere. The theory that a Comet may disturb the atmosphere of the earth, causing rains of great duration, and consequently inundations and the sudden overflow of rivers, is not at all absurd. It can be sustained by scientific reasoning."

^{II} "Olive Schreiner is one of those women writers – such as Germaine de Staël, George Sand, or Margaret Fuller – who has been more famous for her life, circle of friends, and protofeminism than for her writings. These women are all known about but relatively unknown when it comes to a close study of their fiction (...)"

^{III} "(...) a book that displays the most painstaking research and careful exploration of obscure incidents."

^{IV} "For Conwright was not only concerned to build a monument to her as a writer, but also, by destroying much of the material to which he had access, to perpetuate a view of olive acceptable to himself. Anxious to come to a proper definition of genius, he constructed a picture of a woman endowed with and then hampered by her 'creative faculty'; in doing so he produced the wholly conventional notion of genius having no social context, a state apart and above. (...)"

^V "(...) ... from you or me, and I don't mean to write another. You and I (in strictest truth) could set the Thames on fire, if we would or *could*, and that is outside human thought."

^{VI} "(...) [Only then] would the sense of being marginalized be overcome. This meant that Afrikaans had to be heard in Parliament, the civil service, schools, colleges and universities, and in the world of business and finance; it had to be the medium of newspapers, novels, and poems, giving expression to what was truly South African. Instead of English-speakers portraying Afrikaners in reports, novels or histories as everything they were-not: unrefined, semi-literate, racist, dogmatic, and unprogressive, the Afrikaners had to define and represent themselves as the true South Africans. (...)"

^{VII} "(...) When I read her novel for the first time, some sixty years after it was first published, I had to struggle with my own incredulity that the *kopjes*, *kraals* and cactus plants she mentions were of the same kind as those I was familiar with; so little experience had I had of encountering them within the pages of a book. (...)"

^{VIII} "(...) when he cannot understand why (in that famous, oft-quoted conclusion) Waldo [one of the principal characters in *The Story of an African Farm*] "a strong, healthy young man ... should, in the last page of the book, lie down in the sun and just die." I feel he has missed a point, but what it is I cannot remember - and perhaps his objection is, after all, a valid one."

^{IX} "We see Olive Schreiner's life and writing as a product of a specific social history. We are not only looking at what she experienced but at how she, and others, perceived that experience: at the concepts with which her contemporaries understood their world, and, again, at the consciousness that was possible for her time – after Darwin, before Freud, and during the period when Marx's *Capital* was written. (...) we do not see her as having grown 'untrammelled in a wild free land'. We have written about the missionary life and politics which her parents were a part precisely because it *was* part of a European culture, and we see the missionary presence in the colonial society as part of the imperial presence of the time. Race and cultural prejudice were all-pervasive: English-speaking South Africans were contemptuous of Afrikaners; all Whites despised all Blacks. (...)"

^X "(...) Cheryl Walker provides some background to the political and economic activities of white women in her books, *The Women's Suffrage Movement in South Africa* and *Women and Resistance in South Africa*, and there is a recent article on immigration of single women from Britain in the first decade of this century. The authors, Jean Jacques van Helten and Keith Williams, adopt a feminist perspective and conclude that 'the racist and sexist discourse of imperialism demands the ideological repression of white women but grants them a share in its material spoils.'"

^{XI} "(...) Like many first-generation colonials of that period, she was steeped in powerfully affective ideas about English 'motherland' (or 'home' as she invariably called it). Nevertheless, as I will show, Schreiner's

work did not – and perhaps could not – replicate metropolitan ideas about the ‘centre’ and the ‘margins’. While she belonged to an English-speaking South African population, and had always the profoundest sense of how South Africa was affected by England, the centre of her imaginative and political endeavour was the colony and not the metropolis. (...)

XII “(...) An untaught girl, working ten hours a day, having no time for thought or writing, but a few in the middle of the night, writes a little story like *An African Farm*; a book wanting in many respects, and altogether a young and *crude*, and *full of faults*; a book that was written altogether for myself, when there seemed no possible chance that I should ever come to England or publish it. Yet, I have got scores, almost hundreds of letters about it from all classes of people, from an Earl’s son to a dressmaker in Bond Street, and from a coalheaver to a poet. (...)

XIII “Man, his opinions, his intellectual and physical constitution, the wants of his nature, his use in the world, his dependence on the social circumstances by which he is surrounded, these, and the minor problems opening out of them, are not even indicated!”

XIV “(...) when one is leading an absolutely solitary life one is apt to use one’s work as Gregory used his letters, as an outlet for all one’s superfluous feelings, without asking too closely whether they can or cannot be artistically expressed there.”

XV “‘The story of an African Farm’ shows considerable power. His descriptions are wonderfully graphic, and his pathos is forcible. Mr. Iron obviously writes about what he knows with a successful result which is well deserved.”

XVI “(...) It is a veritable story of South African Colonial life, Boers, Hottentots, Kaffirs, Dutchmen, sheep, ostriches, and all, and would be excellent reading if only for the vivid, graphic pictures it presents of a sort of life not yet made too familiar by books of travel and scarcely touched at all by fiction. The farm life of the Dutch homestead, with its large [beautiful?] coarse comfort, grandiose monotonous aspects of nature, primitive superstitions and colonial limitations, as well as freedoms, is given to us not by description only, but by reflection in the lives of the inhabitants (...)

XVII “In 1877 Lord Carnarvon carried through Parliament a Permissive Confederation Act authorising the creation of a Federal Union between such South African colonies as should be willing to join. At the same time he selected Sir Bartle Frere as Governor and High Commissioner to carry the scheme into effect. When Sir Bartle Frere had been a few days at the Cape he learnt that British sovereignty had just been proclaimed by Sir Theophilus Shepstone over the Transvaal Republic. Sir Theophilus Shepstone had been sent out as High Commissioner to inquire into the condition of the Transvaal, (...). The annexation was undertaken, not on the ground that the majority of the Boers wished it — there is no possibility now of proving that at the time the majority was not ready to acquiesce — but partly because the country was in a state of anarchy, and because the many British residents there were in constant fear of their lives and appealed to the Queen’s Government for protection, and partly because the Transvaal could not defend itself against the Kaffirs of Sekukuni and against the Zulus.”

XVIII “(...) [Waldo] looked at the moon, but most at the leaves of the prickly pear that grew just before him. They glinted, and glinted, and glinted, just like his own heart - cold, so hard, and very wicked. (...) With his swollen eyes he sat there on a flat stone at the very top of the kopje; and the tree, with every one of its wicked leaves, blinked, and blinked, and blinked at him. Presently he began to cry again, and then stopped his crying to look at it. He was quiet for a long while, then he knelt up slowly and bent forward. There was a secret he had carried in his heart for a year. (...) "I hate God!" he said. The wind took the words and ran away with them, among the stones, and through the leaves of the prickly pear. He thought it died away half down the kopje. (...)

XIX “(...) One can argue that because of his being a mythic/parodic representation of patriarchal power Blenkins should not have been more realistic. He is a typical satiric figure and is artistically very valuable as such. (...)

^{XX} ““You will, I trust, dear madam, excuse this exhibition of my feelings; but this – this little picture recalls me of my first and best beloved, my dear, departed wife, who is now a saint in heaven.’

Tant’Sannie could not understand; but the Hottentot maid, who had taken her seat on the floor beside her mistress, translated the English into Dutch as far as she was able.

‘Ah, my first, my beloved!’ he added, looking tenderly down at the picture. ‘Oh, the beloved, the beautiful lineaments! My angel wife! This is surely a sister of yours, madame?’ he added, fixing his eyes on Tant’Sannie.

The Dutch woman blushed, shook her head, and pointed to herself.”

^{XXI} ““He, he, he!’ laughed Bonaparte, as he stumbled over the stones. ‘If there isn’t the rarest lot of fools on this farm that ever God Almighty stuck legs to. He, he, he! When the worms come out then the blackbirds feed. Ha, ha, ha!’ Then he drew himself up: even when alone he liked to pose with dignity; it was second nature to him.”

^{XXII} “Someone has come today,” he mumbled out suddenly, when the idea struck him.

“Who?” asked both girls.

“An Englishman on foot.”

“What does he look like?” asked Em.

“I did not notice; but he has a very large nose,” said the boy slowly. “He asked the way to the house.”

“Didn’t he tell you his name?”

“Yes—Bonaparte Blenkins.””

^{XXIII} “You vagabonds se Engelschman!” said Tant Sannie, looking straight at him.

This was a near approach to plain English; but the man contemplated the block abstractedly, wholly unconscious that any antagonism was being displayed toward him.

“You might not be a Scotchman or anything of that kind, might you?” suggested the German. “It is the English that she hates.”

“My dear friend,” said the stranger, “I am Irish every inch of me—father Irish, mother Irish. I’ve not a drop of English blood in my veins.”

“And you might not be married, might you?” persisted the German. “If you had a wife and children, now? Dutch people do not like those who are not married.”

“Ah,” said the stranger, looking tenderly at the block, “I have a dear wife and three sweet little children—two lovely girls and a noble boy.”

This information having been conveyed to the Boer-woman, she, after some further conversation, appeared slightly mollified; but remained firm to her conviction that the man’s designs were evil.

“For, dear Lord!” she cried; “all Englishmen are ugly; but was there ever such a red-rag-nosed thing with broken boots and crooked eyes before? Take him to your room,” she cried to the German; “but all the sin he does I lay at your door.”

^{XXIV} “I (...) was born at this hour, on an April afternoon, three-and-fifty years ago. The nurse, sir—she was the same who attended when the Duke of Sutherland was born—brought me to my mother. ‘There is only one name for this child,’ she said: ‘he has the nose of his great kinsman;’ and so Bonaparte Blenkins became my name—Bonaparte Blenkins. Yes, sir,” said Bonaparte, “there is a stream on my maternal side that connects me with a stream on his maternal side.”

The German made a sound of astonishment.

“The connection,” said Bonaparte, “is one which could not be easily comprehended by one unaccustomed to the study of aristocratic pedigrees; but the connection is close.”

“Is it possible!” said the German, pausing in his work with much interest and astonishment. “Napoleon an Irishman!”

^{XXV} “In old days, when a small boy, playing in an Irish street-gutter, he, Bonaparte, had been familiarly known among his comrades under the title of Tripping Ben; this, from the rare ease and dexterity with which, by merely projecting his foot, he could precipitate any unfortunate companion (...)”

XXVI "Whenever you come into contact with any book, person, or opinion of which you absolutely comprehend nothing, declare that book, person or opinion to be immoral. Bespatter it, vituperate against it, strongly insist that any man or woman harbouring it is a fool or a knave, or both. Carefully abstain from studying it. Do all that in you lies to annihilate that book, person, or opinion. (...)

"This book," said Bonaparte, "is not a fit and proper study for a young and immature mind."

Tant Sannie did not understand a word, and said:

"What?"

"This book," said Bonaparte, bringing down his finger with energy on the cover, "this book is sleg, sleg, Davel, Davel!"

Tant Sannie perceived from the gravity of his countenance that it was no laughing matter. From the words "sleg" and "Davel" she understood that the book was evil (...)

(...)

"Give it here. What is the name of it? What is it about?" she asked, putting her finger upon the title.

Bonaparte understood.

"Political Economy," he said slowly.

"Dear Lord!" said Tant Sannie, "cannot one hear from the very sound what an ungodly book it is! One can hardly say the name. Haven't we got curses enough on this farm?" (...) Didn't the minister tell me when I was confirmed not to read any book except my Bible and hymn-book, that the devil was in all the rest? And I never have read any other book," said Tant Sannie with virtuous energy, "and I never will!"

XXVII "(...) Schreiner's progressive feminism suffers from the taint of bad Victorian science, becoming, as Barash (1987) argues, 'fundamentally and unmistakably racist'. (...) one ... study counts the number of times 'native' appear in *Africam Farm* and concludes, rightly I think, that the novel is indifferent to the 'kaffirs', 'Hottentots', and 'Bushmen' who dot the landscape. They matter inasmuch as they facilitate, explain or mimic the actions of the Europeans (McClintock, 1995). (...)"

XXVIII "Sometimes," he added in a yet lower tone, "I lie under there with my sheep, and it seems that the stones are really speaking—speaking of the old things, of the time when the strange fishes and animals lived that are turned into stone now, and the lakes were here; and then of the time when the little Bushmen lived here, so small and so ugly, and used to sleep in the wild dog holes, (...) and eat snakes, and shot the bucks with their poisoned arrows. . It was one of them, one of these old wild Bushmen, that painted those," said the boy, nodding toward the pictures—"one who was different from the rest. He did not know why, but he wanted to make something beautiful—he wanted to make something, so he made these. He worked hard, very hard, to find the juice to make the paint; and then he found this place where the rocks hang over, and he painted them. To us they are only strange things, that make us laugh; but to him they were very beautiful."

XXIX "For some years after my arrival in the Colony I was impressed with the idea that the Hottentots were the aboriginal inhabitants of the western, and the Kaffirs of the eastern portion of the country, and that the Bushmen were waifs possessing no particular claims to territory, nor any fixed place of abode. My ideas, however, upon this point underwent a considerable change as my notes accumulated, for as I gained more and more information regarding the native tribes, I became gradually impressed with a firm conviction that the Bushmen alone were the true aborigines of the country, and that all the stronger races, withoid exception, were mere intruders. (...)"

XXX "(...) He stood out at the kraals in the blazing sun, explaining to two Kaffirr boys the approaching end of the world. The boys, as they cut the cakes of dung, winked at each other, and worked as slowly as they possibly could; but the German never saw it."

XXXI "She was his friend; she would tell him kindly the truth. The woman answered by a loud, ringing laugh. (...)

It was so nice to see the white man who had been master hunted down. The coloured woman laughed, and threw a dozen mealie grains into her mouth to chew."

XXXII “(...) It’s the pace these people live at, their peaceful cattle-like lives. It seems to me as if all the streets were full of cows and sheep. All the men stand at the door with their arms folded; if they are doing anything it seems as if they were doing nothing; they do it so slowly that you can’t see the movement...”

XXXIII “I remember it as often a subject of thought within myself this time, why God had made us, the English, so superior to all other races, and, while feeling it was very nice to belong to the best people on the earth, having yet a vague feeling that it was not quite just of God to have made us so much better than all the other nations. I have only to return to the experiences of my early infancy to know what the most fully developed Jingoism means. Later on my feelings for the Boer changed, as did, later yet, my feelings towards the Native races; but this was not the result of any training, but simply of an increased knowledge.”

XXXIV “The population of the Western Province is partly English and partly Boer or Dutch-Huguenot, the descendants of the Dutch East Indian Company’s servants and settlers, and of a large number of French Huguenots who arrived in the Colony about 1687, driven from France by the Revocation of the Edict of Nantes, and who, winnowed by the unerring flail of religious persecution, form, perhaps, the finest element that has ever been added to the population of South Africa. The labouring classes are, as elsewhere in South Africa, coloured, and here largely half-castes, the descendants of the first Dutch residents and their slaves, or much more rarely or blended Dutch and Hottentot blood. In Cape Town itself are found also Malays, Chinamen, Hindus, and the representatives of all European nations.”

XXXV “The wide rolling grass plains, with their little hills, have their charm, but one tires of it. Throughout the Orange Free State, Griqualand West and Bechuanaland with slight modifications, these grass plains extended; (...) ... there is always the same succession of level grassy plains, and generally of low, flat-topped hills, and ant-heaps (...).”

XXXVI “(...) from the Bushman with his ape-like body, flat forehead and primitive domestic institutions, to the nineteenth-century Englishman fresh from Oxford, with the latest views on social and political development, and the financial Jew; but we are more or less a mixture of these astonishingly diverse types. (...); we are a more or less homogeneous blend of heterogeneous social particles in different stages of development and of cohesion with one another, underlying and overlaying each other like the varying strata of confused geological formations.”

XXXVII “ (...) If I admire the babies, the poor women are enchanted;—*du reste*, if you look at blacks of any age or sex, they *must* grin and nod, as a good-natured dog must wag his tail; they can’t help it. The blacks here (except a very few Caffres) are from the Mozambique—a short, thick-set, ugly race, with wool in huge masses; but here and there one sees a very pretty face among the women. The men are beyond belief hideous. There are all possible crosses—Dutch, Mozambique, Hottentot and English, ‘alles durcheinander’; then here and there you see that a Chinese or a Bengalee *a passé par là*. The Malays are also a mixed race, like the Turks—i.e. they marry women of all sorts and colours, provided they will embrace Islam. (...) I think the population of Capetown must be the most motley crew in the world.”

XXXVIII “A nation, like an individual, is a combination of units; in the nation the units are persons; in the individual body they are cells. The single cell, alone and uncombined, is capable only of the simplest forms of development; the solitary *amoeboid* germ can undergo no high development, as it floats unconnected in the water or air; it is only when cells are combined in close and vital union with others, and there is interaction, that high development is possible. The highly differentiated complex cells that go to form a human eye or brain are possible only as parts of a large interacting organism, a long – continued and close interaction between millions of cells, and could come into being in no other way. (...) Alone and divided from his fellows, the individual man is capable of only the very lowest form of development.”

XXXIX “(...) The Cape Colony or Transvaal are larger than France; there is no *a priori* reason, if our political states possessed the least germ of organic unity or nationality, why the ultimate form of organization in South Africa should not be that of half a dozen distinct nations. The question is: Does such a germ exist?”

We believe the most temporary survey will prove that it does not.”

^{XL} “(...) There is only one scientific definition for it; it signifies a South African European by descent whose vernacular is the Taal, and who uses familiarly no literary European language. It does not denote race of necessity; the Boer may be French, Dutch, German, or of any other blood – (...); the word ‘Boer’ means literally ‘farmer’, and practically the Boer is often a farmer and stockowner; but he may also be a hunter, trader, the president of a republic, or of any other occupation – he remains a Boer still while the Taal remains his only familiar speech.”

^{XL^I} The half-caste, it is asserted in every country where he is known ... - the half-caste is by nature anti-social. It is always asserted that he possess the vices of both parent races and the virtues of neither; that he is born especially with a tendency to be a liar, cowardly, licentious, and without self-respect”

^{XL^{II}} “In proportion as this commandment is accepted, and its injunction carried out by our black and white races in South Africa during the next fifty years, so probably, to a large extent, will be our healthy growth and development”

^{XL^{III}} “At the time of the Boer trek, the great power in central and eastern South Africa was the Zulu nation. Under their renowned chief Tchaka, one of the most remarkable military geniuses of history, possessing to the full the vices and virtues of his type, the small Zulu tribe had become a great nation, dominating over and treading down other native tribes and races. Killing the older men and women and absorbing the youths and maidens into his own people, as he conquered a vast army of warriors, before whom no native people could stand. (...)”

^{XL^{IV}} “In August, 1836, after remaining a short time in the neighbourhood of Thaba'ntshu, a number of the settlers became dissatisfied with their location and 'trekked' farther north toward the Vaal River, which is the present northern boundary of the Orange Free State. Before they had proceeded a great distance they were attacked by the Matabele natives under Chief Moselekatse, and fifty of their number were slain. When the news of the slaughter reached the main body of the settlers a 'laager', or improvised fort, was formed by locking together the fifty big transport wagons that had been brought from the Cape Colony. Behind these men, women, and children, fought side by side against the innumerable Matabeles, and after a desperate battle succeeded in defeating them. The natives captured and drove away about ten thousand head of cattle and sheep - almost the entire wealth of the settlers”

^{XL^V} “(...) The African lion and the African tiger rolled together on the ground in a fair and free fight. If the Boer fell, with him fell wife and children; he fought for life and a home as the Zulu fought. (...) South Africa has no reason to be ashamed of the way in which either of her sons, black or white, fought in those old, terrible days”

^{XL^{VI}} “St. Francis of Assisi preached to the little fishes: we eat them. But the man who eats fish can hardly be blamed, seeing that the eating of fishes is all but universal among the human race! – if only he does not pretend that while he eats he preaches to them! This has never been the Boer's attitude towards any aboriginal race. He may consume it off the face of the earth; but he has never told it he does it for its benefit. He talks no cant.”

^{XL^{VII}} “These damned English,” said he, “think that no one has any rights but themselves. They come into my country like pirates and adventurers; they care for nothing but gold, and when they have got their pockets full they go away again to spend it in England. We don't want people like that; they may threaten and bully all they like, but they sha'n't get what they want so long as I can prevent it. (...) One Boer is a match for any five of their redcoats. (...)”

^{XL^{VIII}} “The Boer farmer personifies useless idleness. Occupying a farm of from six thousand to ten thousand acres, he contents himself with raising a herd of a few hundred of cattle, which are left almost entirely to the care of the natives whom he employs. It may be asserted, generally with truth, that he never plants a tree,

never digs a well, never makes a road... (...) He passes his day doing absolutely nothing beyond smoking and drinking coffee. He is perfectly uneducated. With the exception of the Bible, every word of which in its most literal interpretation he believes with fanatical credulity, he never opens a book, he never even reads a newspaper. His simple ignorance his simple ignorance is unfathomable, and this in stolid composure he shares with his wife, his sons, his daughters, being proud that his children should grow up as ignorant, as uncultivated, as hopelessly unprogressive as himself. (...) year after year, generation after generation, the Boer farmer drags out the most ignoble existence ever experienced by a race with any pretensions to civilization.”

XLIX “(...) What on earth has happened to turn the coruscating vision of Boer culture in *African Farm* into the encomium that *Thoughts on South Africa* seems to be? More especially, how can the meaning of Boer womanhood shift from the deadening pre-modernity represented by Tante sannie, to this equally pre-modern Tante ... ?”

L “(...) ‘The Dutch papers to attack me!’ she exclaimed, dizzy with surprise. She expected the Englishman to attack her, ‘but that the Dutch papers should attack me seems to me impossible. I feel like a man who goes to help another whom he feels is unjustly treated and the man he is helping jumps up and gives him a blow between the eyes.’”

LI “Another matter of importance to us is the development of the region between the Cape Colony and the Zambesi River. This is to be undertaken by the new South African British Company, or the ‘Chartered Company’, as it is generally called. The operations of this company promise to be enormous. The region is one that heretofore we have had to let alone, on account of the hostility of the natives. That has been overcome by concession. The Chartered Company has the royal grants, and will go to work in what is believed to be the richest gold region in the world. (...)”

LII “... by 1982, as Olive watched his performance and that of his political colleagues in the Cape parliament, the political differences between them became more apparent, and she began to insist that her name should not be mentioned in connection with his ‘in any way whatever’. She was also reacting against a report that had come to her ears that she wished to make Rhodes marry her. (...)”

LIII “(...) I find he held antiquated views with regard to woman; and that he despised her’
God said: ‘That is irrelevant. Many men feel so; and most women deserve it. Is there anything to the point?’
The angel turned over the leaves, and he said: ‘I find it recorded that he was a brilliant man with a sense of humour.’
God said: ‘I like humour. We need it even in heaven. No humorous man is really bad. Let him come in on that count.’”

LIV “God said: ‘They all do that. If I should damn a politician for telling... there should be none of them to enter into my kingdom. All the others who have entered in have done it. Why should he be lost? Let him in.’”

LV “God said: ‘How is this? Why have you brought him back again? (...)’
And the devils said: ‘Oh, Lord God, we tried to damn him. We took him to the great front door, but when we got him to there he stuck fast in it. We pushed and we pulled, but we couldn’t get him through: he was too large for it.’
God said: ‘Why did you not try some other way?’
The devils said: ‘Lord God, we took him round to all the doors and windows in hell, but there was not one big enough for him to get through. It would have brought all hell down, if we had tried. You have made him too great for us!’
And God turned, he said: ‘Bring my son here! There is no room for him anywhere but in heaven!’. And He made a place for him at his feet, in the front row, close to the footstool.
And C.R walked up with his hands behind him, and a smile on his face, (...)
And the devils slunk away, chewing their tails. And as I was going out, ... I looked round; and I saw all the Ministry sitting there, ... they were singing the *Te Deum*. I heard the angels whisper as I went out: ‘Through grace, not merit!’ And another said: ‘With God all things are possible!’ (...)”

LVI “The natives play a most important part in Cape Colony politics. Out of a total population of 1,200,00 they number 700,000. They have the franchise as the whites do. We have but two material qualifications for voters. They apply to blacks and whites alike. A man must be earning £50 a year or own a house and lot valued at £25. The native vote is not such a controlling vote as it might be, for the reason that so many of them live on land granted under tribal terms. Yet it is an immense vote, and, I must say, an intelligent one. It is generally against the *Dutch*, for the reason that the *Dutch* want only a differential franchise for natives. I don’t believe, however, that the natives will ever lose the franchise right they now enjoy, and freely enjoy. (...)”

LVII “It remains to be said that in Cape Colony absolutely equal rights are conferred upon black people and white people. Black people, of whom there are now a considerable number fairly well educated and fairly prosperous, may be appointed to serve on juries; and instances have been known where a black man has served on a jury in a case which involved the acquittal or condemnation of a white man. The franchise belongs to both races alike and on the same conditions. According to the laws of the land, as amended in the 1892, a double test is applied. He who would vote, whether black or white, must prove either that he holds property worth £75 (about \$375) or receives wages amounting to £50 a year (about \$250), and, further, he must be able to sign his name and to record his employment and his address in his own handwriting.

Individual whites no doubt show contempt for their black neighbors, and some social customs have grown up within the Colony which it is hard for a superior race to avoid forming in its relation to an inferior; but the fundamental fact, significant for the future history of the races, is to be found in this absolute equality before the law. On the whole, the black people of Cape colony are aware that before most judges and especially before those of English origin they can be sure of having their cases fairly heard and justice honorably administered.”

LVIII “(...) the Act interfered with the communal holding of land, inherent in all native systems of land tenure from time immemorial, and by splitting up into allotments, shared out among the people as the Government approved, gave an advantage to some of the natives, and forced the remainder to be wanderers from their ancestral homes. In addition, the [ilegível] were forced to seek employment out of the district, or render themselves liable to fine and imprisonment. Furthermore, those holding land were bound to pay a perpetual quit rent, (...) The Act contained no clause prohibiting the sale, transfer, or alienation to other than a native, and, as it could be applied to the whole of the natives of Cape Colony, there was danger of their being ultimately dispossessed of their lands, and reduced to a state of practical slavery. – Mr. Cecil Rhodes, in the course of his reply, declared the fears of the Society to be groundless. Every precaution had been taken to protect the natives. (...)”

LIX “(...)In South Africa this question assumes gigantic importance, including as it does almost the whole of what is popularly termed the Native Question; that question being indeed only the Labour Question of Europe complicated by a difference of race and colour between the employing and propertied, and the employed and poorer classes.”

LX “(...) The Society’s name is revealing in itself: ‘improvement’, like ‘progress’, was regarded as a key to concept in these circles, whilst the decision on the part of the twenty members who attended the society’s inaugural meeting to call themselves ‘South African’, rather than ‘Native’ or ‘African’, seemed to emphasise an aspiration towards an identity in which nationality rather than race was the defining factor. (...)”

LXI “Few as they are, we believe that men of Mr Cronwright Schreiner’s stamp will some day succeed in emancipating us from slavery caused by such oppressive measures as the Glen Grey Act (...) It only needs us to move and unite, and raise our voices against such unjust legislation ...”

LXII “Southern Rhodesia, as has been said, is divided into two large provinces, Matabeleland on the west, and Mashonaland on the east. Each country is inhabited by a distinct tribe with very different national characteristics. The Matabeles, an offshoot of the Zulu race, were at the time of the British occupation a fierce and warlike people who, under the leadership of their great chief Lobengula, made themselves the terror of all the neighbouring tribes. The Mashonas on the other hand, a servile lazy race, weakened by many petty tribal

divisions, and under the rule of no single overlord (...) The native population of Matabeleland and Mashonaland taken together, is (...) about 662,000.”

LXIII “Old King Lobengula was called a cruel King because his way of settling an insurrection in any kraal was to kill the Induna, all his men, and the women and children. He rightly considered this and effective way of disposing of any and all who rebelled against his authority. The English way has been to make them the white man’s equal, to tell them they are so and to give them equal rights and privileges, when they expressed contrition for what they had done, and upon their promise never to do so any more. The result has not been encouraging, as this present war evidences, and there is nothing hazardous in the assertion that their future course of action when dealing with the native will be a little different.”

LXIV “Still, leaving out this loss of human life, the white man’s share in the loss, the war can only be looked on as a blessing in disguise, and by whatever means the extermination of the native can be brought about it will be for the ultimate good of the country. In a few months this war will be forgotten, and the Matabele, too. To the question, What will we do for labor if the native is exterminated, the answer is, how much of America is due to the Indian? Was there ever a country discovered in a savage state whose native inhabitants made its future? There are 2,000 of us here, 100 of whom are Americans, young, vigorous, and energetic and ‘pushing’. (...) We have come here to make money, having first satisfied ourselves that it is here to be made by us under proper conditions, or even with great interruptions and obstacles.”

LXV “(...) When he had served his time as volunteer he would have a large piece of land given him, and the Mashonas and Matabeles would have all their land taken away from them in time, and the Chartered Company would pass a law that they had to work for the white men; and he, Peter Halket, would make them work for him. He would make money.”

LXVI “(...) Now, as he looked into the crackling blaze, it seemed to be one of the fires they had made to burn the natives’ grain by, and they were throwing in all they could not carry away: then, he seemed to see his mother’s fat ducks waddling down the little path with the green grass on each side. Then, he seemed to see his huts where he lived with the prospectors, and the native women who used to live with him; and he wondered where the women were. Then - he saw the skull of an old Mashona blown off at the top, the hands still moving. He heard the loud cry of the native women and children as they turned the maxims on to the kraal; and then he heard the dynamite explode ... Then again he was working a maxim gun, but it seemed to him it was more like the reaping machine he used to work in England, and that what was going down before it was not yellow corn, but black men’s heads; and he thought when he looked back they lay behind him in rows, like the corn in sheaves.

(...)Then he thought suddenly of a black woman he and another man caught alone in the bush, her baby on her back, but young and pretty. Well, they didn’t shoot her! - and a black woman wasn’t white! His mother didn’t understand these things; it was all so different in England from South Africa. You couldn’t be expected to do the same sort of things here as there. He had an unpleasant feeling that he was justifying himself to his mother, and that he didn’t know how to.”

LXVII “(...) I left those women there, and a lot of stuff in the garden and some sugar and rice, and I told them not to leave till I came back; and I asked the other man to keep an eye on them. Both those women were Mashonas. They always said the Mashonas didn’t love the Matabele; but, by God, it turned out that they loved them better than they loved us. They’ve got the damned impertinence to say, that the Matabele oppressed them sometimes, but the white man oppresses them all the time.”

LXVIII “Peter’s story forces on readers the awareness that racial, sexual and labour domination of women is a central feature of colonial expansionism. It also pronounces the political agency of African women in resisting colonization. Schreiner’s representations of African women elsewhere, for example in *The Story of an African Farm*, *From Man to Man*, and *Woman and Labour* inscribe them in a passive and auxiliary relation to white colonial culture. *Trooper Peter* is distinguished from these by the way it acknowledges their autonomy. This perhaps can be explained by the highly visible leadership roles taken by women in the *Chimurengas*. (...)”

LXIX “I was beside the men when they were hung,” said the stranger.

“Oh, you were, were you?” said Peter. “I don’t much care about seeing that sort of thing myself. Some fellows think it’s the best fun out to see the niggers kick; but I can’t stand it: it turns my stomach. It’s not liver-heartedness,” said Peter, quickly, anxious to remove any adverse impression as to his courage which the stranger might form; “if it’s shooting or fighting, I’m there. I’ve potted as many niggers as any man in our troop, I bet. It’s floggings and hangings I’m off. It’s the way one’s brought up, you know. My mother never even would kill our ducks; she let them die of old age, (...) and she was always drumming into me; - (...) don’t hit a fellow weaker than yourself; don’t hit a fellow unless he can hit you back as good again. (...)”

LXX “Who gave you your land?” the stranger asked.

“(...) the Chartered Company,” said Peter

(...) And who gave it to them?” he asked softly.

“Why, England, of course. She gave them the land to far beyond the Zambezi to do what they liked with, and make as much money out of as they could, and she’d back’em.”

“Who gave the land to the men and women of England?” (...)

“Why, the devil! They said it was theirs, and of course it was,” said Peter.

“And the people of the land: did England give you the people also?”

LXXI “What is a rebel?” asked the stranger.

‘My Gawd!’ said Peter, ‘you must have lived out of the world if you don’t know what a rebel is! A rebel is a man who fights against his king and his country. These bloody niggers here are rebels because they are fighting against us. They don’t want the Chartered Company to have them. But they’ll have to. We’ll teach them a lesson,’ said Peter Halket, the pugilistic spirit rising, firmly reseating himself on the South African earth, which two years before he had never heard of (...)”

LXXII “The stranger looked down gently. ‘Peter Simon Halket,’ he said, ‘can you bear the weight?’

And Peter said, ‘Give me work, that I may try.’

LXXIII “(...) “Go to that great people and cry aloud to it: ‘Where is the sword was given into your hand, that with it you might enforce justice and deal out mercy? How came you to give it up into the hands of men whose search is gold, whose thirst is wealth, to whom men’s souls and bodies are counters in a game?

(...) What have we to do with folk across the waters; have we not matter enough for thought in our own land? Where the brain of a nation has no time to go, there should its hands never be sent to labour: where the power of a people goes, there must its intellect and knowledge go, to guide it. Oh, you who sit at ease, studying past and future—and forget the present - you have no right to sit at ease knowing nothing of the working of the powers you have armed and sent to work on men afar. (...)

(...) ‘You, who for ages cried out because the heel of your masters was heavy on you; and who have said, ‘We curse the kings that sit at ease, and care not who oppresses the folk, so their coffers be full and their bellies satisfied, and they be not troubled with the trouble of rul’; you, who have taken the king’s rule from him and sit enthroned within his seat; is his sin not yours today?’

LXXIV “(...) and if he should curse yet further, and say, ‘There is not one man nor woman in South Africa I cannot buy with my money! When I have the Transvaal, I shall buy God Almighty Himself, if I care to!’

“Then say to him this one thing only, ‘Thy money perish with thee!’ and leave him.”

LXXV “(...) and the Captain was just going into his tent to have a drink, and we chaps were all standing round, when up steps Halket, right before the Captain, and pulls his front lock - you know the way he has? Oh, my God, my God, if you could have seen it! I’ll never forget it to my dying day!” (...) It was like a boy in Sunday-school saying up a piece of Scripture he’s learnt off by heart, and got all ready beforehand, and he’s not going to be stopped till he gets to the end of it.”

LXXVI “Ari-tsemaia! Hamba! Loop! Go!’ whispered Peter Halket; using a word from each African language he knew. But the black man still stood motionless, looking at him as one paralysed.

‘Hamba! Sucka! Go!’ he whispered, motioning his hand.

In an instant a gleam of intelligence shot across the face; (...). Without a word, without a sound, (...) he turned and disappeared into the grass. It closed behind him; but as he went the twigs and leaves cracked under his tread.”

LXXVII “(...) There is no need to say that it is well and impressively written; that the story of Peter’s life is sketched for us by himself only as a true artist could do it. The book is full of passionate eloquence and entreaty. But it is a political tract, a shrewd and bitter attack on a company and a man now on trial, and we could wish it had been written by any one save the author of ‘The Story of a South African Farm’”

LXXVIII “Progress, railroads, telegraphs, missions, schools, a market! We all of us lubricate with blood the axles on which civilization rolls. Human greed has much to account for, if not in this world in the next, and Olive Schreiner’s story is as truthful as it is distressing.”

LXXIX “(...) Throughout his varied political career, Mr. Rhodes has held this in view with two other main objects – first, the blending of the English and Dutch races into one harmonious people; secondly, the welfare of the black races. Olive Schreiner, in her latest work, ‘Trooper Peter Halket’, attacks him on the latter point. It would be interesting to hear what the authoress has to say upon the subject of the sale of liquor to natives. Miss Schreiner probably holds the strongest views upon the matter, but it was the Dutch element in the Cape which opposed Mr. Rhodes’s teetotal legislation for them because it was unwilling to cut off a good market for Cape brandy. The natives, according to ‘Imperialist’, adore Mr. Rhodes. (...)”

LXXX “But why do you want to go, Lyndall?”

"There is nothing helps in this world," said the child slowly, "but to be very wise, and to know everything—to be clever."

"But I should not like to go to school!" persisted the small freckled face.

"And you do not need to. When you are seventeen this Boer-woman will go; you will have this farm and everything that is upon it for your own; but I," said Lyndall, "will have nothing. I must learn."

"Oh, Lyndall! I will give you some of my sheep," said Em, with a sudden burst of pitying generosity.

"I do not want your sheep," said the girl slowly; "I want things of my own. When I am grown up," she added, the flush on her delicate features deepening at every word, "there will be nothing that I do not know. I shall be rich, very rich; and I shall wear (...) every day, a pure white silk, and little rose-bud (...) and my petticoats will be embroidered, not only at the bottom, but all through."

LXXXI "'Tant Sannie is a miserable old woman," she said. "Your father married her when he was dying, because he thought she would take better care of the farm, and of us, than an English woman. He said we should be taught and sent to school. Now she saves every farthing for herself, buys us not even one old book. (...)”

LXXXII “The problem of the twentieth century will be not a repetition of those of the nineteenth or those which went before it. (...) The world in which the twenty-first century will open its eyes will be one widely different from that which the twentieth sees at its awaking. (...)”